

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
Área de Concentração: Organizações, Empreendedorismo e Mercado

LUANA FURTADO VILAS BOAS

**UM ESTUDO DO HOMEM ORDINÁRIO, SUAS PRÁTICAS
COTIDIANAS E PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO:
MIGRANTES INSERIDOS NO CONTEXTO DO TRABALHO
PRECÁRIO**

Maringá

2017

LUANA FURTADO VILAS BOAS

**UM ESTUDO DO HOMEM ORDINÁRIO, SUAS PRÁTICAS COTIDIANAS E
PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO: MIGRANTES INSERIDOS NO
CONTEXTO DO TRABALHO PRECÁRIO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração, do Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elisa Yoshie Ichikawa

Maringá

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

V697e Vilas Boas, Luana Furtado
Um estudo do homem ordinário, suas práticas cotidianas e processos de territorialização : migrantes inseridos no contexto do trabalho precário / Luana Furtado Vilas Boas. - Maringá, 2017.
189 f. : il. color., figs.

Orientador: Prof. Dr. Elisa Yoshie Ichikawa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de, Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração: Organizações e estratégia, 2017.

1. Administração - Práticas cotidianas. 2. Homem - Território - Trabalho. 3. Trabalho precário - Cortador de cana. I. Ichikawa, Elisa Yoshie, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDD 21.ed.658.4

À Vó Chica (in memoriam), pela inspiração.

(...)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, pelo dom da vida, pela proteção divina, pela minha saúde, sabedoria, família e amigos. Sem Ele nada disso teria sido possível. Deus sempre foi e tem sido muito bom comigo, me permitindo a conquista dos meus sonhos, que por vezes, acreditava não ser possível e Ele tem me mostrado que com fé e persistência não há limites para os sonhos.

Agradeço aos meus pais, **Hélio** e **Maria** por TUDO! Pela vida, pela educação, companheirismo, por sempre me mostrarem o melhor caminho, por me apoiarem em todas as minhas escolhas, por simplesmente acreditarem em mim. Pai, você é minha referência de caráter, integridade, humildade, persistência e amor. O que seria de mim, sem você? Mãe, você é tudo para mim! Exemplo de mulher, de mãe, de amiga (...). Obrigada por estar presente em minha vida, por todo o amor concedido e por ser a mãe incrível que é! Com certeza fizeram toda a diferença neste período do mestrado. À minha vó, “**Chica**” (*in memoriam*), segunda mãe, que mesmo não estando junto de nós, me inspira e me dá coragem de seguir em frente. Muito obrigada! Aos meus irmãos **Roger** e **Weslei**, por sempre estarem ao meu lado.

Agradeço ao meu noivo, **Fábio**, por me escutar e me dar os melhores conselhos. Sempre ouviu meus desabafos com paciência e discernimento, me apoiando e estando do meu lado nos bons e maus momentos. Por entender quando no decorrer desses dois anos precisei passar os finais de semana “isolada”, junto aos livros e computador. Sem você, a minha caminhada teria sido mais difícil, obrigada por tudo! Amo você!

Um agradecimento especial vai para a minha orientadora, Prof.^a **Elisa Ichikawa**, pela confiança em mim depositada, mesmo sem antes me conhecer. Pela pessoa que é, pela humanidade que possui, por todo conhecimento que me proporcionou, pela compreensão em todos os momentos. Por me mostrar que a vida e as pessoas podem ser vistas por outras lentes, por me fazer enxergar além e contribuir neste processo de desconstrução e reconstrução, tão importante. Por me permitir a experiência única que tive no decorrer desta dissertação indo a campo, que levarei para o resto da vida. E claro, por toda dedicação e prontidão no decorrer deste processo, me auxiliando e contribuindo em todos os passos desta dissertação. A você, Prof.^a Elisa, meus sinceros agradecimentos!

Agradeço aos professores do PPA, em especial aos professores **Priscilla Chagas** e **Marcio Cassandre**, pelos ensinamentos no decorrer das disciplinas e pelas importantes contribuições em minha banca de qualificação. Agradeço também ao **Bruhmer**, pela prontidão e disposição em ajudar, sempre que precisei.

Agradeço às professoras **Josiane Oliveira** e **Nathalia Joaquim**, pela gentileza de terem aceitado participar de minha banca de defesa e principalmente pelas ricas contribuições a esta dissertação.

Um agradecimento especial a todos os colegas do mestrado, pelos momentos que passamos juntos nesses dois anos, em especial aos meus amigos **Bruno**, **Hugo**, **Karen** e **Rosinaldo**. Bruno, obrigada pelo companheirismo e amizade. Hugo, você é uma pessoa ímpar e de um coração enorme, obrigada pela amizade e apoio em todos os momentos. Karen, minha experiência no mestrado não teria sido a mesma sem você, obrigada pela sua amizade, pelas boas reflexões, pelas risadas e pelos momentos do “café”. Rosinaldo, obrigada pelo companheirismo.

Agradeço à empresa que concedeu autorização para a realização desta pesquisa, que por motivos de sigilo, não poderei divulgar nomes. Ao supervisor responsável que me atendeu prontamente. Ao “**Francisco**”, pelo auxílio e esclarecimentos prestados durante minhas idas a campo. Aos entrevistados, “**Antônio**”, “**João**”, “**José**”, “**Luiz**”, “**Nelson**” e “**Raimundo**” pelas entrevistas concedidas e por me permitirem acesso às suas histórias, às suas vidas. Sem vocês, essa dissertação não teria sido possível. Meus sinceros agradecimentos.

Enfim, a todos que fizeram parte deste processo, meu muito obrigada!

A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa. Como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do mundo. Não importa que os compromissos, as obrigações, estejam ali... Chegamos de muito longe, de alma aberta e o coração cantando!

Mário Quintana

RESUMO

Partindo da perspectiva de Michel de Certeau no estudo do cotidiano, busquei com esta dissertação compreender como ocorrem as práticas cotidianas de territorialização do homem ordinário. A territorialização, nesta pesquisa, é entendida como um processo complexo, sistemático e não linear, possível por meio das práticas cotidianas. Neste estudo, o homem ordinário é representado pelo trabalhador nordestino, cortador de cana que migra para trabalhar em usinas no Paraná. Adotei o método da História de Vida para a coleta de dados, realizando entrevistas com sete trabalhadores migrantes. A análise foi realizada partindo das narrativas dos entrevistados, e por meio de um recorte analítico que buscou entender o contexto histórico de vida dos sujeitos e num diálogo constante com as teorias utilizadas, procurei apreender suas ações cotidianas de territorialização. A análise permitiu identificar o quanto o cotidiano desses sujeitos, seja no trabalho, na cidade ou no bairro é repleto de lutas, além de divisões territoriais, com movimentos constantes de aproximações e distanciamentos, divergências e convergências. Assim, em meio ao conformismo e às resistências, no cotidiano desses homens ordinários pode ser observado um emaranhado na formação de redes, nas relações sociais, nas práticas de conveniência, táticas e estratégias, permitindo a ressignificação daquele espaço e a construção da territorialização desses trabalhadores.

Palavras-chave: Cotidiano. Território. Trabalho. Trabalho precário. Cortador de cana.

ABSTRACT

Starting from the perspective of Michel de Certeau in the study of daily life, I sought with this dissertation to understand how the daily practices of territorialization of the ordinary man. The territorialization, in this research, is understood as a complex, systematic and non-linear process, which is possible through daily practices. In this study, the ordinary man is represented by the northeastern worker, a sugarcane cutter who migrates to work in plants in Paraná. I adopted the Life History method for data collection, conducting interviews with seven migrant workers. The analysis was based on the narratives of the interviewees, and through an analytical cut that sought to understand the historical context of life of the and in a constant dialogue with the theories used, I tried to apprehend their daily actions of territorialization. The analysis allowed to identify how much the daily life of these subjects, whether at work, in the city or in the neighborhood, is full of struggles, besides territorial divisions, with constant movements of approximations and distances, divergences and convergences. Thus, in the midst of conformism and resistances, in the daily life of these ordinary men, a tangled up in the formation of networks, in social relations, in practices of convenience, tactics and strategies, can be observed, allowing the resignification of that space and the construction of the territorialization of these workers.

Keywords: Daily. Territory. Work. Precarious work. Cane cutter.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição espacial das usinas de cana de açúcar no Brasil.	17
Figura 2 - Placas de sinalização em região de canaviais	74
Figura 3 - Bairro dos alojamentos visto de frente	75
Figura 4 - Visão lateral do bairro dos alojamentos.....	76
Figura 5 - Visão interna do alojamento	77
Figura 6 - Cantina do bairro	81
Figura 7 - Pé de manga do quintal de Francisco	83

SUMÁRIO

1. O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA.....	13
2. A PROPOSTA DE PESQUISA: CONSTRUINDO UMA NOVA TRAJETÓRIA.....	16
3. SOBRE O REFERENCIAL TEÓRICO QUE GUIA A PESQUISA.....	25
3.1 AS PRÁTICAS COTIDIANAS.....	26
3.1.1 Cotidiano: Introdução à perspectiva ceiteuniana.....	26
3.1.2 Práticas Cotidianas: O homem ordinário e suas “maneiras de fazer”.....	28
3.2 O PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO.....	35
3.3 TRABALHO PRECÁRIO: UM MUNDO DESUMANO E “REAL”.....	45
3.3.1 Da flexibilização do trabalho ao trabalho precário.....	45
4. OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO.....	51
4.1 A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO.....	52
5. CORTE DE CANA: POR DETRÁS DOS EPI’S.....	61
5.1 O TRABALHO NO CORTE DE CANA MANUAL E OS TRABALHADORES.....	61
5.2 NORDESTE: O HOMEM QUE O HABITA, FATORES HISTÓRICOS E SOCIAIS.....	66
6. MEUS PRIMEIROS CONTATOS COM O CAMPO.....	71
6.1 SÁBADO, 01 DE OUTUBRO DE 2016 – PRIMEIRO DIA DE CAMPO.....	73
6.2 SÁBADO, 29 DE OUTUBRO DE 2016 – SOL, TRABALHO E EVIDÊNCIAS DE UM TRABALHO PRECÁRIO.....	79
6.3 SEGUNDA-FEIRA, 05 DE DEZEMBRO DE 2016 – HISTÓRIAS DE VIDA OU VIDAS DE HISTÓRIAS?.....	81
7. AS VIDAS, EM MEIO À PRECARIIDADE.....	85
7.1 NELSON.....	85
7.2 LUIZ.....	97
7.3 JOÃO.....	106
7.4 FRANCISCO.....	115
7.5 RAIMUNDO.....	126
7.6 JOSÉ.....	129
7.7 ANTÔNIO.....	139
8. PRÁTICAS COTIDIANAS: RESSIGNIFICAÇÃO E PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO.....	146
8.1 DO TERRITÓRIO DE ORIGEM À MIGRAÇÃO: MIGRAÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA?.....	146

8.2 ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA? RELAÇÃO ENTRE OS MIGRANTES E O TRABALHO	152
8.3 PRÁTICAS COTIDIANAS E OS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO: ENTRE RELAÇÕES SOCIAIS, CONFLITOS E O “JOGO DA EXCLUSÃO”	158
8.4 ME APROXIMANDO DE UM DESFECHO.....	175
9. PARA FINALIZAR	179
REFERÊNCIAS	183
APÊNDICE A	189

1. O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA

Antes de iniciar a Introdução à proposta de pesquisa, farei uma breve apresentação à minha história, por acreditar e por sempre ser orientada à necessidade do posicionamento do pesquisador, ou seja, é preciso deixar claro para o leitor “de onde falo” e “para quem falo”. Mesmo sabendo que em quatro ou cinco parágrafos não é possível narrar 24 anos de história, um breve resumo poderá ajudar a você, leitor a captar um pouquinho de minha essência.

Nasci e cresci em uma cidade muito pequena, no interior do Paraná, em Terra Boa, que com pouco mais de 16.000 habitantes, é uma cidade acolhedora e que proporciona qualidade de vida, porém, com poucas oportunidades de crescimento profissional. A economia da cidade é inteiramente movimentada pela agricultura e indústrias de confecção do vestuário, e por esse motivo, grande parte das pessoas trabalha no campo ou nas indústrias de confecção, quando não, abrem seu próprio negócio.

De classe baixa, filha caçula e com mais dois irmãos (homens), ao contrário do que muitos podem pensar, nunca tive regalias, pelo contrário, sempre fui mais “cobrada” pelo simples fato de “ser menina”. Meus pais sempre trabalharam fora e eu ficava encarregada pelos afazeres domésticos (enquanto meus irmãos jogavam bola ou se divertiam). Isso me deixava transtornada, e eu me questionava o porquê! Naquela época eu não entendia e me sentia até mesmo injustiçada, mas hoje consigo compreender que meus pais não tinham tanta culpa assim e que apenas reproduziam os costumes de uma sociedade machista.

Cresci ouvindo de meus pais e professores que se eu quisesse “ser alguém” na vida, era preciso estudar, estudar e estudar muito! Talvez ou com certeza isso justifique minhas escolhas. Tinha medo do futuro incerto e sabia que não seria fácil. Busquei então, motivação na história de meus pais que não puderam dar continuidade nos estudos por conta do trabalho, que até então, era uma necessidade e prioridade em suas vidas. Assumi responsabilidades desde criança e me sentia na obrigação de ser uma pessoa melhor, justificando minha exigência comigo mesma, até os dias de hoje.

Sempre tive muita sede de conhecimento, além de sempre querer entender o porquê das coisas. Devo isso aos meus pais, que mesmo sem condições financeiras para proporcionar escolas e cursos particulares, sempre me encaminharam para a trajetória do conhecimento, me

fazendo compreender que a determinação e força de vontade fazem toda a diferença. Adorava ler, pois a leitura me levava a conhecer mundos diferentes, histórias diferentes e isso era o máximo! As poesias, então, essas eram minha paixão! Enquanto meus amigos se dedicavam a brincadeiras na rua (naquela época não tínhamos acesso a computadores e celulares, felizmente), típicas de cidade pequena, eu me deliciava lendo e escrevendo poesias.

Eu havia internalizado em mim que não iria repetir a história de meus pais. Aproveitava as oportunidades que eles não tiveram e já no colegial, sonhava com a admissão no ensino superior. Mas, tudo realmente começou no ano de 2008, quando decidi prestar vestibular para o curso de Administração. Lembro-me como se fosse hoje. Eu havia iniciado o terceiro ano do colegial, quando a Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), naquela época nomeada FECILCAM (Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão), abriu inscrições para o vestibular. Era uma faculdade estadual e tinha o tão sonhado curso de Administração. Até então, sonhava em ser uma gestora e acreditava que o curso poderia me abrir muitas portas. Não pensei duas vezes e realizei minha inscrição para o vestibular de inverno. Para minha surpresa, fui aprovada e esperava ansiosamente para o início do curso.

Durante os cinco anos de graduação, aprendi muita coisa sobre o mundo empresarial. Tive diversas disciplinas muito enriquecedoras e além disso, também aprendi as ferramentas da Administração. No entanto, o que ficou bem claro durante as disciplinas foi um dos grandes objetivos da Administração, ou seja, a maximização dos lucros com a otimização de recursos e tempo. Aprendi também, que as pessoas eram recursos valiosos para as empresas. No entanto, eu não conseguia enxergar as pessoas apenas como recursos, afinal, pessoas são mais que isso! São seres humanos, possuem sentimentos, valores, uma vida e uma história. Foi aí que me descobri dentro do curso de Administração, na área de Recursos Humanos, afinal, nesta área eu iria trabalhar com o desenvolvimento das pessoas e lidar com os trabalhadores não apenas como recursos, mais também como seres humanos, capazes de construir a trajetória de uma organização.

Foi essa minha vontade de trabalhar com pessoas que me levou a cursar uma pós-graduação *lato sensu* de “gestão de pessoas”. Paralelo ao curso - acredito que foi uma das minhas maiores conquistas até aqui - ingressei no Mestrado em Administração, pois queria iniciar carreira acadêmica, além de melhorar como pessoa e profissional. No início, tive muitas crises com as disciplinas, afinal, tudo aquilo que eu tinha como “verdade” estava sendo desconstruído e construído novamente. Foi uma fase difícil, mas extremamente

enriquecedora que me fez enxergar o mundo, as pessoas e a própria vida de maneira diferente. Acredito que o mestrado tenha sido um divisor de águas em minha vida, me fazendo enxergar tudo aquilo que até então, não havia tido oportunidade de descobrir, conhecer e principalmente desconstruir.

Tive a oportunidade de conhecer a Professora Elisa, que não apenas como professora, mas como orientadora, foi a responsável por grandes contribuições em minha trajetória no mestrado, além de me mostrar que a Administração permite que o pesquisador percorra caminhos enriquecedores e distintos daqueles conhecidos até ali. Foram esses caminhos que me fizeram crescer muito não só como aluna do mestrado, mas principalmente como pessoa. A partir de então, comecei ver o mundo com outros olhos, e me atentar às minúcias que o cotidiano me oferecia.

Com a disciplina de “Simbolismo Organizacional”, conheci diferentes abordagens dos Estudos Organizacionais e paralelo a um projeto de minha orientadora, o qual buscava-se compreender o processo de territorialização no cotidiano de sujeitos ordinários, ou seja, aqueles que são marginalizados pela sociedade, recebi uma proposta de pesquisa dentro desta temática, a qual aceitei com muita aspiração e entusiasmo. A partir daí, comecei uma nova trajetória, ou melhor, um itinerário cheio de descobertas! Essa dissertação é o resultado disso, e foi um novo caminho com um novo olhar voltado para o homem ordinário e o contexto brasileiro.

2. A PROPOSTA DE PESQUISA: CONSTRUINDO UMA NOVA TRAJETÓRIA

Agora que você, leitor, já conhece um pouco de minha trajetória e dos motivos que me levaram a estar aqui hoje, iniciarei a construção de uma nova trajetória, ou seja, darei início à construção de minha problemática de pesquisa. Como já perceberam, escrevo este trabalho em 1ª pessoa do singular e assim será até as conclusões deste trabalho. Acredito que trará maior clareza e fluidez ao trabalho, além do que, permitirá maior apropriação do meu “eu” enquanto pesquisadora.

Conforme evidenciado no capítulo anterior, a escolha pelo tema se deu por meio de um projeto de pesquisa, o qual possui como temática as práticas de territorialização no cotidiano de vida e trabalho do homem ordinário. A princípio me questionei um pouco sobre as possibilidades do objeto de pesquisa, entretanto, posteriormente percebi que eram inúmeras as possibilidades, principalmente quando se trata do contexto brasileiro. Dito isto, inicio a construção de minha problemática de pesquisa.

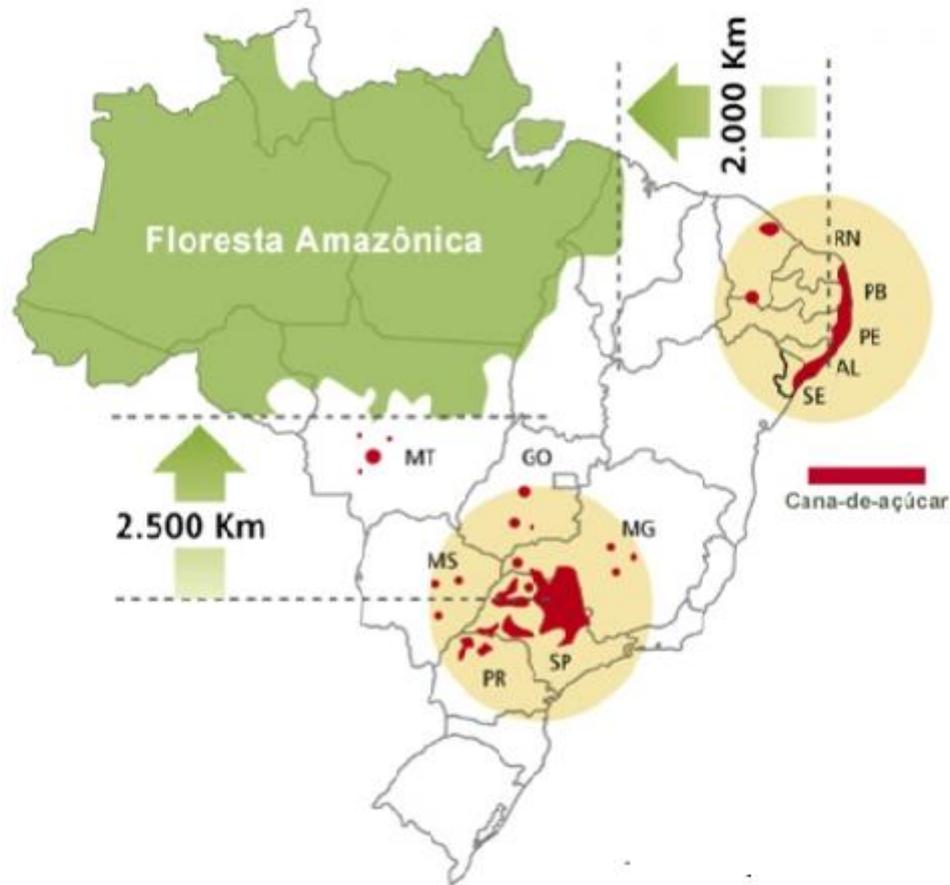
O Brasil é hoje, o maior produtor mundial de cana de açúcar, sendo esta, uma das culturas que mais movimentam a economia do país, fazendo girar aproximadamente R\$40 bilhões de reais por ano (RAMÃO *et al.*, 2007). Além disso, é possível afirmar que o Brasil é considerado o primeiro país do mundo no que tange à produção de açúcar e etanol, sendo responsável por mais da metade do açúcar comercializado no mundo, estando entre os principais países acerca da exportação desses produtos (MAPA¹, 2015).

Para fins de contextualização, conforme dados estatísticos da SEAB² (2013), a região Centro-Sul e Nordeste do Brasil são as principais regiões produtoras de cana de açúcar, se destacando a região Centro-Sul com os estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Paraná, sendo que São Paulo lidera o *ranking* de produtividade e é considerado o principal estado produtor de cana de açúcar. A figura a seguir, ilustra a distribuição espacial das usinas de cana de açúcar no Brasil:

¹ MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento)

² SEAB (Secretaria da Agricultura e Abastecimento).

Figura 1 - Distribuição espacial das usinas de cana de açúcar no Brasil.



Fonte: NIPE-Unicamp, IBGE e CTC³

Segundo Ramão *et al.* (2007) o segmento canavieiro como um todo tem sido marcado por um contexto de crescimento e transformações, o que de certa forma, possibilita a ascensão do setor sucroalcooleiro. Uma das principais mudanças ocorridas é a substituição da colheita manual pela mecânica, o que se justifica por fatores institucionais, ambientais e econômicos. Em São Paulo, já existe uma lei com proibição das queimadas, é a Lei Estadual nº 11.241, de 2002, que estipula que as queimadas devem ser eliminadas totalmente até 2031, o que favorece a mecanização. De acordo com Ramão *et al.* (2007), tal medida visa reduzir os impactos ambientais e os prejuízos à saúde pública ocasionados pela queima que antecede o corte da cana, prática considerada fundamental para a produtividade.

Conforme esses autores, devido à declividade do solo, ainda existem muitas usinas que não contam com a mecanização, o que demanda o emprego de mão de obra humana. O Paraná, mais especificamente nas regiões Noroeste e Norte do Paraná, segundo fonte do

³ Apud ÚNICA – União da Indústria de Cana de Açúcar.

IBGE⁴, são as regiões do Estado onde localizam-se a maioria das usinas do estado e, grande parte dessas usinas ainda trabalha com o corte manual.

De fato, percebemos que o setor sucroalcooleiro possui parcela significativa no crescimento econômico do país, e olhando por esse lado creio que isso seja positivo para o desenvolvimento e crescimento do Brasil. No entanto, é preciso ir além, visualizar o “micro”, aquilo que está por detrás desses dados, pois se existe esse crescimento, também existem pessoas responsáveis para que isso seja possível, e é justamente nesse ponto que pretendo chegar.

De acordo com Silva e Santos (2014) na década de 70, houve no Brasil, a crise do petróleo que fez com que as indústrias adotassem um novo modelo energético que era baseado em combustível, subsidiado com recursos do PROÁLCOOL⁵. Esse programa tinha como objetivo fortalecer as agroindústrias canavieiras fornecendo financiamentos para ampliação, reestruturação das usinas, e a partir de então, o álcool deixou de ser um subproduto e também passou a ser utilizado como combustível, acarretando em fortalecimento e crescimento do setor sucroalcooleiro (SILVA; SANTOS, 2014).

Entretanto, Silva e Santos (2014) enfatizam que foi na década de 1990, com o início de uma nova matriz energética mundial que o Brasil ganhou destaque por demonstrar potencial no que diz respeito à produção de etanol oriundo da cana de açúcar, o que fez com que o mercado externo tivesse interesse diante desta nova fonte de energia que era considerada limpa e menos poluente comparada a outros tipos de combustíveis. A partir daí, o Brasil e a classe trabalhadora começam a viver uma nova realidade.

De acordo com Silva e Santos (2014) além da mecanização nas agroindústrias, se faz necessário grande quantidade de trabalhadores braçais, ou seja, cortadores de cana que segundo os autores são em sua maioria migrantes nordestinos. São esses trabalhadores migrantes que ganharão foco neste estudo. Inicialmente, realizei uma pesquisa para identificar quais as usinas que trabalham com corte manual e que traziam migrantes para o trabalho de corte. Soube de uma usina localizada no Noroeste do Paraná e entrei em contato para uma possível permissão de pesquisa com esses trabalhadores. Havia uma grande expectativa de

⁴ Informações coletadas a partir do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Distribuição Espacial dos Biomas Brasileiros, 2005.**

⁵ Segundo Shikida (1998) a criação do PROÁLCOOL (Programa Nacional do Álcool) deu-se no ano de 1975, em meio a uma grave crise do petróleo (iniciada em 1973) e pretendia inserir o álcool na matriz energética brasileira. O programa “foi considerado o ‘carro chefe’ da agroindústria canavieira durante boa parte do período compreendido pelos anos de 1975 a 1995” (SHIKIDA, 1998, p. 70).

minha parte, pois sabia que a permissão poderia ser negada, já que algumas empresas privadas não são adeptas a pesquisas, entretanto, para minha surpresa a empresa aceitou e permitiu que realizasse a pesquisa junto aos migrantes. Como já perceberam, não citei em nenhum momento o nome da empresa. No processo de solicitação, o supervisor administrativo, (pessoa a quem realizei a solicitação) pediu sigilo no que tange ao nome da empresa e por este motivo não revelarei nome, nem cidade de localização, uma vez que só existe esta usina na cidade em questão.

Conforme relato do próprio supervisor administrativo, no período de safra⁶ a empresa realiza a busca por trabalhadores, uma vez que a região não possui grande oferta de mão de obra para tal atividade. Sendo assim, por intermédio de uma segunda pessoa (responsável por recrutar e organizar a vinda dos trabalhadores), essa usina traz trabalhadores nordestinos e aloca em alojamentos da própria empresa. De fato, os trabalhadores possuem origem nordestina e submetem-se ao trabalho pesado e precário que é o do corte de cana, entretanto, antes de mais nada, para que consigamos compreender os “porquês”, é necessário adentrar no contexto histórico e social desses trabalhadores.

Conforme ressalta Andrade (1986) em seu livro “*A terra e o homem do Nordeste*”, no período colonial o trabalho agrícola dependia inteiramente de mão de obra escrava e associado à expansão da área cultivada (cana, algodão, etc.) e conseqüentemente à necessidade de aumento da capacidade produtiva, iniciou-se o tráfico africano em larga escala, em troca da produtividade e lucratividade. Naquela época, por conta de fatores climáticos e pela quantidade de terras, os portugueses iniciaram um intenso cultivo de cana de açúcar na região nordestina, o que acarretou em necessidade da importação de trabalhadores africanos. Nesse sentido, no que tange a fatores históricos do Nordeste, tal exploração de índios e negros fez com que a região fosse marcada pelo sofrimento, pobreza extrema e precarização.

Além desses fatores históricos, o Nordeste também sofre com fatores climáticos, pois segundo Andrade (1986) a região é alvo de áreas secas, o que faz com que o rendimento local seja insuficiente para a manutenção da família. O autor afirma que a elevada densidade do agreste e as precárias condições de vida, transformaram a região em um centro de “emigração”, isto é, muitas pessoas têm abandonado sua terra e se fixado em cidades maiores

⁶ Período que compreende abril a março do ano posterior, quando ocorre a colheita e moagem da cana. Segundo informações do *site* “NovaCana” na região Centro-Sul, a colheita e a moagem ocorre de abril a novembro, já nas regiões Norte e Nordeste, ocorre entre novembro e abril.

ou que possibilitem melhores condições de vida. Alves (2007) afirma essa ideia e enfatiza que o processo migratório ocorre quando as condições de reprodução em seus locais de origem encontram-se comprometidas, de forma com que a busca por outros locais é uma alternativa para a sobrevivência. Além desses fatores, alguns trabalhadores ainda intercalam o trabalho com a cana no Centro-Sul, com o trabalho no Nordeste, uma vez que a colheita e moagem ocorrem em períodos distintos.

É nesse contexto, que percebemos que a migração do homem nordestino, além da influência de fatores climáticos, possui toda uma explicação histórica e social, marcada por exploração do negro e do índio desde o período colonial, de modo que até nos dias de hoje tal exploração ainda existe, entretanto, essa é bem mais silenciada. Falando em história, abro um parêntese para realizar alguns questionamentos: qual a história que conhecemos sobre os migrantes nordestinos? Quais histórias silenciadas estão por detrás desses R\$40 bilhões de reais que são movimentados por ano na indústria sucroalcooleira brasileira?

Sabemos que esses trabalhadores migrantes convivem diariamente com a precariedade. Essa precariedade a que me refiro não concerne apenas às condições de trabalho e ao trabalho em si destes homens, mas refere-se também a uma precariedade econômica, social e da própria vida desses sujeitos. Para Kalleberg (2009) o trabalho precário está relacionado a algumas características, tais como falta de oportunidades de emprego; insegurança quanto à perda de emprego, falta de habilidade de continuar em uma ocupação particular devido à falta de delimitações de ofício e qualificações de trabalho, condições precárias de segurança ocupacional e saúde, falta de acesso à educação básica e treinamento vocacional, nível inadequado de renda e falta de direitos individuais em leis e de direitos coletivos para negociação. Diante do contexto do trabalho precário, tais características refletem para além do cotidiano de trabalho, onde sujeito passa a abdicar de muitas coisas, além de estar sob condições inadequadas de trabalho.

Esses homens são vistos como “mão de obra” barata e convivem com o silenciamento das suas condições sociais e de vida, sendo praticamente “invisíveis” aos olhos da sociedade. Para este homem “invisível”, Certeau (1998) dá o nome de homem ordinário. Neste estudo, tratarei do trabalhador migrante nordestino cortador de cana, enquanto homem ordinário. Diferentemente do que parece, Certeau (1998) nos mostra que o homem ordinário não é um sujeito passivo, além do que, possui possibilidades dentro de sua realidade. Para o autor, este homem encontra formas de inverter os papéis, e se utilizando do próprio, realiza movimentos

diferenciados, utilizando elementos de seu contexto dentro do sistema, e é no sistema, bem como em todo seu enquadramento que emerge as “trilhas heterogêneas” do sujeito ordinário, que se infiltram e manifestam os diferentes desejos e interesses.

São esses movimentos que ganham foco no estudo do cotidiano. Certeau (1998) considera que esses “movimentos” são formas de microrresistências, oriundos das práticas cotidianas que podem se constituir tanto em práticas como táticas, quanto em práticas como estratégias, ou seja, os sujeitos não são apenas reprodutores daquilo que é predominante, pois possuem também suas formas de resistir. Segundo o autor, a estratégia seria o cálculo das relações de forças, em que um sujeito que possui poder e vontades pode ser isolado; é postulada de um lugar “próprio”, além de ser gerida com uma exterioridade de alvos ou ameaças, ou seja, a estratégia é praticada por aquele que é dominante. No que tange às táticas, Certeau (1998) afirma que é um cálculo que não conta com um “próprio”, nem com algo que diferencie o outro como totalidade visível. As táticas possuem, entretanto, de acordo com a ideia do autor, diferença em relação à estratégia, pois, não possuem um próprio e percebe-se a ausência de poder.

Além dos conceitos de estratégia e tática como práticas cotidianas, a “conveniência”, que é um tema discutido por Pierre Mayol, na primeira parte do livro “A invenção do cotidiano 2 – Morar e cozinhar”, livro este que também tem como coautores Luce Giard e Michel de Certeau, também será tratada nesta dissertação. Mayol (2011) trata da conveniência como prática do cotidiano em um estudo sobre o “bairro”. Segundo ele, a conveniência é encarregada de promulgar “regras sociais” e produz comportamentos estereotipados que buscam possibilitar o reconhecimento. Partindo deste pressuposto, compreendo que a conveniência é praticada no cotidiano coletivo, nas relações entre o sujeito e a sociedade de modo a fomentar “regras” com a intenção de obterem alguma forma de facilidade ou benefício através das relações sociais. Com isso, parto do princípio de que a conveniência é algo que também faz parte do cotidiano do migrante, uma vez que estarão em espaço novo e precisarão fomentar relações sociais, para a própria aceitação na cidade em que estarão alocados. Além da conveniência, parto do pressuposto de que as estratégias e táticas também se fazem presentes no cotidiano desses sujeitos. Gouvêa e Ichikawa (2015) corroboram com esta premissa quando afirmam que as estratégias e táticas cotidianas fazem-se presentes em todos os ambientes de atuação dos sujeitos, ao passo em que possuem a intenção de demarcação no espaço cotidiano.

Conforme salientaram Gouvêa e Ichikawa (2015), quando os sujeitos possuem a intenção de demarcação no espaço cotidiano, as práticas estão presentes em seu ambiente de atuação. Antes de dar sequência na Introdução, é necessário que você, leitor, entenda o contexto deste sujeito migrante. Quando falo de migrantes, falo de pessoas que vêm de longe, deixam família, amigos e toda uma história vivida em determinado lugar. Possuem cultura, hábitos e maneiras diferentes de viver, além do que praticam a coletividade, uma vez que vêm juntos e possuem a mesma origem e objetivos. É nesse contexto que começo a me questionar sobre sua permanência no novo ambiente. Desta forma, pensando neste novo ambiente, ou seja, na sua permanência no novo espaço, é possível dizer que este homem ordinário possui práticas cotidianas que são responsáveis pelo processo de ressignificação do espaço vivido, ou seja, estando em um novo espaço, é necessário torna-lo “seu”, ou melhor, territorializar.

Essa territorialização não é algo tão simples assim, mas que depende das práticas cotidianas para que aconteça, isto é, é por meio das práticas cotidianas, que o homem ordinário ressignifica determinado território, e desta forma o territorializa. Este território a qual me refiro, segundo Raffestin (1993) é marcado por relações de poder, e para que aconteça a apropriação do espaço, existe a produção de uma representação, que segundo o autor demonstra a imagem desejada de um território. De maneira mais prática, tal imagem desejada é fomentada pelo migrante por meio de ações e do próprio comportamento.

Nesse sentido, é possível perceber que a territorialização desses migrantes é um processo complexo, decorrente de ações dos mais diversos sujeitos, cada qual com seu modo de organização. É no cotidiano, bem como em decorrência das práticas cotidianas do migrante que a territorialização acontece. Desta forma, para a compreensão do processo de territorialização, é imprescindível que se identifique as práticas cotidianas dos sujeitos envolvidos.

Nesse sentido, com base nas reflexões iniciais, entendo que o homem ordinário na condição de migrante também possui resistências, mesmo que de forma “micro” diante das imposições do sistema, isto é, não é aquele sujeito passivo conforme pode demonstrar ser. Além disso, creio que possuem práticas cotidianas, seja de estratégia, tática ou conveniência que são capazes de promover de alguma forma sua territorialização. É nesse sentido, que tal discussão fez com que eu chegasse a um determinado problema de pesquisa: **como ocorrem as práticas cotidianas de territorialização de trabalhadores migrantes, inseridos no contexto do trabalho precário de corte de cana?**

Tendo como objetivo geral compreender como ocorrem as práticas cotidianas de territorialização de trabalhadores migrantes, inseridos no contexto do trabalho precário de corte de cana, buscarei no decorrer da pesquisa:

- 1- Caracterizar o trabalho e os trabalhadores migrantes do corte de cana;
- 2- Apresentar histórias de vida de trabalhadores migrantes do corte de cana, mostrando seu cotidiano, a precariedade no trabalho a que foram/são submetidos e o processo de migração que viveram;
- 3- Entender como ocorreram no passado e como ocorrem hoje as práticas cotidianas de trabalhadores migrantes do corte de cana participantes da pesquisa e como essas práticas foram/são utilizadas na ressignificação da sua vida cotidiana na atualidade, construindo seus processos de territorialização.

Comumente o homem ordinário é ignorado, sendo visto como um sujeito inerte e passivo diante das imposições sociais. É justamente por esse motivo que merece ser compreendido, pois, mesmo sendo “invisível” conforme enfatiza Certeau (1998) também realiza movimentos em seu cotidiano, mesmo que de maneira subjacente ou imperceptível. Conforme o autor, esses sujeitos possuem maneiras de fazer, ou seja, realizam práticas, ao seu modo, que se articulam e modificam de alguma maneira a estrutura do sistema em que estão inseridos, modificando assim o próprio cotidiano. Isso deixa claro que estes sujeitos não são passivos diante das imposições, mas pelo contrário, possuem poder de ação e de alguma forma também impactam na estrutura social.

Em face disso, busco com este estudo compreender como ocorrem esses movimentos, ou seja, as práticas cotidianas de territorialização desses sujeitos, pois em um levantamento realizado por mim, pude identificar a inexistência de trabalhos que tratem em conjunto da temática cotidiano, territorialização e trabalho precário. Desta forma, acredito que este estudo irá contribuir para a abrangência de conhecimento acerca desta temática, considerando que ainda não existem estudos que tratem deste assunto em conjunto no campo da Administração.

Vejo ainda, a possibilidade de mostrar um lado pouco conhecido e ignorado do mundo do trabalho, o trabalho precário. Essa precarização a que me refiro não acontece apenas no contexto do trabalho, mas também se estende para a vida e relações sociais destes sujeitos, afetando assim, seu cotidiano. Pretendo então, explorar um pouco mais este ponto. Além disso, este estudo é uma oportunidade de ouvir aqueles que geralmente são marginalizados e excluídos, o homem que convive com a pobreza extrema e que enxerga o trabalho como

forma de subsistência. Este homem visto em grande parte das vezes como “mão de obra” barata também possui uma história, mesmo que desconhecida, um cotidiano, e é nesse sentido que pretendo explorar suas práticas cotidianas e conhecer um pouco mais de sua vida e realidade, permitindo que se expresse e manifeste suas histórias.

3. SOBRE O REFERENCIAL TEÓRICO QUE GUIA A PESQUISA

Inicialmente, para fins de contextualização farei uma introdução às bases conceituais adotadas nesta pesquisa. Vejo isto como uma forma de esclarecer um pouco mais acerca deste estudo, de modo que você, leitor, sendo leigo ou estudioso da área consiga se localizar e compreender com clareza o objetivo deste capítulo. Ressalto que as bases conceituais adotadas aqui, servirão como “alicerce” para toda a pesquisa, principalmente no que tange à análise dos dados.

O “cotidiano”, tema discutido por Michel de Certeau, ganhará centralidade nesta pesquisa. Segundo Certeau (1998) é no cotidiano que as práticas acontecem, de forma que o homem ordinário será pivô de suas discussões, assim como conceitos de práticas cotidianas, a saber: *estratégia e tática*. A *conveniência*, tema discutido por Mayol (2011), também será considerada neste estudo, por também ser praticada no cotidiano desses sujeitos. Posteriormente, abordarei cada um desses elementos, explicitando como são praticados no cotidiano. No contexto desta pesquisa, essas práticas cotidianas são realizadas pelo homem ordinário e fazem parte integral do processo de territorialização.

Antes de adentrar no tema *territorialização* cabem alguns esclarecimentos. Como o intuito é de explorar as práticas cotidianas e processos de territorialização, ressalto que antes de entender o que quer dizer o termo “territorialização” é imprescindível que se compreenda outros elementos que englobam seu conceito, tais como *espaço, sistema territorial, territorialidade e território*. Discutirei esta temática adotando como base principal a abordagem proposta por Claude Raffestin (1993), autor suíço, que está inserido no campo da Geografia Crítica, que com base em contribuições de Michel Foucault, trabalha a questão do “poder”. Outro autor a ser considerado neste estudo é Milton Santos, brasileiro, também inserido no campo da Geografia Crítica, e que poderá fornecer grandes contribuições para as discussões, além de estar inserido no contexto brasileiro.

Definida as duas abordagens principais, posteriormente farei uma contextualização da evolução do trabalho até a precarização do mesmo, que enseja no *trabalho precário*. Para tanto, trarei alguns autores, tais como Robert Castel (2001), para a elucidação deste contexto precário.

3.1 AS PRÁTICAS COTIDIANAS

3.1.1 Cotidiano: Introdução à perspectiva certeuniana

Conforme citei no decorrer da construção de meu estudo, o cotidiano é tema central desta dissertação. Mas o que vem a ser cotidiano? Acredito que antes de entrar no aprofundamento do cotidiano, é necessário discorrer sobre o que vem a ser cotidiano, além de realizar uma a apresentação de Michel de Certeau, autor principal que será utilizado no referencial teórico acerca de cotidiano.

De um modo geral, o cotidiano tratado aqui é diferente daquele que comumente é evidenciado como rotina ou mesmice, ou seja, diante da perspectiva certeuniana, o cotidiano é um espaço de possibilidades (LEITE, 2010). Segundo o autor, o cotidiano também se constitui de rupturas, e não apenas de regularidades normativamente esperadas, o que explica a apropriação do termo que trarei aqui. Nesse sentido, na experiência urbana, o cotidiano é contingente na normatividade e imprevisível na rotinização, ou seja, mais do que uma configuração fluida (LEITE, 2010).

Para Leite (2010, p. 745) “o pressuposto certeuniano central para analisar a vida cotidiana são os lances táticos e situacionais que informam as artes de fazer” e embora retenha aproximações com a Teoria da Prática de Bourdieu, a qual critica, e com a hermenêutica de Gadamer, a análise de Certeau segue uma lógica própria, de modo que analisa a ação cotidiana em suas feições conflitantes. Segundo Leite (2010, p. 746), a perspectiva de Certeau é heterodoxa, pois para ele o cotidiano não se define pelas regularidades sociais, ainda que possa ser formado por recorrências, isto é, “o cotidiano para Certeau são procedimentos”. A teoria de Michel de Certeau se constitui “a partir de um diálogo crítico com a Microfísica do Poder, de Michel Foucault; com a Teoria da Prática, de Pierre Bourdieu, e a abordagem do antropólogo e historiador Marcel Detienne” aproximando seu conceito de cotidiano “à noção de jogo” (LEITE, 2010, p. 746).

Mas quem é Michel de Certeau? Nascido em 1925 (1925-1986) na França, foi um historiador, intelectual jesuíta que se dedicou a diversas áreas do conhecimento, tais como linguística, psicanálise e antropologia (SOUSA, 2002). Escreveu importantes obras, entre elas “A invenção do cotidiano” (1 e 2) que trata do estudo do cotidiano (SOUSA, 2002).

No livro *A invenção do cotidiano*, uma das principais obras de Michel de Certeau, Luce Giard (1998) realiza uma breve introdução e fala da sua experiência com Michel de Certeau no estudo acerca do cotidiano. Giard (1998) inicia com dois adjetivos que fazem jus à personalidade de Michel de Certeau: anticonformista e perspicaz.

Historiador, conhecido e respeitado por sua produção científica sobre a mística e as correntes religiosas nos séculos XVI e XVII, é também temido por sua crítica exigente e lúcida da epistemologia que governa em silêncio à profissão de historiador. É censurado por relativizar a noção de verdade, por suspeitar da objetividade das instituições do saber, por sublinhar o peso das dependências e das conivências hierárquicas e, enfim, por colocar em dúvida modelos recebidos que fazem a fama da escola francesa de história (GIARD, 1998, p. 9).

Segundo Giard (1998, p. 16), Michel de Certeau “não sucumbe ao canto da sereia do quantitativo ou as seduções modernistas da informatização; talvez tenha sido o seu amor ao texto que o protegeu das ilusões contemporâneas”, mostrando sua originalidade e inconformismo para com as regras sociais. É importante destacar que existem diversas óticas sob a qual o cotidiano tem sido visualizado.

Segundo Duran (2007), o estudo das realidades que formam o cotidiano tem sido realizado por óticas distintas, seja em pesquisas, estudos da educação e ciências humanas em geral, atraídos por questões cotidianas. Alguns autores relacionam a perspectiva de cotidiano a estudos relacionados a escolas, como é o caso de Almeida e Junquilha (2013) que relacionaram a “arte de fazer” à gestão em uma escola, focando nas práticas cotidianas da escola. Em contrapartida, alguns autores dão foco no “homem ordinário”, como é o caso de Rodrigues e Ichikawa (2015), que tratam do “marginalizado” em estudo recente acerca do cotidiano de um catador de material reciclável. Outros autores ainda utilizam a perspectiva de cotidiano para estudarem as práticas cotidianas em cenários distintos, como em feiras e circos, demonstrando que as práticas cotidianas estão presentes nos mais diversos cenários. Como exemplo, trago um estudo realizado por Aguiar; Carrieri; Souza (2016) com o artigo “The Wonderful, Magnanimous, Spectacular and Possible World of Traveling Circuses in Brazil”, onde analisam a gestão em relação à perspectiva da vida cotidiana, assim como as práticas, estratégias e táticas no cotidiano dos circos brasileiros.

Como exemplo de práticas, Aguiar, Carrieri e Souza (2016) constataram que a estratégia está enraizada nos “shows de atração tradicional” dos circos de modo que esses atos construíram a identidade dos circos analisados, referindo-se a um passado atemporal. Já no que se refere às táticas, os autores observaram, por exemplo, que os circos usavam atrações com direitos autorais, para atrair o público e ganhar dinheiro. Com base nesse estudo, os

autores afirmam que pode-se pensar cotidiano e práticas cotidianas na gestão do circo, como forma de criar subjetividades, que são traduzidos nas interações estabelecidas, seja entre o circo e as cidades, da interação dos artistas com o público, ou com amigos. É desta forma, que o estudo do cotidiano é mais um recurso na compreensão das relações sociais que se estabelecem no que chamamos de empresa ou organizações (AGUIAR; CARRIERI; SOUZA, 2006).

No que tange a este estudo, o foco será voltado para as práticas cotidianas de territorialização do homem ordinário enquanto migrante nordestino, olhando para o contexto do trabalho precário. Diante disso, tendo em vista que ainda não existem estudos que tratem do cotidiano, territorialização e trabalho precário em conjunto, entendo que o tema de minha pesquisa ainda tem muito a ser explorado. Dito isto, iniciarei a construção e aprofundamento acerca da teoria cereteuniana, a qual será cerne deste itinerário.

3.1.2 Práticas Cotidianas: O homem ordinário e suas “maneiras de fazer”

A racionalidade presente em nosso cotidiano trabalha com a atribuição de valores às pessoas; mas além de valores, atribuem um “lugar”, uma função social e até determina aquilo que os homens tendem a consumir ou não, ser ou não. Diante desta realidade, aqueles que estão inseridos no contexto social são de certa forma, enquadrados ou excluídos da sociedade de acordo com aquilo que praticam, sua classe social, ou de acordo com o que possuem como princípios e valores. Tal enquadramento tornou-se natural nos dias de hoje, as pessoas são implicitamente divididas em grupos de modo que cada grupo faz parte de um contexto e realidade distinta. Segundo Duran (2007, p. 119) “na perspectiva da racionalidade técnica, o melhor modo possível de se organizar pessoas e coisas é atribuir-lhes um lugar, um papel e produtos a consumir” o que justifica essa divisão de lugares.

Diante deste cenário, presenciamos claramente a divisão entre aqueles que estão de acordo com os “padrões” da sociedade e aqueles que encontram-se na parte exclusiva da sociedade, ou seja, os que são e estão excluídos por algum motivo do contexto social, isto é, são na maioria das vezes silenciados. A este homem, Michel de Certeau (1998), em sua obra “*A invenção do cotidiano*” dá o nome de homem ordinário e é exatamente acerca deste sujeito que se dará toda a construção deste estudo. Este homem pode ser visto como um

sujeito passivo diante do contexto social. A passividade a que me refiro diz respeito à aceitação, ao assujeitamento deste homem ordinário às imposições sociais. Mas isto possui uma justificativa, pois, para o autor, o homem ordinário se esconde sob o nome de “consumidor”, e possui um estatuto de dominado. Entretanto, Certeau (1998) desconstrói essa passividade quando enfatiza que por mais que o homem ordinário esteja propenso à dominação, não quer dizer que seja passivo ou dócil, mas pelo contrário, possui todo um jogo para tentar driblar o sistema.

Nesse sentido, o homem ordinário passa a não ser mais visualizado como aquele que é inerte, pelo contrário, no cotidiano, este homem possui suas maneiras de agir e de se sobressair diante das determinações coletivas, as quais compreenderemos mais adiante. Para Duran (2007) esta perspectiva é um dos pontos principais no estudo de Michel de Certeau. Para a autora, a *Invenção do cotidiano*, traz uma perspectiva diferente da que comumente vemos, deslocando a atenção daquilo que seria um consumo passivo, para uma criação anônima, praticada, do desvio no uso desses supostos “produtos”. Segundo Dey e Taysdale (2015), um dos principais focos de Michel de Certeau é a “resistência”, onde, com base em Foucault, desenvolveu uma compreensão da resistência como uma potencialidade inerente as práticas.

Para Certeau (1998, p. 38) “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”. Isso ficou evidente, em seu texto, quando fala dos indígenas submetidos à dominação dos colonizadores espanhóis, em que por mais que consentissem com a subordinação, “faziam das ações, rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outras coisas” diferentes do que os colonizadores acreditavam obter (CERTEAU, 1998, p. 39). Desta forma, os indígenas modificavam as ações a seu modo, utilizando a ordem dominante para exercerem seu poder. Logo, o autor compara essa situação à nossa sociedade, com o uso que os meios “populares” fazem das culturas vulgarizadas e impostas pela classe dominante.

Partindo deste contexto, Certeau (1998) busca a compreensão da diferença ou distanciamento entre a produção da imagem e a produção secundária que se ocultam nos processos de sua utilização. O autor parte do princípio de que os sujeitos realizam uma bricolagem com o sistema dominante, utilizando de artimanhas e práticas de acordo com seus interesses e regras e assim realizam movimentos, mesmo que de forma sutil, para se sobressaírem perante as imposições. São esses movimentos que fazem toda a diferença no cotidiano do homem ordinário, que de forma sutil, são capazes de modificar as regras e

esquivá-lo das imposições. Tais movimentos fazem parte das práticas cotidianas do homem ordinário, as quais, podemos considerar que são o foco de Certeau (1998) no estudo acerca do cotidiano.

Em seu estudo, o principal objetivo de Michel de Certeau é identificar a base, os procedimentos e os efeitos, bem como as possibilidades dessas práticas cotidianas. Certeau (1998) traz a obra de Foucault, utilizando como referência o capítulo da microfísica do poder, que engloba a ideia de que o poder é simplesmente apenas praticado ou exercido, ou seja, não é algo que se possa dispor ou possuir. O autor ressalta que naquele contexto da “microfísica do poder” os dominantes, donos do poder que promoviam a vigilância generalizada eram privilegiados. Por outro lado, existia toda uma sociedade que não se redimia a esse sistema. O autor salienta que diante daquele sistema de vigia intensa, os sujeitos realizavam procedimentos populares, também minúsculos, mas que jogavam contra os mecanismos impostos pelo poder, ou seja, estes procedimentos eram os “movimentos” realizados pelos oprimidos no intuito de se sobressaírem de alguma forma diante das imposições.

Trazendo para nosso estudo, todos esses movimentos que eram realizados no cotidiano desses sujeitos, que até então, eram vistos como estáticos ou incapazes de triunfo fazem parte de um jogo que é constituído em “maneiras de fazer”, onde os sujeitos vigiados realizam inúmeras práticas no intuito de reapropriação do espaço organizado (CERTEAU, 1998). Essas práticas, conforme afirma o autor, consistem em astúcias, bricolagens e táticas realizadas pelos sujeitos, que acabam por gerar uma rede de antidisciplina. Segundo Duran (2007, p. 119) Certeau “acredita nas possibilidades de a multidão anônima abrir o próprio caminho no uso dos produtos impostos pelas políticas culturais, numa liberdade em que cada um procura viver, do melhor modo possível, a ordem social e a violência das coisas”. Ou seja, atribuir adaptações e “novos usos” (DEY; TAYSDALE, 2015).

Esses sujeitos constituem uma marginalidade de massa, não necessariamente homogênea, entretanto, essa marginalidade se universaliza e se torna grande parte silenciosa:

A figura atual de uma marginalidade não é mais a de pequenos grupos, mas uma marginalidade de massa; atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que, no entanto, pagam, comprando-os os produtos-espetáculos onde se soletra uma economia produtivista. Essa marginalidade tornou-se maioria silenciosa (CERTEAU, 1998, p. 44).

Certeau (1998) fala de uma linguagem obrigatória, a qual varia de acordo com a necessidade, ou seja, relação de força e situação social com a qual homem ordinário se

depara. Para o autor, em meio à falta de “espaço” o homem ordinário possui fraqueza com relação aos mais privilegiados, de modo com que acabam jogando com relações de forças desiguais, surgindo aí, a necessidade da utilização de manobra, ou seja, a “arte do fraco”. Assim, segundo o autor, essa “arte” é engenhosidade do fraco, ou seja, é a arte do homem ordinário que pratica as táticas do consumo, as quais se desenvolvem em um campo de tensões, a quem fornece equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários. Assim, “as táticas do consumo, engenhosidade do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar em uma politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 1998, p. 45).

É nesse contexto, que Certeau insere o homem ordinário. Este homem é invisível, porém não é um “consumidor” passivo, pelo contrário, este consumidor possui resistências, que segundo Certeau (1998) são oriundas da “arte de fazer”. Para o autor, essa arte consiste em um jogo que se fundamenta em disputas entre o forte e o fraco, além das ações que o fraco tem a possibilidade de realizar. Assim, diante do enquadramento do sistema, os sujeitos ordinários, no “jogo” entre o forte e o fraco, utilizando elementos de seu contexto, realizam seus “movimentos” sutis. Logo, são nas práticas cotidianas que esses “movimentos” acontecem. Tais práticas cotidianas dizem respeito às diversas manifestações que o homem ordinário exerce diante daquilo que lhe é imposto. Michel de Certeau dedica-se a dois tipos de práticas cotidianas: *estratégia* e *tática*.

Segundo Leite (2010, p.747) “o cotidiano como práticas, sejam elas estratégias ou táticas, subverte os parâmetros conceituais que o entendem como rotinas ou regularidades para enfatizar o caráter inerente de disputas e rupturas.” Partindo deste pressuposto, o cotidiano passa a ser um lugar de possibilidades, onde acontecem as minúcias do homem ordinário.

No que tange às práticas cotidianas do homem ordinário, as estratégias e táticas são vistas como formas de microrresistências, as quais são praticadas no intuito de que o homem ordinário se sobressaia perante a dominação do sistema. Com base nisso, podemos afirmar que esses sujeitos não são apenas consumidores e reprodutores daquilo que lhes são compelidos, pois possuem suas formas de resistir. Entretanto, é necessário discernir a estratégia de tática, uma vez que são diferentes e ocorrem em circunstâncias peculiares.

De acordo com Certeau (1998, p. 46) a estratégia consiste no cálculo das relações de forças, na qual um sujeito que possui poder e vontades pode ser isolado; a estratégia é

postulada de um lugar “próprio”, ou seja, é praticada sempre pelo “mais forte”, aquele que é dominante e tem como característica a imposição:

Chamo de “estratégia” o cálculo de relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica, foi construída segundo esse modelo estratégico (CERTEAU, 1998, p. 46).

O “próprio” a que Certeau (1998) se refere seria a vitória do lugar sobre o tempo, ou seja, de um lugar que se possui poder e assegura legitimidade, onde aquele que possui o lugar próprio possui privilégios, proporcionando ainda “melhor visão” àquele que o possui. É importante ressaltar, que este é um conceito de suma importância para a compreensão da essência do que vem a ser as práticas cotidianas de estratégia e tática.

No que se refere às táticas, Certeau (1998, p. 46) também compreende como um cálculo, mas diferentemente da estratégia, não conta com um “próprio”, neste sentido, o autor a define como:

Um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como uma totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. (...) Ela não dispõe de base onde capitalizar seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. (...) A tática depende do tempo, vigiando para “captar no vôo” possibilidades de ganho (CERTEAU, 1998, p. 46).

Assim, percebe-se na tática a ausência do poder, onde o sujeito não possui a força, apenas o tempo e sua habilidade em lidar com ele. Desta forma, as táticas e estratégias são utilizadas pelo homem ordinário, no intuito de fugir das formas de dominação. É importante ressaltar, que o homem ordinário pode tanto praticar a estratégia quanto a tática, pois essas práticas coexistem, ou seja, quando o homem ordinário possui próprio, que é a conquista do lugar sobre o tempo, ele usa a estratégia e quando não possui, a tática. Sendo assim, fica mais clara a ideia de Michel de Certeau quando diz que os consumidores – os homens ordinários – não são consumidores passivos.

Paralelo ao conceito de táticas e estratégia, a conveniência também é uma prática que será considerada neste estudo. Esta temática é trazida por Pierre Mayol (2011) na primeira parte da obra “*A invenção do cotidiano 2 – Morar e Cozinhar*” (organizado juntamente com Michel de Certeau e Luce Giard) onde trata da sociologia urbana do bairro e da análise socioetnográfica da vida cotidiana. O autor une essas duas perspectivas e trabalha a matéria

objetiva do bairro, partindo da perspectiva de que o bairro é uma “encenação da vida cotidiana”.

A conveniência, por mais que pareça um tema incomum, é muito praticado nas relações em nosso cotidiano. A conveniência engloba as “regras sociais” e é responsável por produzir comportamentos que possibilitem o reconhecimento do outro (MAYOL, 2011). Segundo o autor, geralmente, ela é praticada no cotidiano coletivo, nas relações entre o sujeito e a sociedade e vem acompanhada de certo interesse de quem a pratica em receber algum tipo de facilidade ou benefício por meio de suas relações no coletivo. Por coletividade entende-se “um lugar social que induz um comportamento prático mediante o qual todo o usuário se ajusta ao processo geral do reconhecimento, concedendo parte de si mesmo a uma jurisdição do outro” (MAYOL, 2011, p. 47).

Mayol (2011) utiliza o bairro como exemplo de como ocorre a conveniência. Segundo ele, um sujeito quando se instala em um bairro é obrigado a envolver-se no meio social para conseguir viver ali. Tal feito não é necessário apenas no sentido de atribuição ou dever, mas também pela necessidade de se fazer laços e vínculos naquele ambiente. Essa prática segundo o autor acaba por se tornar um tipo de “convenção coletiva tácita” a qual não está nítida, porém, os sujeitos que estão envolvidos conseguem percebê-la por meio dos códigos de linguagem e de comportamento compartilhados nas relações sociais, isto é, existem normas implícitas nas práticas cotidianas, onde os sujeitos estão suscetíveis ao jogo da exclusão.

Segundo Mayol, (2011) a conveniência é praticada no cotidiano e é possível visualizá-la através das repressões minúsculas, da transparência social do bairro, pelo trabalho social dos sinais, pelo consumo e até mesmo a postura do corpo. A seguir, falarei de cada um desses elementos. De acordo com Mayol (2011) as repressões minúsculas, dizem respeito ao comportamento dos sujeitos, à punição pelo fato de “não fazer”, e também um “saber viver”, de modo que reprime o que “não convém”, o que “não se faz”, mantendo distância e filtrando ou banindo tais atitudes. Segundo o autor, é proveniente da conveniência, que se encontra no lugar da lei, e “é aquela que torna heterogêneo o campo social proibindo que aí se distribua em qualquer ordem e a qualquer momento não importa que comportamento social” (MAYOL, 2011, p. 49).

A transparência social do bairro refere-se a uma “razão para tudo”. Segundo Mayol (2011, p. 51) o bairro é palco “diurno” cujos personagens são identificáveis no papel que a conveniência lhes atribui, ou seja, define papéis para tudo, é “a criança, o pequeno

comerciante, a mãe de família, o jovem, o aposentado, o padre, o médico, máscaras e máscaras (...). De acordo com o autor, a transparência social do bairro ocorre quando os moradores estão em busca de uma explicação e razão para algo ou alguém, como por exemplo, quando existe um morador novo no bairro e surgem os seguintes questionamentos: Quem é? De onde vem? Nesta situação, os moradores estão praticando a transparência social do bairro.

De acordo com Mayol (2011, p. 51) o “conceito de conveniência ganha particular pertinência no registro de consumo, como relações cotidianas com a busca dos alimentos e dos serviços”. Operando do melhor modo a acumulação de capital simbólico, o consumo e a postura do corpo, referem-se à função do corpo e seus símbolos (MAYOL, 2011). Segundo o autor, comprar é mais que uma simples troca, é um ato de fidelidade, além disso, o ato de comprar passa a ser sinônimo de bom atendimento quando se é um bom freguês. Segundo o autor, esse “algo a mais” é algo simbólico, em que fala-se de um consenso entre o freguês e o comerciante, ou seja, um acordo tácito que transparece nos gestos e nas palavras. Além disso, o autor ressalta que o registro do consumo é de suma importância para a compreensão da “socialidade”:

O registro do consumo é, para o observador, um dos lugares privilegiados para verificar a "socialidade" dos usuários, o lugar onde se elaboram as hierarquias típicas da rua, onde se espanam os papéis sociais do bairro (a criança, o homem, a mulher etc.), onde se "massificam" as convenções sobre as quais se entendem as personagens momentaneamente reunidas no mesmo palco (MAYOL, 2011, p. 53).

Por fim, o trabalho social dos sinais, explica a complexidade das relações envolvidas no espaço público, isto é, concerne à complexidade das relações sociais, uma vez que “os sinais da conveniência são notáveis por serem apenas, com o tempo, esboços, toques de linguagens incompletos, não bem articulados, fragmentos” (MAYOL, 2011, p. 53). De acordo com o autor, esses sinais dizem respeito à:

Linguagem de meias palavras, fixando-se no sorriso da polidez, cumprimento mudo do homem que se apaga diante de uma mulher, ou, ao inverso, vigor silenciosamente agressivo com o qual alguém “conserva o seu lugar na fila”; (“é meu ...”), olhares furtivos do comerciante que avalia, com o rabo do olho, comportamento de um estrangeiro ou de um recém chegado, diálogos automáticos das comadres que se encontram “na soleira da porta”, registro inconsciente dos passos da vizinha no patamar da escada, “que deve estar voltando da batalha, é a sua hora...”. Velhos estereótipos, já esgotados mesmo, mas que têm por função garantir o “contato” (MAYOL, 2011, p. 54)

O autor trata como jogo do “perde e ganha” onde para manter-se no “conveniente” é necessário saber jogar o “perde e ganha”, não exigir tudo de imediato, pois “o benefício

umenta quando se sabe renunciar” (MAYOL, 2011, p. 55). Para o autor, o corpo é uma memória sábia que sabe o momento certo no sentido de: O que dizer? Quando dizer? Desta forma, o corpo “manifesta, pelo jogo das atitudes de que dispõe, a efetividade da inserção no bairro, a técnica aprofundada de um saber fazer que sinaliza a apropriação do espaço”. (MAYOL, 2011, p. 55).

Assim, todas essas práticas fazem parte do jogo do “perde e ganha”, onde é necessário saber jogar para manter-se na conveniência. Tais práticas são realizadas diariamente em nosso cotidiano, mesmo que de forma quase imperceptível. Portanto, compreende-se que a “sobrevivência” no bairro, conforme enfatiza Mayol (2011) é inerente às práticas que englobam a conveniência.

De um modo geral, tanto as estratégias, táticas e conveniência, são práticas cotidianas que revelam movimentos sutis que são imperceptíveis aos olhos da sociedade. Desta forma, é necessário sensibilidade e um olhar preciso para captar e interpretar os movimentos realizados pelo homem ordinário em seu cotidiano. São esses movimentos que buscarei com um olhar atento, captar neste estudo, uma vez que a noção de cotidiano como práticas, em Certeau, permite a análise de formas distintas de apropriação do espaço, a formação de lugares e o rompimento de fronteiras que demarcam socioespacialmente a vida urbana além do que “sua perspectiva, na direção paralela à microfísica foucaultiana, está centrada nas práticas que desafiam o espaço disciplinar” (LEITE, 2010, p. 747)

Pretendo assim, utilizando a perspectiva certeuniana, entender como ocorrem as práticas cotidianas, pois é por meio destas, que os sujeitos modificam seu cotidiano e se reapropriam do espaço organizado, para então compreender o processo de territorialização dos migrantes nordestinos.

3.2 O PROCESSO DE TERRITORIALIZAÇÃO

Antes de entender o que quer dizer o termo “territorialização”, é fundamental que se compreenda outros elementos que englobam este conceito, tais como *espaço*, *sistema territorial*, *território* e *territorialidade*. A Geografia, bem como outras áreas da ciência tem estudado alguns conceitos e noções de território, bem como alguns elementos que estão relacionados com o mesmo, entretanto, percebe-se que pode haver diferenças entre os

conceitos dependendo do segmento e área atuante do pesquisador. Inicialmente, falarei de espaço, por ser o início de tudo e por dar origem ao que chamamos de território. Segundo Raffestin (1993) existe certa confusão em relação ao conceito de espaço e território, entretanto é importante que fique claro que não são conceitos equivalentes.

Raffestin (1993) realiza uma crítica ao uso sem critério desses dois conceitos nas análises realizadas por geógrafos, e afirma que a confusão existe em decorrência da falta de discernimento acerca de seu uso, o que justifica de certa forma, a imprecisão no que tange ao conceito de território e espaço. Para Santos e Silveira (2006), um dos motivos para tal confusão é o uso excessivo da palavra *extensão*, por geógrafos franceses, o que contribui para a ambiguidade desses termos. Ainda assim, os autores ressaltam que existe uma forte discussão nos meios geógrafos que tem como intuito esclarecer a precedência desses conceitos.

Antes de falar de espaço, é importante trazer a perspectiva de Santos (2006) sobre a diferença entre espaço e paisagem, pois, segundo o autor, não são sinônimos. Para o autor, a paisagem seria apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão, o que faz referência a uma configuração territorial, ou seja, seria um “conjunto das formas, que num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza” (SANTOS, 2006, p. 66). Neste ponto, é possível entender que a paisagem antecede o espaço, se considerarmos que a paisagem são formas, um sistema material ou uma “história congelada” conforme afirma o autor, e já o espaço, são essas formas mais a vida, seria o presente.

Neste ínterim, Santos (2006) considera que o espaço em si, é formado por um conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações, os quais são indissociáveis, solidários e ao mesmo tempo contraditórios. Para o autor, tais sistemas não são considerados isoladamente, porém, são representados como quadro único no qual a história se dá, isto é, o espaço constitui a matriz onde as novas ações substituem as ações passadas. Dito isto, volto à discussão inicial sobre a distinção de espaço e território. Na visão de Raffestin (1993) o espaço antecede toda e qualquer ação, o que nos fornece fundamento para dizer que se assemelha ao conceito de paisagem, de Santos (2006), por ser considerado algo que está “congelado”, sem ação ou apropriação, entretanto, é importante destacar que ainda assim são conceitos distintos.

Segundo Raffestin (1993), o espaço é algo dado, ou seja, pré existe a qualquer conhecimento e prática, que só irá acontecer quando algum ator demonstrar intenção de

apropriar-se dele e sendo assim, enfatiza que o território acontece a partir do espaço. Nesse sentido, o território é construído e modificado pela ação dos homens, já o espaço, é algo que já está dado em sua forma original, sendo “preexistente a qualquer ação” (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Certeau (1998) também apresenta conceitos parecidos com os de território e conceitua espaço e lugar. Segundo Certeau (1998, p. 201) “um lugar é a ordem segundo a qual se distribuem elementos na relação de coexistência”. O autor ressalta que é impossível duas coisas ocuparem o mesmo lugar. Nesse sentido, “um lugar é, portanto, configuração instantânea de posição, indicação de estabilidade”, é o que rege as práticas (CERTEAU, 1998, p. 201). Diante desta perspectiva, a configuração de lugar seria apenas um posicionamento ocupado por algo ou alguém em determinado momento.

No que tange ao espaço, Certeau (1998, p. 202) argumenta que o mesmo existe sempre “que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo”. Para o autor, o espaço é um cruzamento de móveis, de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos. “Em suma, o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 1998, p. 202). O autor cita como exemplo a rua, que geometricamente definida é transformada em espaço pelos pedestres que ali se movimentam. Desta forma, o espaço ganha significado de acordo com aquele que o pratica.

Leite (2010) afirma que a distinção entre espaço e lugar, consiste na questão de que o espaço corresponde à ausência de posições definidas e, por este motivo, é uma ordem móvel que propicia vislumbrar as diferentes experiências espaciais da vida cotidiana; já o lugar, corresponde em um sentido oposto, a configurações mais estáveis de posições, ou seja, o primeiro tem característica provisória, e o segundo de permanência. Entretanto, percebe-se que para Certeau (1998) todos os lugares e espaços podem receber significados, o que difere da visão de Raffestin (1993) que considera o espaço como algo dado, ou seja, ele pré existe a qualquer conhecimento e prática, e quando da sua prática, torna-se território, de modo que obrigatoriamente para o autor, o espaço antecede o território e a qualquer ação.

Sabendo que o território é construído a partir do espaço, posso afirmar então que o território é local de ação, de movimentos, de apropriação. No entanto, qual seria o conceito de território? Segundo Santos e Silveira (2006), por território entende-se geralmente a extensão que é usada e apropriada, ou melhor, é um nome político para o espaço de determinado país. Andrade (2004, p. 19) alerta para que não se confunda espaço, lugar e

território e ressalta que o termo território está ligado à ideia de poder “assim, deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem seus tentáculos por grandes áreas territoriais”. Souza (2009) vai além, e compara território a um “campo de força”. De acordo com o autor, o território é uma dimensão do espaço social e mesmo dependendo da dimensão material do espaço, ele é intangível, assim como o poder é algo abstrato, por ser uma relação social. É nesse sentido que, o poder é uma relação social, e o território é a expressão espacial disso (SOUZA, 2009).

Compartilhando da ideia de Andrade (2004) e Souza (2009) no que tange ao elemento “poder”, baseado na perspectiva de Michel Foucault, Raffestin (1993, p. 144) apresenta uma visão relacional de território, ou seja, para ele o território é permeado por relações sociais e está repleto de jogos de poder. Para o autor, território “é um espaço, onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder”. Segundo Raffestin (1993) “o espaço é a “prisão original” e já o território, é a prisão que os homens constroem para si”.

Nesse sentido, o território é visto como um espaço que envolve relações de poder. Percebe-se entretanto, que o conceito de território para Raffestin (1993), difere do conceito de Santos e Silveira (2006), ao passo que para Santos e Silveira (2006) o território está relacionado a um nome “político” de determinado espaço, a uma extensão. Já na visão de Raffestin (1993) o território vai além, sendo considerado um espaço que envolve relações de poder. Desta forma, percebo que Raffestin (1993) possui uma perspectiva mais meticulosa e precisa para essa discussão, ao passo em que considera a questão do poder, e o território como um local de relações.

Para Raffestin (1993) a apropriação do espaço acontece em decorrência da produção de uma representação e esse espaço representado é uma relação. Para o autor, qualquer projeto que acontece no espaço e que é expresso por uma representação, evidencia a imagem desejada de um território, ou melhor, de um local de relações. Segundo Raffestin (1993) todo e qualquer projeto é alimentado pela prática e pelo conhecimento, ou seja, por comportamentos e ações que contemplam sistemas sêmicos – códigos e símbolos -, isto é, as propriedades do espaço representado, são difundidas por meio desses sistemas sêmicos.

As objetivações do espaço, que traduz-se em processos sociais, são realizadas por esses sistemas sêmicos, que de acordo com Raffestin (1993, p. 144) “são marcados não só por

uma infra-estrutura, mas também pelas forças de trabalho e relações ou modos de produção”. O espaço, tratado por Raffestin (1993), não é apenas mais um espaço, mas é um espaço que é construído por um ator, em que, por meio de um sistema sêmico, comunica suas intenções e realidade material. Portanto, “o espaço representado não é mais o espaço, mas a imagem do espaço, ou melhor, do território visto e/ou vivido (...) em suma, o espaço que se tornou o território de um ator, desde que tomado numa relação social de comunicação” (RAFFESTIN, 1993, p. 147).

Cabe ressaltar, que as representações não são homogêneas e variam de acordo com os objetivos de cada ator. Raffestin (1993) afirma essa ideia, quando relata que a partir da representação original, o ator pode decidir construir diversos tipos de tessituras, e assim, pode articular todos os pontos ou somente alguns em rede. Desta forma, por não existir só um ator, existem relações de poder e outros tipos de representações, por mais que os objetivos dos mesmos sejam proporcionais.

Em um estudo sobre território e identidade, realizado no Mercado Central de Belo Horizonte, Saraiva *et al.* (2014) constataram que por algum motivo havia atritos entre os elementos trabalhados. Desta forma, segundo os autores, partilhando de um espaço de múltiplas práticas, o mercado conjugava um conjunto de territórios que oscilavam entre harmonia e conflitos, uma vez que são estimulados por forças que, ao defenderem aos interesses de seus grupos, tropeçam umas nas outras, entretanto, para os autores, da mesma forma que se combatem, os territórios se entendem sob a perspectiva ideológica da sobrevivência mútua. Segundo Saraiva *et al.* (2014) os territórios não estão hierarquicamente categorizados, mas exercem papéis diferentes dentro de uma realidade socialmente construída, além do que:

Seus espaços não são estáticos, tampouco intercambiáveis: uma vez institucionalizados, ganham a feição de coisas dadas, imanes. Porém, o que explica o equilíbrio é que os atores sociais transitam entre os territórios desempenhando múltiplos papéis. No intento de resolver os problemas relacionados ao território em que atuam, percebe-se uma tentativa desses indivíduos de querer “fazer parte do jogo”, o que demonstra que, na essência, eles buscam aproximar-se do grupo majoritário e iniciar um processo de incorporação da ideologia dominante (SARAIVA *et al.*, 2014, p. 98).

Desta forma, para Saraiva *et al.* (2014) não basta apenas constatar a presença de atores e de visões diferenciadas compartilhando o mesmo contexto. É territorial, nesse sentido, qualquer interface humana assentada sobre um dado espaço, porque se refere, essencialmente, a uma apropriação antes de qualquer coisa política do lugar (SARAIVA, *et al.*, 2014). Sendo

assim, de acordo com os autores, esse lugar acaba sendo produzido socialmente pelos grupos que o compõem, respondendo às múltiplas representações sociais dos diretamente envolvidos com aquele local, ou seja, esse espaço pode ser territorializado conforme grupo que se aproprie e o ocupe geograficamente e identitariamente.

Todas essas elucidações realizadas até aqui, fazem parte do conceito de território, entretanto, além da explanação acerca do que vem a ser espaço, para que se compreenda o que vem a ser território, é necessário que se entenda outros elementos que também compõe a complexidade de seu conceito, tais como a composição do sistema territorial, assim como a territorialidade.

Segundo Raffestin (1993) o sistema territorial é composto de alguns elementos do espaço, tais como tessituras, nós e redes, além de sistemas de objetivos e de ações, conhecimentos e práticas que englobam aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. Para Raffestin (1993, p. 150), a partir de uma representação, “os atores vão proceder à repartição das superfícies, à implantação de nós e a construção de redes”, os quais são denominados de “essencial visível” das práticas espaciais, ou seja, ações que são realizadas pelos atores em determinado espaço. Segundo o autor, por mais que essas malhas, nós e redes nem sempre sejam observáveis, podem estar ligadas a decisões que influenciam nas estratégias. Já se existir a limitação apenas ao território, os atos vão se revelar em “atos observáveis” (RAFFESTIN, 1993, p. 150)

Neste íterim, partindo da ideia de Raffestin (1993), compreendo que toda ação realizada em determinado espaço, ou seja, a prática espacial em si, incute em um sistema de ações ou comportamentos que levam a uma “produção territorial”. Portanto, essa produção territorial a que se refere o autor, é intercedida pelas tessituras, nós e redes. Nesse sentido, entendo que todos os sujeitos que ocupam determinado ponto do espaço, são distribuídos por modelos aleatórios, regulares ou concentrados em razão da questão da distância e a acessibilidade, que seria um complemento da distância (RAFFESTIN, 1993). Em relação à distância, Raffestin (1993) enfatiza que pode ser percebida em termos espaciais, temporais, psicológicos ou econômicos e refere-se à interação entre os diferentes locais, sendo que tal interação pode consistir em interação política, econômica, social e cultural. Segundo o autor, isso leva a sistemas de malhas, nós e redes que se lançam no espaço, constituindo assim o território.

Para melhor compreensão da constituição do território, apresentarei de modo detalhado, o que vem a ser as “tessituras, nós e redes”. De um modo geral, a tessitura implica a ideia de limite, sendo um dos componentes de todo o tipo de prática, onde o simples fato de definir, caracterizar e distinguir já é uma delimitação, e isso ocorre diariamente no cotidiano (RAFFESTIN, 1993). Desta forma, quando fala-se em território tem-se claramente a noção de limite, pois, demonstra a relação que determinado grupo possui com uma parte do espaço, e assim, a ação deste grupo acaba acarretando em uma delimitação, além de sugerir uma hierarquização (RAFFESTIN, 1993).

Já a nodosidade são os agrupamentos de indivíduos ou grupos, sendo uma forma de expressão do ego individual ou coletivo do ator ou atores que o compõe, além do que simbolizam a posição dos atores, considerando que as malhas presentes nas tessituras não são homogêneas nem uniformes, o que revela pontos de divergências na organização territorial (RAFFESTIN, 1993). Entretanto, os atores que compõe a nodosidade não se opõem, pelo contrário, agem em busca de manter suas relações, assegurar funções, se influenciar, se controlar, se aproximar ou distanciar, e assim criar redes (RAFFESTIN, 1993).

No que tange à rede, Raffestin (1993, p. 156) a define como um “sistema de linhas que desenham tramas”. Para o autor, a rede é algo que assegura a comunicação, entretanto, ressalta que a rede que desenha os limites e as fronteiras não assegura a comunicação, podendo simplesmente assegurar aquilo para o qual foi concebida e impedir outras comunicações, isto é, pode assegurar aquilo que é do interesse apenas dos envolvidos.

Em suma, todos esses elementos discutidos até aqui compõe e influenciam na composição do sistema territorial. O sistema territorial pode ser decifrado a partir das combinações estratégicas realizadas pelos atores, sendo meio e finalidade das estratégias, ou seja, produto e meio de produção (RAFFESTIN, 1993). Partindo da explanação da complexidade que é o sistema territorial, adentraremos no conceito de territorialidade, que permitirá uma maior compreensão do que vem a ser território, bem como o processo de territorialização.

Segundo Raffestin (1993, p. 160) a territorialidade reflete as múltiplas dimensões daquilo que é “vivido” no âmbito territorial, e a define como a “um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional: sociedade-espaço-tempo, em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema”. É nesse sentido, que a

territorialidade é inerente ao processo de territorialização, ou melhor, a territorialidade significa condição e resultado da territorialização (SAQUET, 2009). Para o autor:

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009, p. 88).

Para Raffestin (1993) a territorialidade é repleta de relações, que podem tanto ser simétricas, quanto dissimétricas com a exterioridade, onde as tessituras, nós e redes criam bairros, vizinhanças, divergências e convergências, manifestando-se em todas as escalas espaciais e também sociais (RAFFESTIN, 1993). A territorialidade corresponde às nossas relações sociais cotidianas, seja no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, de maneira composta e diversificada (SAQUET, 2009). Sendo assim, com base em Raffestin (1993) e Saquet (2009), é possível compreender que a territorialidade pode ser vista como a ação que modifica o que antes era espaço em território, ou seja, tudo aquilo que é vivido, os movimentos, relações sociais fazem parte da territorialidade, que é promovida pelo processo de territorialização.

Sabendo que a territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais (RAFFESTIN, 1993), é possível “viver” ou (re)viver, mais de uma territorialidade? No intuito de responder a essa pergunta, trago algumas considerações. À territorialidade, Haesbaert (2009) agrega característica de intangibilidade e multiplicidade. Para o autor:

Embora todo território tenha uma territorialidade (tanto no sentido abstrato de “qualidade ou condição de ser território” quanto no de sua dimensão real-simbólica), nem toda territorialidade – ou, se quisermos, também, aqui, espacialidade – possui um território (no sentido de sua efetiva realização material) (HAESBAERT, 2009, P. 106).

Partindo desta compreensão acerca de território e territorialidade, é possível assimilar que não necessariamente a territorialidade está ligada a uma materialidade. Para Raffestin (1993), “a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral” (RAFFESTIN, 1993, p. 158). O autor fala de uma multidimensionalidade do “vivido” territorial, ou seja, de múltiplas dimensões possíveis de “vivenciar” este território, permitindo a compreensão de uma produção territorial em diferentes escalas. Nesse sentido, a territorialidade “é sempre uma relação, mesmo que diferenciada, com outros atores” (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

Poderíamos então dizer que o território, enquanto relação de dominação e apropriação sociedade-espço, desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais “concreta” e “funcional” à apropriação mais subjetiva e/ou cultural-simbólica (HAESBAERT, 2004, p. 95-96).

Desta forma, o sujeito pode “territorializar-se” tanto por meio de processos mais “funcionais”, quanto mais “simbólicos”, o qual, “irá depender da dinâmica de poder e das estratégias que estão em jogo” (HAESBAERT, 2004, p. 96). O autor reconhece que é equivocado separar o “funcional” do “simbólico”, entretanto, é possível dizer que existe uma coexistência de tais processos, onde tanto o processo simbólico, quanto o funcional, possibilita a existência de mais de uma territorialidade.

É nesse contexto que Haesbaert (2004) fala de uma *multiterritorialidade*, ao mesmo tempo em que defende a desterritorialização enquanto um “mito”. Para Haesbaert (2004, p. 365), “não haveria desterritorialização, apenas pelo fato de que ela é “o outro lado” da territorialização”, apontando para a possibilidade de uma multiterritorialidade, e da reterritorialização, alegando ainda, que a todo o momento estamos inter cruzando diferentes territórios. Para o autor, “toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma ‘multiterritorialidade’” (HAESBAERT, 2004, p. 344). Segundo o autor:

Multiterritorialidade implica a possibilidade de acessar ou conectar diversos territórios, o que pode ser dado por meio de uma “mobilidade concreta”, no sentido de um deslocamento físico, quanto virtual, no sentido de acionar diferentes territorialidades mesmo sem deslocamento físico, como nas novas experiências espaço-temporais proporcionadas através do ciberespaço (HAESBAERT, 2004, p. 343-344).

Como exemplo, Haesbaert (2004) cita a internet, como ferramenta que permite acessar e transitar pelas territorialidades, ao passo que temos uma diversidade de territórios e territorialidades com os quais podemos “jogar”. Nesse sentido, posso dizer que a interação territorial, assim como o cruzamento dos territórios, ocorre em virtude das relações sociais seja ela no plano físico ou simbólico, respondendo ao meu questionamento acerca de “viver” ou (re)viver de mais de uma territorialidade.

Partindo do ponto de vista de que o território ou a multiterritorialidade são construídos por meio das relações sociais, Haesbaert (2004), vai ao encontro a Raffestin (1993), no que tange à visão relacional do território. Desta forma, é possível observar a importância das relações sociais no desenvolvimento da territorialidade, assim como no processo de territorialização. As relações sociais são fundamentais, ao passo que são nas nossas relações, no cotidiano, que a territorialidade se torna efetiva (SAQUET, 2009).

É importante destacar, que meu foco neste trabalho são os movimentos que ocorrem no sistema territorial, ou melhor, as “práticas cotidianas” (CERTEAU, 1998), que constituem os processos de territorialização de migrantes, entretanto, é inevitável tratar de algumas abordagens, que permeiam ou complementam o conceito de territorialização. É possível articular a abordagem acerca de “cotidiano” e “território”, à medida que a noção de cotidiano como práticas permite formas distintas de apropriação do espaço, formação de lugares e rompimento de fronteiras (LEITE, 2010). Pensando ainda em rede de antidisciplina e sabendo que a perspectiva de cotidiano, na direção paralela à microfísica foucaultiana, está centrada nas práticas que desafiam o espaço disciplinar (LEITE, 2010), é possível articular com Raffestin (1993) quando ressalta que a territorialidade é repleta de relações, que podem ser tanto simétricas, quanto dissimétricas, indicando que podem haver divergências e convergências nessas relações, ou seja, existe um espaço projetado por esses sujeitos, que, revela relações marcadas pelo poder.

Nesse sentido, finalizando esta seção e no intuito de sintetizar o que é o processo de territorialização, faço uma ligação entre o cotidiano (CERTEAU, 1998) e o território (RAFFESTIN, 1993). Considerando que o cotidiano é um lugar de possibilidades (CERTEAU, 1998), as práticas cotidianas oriundas das ações do homem ordinário promovem a ação que modifica o espaço em território, ou seja, a territorialidade a partir de um processo de territorialização, uma vez que segundo Raffestin (1993) os movimentos, as relações sociais e tudo aquilo que é vivido faz parte da territorialidade. Partindo de Raffestin (1993), Certeau (1998) e Mayol (2011), compreendo então, que a territorialização é um processo complexo, decorrente de ações dos mais diversos sujeitos, em seu modo de organização, hierarquias e contextos, onde, é no cotidiano desses sujeitos, bem como em decorrência de suas práticas, seja na qualidade de “tática”, “estratégia” ou pela conveniência, que este processo acontece.

Nesse sentido, buscarei entender como ocorrem as práticas cotidianas dos sujeitos, e como essas práticas são utilizadas na resignificação da sua vida cotidiana na atualidade, construindo seus processos de territorialização. Sendo assim, trarei neste estudo, informações que permitirão que você, leitor, compreenda minha pesquisa, afinal, para que se possa entender como ocorre o processo de territorialização desses migrantes, é de suma importância que tenha conhecimento do contexto desses sujeitos.

Quando falo de contexto, me refiro ao “mundo” em que vivem, ou seja, o mundo do “trabalho precário” o qual faz parte de seu cotidiano. Mas, não basta apenas saber que fazem

parte desta realidade, é preciso além de tudo, conhecer as condições em que vivem e porque vivem sob essas condições. Bem, essas são algumas questões que discutirei mais adiante.

3.3 TRABALHO PRECÁRIO: UM MUNDO DESUMANO E “REAL”

Conforme evidenciado no início do capítulo, o trabalho precário será tratado como parte integrante do referencial, por fazer parte do cotidiano e história dos migrantes trabalhadores do corte de cana, sujeito com papel central neste estudo. Aqui, partirei do pressuposto, de que para entender o contexto desse homem ordinário, devemos compreender também o enredo no qual está inserido. Sendo assim, nesta seção, abrirei um espaço para discorrer um pouco sobre tais aspectos, de modo que você, leitor, possa compreender qual a conjuntura do sujeito desta pesquisa.

3.3.1 Da flexibilização do trabalho ao trabalho precário

De acordo com Campos e Saraiva (2014) o desenvolvimento da espécie humana, paralelo à organização de práticas e técnicas, de uma maneira geral asseguraram a subsistência do homem, aspirando sempre comodidade e eficácia acerca das ações que eram praticadas, para a busca pela sobrevivência. Inicialmente, o trabalho era praticado apenas por conta da necessidade primária de sobrevivência do ser humano. Para os autores, foi a partir daí, da necessidade de sobrevivência, que originou aquilo que chamamos hoje de “trabalho”.

Segundo Campos e Saraiva (2014) o trabalho em si, estabelece uma representação histórico-social, que ao passar dos anos foi adquirindo características distintas daquela que originou. Apesar dessas mudanças em que o trabalho adquiriu novas transformações e significados, se manteve orientado para a vida no plano individual e social (CAMPOS; SARAIVA, 2014). Os autores entendem que trabalhar vai muito além da capacidade de entrega e produção de determinado bem, de forma que os sentimentos e representações que os sujeitos empregam no seu cotidiano de trabalho, em conjunto com o produto final acarretam em uma dupla produção: o produto como fruto do esforço e empenho do trabalhador; e a própria construção do sujeito.

Entretanto, é possível perceber que o trabalho, assim como sua constituição, vem passando por transformações significativas ao longo dos anos, que segundo Castel (2001) acarretou e uma flexibilização do trabalho, que conseqüentemente resultou em danos à sociedade, como por exemplo, o trabalho precário, o qual faz parte do contexto desta pesquisa.

Kalleberg (2009, p. 25) atribui algumas características⁷ ao trabalho precário, que segundo ele, seus aspectos diferem em cada país, e irá depender do estágio de desenvolvimento desses países, além de instituições sociais existentes e a própria cultura. Desta forma, segundo o autor, a precariedade pode ser medida de acordo com algumas características, tais como *insegurança do mercado de trabalho*, ou falta de oportunidades de emprego; *insegurança do trabalho*, ou insegurança quanto à perda de emprego ou despedida arbitrária; *insegurança de emprego* ou falta de habilidade de continuar em uma ocupação particular devido à falta de delimitações de ofício e qualificações de trabalho; *insegurança de segurança e saúde*, que concerne às condições precárias de segurança ocupacional e saúde; *insegurança de reprodução de experiência*, ou seja, falta de acesso à educação básica e treinamento vocacional; *insegurança de renda* ou nível inadequado de renda e *insegurança de representação*, que concerne à falta de direitos individuais em leis e de direitos coletivos para negociar (KALLEBERG, 2009, p. 25). Desta forma, tais características são atribuídas ao trabalho precário.

De fato, não é de hoje que o trabalho precário representa uma questão social importante a ser discutida, entretanto, tal assunto ainda é, por vezes, silenciado. Ao longo do tempo, o trabalho passou por diversas transformações, tanto no que diz respeito a sua relação com o trabalhador, quanto com a sociedade. De acordo com Castel (2001), essa mutação resultou em uma nova questão social, que atualmente está ligada ao enfraquecimento da condição salarial e ressalta que tal situação deve ser não apenas avaliada, mas também extinguida. A precarização do trabalho e o desemprego passam a ser uma realidade preocupante de nossa sociedade moderna. Segundo Castel (2001, p. 516), “começa a tornar-se claro que a precarização do emprego e do desemprego se inseriram na dinâmica atual da modernização”. Para Castel (2001) a precarização e o desemprego são conseqüências necessárias dos novos modos de estruturação do emprego, derivada das reestruturações

⁷ De acordo com Kalleberg (2009, p. 25) essas características fazem parte de sete dimensões que são utilizadas pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) no índice de segurança econômica, que sugere diferentes graus de precariedade em diversos países.

industriais, pela competitividade e pela flexibilização, ou seja, consequência da lógica capitalista.

De acordo com Antunes (2006) nos últimos anos, ocorreram diversas mudanças no processo produtivo, por conta do avanço tecnológico, da constituição das formas de acumulação flexível, dos modelos alternativos ao binômio taylorismo/fordismo, onde se destaca para o capital o “toyotismo”. Ainda segundo Antunes (2006), tais mudanças são decorrentes da concorrência intercapitalista e da própria necessidade de controlar o mundo do trabalho. De um lado, essas mudanças trouxeram inúmeras tecnologias e aumento da capacidade produtiva, mas de outro lado proporcionou a flexibilização, que deu origem a inúmeros problemas sociais (CASTEL, 2001).

Neste ponto, é preciso ponderar e refletir. Vimos que o trabalho, desde o início tem passado por inúmeras transformações. Tais transformações têm acarretado (digo no pretérito perfeito, pois estou considerando os dias atuais, ou seja, as transformações são contínuas) em duas realidades distintas: a da multiplicação do capital e a degeneração da classe trabalhadora. Conforme ressaltou Antunes (2006) no parágrafo anterior, existe uma necessidade de controle do mundo do trabalho, ou seja, os trabalhadores são cada vez mais vigiados, cobrados, explorados e ignorados, ao mesmo tempo em que, os detentores do capital usam e abusam do poder para a multiplicação do capital, a todo custo.

Nesse sentido, a *flexibilização* aparece como cerne da reestruturação industrial, e é considerada por Castel (2001) o principal motivo para a precarização do trabalho. Segundo o autor, a flexibilidade não se reduz à necessidade de ajustar mecanicamente uma tarefa pontual, mas exige que o trabalhador esteja prontamente disponível para a adaptação às flutuações da demanda. Conforme podemos ver, quem sofre com a flexibilização é o trabalhador, pois é quem precisa se adaptar aos novos modos de produção, ao aumento da demanda, pois caso contrário, tem seu emprego “em jogo”. Tal situação, de acordo com Castel (2001, p. 519) implica em “gestão em fluxo tenso, produção sob encomenda e resposta imediata aos acasos dos mercados” que se tornaram imperativos do funcionamento de empresas competitivas, onde para assumi-los recorre à subcontratação ou ao recrutamento interno. É importante destacar que segundo o autor, as duas situações (subcontratação ou recrutamento interno) dizem respeito à flexibilidade, sendo que a primeira se refere à externa, e a segunda à interna.

No caso de flexibilização externa, a empresa opta por aderir à terceirização de parte ou total de sua produção, e segundo Castel (2001), as empresas podem realizar as tarefas à custa de uma grande precariedade das condições de trabalho, além de muitos riscos de desemprego. Já no caso da flexibilização interna, a empresa se responsabiliza pela adaptação, ou treinamento de seus funcionários às mudanças tecnológicas, entretanto, à custa de eliminar aqueles que não são capazes de chegar ao resultado desejado. Nesta situação, os trabalhadores são treinados e desenvolvidos para suprir para com as necessidades de sua organização, como condição, possuem pequeno aumento salarial (com relação aos profissionais qualificados para aquela área, por exemplo) e agregam maiores responsabilidades a seus cargos.

É possível perceber que os dois casos de flexibilização acarretam em precarização, pois o mercado passa a exigir cada vez mais trabalhadores qualificados, onde até mesmo os qualificados, quando conseguem se realocar no mercado de trabalho, sofrem pela falta de valorização profissional, submetendo-se a baixos salários. Essa questão é central para Castel (2001), pois é dela que desencadeia uma série de problemas sociais relacionadas ao trabalho, como por exemplo, a qualificação demasiada exigida pelo mercado de trabalho que posteriormente, em um momento de retração, acaba dissimulando um problema grave que é a possível não-empregabilidade dos qualificados.

Antunes (2006) fala da *subproletarização* do trabalho, a qual está presente nas formas de trabalho precário, parcial, temporário, subcontratado ou terceirizado de modo que todas essas categorias possuem algo em comum: a precariedade do emprego e remuneração, a desregulamentação das relações de trabalho, além de uma regressão aos direitos sociais. Isso explica a situação atual em que vivemos, devido a própria lógica capitalista. Existem pessoas qualificadas, porém, poucas oportunidades e reconhecimento. Segundo Antunes (2006) a lógica do sistema capitalista vem convertendo a concorrência e a busca da produtividade num processo destrutivo que tem acarretado em uma sociedade dos excluídos e dos precarizados.

Neste interim, Castel (2001, p. 526) chama a atenção para uma “nova questão social”:

O problema atual não é apenas o da constituição de uma “periferia precária”, mas também o da “desestabilização dos estáveis”. O processo de precarização percorre algumas das áreas de empregos estabilizadas a muito tempo. (...) Assim como o pauperismo do século XIX estava inserido no coração da dinâmica da primeira industrialização, também a precarização do trabalho é um processo central, comandado pelas novas exigências tecnológico-econômicas da evolução do capitalismo moderno. Realmente, há aí uma razão para levantar uma “nova” questão social.

Castel (2001) ressalta três pontos desta nova questão social: a desestabilização dos estáveis, a instalação da precariedade e *déficit* de lugares. Segundo o autor, a desestabilização dos estáveis diz respeito à atenção que deve ser dada aos “includos” da cadeia social, de forma que aqueles que denunciam a exclusão também devem sair da “zona de conforto” para que haja uma completa inclusão social. A instalação da precariedade concentra-se na preocupação com as causas da precariedade do trabalho, como por exemplo, a terceirização e já o *déficit* de lugares, refere-se à sensação de falta de pertencimento, ou seja, o lugar está associado a uma utilidade social e um reconhecimento público o que leva a precarização do trabalho e o desemprego serem considerados efeitos dessa sensação de “falta de pertencimento” (CASTEL, 2001).

Além desses fatores, Kalleberg (2009) ressalta que o trabalho precário possui consequências de longo alcance, tanto para os trabalhadores quanto para as famílias e sociedade, de modo que a precariedade se estende para a vida do sujeito, afetando comunidades e lares, causando insegurança e incertezas em sua família, como por exemplo, o fato de poder casar, ter um filho, quantidade de filhos, além da própria condição de vida do sujeito. Neste ponto, fica claro que o trabalho precário, além da própria precarização no sentido do trabalho, oferece consequências sociais para aqueles que estão no contexto precário.

Logo, posso afirmar que aqueles que fazem parte desta realidade precária são sujeitos marginalizados, ou seja, estão à margem da sociedade e se submetem as condições precárias não só de trabalho, mas também de vida. Mas quem são esses sujeitos? Não tenho uma resposta, pois acredito que existe uma multiplicidade de sujeitos e cenários que possuem o trabalho precário como parte de sua história.

Conforme pesquisas realizadas no decorrer deste referencial teórico e levantamento teórico realizado durante a disciplina de “Seminários de Dissertação”, no intuito de compreender o “estado da arte” do meu tema de pesquisa, percebi que a questão do trabalho precário é tratada de maneira distinta fora do Brasil. Alguns artigos tratam da precarização do trabalho no que concerne à migração, entretanto, ao mesmo tempo em que a precarização possui conceitos similares, o foco é distinto.

Como exemplo, Anderson (2010) escreveu um artigo sobre a migração e confecção de trabalhadores precários do Reino Unido. O autor defende a criação de categorias de operador, com a inserção de controles de migração que servirão como filtros para a entrada ou não de

migrantes. Anderson (2010) ressalta que tal controle filtrará criminosos indesejáveis e aqueles sem habilidades para beneficiar a economia, dando espaço para estudantes qualificados, turistas, grupos legítimos e pessoas com laços familiares. Nesse sentido, é possível perceber, que existe um interesse e foco no beneficiamento da economia do país, ou seja, existe um forte patriotismo. Anderson (2010) reforça o papel do governo no trabalho precário quando afirma que para aqueles que trabalham ilegalmente, o trabalho precário não ocorre simplesmente pelo “capricho” dos empregadores individuais, mas é estruturalmente produzido pela interação de emprego e legislação. Desta forma, “o governo faz a vida daqueles que trabalham ilegalmente cada vez mais desconfortável e restrita de modo que a predisposição a precariedade aumenta” (ANDERSON, 2010, p. 311).

Kalleberg (2012) também chama a atenção para a precariedade voltada aos migrantes, uma vez que segundo ele é um dos motivos para o aumento do trabalho precário e ressalta ainda, que além do grupo de migrantes, alguns grupos como mulheres, jovens, pessoas com menos instrução e idosos também são membros potenciais da precariedade. Bem, quis apenas exemplificar como a temática pode variar de acordo com o contexto, e por mais que possuam conceitos similares, o foco dado nos artigos internacionais é distinto do que vimos aqui, ao passo que temos inúmeras situações de trabalho precário no Brasil.

No entanto, considerando o contexto deste estudo, o migrante nordestino é quem assume o papel do trabalhador precarizado e, nesse sentido, o âmbito do trabalho precário é cenário de muitas vidas e histórias, que passam despercebidas no cotidiano, e são essas histórias que buscarei ouvir e compreender no decorrer do meu percurso metodológico.

4. OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

Concluído o referencial teórico, dou um passo a mais e inicio a descrição dos procedimentos metodológicos desta pesquisa, mas antes, abro um parênteses para uma pequena introdução. Sabe-se que no que tange às pesquisas, que hoje existem distintos posicionamentos, tanto em relação à ontologia, que diz respeito à questão de como o mundo é construído, quanto à epistemologia, que reflete a visão que podemos saber sobre o mundo e como podemos conhecê-lo, de modo que o posicionamento do pesquisador é de extrema importância, tanto no que diz respeito à ontologia quanto à epistemologia. Marsch e Furlong (2002) enfatizam que tais posicionamentos muitas vezes são implícitos, no entanto, ainda assim são capazes de moldar a abordagem teórica e a metodologia utilizada pelo pesquisador; e destacam que são como uma pele e não um casaco, que pode ser tirado a qualquer momento de acordo com a ocasião.

Sabe-se ainda, existem algumas abordagens que diferem entre si, que, no entanto, são opostas, e que por esse motivo pode nos levar a construir realidades de maneiras distintas. Conforme Marsch e Furlong (2002) o posicionamento ontológico e epistemológico do pesquisador refere-se a profundas questões morais e, no entanto, cabe a cada um analisar separadamente cada posicionamento de forma cautelosa, bem como seus diferentes argumentos e metodologias, para assim efetivar seu posicionamento. No entanto, quando se fala em posicionamento do pesquisador presumo que é uma escolha que exige muita maturidade acadêmica, maturidade esta que venho construindo em toda minha trajetória no mestrado, sendo cedo para ser definitiva. A princípio, posso dizer no que tange aos paradigmas, que me localizo no quadrante interpretativa.

Com relação à natureza deste estudo, destaco que o mesmo é de natureza qualitativa. Segundo Denzin e Lincoln (2006) a pesquisa qualitativa, consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo, sendo que essas práticas transformam o mundo em uma série de representações. Desta forma, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos (DENZIN; LINCOLN, 2006).

De acordo com Paiva Junior *et al.* (2011) o fato de que a “realidade” ocorre dentro de contextos históricos e é construída socialmente tem levado os pesquisadores à utilização de

métodos qualitativos, o que afirma a ideia de que os estudos qualitativos proporcionam um melhor entendimento da realidade, considerando que todo sujeito possui uma realidade diferente. Com base neste pressuposto, entende-se que a pesquisa qualitativa oferece a possibilidade de compreender de maneira mais profunda a realidade dos sujeitos, ao mesmo tempo em que oferece meios para a interpretação dos fenômenos em toda sua complexidade e compreensão dos sujeitos em seus diferentes contextos.

Por fim, eis um passo importante de toda e qualquer pesquisa: a escolha do método. Penso que assim como o posicionamento ontológico e epistemológico do pesquisador frente à pesquisa faz toda a diferença, a metodologia adotada, também é de suma importância. Sendo assim, adotei neste estudo a história oral como método, e no próximo tópico, juntamente com seus conceitos, justificarei esta escolha.

4.1 A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO

No Brasil, a história oral teve introdução a partir dos anos 70, entretanto, foi a partir dos anos 90 que passou por uma expansão mais significativa e a multiplicação de seminários e a incorporação de programas de pós-graduação em História de cursos voltados para a discussão da história oral, além de colaborar para sua disseminação, são indicativos de vitalidade da área em questão (FERREIRA; AMADO, 1998). De acordo com os autores, foi em 1994 que criou-se a Associação Brasileira de História Oral de modo que a publicação de seu boletim, tem provocado estímulos entre pesquisadores de história oral de todo o país.

No que tange ao seu conceito, Meihy (2005, p. 17) afirma que consiste em um “recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente (...) história viva”. De acordo com o autor, como pressuposto a história oral implica em uma percepção do passado como algo que possui continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado, o que justifica o termo “história de vida” também utilizada na definição de seu conceito. Segundo Ichikawa e Santos (2006) a presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral e partindo desta perspectiva, a história oral proporciona significado social à vida de quem depõe e de quem lê, que conseguem entender a sucessão histórica, além de sentirem-se parte daquele contexto. Ainda de acordo com as autoras, a

história oral é uma alternativa à história oficial, e se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas que estão dispostas a falar sobre suas vidas.

Para Meihy (2005), além de compreendermos o que é história oral, também é imprescindível que saibamos o que não é. De acordo com o autor, existe certa confusão com relação a este método, de forma que as pessoas confundem “oralidade”, tal como discursos prontos, declamações de poemas e representação de peças teatrais, por exemplo, com a história oral e reforça que “nem tudo que é oral e gravado, remete ao campo da história oral”. Nesse sentido, podemos dizer que tais situações, não são histórias orais, mas sim, expressões de oralidade ou fontes orais. Como justificativa Meihy (2005) complementa que expressões de oralidade são expressões verbais que compreendem uma gama de manifestações sonoras humanas, de modo que acontece de maneira espontânea sem a intenção de registro; e já as fontes orais possuem intenção de registro e pode ocorrer como, por exemplo, em músicas gravadas e práticas teatrais. Partindo deste princípio, “a história oral é dentro dessas manifestações, um procedimento mais específico e, sobretudo, programado; é o resultado de entrevistas indicadas em projetos previamente existentes e elaborados para atender a algum objetivo” (MEIHY, 2005, p. 21).

Visto seu conceito, é necessário conhecermos um pouco sobre suas modalidades e maneiras de utilização. De acordo com Meihy (2005), existem três modalidades de história oral, a saber: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. Conforme Ichikawa e Santos (2006) na história oral de vida o sujeito possui maior liberdade em discorrer sobre suas experiências pessoais, uma vez que lhe é dado um espaço para que sua história seja narrada de acordo com sua aspiração, ou seja, o entrevistado constrói uma narrativa acerca das suas experiências. Para Barros e Lopes (2014, p. 43) “as histórias de vida traduzem um modo narrativo próprio do autor (de seus saberes, suas influências, inspirações, determinações) em seu tempo e espaço vividos”.

No que tange à história oral temática, percebe-se uma maior objetividade, onde partindo de determinado assunto preestabelecido, objetiva-se o esclarecimento ou o ponto de vista do entrevistado sobre algum fato já definido (ICHIKAWA; SANTOS, 2006), ou seja, nesta modalidade o entrevistado emite sua opinião acerca de determinado tema específico. De acordo com as autoras, esta modalidade possui características diferentes da história oral de vida, ressaltando que detalhes da vida pessoal do narrador apenas interessam ao passo que revelam aspectos úteis à informação temática central.

Por fim, na tradição oral, “trabalha-se com a permanência dos mitos, e com a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto, que se manifestam pelo folclore e pela transmissão geracional” (MEIHY, 2005, p. 166). Destaco que este estudo foi baseado em histórias de vida.

De acordo com Barros e Lopes (2014) um aspecto fundamental das histórias de vida está na sua diferenciação das histórias oficiais, ou seja, aquela que é “mostrada”. Segundo as autoras, “as histórias de vida vão além de uma simples sucessão de fatos cronológicos, que remetem a uma concepção empobrecida e ossificada da realidade social. Também vão além da história humana comumente representada como história dos cumes ou das elites” (BARROS; LOPES, 2014, p. 51). É nesse contexto que é solicitado ao entrevistado que conte sua história de sua própria maneira, de acordo com seu ponto de vista, de modo que, através dessas histórias, é possível compreender o universo do qual o entrevistado faz parte (BARROS; LOPES, 2014).

Mas, por que história oral? Acredito que é no cotidiano (CERTEAU, 1993) que por meio das práticas diversas, seja de produção e consumo, que o homem ordinário constrói suas memórias e suas histórias. Desta forma, as histórias de vida compreendidas enquanto narrativas, nortearão a assimilação das práticas cotidianas do homem ordinário, além do que, as narrativas identificadas nesta dissertação, também são interpretadas como “práticas”. Além disso, outro motivo pelo qual escolhi a história oral é o contexto no qual realizei a pesquisa. Fiz entrevistas com oito trabalhadores migrantes (embora na dissertação só tenha usado as histórias de sete – mais adiante explico o porquê) inseridos no contexto do trabalho precário, ou seja, são aqueles que quase não possuem oportunidade de expor suas histórias e partindo deste princípio, vejo o método da história oral, como uma possibilidade desses sujeitos contarem suas histórias. É nesse contexto, que considero tal método adequado para com o contexto de minha pesquisa, pois a história oral possibilita que sujeitos de categorias sociais geralmente excluídas, ou seja, os “atores anônimos” possam ser ouvidos, sendo que ao focalizar suas memórias pessoais, é possível construir uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do seu grupo social, deixando registrada sua visão de mundo (ICHIKAWA; SANTOS, 2006).

Nesse sentido a história oral também é uma forma de participação social. Meihy (2005) afirma esta ideia, quando enfatiza que a necessidade da história oral se fundamenta no direito de participação social. Segundo o autor, a história oral tem permitido que minorias

culturais e discriminadas encontrassem um espaço, dando sentido às suas experiências vividas, além do que, dimensiona o papel das minorias, dos silenciados, dos pobres, dos homossexuais, dos anônimos e dos marginalizados:

Com uma vocação para tudo e para todos, a história oral respeita as diferenças e facilita a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas. Todos são personagens históricos, e o cotidiano e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que se trançam para garantir a lógica da vida coletiva (MEIHY, 2005, p. 25).

Portanto, na visão de Meihy (2005) a história oral é um método “democrático” que permite aos marginalizados a exposição “da outra história”, ou seja, aquela que não é contada e nem conhecida pela sociedade, isto é, silenciada. “Aliada à democracia, a história oral se fez um braço na luta pelo reconhecimento de grupos antes afogados pelos direitos dos vencedores, dos poderosos, daqueles que podiam ter suas histórias reconhecidas graças aos documentos emanados de seus poderes” (MEIHY, 2005, p. 36).

Segundo Ichikawa e Santos (2006) a história oral permite a construção do conhecimento e reconstituição da identidade e da história recente de grupos diante do processo de globalização e processos sociais internos às organizações. Partindo desta perspectiva, o método de história oral permite a compreensão da identidade e da construção das narrativas desses sujeitos. Diante deste cenário, as histórias individuais nos mostram uma cultura, um meio social, um esquema de valores e ideologias, pois como membro de uma coletividade o sujeito encontra-se, constantemente, em interação com estas, fazendo parte de uma história coletiva (BARROS; LOPES, 2014) além do que, segundo as autoras, esse sujeito é cercado por histórias que lhes são contadas desde a infância, e assim, vai sendo formado por essas narrativas, ou seja, as narrativas ali expostas são reflexos de sua construção social.

Desta forma, é na construção das narrativas, no subjetivo, que se concentra o centro de interesse da história oral. Segundo Meihy (2005), toda narrativa é uma construção, elaboração, seleção de fatos e impressões, ou seja, um discurso em elaboração constante. Alberti (2005) reforça essa ideia quando afirma que a narrativa é o principal alicerce da história oral. Desta forma, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si. A narrativa nasce na memória e se integra na imaginação, que após articular estratégias narrativas, se materializa na representação verbal que pode ser transformada em fonte escrita (MEIHY, 2005, p. 61).

Meihy (2005, p. 107) compreende que a história oral possui algumas etapas, a saber: elaboração do projeto; gravação; confecção do documento escrito; eventual análise; e devolução do produto. Segundo o autor, na primeira etapa, que é o momento da elaboração do projeto, é importante definir os critérios que serão adotados na pesquisa, ou seja, nesta etapa devem ser definidas as características e procedimentos da pesquisa. Já na segunda etapa, é o momento da materialização do primeiro processo, ou seja, ocorre a gravação (MEIHY, 2005). Conforme o autor, na terceira etapa o documento escrito é confeccionado, ou seja, são realizadas as transcrições e por fim, chegamos na penúltima etapa, que diz respeito a análise das informações, para que assim seja possível adentrarmos na última etapa, que é o momento de conclusão do projeto. Nesta etapa, o retorno deve ser dado à sociedade que colaborou para com a pesquisa (MEIHY, 2005).

Nesse sentido, conforme orienta Alberti (2005) foi elaborado este projeto inicial, bem como um roteiro geral das entrevistas, com a sistematização dos dados levantados até o momento das entrevistas e articulação com as principais questões que impulsionam a pesquisa. De acordo com Ichikawa e Santos (2006) o roteiro elaborado deve ser temático, amplo e abrangente, para que possa ser utilizado em todas as entrevistas. No que diz respeito à coleta de dados, realizei entrevistas de história oral utilizando gravador, já com um roteiro em mãos, além de realizar observação no campo. Coletei também dados bibliográficos em artigos e teses, como informações acerca do perfil do trabalhador e do próprio trabalho do corte de cana. Além disso, adotei caderno e diário de campo. Com relação ao diário de campo, é importante ressaltar que é instrumento de essência etnográfica, e mesmo esse estudo não se tratando de uma pesquisa etnográfica, realizei anotação detalhada de todas as impressões e pensamentos acerca do campo a fim de obter maiores reflexões acerca do campo, pois conforme enfatiza Malinowski (1984) o registro do campo é importante para que não se perca detalhes que são essenciais, pois algumas peculiaridades impressionam enquanto são novidade e ao passar do tempo, passarão despercebidas, à medida que se tornam familiares.

Conforme afirma Cavedon (2014) o caderno de campo é diferente do diário de campo, pois consiste em um bloco ou caderno de anotações que será utilizado no campo, de maneira discreta para registro de alguma fala ou anotação importante e já o diário de campo, possui dados sigilosos como informações pessoais e reflexões profundas que deverão ser registradas em casa, após as entrevistas e mantidas em posse do pesquisador de forma sigilosa. Sendo assim, levei a campo um caderno de campo, onde anotei questões pontuais, como alguns detalhes que chamaram a atenção em determinados momentos. Durante as transcrições, o

caderno de campo foi importante, pois, o revisei e pude lembrar detalhes e algumas singularidades. Assim como o caderno de campo, o diário de campo também foi importante neste processo. Após a chegada do campo, já em casa, pude refletir sobre aquilo que vivenciei, além de levantar inquietações, e neste processo, o diário de campo foi utilizado para o registro de minhas reflexões.

Antes de falar sobre os entrevistados, é importante contextualizar este estudo. O estudo foi realizado com trabalhadores migrantes do corte de cana. Esses trabalhadores migram por intermédio de uma usina de cana de açúcar de determinada região, a qual lhe fornece moradia e alimentação durante a estadia. Para que esse estudo pudesse ser realizado, por conduta ética, conforme abordei na Introdução deste estudo, entrei em contato com essa empresa solicitando autorização para o estudo com seus trabalhadores. Posteriormente, o pedido foi formalizado e encaminhado para aprovação da empresa. Por motivos de sigilo, a empresa solicitou que não fossem divulgados dados, nem informações sobre a empresa e sendo isto acordado, a autorização foi concedida a mim. No que tange à escolha dos entrevistados, a mesma se deu após inserção no campo, que inicialmente ocorreu sob acompanhamento de um supervisor dos trabalhadores, responsável por admitir e trazer esses migrantes, para apresentação dos trabalhadores e locais de alojamento. Posteriormente, os entrevistados foram escolhidos.

A escolha dos entrevistados se deu de modo aleatório e de acordo com a disponibilidade dos trabalhadores, além do interesse em participar da pesquisa, considerando que as entrevistas não foram realizadas em horário de expediente; elas aconteceram em horário de descanso desses trabalhadores, ou seja, após o fim da jornada de trabalho ou em finais de semana, sendo que desta forma, a escolha foi inerente à disponibilidade dos mesmos para as entrevistas.

Posteriormente, realizei a transcrição de todas as entrevistas, a qual, segundo Meihy (2005), é a fase em que se transcrevem as entrevistas para o “papel”, sendo que todas as informações são de extrema responsabilidade do pesquisador. Nesta etapa, se dá um tratamento, com grifos nas palavras chaves, além da reorganização cronológica da entrevista, etc. (MEIHY, 2005). Ainda no que tange à transcrição, Meihy (2005) salienta que contempla duas etapas: textualização e transcrição. A textualização conforme Ichikawa e Santos (2006) é um estágio mais graduado na feitura de um texto de história oral e contempla a reorganização do discurso coletado, obedecendo sempre à estruturação requerida para um

texto escrito. Segundo as autoras, nesta etapa a voz do entrevistador é anulada e suas perguntas são suprimidas e então, o texto passa a ser do narrador. Na transcrição, o texto é recriado em sua plenitude, podendo ser refeito várias vezes de modo a legitimar o texto (MEIHY, 2005).

Assim, ao transcriar uma entrevista, segundo Joaquim (2016) o pesquisador pode suprimir o jogo de perguntas e respostas e propor apenas um texto. A autora ressalta que:

Para trazer para o texto a emoção, a atmosfera e o ritmo da fala na experiência do encontro, é preciso modificar e reordenar, permitir que determinada fala apareça [mesmo quando não dita] e remontar esta aura que permeia a narrativa de modo que o leitor também experimente essa narrativa (JOAQUIM, 2016, p. 6).

É importante ressaltar que durante todas as etapas que foram seguidas para a elaboração da história oral, onde a integridade das narrativas foi priorizada, pois conforme ressaltam Taylor e Bogdan (1998, p. 162) como regra geral, ao se fazer a história oral, não se deve “colocar palavras na boca das pessoas” ou simplesmente mudar o significado das palavras. Os autores ressaltam que é permitida a omissão de palavras ou frases repetitivas, entretanto deve-se adotar padrões característicos do perfil da fala, ou seja, deixar o sentido da frase o mais próximo possível do narrado, sem que frase perca o real sentido. Joaquim (2016) defende que para tentar manter no escrito uma maior proximidade com o que foi dito, é interessante uma ampliação da transcrição tradicional, o que leva em conta outros aspectos além da linguagem verbal, tais como os aspectos velados, não ditos e a também a linguagem não verbal.

Desta forma, após a gravação das entrevistas em aparelho celular, realizei a transcrição dos dados. Inicialmente, digitei todas as entrevistas no processador de textos *Microsoft Word*, e posteriormente, realizei a textualização e a transcrição, onde organizei cronologicamente as narrativas – uma vez que eles não me contaram suas histórias em uma sequência lógica -, e recriei o texto, permitindo também que o “não dito” e expressões visualizadas durante as entrevistas, também aparecessem. Ressalto que tentei preservar ao máximo a narrativa dos entrevistados, pois possuem expressões e maneira de falar características, que transmitem ao leitor as peculiaridades de sua origem.

No que tange à análise dos dados, Barros e Lopes (2014) defendem que na análise das histórias de vida, a pergunta que deve guiar o pesquisador é construída no sentido de como utilizar as histórias para fazer avançar a compreensão de uma realidade. Desta forma, as

narrativas não são vistas apenas como histórias pessoais, mas, também como pretexto para a compreensão de determinado objeto, situação, ou um universo social desconhecido.

As autoras ressaltam ainda que:

Embora a situação de pesquisa gire em torno das histórias dos sujeitos, o recorte analítico é que vai diferenciá-las, na medida em que ele poderá ser guiado por questões centradas sobre a pessoa, o trabalho, as escolhas teóricas e/ou militantes, os engajamentos, as participações, a experiência, a gestão, a formação, a saúde, a educação, etc., mediadas por conceitos e teorias que sustentarão as análises dialogando com a narrativa (BARROS; LOPES, 2014, p. 56).

É diante deste contexto que busquei realizar a análise, bem como solucionar os problemas de pesquisa a partir do referencial teórico construído, utilizando principalmente a perspectiva do cotidiano a partir de Michel de Certeau e a abordagem de território por meio de Claude Raffestin, aliado a análise das narrativas das histórias de vida coletadas, considerando sua importância para a história oral, e considerando ainda que segundo Meihy (2005) é na construção da narrativa, no subjetivo, que se situa o centro de interesse da história oral, de modo que toda narrativa é construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. Partindo deste pressuposto compreendo que é no cotidiano que são construídas as memórias dos migrantes, e por meio das histórias de vida é que foi possível realizar um recorte analítico das narrativas que possibilitaram a compreensão de sua territorialização no espaço vivenciado.

Desta forma, a análise foi realizada com o objetivo de responder ao meu problema de pesquisa, em que busquei compreender como ocorrem as práticas cotidianas de territorialização dos trabalhadores migrantes. Para tanto, após a apresentação das histórias de vida dos trabalhadores, realizei recorte analítico referente às práticas cotidianas dos trabalhadores, e, utilizei as teorias propostas para a análise das narrativas, dialogando a teoria com as narrativas.

Por fim, entendo que é de suma importância a devolução dos dados aos entrevistados, além do que, corresponde à última etapa da história oral, onde os dados retornam à sociedade. Entretanto, é necessário dizer que ainda não o fiz, pois, quando finalizei as entrevistas, os entrevistados já estavam indo embora e não consegui realizar a devolutiva em tempo hábil. Porém, no meu último contato com os trabalhadores, prometi que devolveria a eles as entrevistas, e assim pretendo fazer o mais breve possível. Desta forma, realizei gravação individual das histórias de vida em CDs e pretendo entregar aos trabalhadores quando

retornarem ao Paraná (em março ou abril). Àqueles que não vierem, enviarei nominal via correio.

5. CORTE DE CANA: POR DETRÁS DOS EPI'S

O título deste capítulo é proposital e intencional. Quando penso em cortadores de cana, a primeira imagem que vêm em minha mente são pessoas com roupas pesadas, botas com bico de ferro, caneleiras, luvas, óculos de proteção, touca, e outros tantos equipamentos, que são os chamados EPI's, ou seja, Equipamento de Proteção Individual, o qual todo trabalhador do corte de cana tem obrigação de utilizar durante o seu trabalho. Entretanto, minha intenção é mostrar que por trás de todos esses equipamentos existem seres humanos, sentimentos, sonhos, histórias e vidas. É nesse sentido que neste capítulo buscarei caracterizar o trabalho e os trabalhadores do corte de cana, para depois apresentar as histórias de vida dos trabalhadores migrantes do corte de cana por mim entrevistados e por fim, trarei uma discussão no intuito de entender como ocorreram e ocorrem as práticas cotidianas dos trabalhadores migrantes do corte de cana e como tais práticas são utilizadas na ressignificação de sua vida na atualidade, construindo assim, seus processos de territorialização.

5.1 O TRABALHO NO CORTE DE CANA MANUAL E OS TRABALHADORES

Poderia iniciar essa temática reproduzindo o que de fato é discursado em jornais e revistas do nosso País, que enaltecem a produção e comercialização de açúcar e álcool e silenciam a realidade do que é o trabalho e a vida precária daqueles que estão com o “facão” na mão e enfrentam a exaustiva jornada embaixo do sol. É nesse sentido, que minha intenção é mostrar o lado pouco exposto do trabalho no corte de cana e retratar quem são esses trabalhadores. Falaremos então do corte de cana manual, iniciando pelos trabalhadores.

Segundo Novaes (2009), o crescimento e a modernização da agroindústria fizeram com que as empresas passassem a contratar pessoas com perfis diferenciados, ou seja, pessoas disciplinadas e produtivas. Desta forma, chegou-se à conclusão de que ser migrante e jovem eram características diferenciadoras, quando se pretendia almejar tais requisitos, sendo assim, ser jovem e migrante tornaram-se atributos valorizados pelas usinas de cana de açúcar (NOVAES, 2009). Mas quem são essas pessoas?

De uma forma geral, grande parte desses trabalhadores é oriundo das áreas mais pobres do país, tais como o Nordeste, sobretudo Maranhão e Piauí, e o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais (SILVA, 2008). Desta forma, conforme a autora destacou, a maioria dos

trabalhadores migrantes são provenientes do Nordeste do País. A questão de gênero também está presente na seleção dos trabalhadores, de modo que os perfis dos trabalhadores migrantes são semelhantes, conforme relata Guanais (2012, p. 209): “na grande maioria dos casos, esses trabalhadores são do sexo masculino e jovens”. De acordo com Novaes (2009) pessoas com idade entre 18 e 29 anos, são as preferidas pelos empresários, por possuírem mais força física e capacidade produtiva, além disso, os empresários tendem a evitar a contratação de mulheres para o corte da cana, com exceção de quando são pressionados pelos sindicatos, os quais exigem a cota de 10% de mulheres por turmas de trabalhadores. Destarte, para a contratação dos trabalhadores para o corte manual, além da questão de sexo e idade, outros fatores também são levados em consideração. Segundo Novaes (2007), também são priorizados os critérios de habilidade, a destreza, a força e a resistência física, de forma que, uma vez que, a força física e a destreza são elementos que irão garantir o aumento da produtividade no manejo da cana de açúcar.

No início, me questionei sobre o que levava essas pessoas a submeterem-se ao trabalho precário que é o corte de cana e me deparei com algumas situações, na verdade, já previsíveis. Existem alguns fatores que são determinantes e que contribuem para a “escolha” deste tipo de trabalho. Neste caso, a palavra escolha soa com tom de ironia, uma vez que grande parte desses sujeitos não possuem estrutura, condição econômica e social e oportunidades, o que limitam o seu poder de escolha. Conforme Novaes (2009, p. 106), a maioria desses jovens:

São originários de famílias pobres que mantêm vínculos precários com a terra devido à baixa valorização dos produtos da roça, à redução da produtividade da terra em função do desmatamento e à própria valorização da terra em função dos novos investimentos em pecuária, soja e cana de açúcar em certas regiões nordestinas. A ruptura ou o reordenamento da relação dessas famílias camponesas com a terra traz imediatas consequências para esses jovens, como a necessidade da migração em busca de trabalho.

Assim, diante da luta pela sobrevivência e da necessidade de viver de seu trabalho, acompanhados de sonhos e expectativas, todos os anos, milhares de homens migram com destino às cidades em que irão trabalhar como cortadores de cana (GUANAIS, 2012). É desta forma, que a migração e o trabalho precário no corte de cana, tornam-se uma das poucas opções para a sobrevivência dessas pessoas.

No que tange ao processo de seleção e contratação desses trabalhadores, geralmente, é feita pelos “gatos”, ou seja, são as pessoas responsáveis pela contratação desses trabalhadores em suas regiões de origem, onde encontrando-se desempregados e sem meios de

sobrevivência em sua terra natal, os trabalhadores veem-se na obrigação a aceitar o trabalho no corte da cana nas diversas usinas do país (GUANAIS, 2012).

Os trabalhadores migram na entressafra da cana, que acontece entre os meses de março, ou abril, dependendo da região, se estendendo até o mês de dezembro, permanecendo, em média, de oito a dez meses nas cidades de destino e neste período, moram em alojamentos coletivos das usinas, pensões ou em casas alugadas (GUANAIS, 2012). Desta forma, o corte de cana manual é composto por trabalhadores com contratos indeterminados e temporários de trabalho e migrantes temporários sazonais com trabalhadores que se estabelecem na região por maior tempo (NOVAES, 2009).

Terminado o processo de seleção e contratação, os trabalhadores aguardam o dia de irem até a cidade de destino. Viajam durante dias de ônibus até chegar à nova cidade. De acordo com Guanais (2012), os trabalhadores que vão pela primeira vez, assustam-se com as diversas exigências do trabalho, com as condições de trabalho ruins e com os altos níveis de produtividade. A autora ressalta ainda, que muitas vezes os “gatos” dizem que o trabalho na usina é “moleza”, com o intuito de convencer as pessoas a migrarem para trabalhar como cortadores de cana.

No que concerne ao trabalho do corte de cana, resume-se em precário e desumano, ao passo em que exige um esforço físico extremo do trabalhador, sob condições precárias, começando pelas vestimentas, que são específicas para o trabalho no corte e obrigatórias por parte do trabalhador. Conforme Alves (2006) o trabalhador utiliza uma vestimenta que é composta por botina com biqueira de aço, perneiras de couro até o joelho, calças de brim, camisa de manga comprida com mangote de brim (capa protetora que reveste o braço), luvas de raspa de couro, lenço no rosto e pescoço e chapéu, ou boné. Tais itens são chamados de EPIs de uso obrigatório, que protegem o trabalhador de possíveis acidentes de trabalho.

Os cortadores de cana convivem com um desafio diário: a produtividade. Desafio, pois, de acordo com Silva (2008, p. 6):

Trata-se de uma atividade extremamente pesada e dilapidadora, uma vez que, para lograr um bom desempenho, a cana precisa ser cortada ao rés-do-chão, exigindo a total curvatura do corpo. Depois que o trabalhador abraça as canas, são necessários vários golpes de facão, seguidos dos cortes dos ponteiros que contêm pouca sacarose e que, por isso, não são levados para a moagem. Em seguida, as canas são lançadas em montes – leiras – e, novamente, o ciclo é recommçado. Além disso, quando as canas ainda estão com folhas, estas são retiradas pela perna esquerda do trabalhador, impondo-lhe mais um movimento.

Além de todo esse esforço demandado dos trabalhadores, é importante lembrar que estão sujeitos às condições climáticas, ou seja, o calor, sol, vento, etc. Conforme relata Silva (2008), os cortadores de cana trabalham enfrentando um calor excessivo, ao passo que a jornada de trabalho começa às 7h00min e pode se estender até as 17h00min. Além disso, não podemos nos esquecer da fuligem, que é aspirada no momento do corte, a má alimentação, e até mesmo a violência simbólica existente no contexto deste trabalho, no sentido de considerar fraco aquele que não consegue atingir a produtividade média que é exigida pela empresa, além da incerteza acerca de seu emprego (SILVA, 2008).

Novaes (2009) enfatiza que o corte de cana é um trabalho solitário. O salário recebido compreende a lógica do “quanto mais se corta, mais se ganha”, de modo que um trabalhador chega a cortar dez toneladas de cana/dia (NOVAES, 2007). O ganho do trabalhador é determinado pela metragem, peso e pelo tipo de cana que é cortada, sendo um cálculo difícil de ser entendido pelos trabalhadores do corte (NOVAES, 2009). Corroborando, Alves (2006) salienta que os cortadores de cana sabem quantos metros de cana conseguiram cortar no decorrer de um dia, entretanto, o valor do metro linear de cana não possui o valor fixado previamente, e desta forma, os trabalhadores não sabem o valor que cortou naquele dia. Segundo o autor, o valor do metro é definido apenas depois da pesagem da cana, ou seja, por mais que as medidas sejam iguais, o valor do metro é diferente do valor de outro metro de cana, por terem pesos distintos. Desta forma, o peso da cana pode variar em função de diversos fatores, tais como qualidade da cana no espaço cortado, fertilidade do solo, sombreamento, variedade da cana, etc. (ALVES, 2006). O autor salienta que desta forma, os trabalhadores não controlam a medida e nem o valor do seu trabalho, uma vez que ao final do dia, o encarregado, junto de um compasso com ponta de ferro, faz a medição do seu trabalho, de modo que algumas vezes não é permitido ao trabalhador acompanhar a medição, outras vezes a medição é realizada apenas depois que os trabalhadores saíram do eito.

Tal situação é complexa, pois não permite ao trabalhador que tenha certeza se aquilo que recebeu, realmente é o que produziu, ou vice-versa, pois como ressalta Novaes (2009) existe sempre a suspeita de roubo nas medições, entretanto, a reclamação por parte do trabalhador pode resultar em penalidades tais como advertência, “ganchos” e demissões, o que coage o trabalhador no que tange aos questionamentos.

Outro ponto a ser destacado no trabalho com corte de cana é que, pelo fato de a lógica do trabalho ser, “quanto mais se produz, mais se ganha”, acaba sendo fácil para as empresas

destacarem os que possuem menos produtividade em comparação com os demais. De acordo com Guanais (2012) essa seleção por produtividade é realizada pelas usinas, que mantêm em seu quadro os funcionários mais produtivos e demitem aqueles que não conseguem atingir os altos índices de produtividade. Desta forma, os trabalhadores convivem com uma grande incerteza, pois não sabem se vão continuar no trabalho por conta da sua produtividade ou não. Além disso, por desconhecem ao certo a quantidade de cana que corta por dia, se empenhando mais do que o suportável para cortar ainda maiores quantidades, podendo vir a se machucar ou a se lesionar gravemente (GUANAIS, 2012).

Chegamos em um dos pontos principais dessa sessão. Conforme abordado nos parágrafos anteriores, o trabalho no corte de cana é precário, e exige trabalhadores com habilidades e destreza, em virtude dos movimentos repetitivos e sequenciais que exigem grande esforço físico sob um contexto desumano. Entretanto, esta realidade acarreta em graves danos para a saúde desses trabalhadores. Segundo Novaes (2007), os movimentos repetitivos e sequenciais favorecem o aparecimento de inúmeras doenças do trabalho, tais como dores no corpo, tendinites, bursites e problemas de coluna, além do aparecimento comum de câibras. De acordo com Alves (2006), todo esse gasto de energia sob o sol, com a roupa pesada, faz com que os trabalhadores suem excessivamente e percam muita água juntamente com sais minerais, levando a desidratação, que ocasiona as câibras. As câibras se iniciam geralmente pelas mãos e pés, avançando pelas pernas e tórax e são chamadas pelos trabalhadores de “birola”, podendo provocar fortes dores e até convulsão (ALVES, 2006). A câibra ocorre no período de maior cansaço do trabalhador, geralmente à tarde e a cada minuto que passa, ela vai aumentando e caso tenha demora no atendimento, o trabalhador pode morrer (NOVAES, 2007).

Em sua tese de doutorado, Verçosa (2016) estuda as condições de trabalho na agroindústria canavieira alagoana e seus reflexos sobre a saúde dos trabalhadores, e por meio de estudos sociológicos e instrumentos da área da saúde, confirma a hipótese, de que o trabalho no corte de cana além de gerar adoecimento entre os trabalhadores, pode levar à morte. Além disso, “em decorrência da intensidade do trabalho, das extensas jornadas laborais e das precárias condições de vida, muitos trabalhadores desenvolvem problemas de saúde que os impossibilitam de continuar trabalhando, ainda na flor da idade” (VERÇOSA, 2016, p. 173). Desta forma, muitos trabalhadores ainda jovens, passam a ter a saúde comprometida em virtude do trabalho no corte de cana, ficando impossibilitados de trabalhar, e correndo ainda, sérios riscos de morte. Isso, justifica-se no parágrafo trecho seguinte, pois:

Só interessa ao capital agroindustrial canavieiro desgastar prematuramente a força de trabalho porque o mercado para o corte da cana está repleto de trabalhadores jovens. Dessa forma, a rápida e barata reposição da força de trabalho está garantida e o trabalho degradante pode ser prolongado no tempo e no espaço (VERÇOSA, 2016, p. 173).

Diante deste cenário de precarização do trabalho, do homem e da própria vida, as usinas se calam e silenciam a crueldade existente no cotidiano dos trabalhadores do corte de cana. Na verdade, o interesse de quem está do outro lado (empresários), é apenas o resultado do processo, ou seja, o “fim”, não se incomodando pela precarização e desumanização existente nos “meios”, uma vez que a “mão de obra” para tal é encontrada de maneira rápida e barata, conforme afirmou Verçosa (2016).

Iludidos por uma “vida melhor”, esses homens, em sua maioria nordestinos, todos os anos se submetem a essa degradação da vida, assumem os riscos à saúde e à sua própria existência, travando uma incansável luta pela sobrevivência, movidos pela vontade de simplesmente “ser alguém” na vida. Nesse sentido, não há como julgar aqueles que pouco tiveram oportunidade de escolha, à medida que cresceram e se desenvolveram em um contexto com o mínimo de estrutura possível, e sim, há a necessidade de entendê-los. Para esses trabalhadores, a migração não é um fim, mas um começo. É uma forma de enfrentar a realidade e de alguma forma resistir diante das dificuldades, falta de oportunidade, adversidades, entre tantas outras situações e dizer sim para suas vontades, sonhos e desejos.

Assim, antes de dar sequência a este estudo, é necessário compreender as “raízes” do problema, ou seja, os “porquês” da falta de oportunidades, da pobreza e pouca estrutura que levam e levaram tantos trabalhadores à migração. Nesse sentido, como a maioria dos trabalhadores do corte de cana são oriundos do Nordeste, assim como os trabalhadores que foram entrevistados do Paraná, realizarei na próxima sessão uma abordagem sobre tal região.

5.2 NORDESTE: O HOMEM QUE O HABITA, FATORES HISTÓRICOS E SOCIAIS

“A palavra “nordeste” é hoje uma palavra desfigurada (...) e quase não sugere, senão as secas. Os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés (...). Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos” (FREYRE, 2010, p. 45). Início esta sessão com este trecho do livro “*Nordeste*” de Gilberto Freyre, que nos mostra uma representação social que geralmente alguns possuem do “Nordeste” ou da região nordestina, que condiz ao que não deixa de ser

um pouco da realidade desta região, apesar de toda beleza e riqueza histórica e típica. Nesta seção, irei explorar um pouco da história da região e do homem nordestino, tal qual faz parte do itinerário deste estudo.

De fato, o início de tudo se deu com a colonização portuguesa, logo após 1500. Com a chegada dos portugueses, o Nordeste era cenário de exploração de riquezas brasileiras, como o pau brasil, que era exportado e comercializado na Europa. Paralelo a tal exploração, devido ao interesse pelo lucro, o açúcar começou a ser cultivado pelos colonizadores no Brasil. Segundo Andrade (1986), por conta do clima brasileiro e pela quantidade de terras, os portugueses iniciaram o cultivo da cana de açúcar, no litoral nordestino. A partir de então, as áreas que eram mais férteis, espaço que compreende hoje parte dos estados do Ceará à Bahia, perderam extensas florestas e deram espaço aos campos de cana de açúcar, a instalação dos engenhos, a casa grande, a capela e a senzala (BERNARDES, 2007).

De acordo com Andrade (1986), a partir de 1542 os índios e negros foram inseridos no Nordeste, em decorrência do engenho de açúcar. Segundo o autor, nesta época existia intensa exploração indígena, paralelo à importação de africanos para o Brasil, e com isso a escravidão negra e indígena. Como justificativa à vinda de africanos, o autor ressalta que o africano oferecia maior qualidade servil do que o índio, o que oferecia maior possibilidade de lucro.

Em 1630, houve a invasão dos holandeses no Brasil, os quais se mantiveram em luta por vários anos, provocando grande destruição nas capitânicas nordestinas (ANDRADE, 1986). O autor ressalta que os holandeses chegaram em nosso território já conhecendo as possibilidades de lucro, e se deparando com latifúndio, monocultura e escravidão. A partir de então, houve um período de lutas, e que segundo Bernardes (2007) todo o período de lutas com o objetivo de expulsar o invasor, acarretaram em formas de solidariedade, de manifestações de interesse e de identidades.

Entretanto, a realidade escravista ainda fazia parte do contexto brasileiro e os escravos perante cruéis e desumanas condições, continuavam a sustentar boa parte da economia da região e conforme Andrade (1986, p. 95) “vivendo como verdadeiros animais em senzalas infectadas, mal alimentados, sem direitos e sem conforto, foram os escravos por mais de três séculos o sustentáculo da economia açucareira nordestina”. De uma maneira geral, de acordo com Bernardes (2007) é possível afirmar que em todo período colonial a construção do Nordeste está permeada sob dois aspectos: a formação de uma elite de proprietários, militares, letrados, altos funcionários, clérigos, comerciantes que possuem laços de parentesco ou de

interesse que ultrapassam as fronteiras das respectivas capitanias e que elaboram uma identidade comum, aos poucos, distinta da identidade do colonizador. Em paralelo, acontecia a formação de um território, tendo como base um espaço geográfico, sobretudo a implantação de estruturas administrativas, de uma base produtiva voltada para a exportação de produtos primários, a grande propriedade e a escravidão (BERNARDES, 2007). Entretanto, é importante destacar, que segundo o autor, ao lado dessa economia exportadora e das relações sociais escravistas, desenvolveu-se uma categoria de pequenos e médios proprietários, de arrendatários, de trabalhadores livres, que podiam encontrar-se em conflito com a grande propriedade, ou com ela coexistir de uma forma complementar.

Já o século XIX (a partir de 1801 até 1900), foi um período de grandes transformações políticas, econômicas e sociais, e neste período os engenhos sofreram diversas inovações, que melhoraram a técnica agrícola e os processos industriais, além disso, a cana de açúcar ganhou um concorrente – o algodão (ANDRADE, 1986). Segundo o autor, neste período, ocorreram as lutas emancipatórias em Pernambuco de modo que a população nordestina se espalhou por todo o território nordestino, desbravando-o e povoando-o, além disso, ocorreu em 1822, um dos principais acontecimentos da história do país, a independência do Brasil e em 13 de Maio de 1888, foi decretada a Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no País. A partir de então, aconteceram grandes mudanças:

No que se refere à formação da região Nordeste está nas descrições e análises sobre a questão da mão-de-obra, que constitui o elemento explicativo central da diferenciação regional. O que há de específico na formação social do Nordeste, além de todos os elementos já apontados anteriormente, diz respeito ao modo pelo qual foi feita a transição do trabalho escravo para o trabalho livre (BERNARDES, 2007).

De acordo com Bernardes (2007), no Nordeste, o processo de substituição da mão-de-obra escrava foi facilitado pela existência de um grande contingente de pequenos e médios proprietários, especialmente no agreste e, em menor escala, no sertão, além de uma massa de trabalhadores livres que ainda escapavam da submissão ao trabalho na lavoura. Em decorrência de todo esse contexto, a região tem passado por dificuldades. Entretanto, tal decadência é resultado de um processo secular (FURTADO, 2005). De acordo com o autor, a causa da decadência da região nordestina está na incapacidade do sistema para superar as formas de produção e utilização dos recursos estruturados na época colonial, além da monocultura.

É nesse sentido que a formação histórica e social do Nordeste possuiu grande influência da monocultura e escravidão, de modo que até os dias de hoje tal história permeia a vida daqueles oriundos da região nordestina:

A monocultura, a escravidão, o latifúndio – mas principalmente a monocultura – aqui é que abriram na vida, na paisagem e no caráter da gente as feridas mais profundas. O perfil da região é o perfil de uma paisagem enobrecida pela capela, pelo cruzeiro, pela casa-grande, pelo cavalo de raça, pelo barco a vela, pela palmeira-imperial, mas deformada, ao mesmo tempo, pela monocultura latifundiária e escravocrática; esterilizada por ela em algumas de suas fontes de vida e de alimentação mais valiosa e mais puras; devastada nas suas matas; degradada nas suas águas (FREYRE, 2010, p. 38).

Conforme evidenciei nos parágrafos anteriores, com relação ao seu contexto histórico, o Nordeste foi marcado não só por períodos difíceis, exploração, sofrimento, mas também por lutas de um povo guerreiro e conquistas importantíssimas para a história do Nordeste e do país. Como resultado, possui miscigenação de etnias que abrange em sua maioria o indígena e o africano. Além disso, alguns aspectos também deixaram “marcas” no que tange a fatores econômicos da região:

Determinados aspectos deixaram, sem dúvida, marcas profundas na economia regional, os quais tiveram – e alguns ainda têm – influência marcante na sua evolução: a grande difusão do trabalho escravo, até o final do século passado e o longo processo de transição para o trabalho livre; a grande capacidade da economia regional de reter populações e absorver contingentes significativos de força de trabalho; o poder de barganha dos empregadores resultante da presença de mão-de-obra abundante (reservatório de mão-de-obra, usando a expressão de alguns estudiosos) que possibilitou, na história da região, a fixação de níveis de remuneração extremamente baixos, simultaneamente a condições de trabalho espoliativas; as dificuldades de acesso à terra e a presença marcante do latifúndio que sempre garantiu ao grande proprietário, no contexto de relativo excedente de população, enorme capacidade de definir relações de exploração de força de trabalho que, no fundo, implicam a expropriação de parte significativa do excedente obtido pelo produtor direto (...) (BERNARDES, 2007, p. 50)

Até hoje, a economia nordestina tem passado por transformações, sobretudo em decorrência do aporte de capitais público e privado externo ao Nordeste, que possibilitaram o surgimento e a consolidação de áreas dinâmicas, dos complexos ou pólos industriais e dos pólos agroindustriais, que culminou em maior heterogeneidade da economia regional, e especializações que passaram a influenciar na dinâmica da economia nordestina (BERNARDES, 2007). Segundo o autor, houve modernização em parte da indústria, porém, a estrutura da propriedade continuou estagnada, fazendo com que houvesse maior concentração de cana sobre as terras ocupadas por posseiros e arrendatários. Tal situação, criou um proletariado e inchou as periferias das cidades próximas. Desta forma, podemos dizer que o Nordeste é dividido entre aqueles que são donos de grandes propriedades e empresas, os quais

possuem influência política na região e aqueles que necessitam do trabalho para a manutenção da família, sendo que, grande parte depende da pequena produção agrícola, o que contribui para o aumento da heterogeneidade e de desigualdades.

Atualmente, a pequena produção tem passado por momentos de expansão e retração (NOVAES, 2009), onde a cana de açúcar continua sendo uma das principais culturas da região. Desta forma, o trabalho com a cana de açúcar tem sido uma forma complementar de sobrevivência de famílias pobres que cultivam terras próprias ou arrendadas (NOVAES, 2009). O autor ressalta que nos últimos anos essas famílias pobres foram também prejudicadas por projetos de pecuária e lavoura de grande valor comercial, que reduzem os postos de trabalho para a população local, que contribui para o aumento do preço e maior especulação da terra, fazendo com que exista uma reordenação das relações de produção, acarretando na expulsão de milhares de famílias do campo para a cidade.

Desta forma, essas famílias se alojaram na periferia das cidades, passando a sobreviver graças a trabalhos esporádicos de empreitadas e contam com a rede de proteção social do governo federal, tais como “Bolsa Família” e aposentadorias (NOVAES, 2009). Diante deste cenário, Bernardes (2007) fala de um “novo Nordeste”, onde os efeitos de seus resultados possuem duas perspectivas distintas. Segundo o autor, existe a perspectiva dos novos empreendimentos industriais, complexos turísticos, a moderna agricultura irrigada; e a perspectiva da expansão de uma miséria que está exposta em todos os aglomerados urbanos da região, uma “favelização” geral, que atinge das cidades maiores às menores.

Diante do que foi exposto, para fins contextuais, é possível conhecer um pouco da história da região nordestina de um modo geral desde o período colonial, além do cenário vivenciado pelo homem nordestino. Dito isto, reconheço que tal assunto é complexo e que para um estudo amplo, seria necessária a abordagem de outros aspectos que permeiam a região e a história do Nordeste, entretanto, tal aprofundamento não é minha intenção, em virtude de que o assunto não é o foco deste estudo. Portanto, finalizo a seção e na sequência, iniciarei a apresentação dos detalhes de minha experiência em campo e a história de vida de sete homens nordestinos migrantes, trabalhadores do corte de cana.

6. MEUS PRIMEIROS CONTATOS COM O CAMPO

Há algum tempo, a ansiedade tomava conta de mim. Li algumas reportagens e artigos que falavam sobre os migrantes nordestinos e ficava imaginando em minha mente como seria o meu primeiro contato. Após minha qualificação, entrei em contato com o supervisor administrativo da usina, a pessoa com quem tive o primeiro contato e a quem enviei a solicitação de autorização para realização da minha pesquisa, que por motivo de sigilo, não identificarei e aqui, o colocarei como “supervisor”.

Na minha primeira ligação à empresa, não obtive sucesso, pois a telefonista me disse que o supervisor estava em uma audiência em outra cidade. Sendo assim, tive que ligar no outro dia para tentar um segundo contato. Nas primeiras horas da manhã (era cerca de 7h30min) tentei contato novamente e para minha felicidade, consegui falar com o supervisor, o qual me atendeu de forma receptiva e se prontificou a ajudar. Questionei sobre a data de volta dos migrantes, pois Fábio, meu namorado que também trabalha nesta empresa, havia me dito que eles iriam embora em novembro, o que me deixou um pouco preocupada por conta do curto período para as entrevistas. O supervisor me disse que poderia ficar tranquila com relação ao prazo, pois eles iriam embora apenas em dezembro, e que eu poderia visita-los quantas vezes fosse necessário. Como não poderia entrevista-los em horário de trabalho, o supervisor me deu duas opções: ir durante a semana após o horário de trabalho dos migrantes, ou no final de semana. Como a usina fica um pouco longe de minha cidade, decidi ir no sábado, pois teria mais tempo e não teria que voltar pra casa à noite, uma vez que essas estradas são muito perigosas.

O supervisor me disse que os “alagoanos” (termo utilizado por ele quando se dirigia aos migrantes) também trabalhavam aos sábados, mas que após as 15h30min já estariam em seus alojamentos. No momento em que me disse isso, questionei se todos eram de Alagoas, e ele me respondeu que sim, que esses migrantes são todos de uma determinada região do estado de Alagoas e que eles estavam acostumados em chama-los assim. Assim, revelou-se um pouco a identidade dos entrevistados. Perguntei se havia como alguém me acompanhar, pois não conhecia a cidade e me sentia um pouco insegura em ir sozinha na primeira visita, sem alguém para me apresentar aos trabalhadores, afinal, não me conheciam e eu também não conhecia ninguém daquele grupo de trabalhadores e era necessária minha inserção no campo. O supervisor se prontificou e disse que gostaria de me acompanhar, mas que talvez, não fosse possível por conta de um compromisso. Sendo assim, me passou o telefone de uma pessoa

que chamou de “encarregado” e pediu para que eu ligasse e agendasse com ele em todo caso. Me disse que o encarregado conhecia bem todos os alagoanos e que, inclusive, também era um. Logo, percebi que esse encarregado era uma pessoa que liderava os migrantes não apenas no local de trabalho, mas também fora dele, quando o supervisor relatou que ele também morava nos alojamentos e que “tomava conta” dos alagoanos na cidade. Após ouvir isso, me interessei em conhecer a história desse encarregado, afinal, também era um migrante, e com mais responsabilidades naquele momento.

No dia seguinte, entrei em contato com o encarregado, que chamarei de Francisco, para a preservação de sua identidade. Percebi em sua voz, uma pessoa muito simples, pela colocação das palavras e que possuía alguma disfunção na dicção, pois não conseguia entender com clareza sua fala, junto ao sotaque típico nordestino. Ao mesmo tempo, senti que era uma pessoa disposta a ajudar no que fosse preciso e mostrando total prontidão, Francisco me deixou muito à vontade e se dispôs a acompanhar e a direcionar-me aos migrantes, oferecendo sua casa para as entrevistas.

Sendo assim, agendei uma visita para o sábado mais próximo, dia 01/10. Francisco me explicou que mesmo sendo sábado, os “meninos”, termo utilizado por ele para se referir aos migrantes, também trabalhavam, entretanto, disse que após as 15h30min eu poderia ir que estariam à disposição. Com sua fala, identifiquei um tratamento paternalista de Francisco para com os migrantes, pela forma como se dirigia a eles, chamando-os de “meninos”. Por fim, deixei agendado para as 16h00min, no sábado dia 01/10.

Durante a semana, convidei o Fábio para que fosse comigo, uma vez que já conhecia o trajeto até a cidade, e assim, sobraria mais tempo para minhas observações e reflexões pré e pós campo. Além disso, confesso um pouco de insegurança com relação à minha recepção, pois haviam me dito que os “alagoanos” gostavam de beber em suas horas livres, e que, inclusive, se alcoolizavam com muita frequência, o que me deixou apreensiva. Tudo certo e agendado. Era hora de ir para o campo e ter o meu primeiro contato com o cotidiano dos migrantes.

6.1 SÁBADO, 01 DE OUTUBRO DE 2016 – PRIMEIRO DIA DE CAMPO

O dia amanheceu ensolarado, era 01 de outubro de 2016, o dia em que eu iniciaria então, a coleta de dados. Dei uma olhada no mapa na internet, para ver o tempo gasto até a cidade em que os migrantes se alojavam enquanto lia algumas coisas sobre o estado de Alagoas. Bom, vi também que teria que percorrer cerca de 60 Km até a cidade de destino, o que dá aproximadamente 1 hora de viagem. Estava ansiosa para este primeiro contato.

Coloquei meu celular pra carregar, afinal, seria utilizado para gravar as entrevistas. Me certifiquei também de que teria um segundo aparelho com a opção de gravação, com carga, caso o meu desse algum tipo de problema. Reservei um caderno e caneta para as anotações no campo. Na sequência, liguei para Francisco⁸, confirmando nossa ida até sua cidade (eu e Fábio). Estava tudo certo! Não queria chamar a atenção, então, me vesti com trajes simples (camiseta, jeans e tênis). Enquanto escrevo isso, me pergunto se não estou tendo preconceito comigo mesma, pelo fato de ser mulher, mas, de fato isso se passou pela minha cabeça e embora não pareça importante essa narração, escolhi detalhar tudo o que se passou para que você, leitor, compreenda o máximo possível essa experiência.

Era cerca de 14h00min da tarde, quando saímos de Terra Boa. Pedi para que Fábio fosse dirigindo, pois queria aproveitar para observar e refletir durante o trajeto. Revisei meu roteiro de entrevista e embora parecesse grande, não iria realizar todas as questões, pois as mesmas eram apenas para me dar um “norte” durante o processo. Neste momento, se passaram mil coisas pela minha cabeça e preocupada com o meu primeiro contato com os migrantes, me perguntava: será que vão ser receptivos? Como vão reagir às perguntas? Mas percebi que não era necessário essa minha ansiedade naquele momento e então, me propus a aproveitar a viagem e observar aquilo que o cotidiano me oferecia.

Chegando às proximidades da cidade dos migrantes, percebi que era muito comum plantações de cana, ou seja, a existência de canaviais. Caminhões enormes passavam a todo tempo carregados de cana de açúcar. Fato comum, pela região ter três grandes usinas e por ser época de safra. Além disso, reparei que com frequência apareciam placas de sinalização, o que demonstra o grande fluxo de atividades canavieiras naquela região.

⁸ Nome fictício empregado ao líder dos trabalhadores. Todos os nomes dos entrevistados são fictícios.

Figura 2 - Placas de sinalização em região de canaviais



Fonte: a autora

Além de placas como a da figura acima, outros tipos de sinalizações como luzes e cones, também são muito comuns nesta região, na verdade, existem tantas sinalizações relacionadas ao cultivo de cana, que ao adentrar na cidade parecia que eu estava chegando em uma grande usina de cana de açúcar.

Ao chegar na cidade, cerca de 15:30 horas, a primeira impressão que tive foi de que era uma cidade pacata, qualidade típica de cidade pequena. Não haviam muitos carros nem pessoas circulando por ali, entretanto, era visível algumas aglomerações de pessoas em determinados pontos, como em bares, mercado e na praça central do município. O ritmo parecia ser bem calmo, havia cachorros deitados tranquilamente no meio da avenida, sinal de pouco movimento e enquanto passávamos, as pessoas nos olhavam atentamente como se dissessem: quem são essas pessoas estranhas? Foi a impressão que tive, mas, não é de se estranhar pois penso que todos ali devem se conhecer. A cidade é claramente dividida em duas estruturas: comércio e bairro. Na entrada da cidade encontram-se grande parte do comércio e escolas, além de algumas praças. Passando esse trecho, já é possível visualizar os bairros. Nos bairros, haviam pessoas sentadas em cadeiras na calçada, aproveitando a sombra

do sábado ensolarado. Crianças andavam de bicicleta e pareciam não se importar com os automóveis que cruzavam as ruas. Aparentemente bem limpa e cuidada, a cidade possui ruas estreitas e asfaltadas, mas, nem todas são assim. Na verdade, a desigualdade com relação à estrutura e dos bairros é muito clara, percebi isso quando cheguei no bairro onde se localiza om os alojamentos dos migrantes.

Chegando no bairro onde moram os migrantes, lugar afastado e até mesmo um pouco isolado, percebi que as ruas ainda não eram asfaltadas, entretanto, possuíam postes de iluminação. As casas fazem frente e fundo com uma mata e destoam do restante da cidade, uma vez que são as únicas casas localizadas em estradas de terra dentro da cidade. Todas iguais, as famosas “casinhas da usina”, modo como são chamadas pelos moradores da cidade, possuem estrutura pequena e foram pintadas em tons pasteis. Os muros são baixos, o que possibilita maior visibilidade e menos privacidade aos moradores. O que me chamou a atenção chegando no bairro, é que alguns moradores possuem automóveis em suas garagem. Digo que chamou a atenção pelo fato de que o trabalho em questão é um trabalho temporário, ou seja, esses trabalhadores retornarão para suas cidades em alguns meses, o que dispensaria talvez a necessidade de um automóvel neste período, uma vez que vêm todos juntos de ônibus e retornam da mesma maneira.

Figura 3- Bairro dos alojamentos visto de frente



Fonte: a autora

Figura 4 - Visão lateral do bairro dos alojamentos



Fonte: a autora

Adentrei o bairro dos alojamentos e algo me chamou a atenção. Grande parte das casas estavam com as janelas e portas fechadas, parecia até que não havia ninguém naquelas casas, em outras, cheguei a pensar que não morava ninguém, mas reparei que havia objetos pessoais nos quintais e em alguns varais havia roupas, sinal de que há sim morador(es) ali. Havia um silêncio misterioso naquele bairro. Logo, um pouco mais à frente, vi algumas mulheres lavando a varanda e algumas pessoas deitadas em redes em suas casas. Na verdade, percebi que grande parte dos alojamentos possuem rede. Observei que o “quintal”, além da rua, também era chão de terra, havia apenas concreto na garagem e em volta das casas. A maioria dos quintais possuía uma horta, com pequenas plantações de ervas e hortaliças, como salsinha e cebolinha, além de um pequeno pé de fruta, acredito ser um pé de manga.

A estrutura do bairro era aparentemente precária, mas as casas e ruas pareciam bem cuidadas. Não havia entulhos nem lixos na rua e nem nos arredores das casas, o que demonstra organização por parte dos moradores. Ao que parecia, as casas eram muito pequenas, pelo tamanho acredito que tenham poucos cômodos, imagino que seja dois quartos, cozinha, e banheiro. Em algumas casas, era possível visualizar que possuíam antenas de TV a cabo, o que demonstra que alguns moradores possuem seus alojamentos equipados com televisão.

Figura 5 - Visão interna do alojamento



Fonte: A autora

Enquanto procurava o alojamento de Francisco, pois combinei que iria encontra-lo lá, percebi que as pessoas começaram simplesmente a “aparecer”. Apareceram pessoas em diversos lugares. Olhei para trás e vi que tinha um homem na janela, o qual ficou me olhando com cara de quem tentava entender quem éramos nós. Tinha outro rapaz me olhando “por cima” do muro, e outros tantos nas portas. A senhora que lavava a calçada parou de fazer o que estava fazendo, disfarçou e foi até o marido que estava na rede, penso eu que para perguntar: Quem são eles? Então, comecei a perceber que os moradores dali estavam curiosos com nossa presença, naquele bairro.

Comecei a ver uma movimentação de pessoas em um alojamento na quadra seguinte. Era uma casa azul de esquina, e havia um nome escrito em letra grande e um número de telefone “Francisco xxxx-xxxx”, coisa que não havia em nenhum outro alojamento. Bem, chegava então em meu destino. Em menos de dois minutos, a rua estava com grande movimento de pessoas e me perguntava: De onde saiu tanta gente em tão pouco tempo? Alguns ainda estavam com equipamentos de segurança, e visivelmente sujos por conta do trabalho no corte de cana, deviam ter chegado há pouco tempo do trabalho. Vi que tinha um ônibus na rua ao lado da casa de Francisco, era o ônibus que transporta esses trabalhadores. Bati palmas e chamei pelo Francisco que saiu logo no portão para me atender. Senhor de aparência sofrida, pele queimada do sol e vestimentas simples, Francisco me recebeu com

muita hospitalidade. Me apresentei a ele e me convidou para que entrasse em sua residência, onde pude explicar melhor sobre meu trabalho. Questionei sobre as mulheres que havia visto nas casas vizinhas e disse que moram pessoas ali com suas famílias, inclusive me disse que a família dele também estava lá. Fez questão de me apresentar sua esposa e suas duas filhas e em uma conversa informal me contou um pouco sobre o bairro. Me disse que aquelas casas são todas da usina e que para algumas pessoas (estratégicas) a empresa “dá” a casa e assim, a pessoa pode trazer a família e ali morar por um bom tempo. Como Francisco era o encarregado, ou seja, uma função estratégica para aquela situação, a empresa autorizou que trouxesse sua a família.

Naquele momento, algo me chamou a atenção. Surgiram vários homens, a maioria sem camisa e descalços, alguns começaram a subir no muro da casa de Francisco, outros entraram pelo portão e ficaram bem próximos de nós e ele dizia a todo tempo: “Fulano, essa menina tá fazendo um trabalho da faculdade, veio fazer entrevista”. Enquanto todos me olhavam com curiosidade, fiquei sem entender o que estava acontecendo, sua casa parecia ser um espaço público, e eu tentava captar os sinais que o cotidiano me oferecia. Rapidamente, os trabalhadores começaram a sentar-se na frente da casa de Francisco e pareciam aguardar alguma coisa. Enquanto isso, algumas pessoas chamavam pelo Francisco no fundo de sua residência. Tinha uma venda ali! Isso mesmo, era um tipo de minimercado com diversos condimentos, alimentos e produtos diversos. Francisco fez um “puxado” em sua residência e montou naquele espaço um ponto de venda! Era evidente que Francisco era o líder daqueles homens (eram todos homens) não só durante o expediente, mas também fora dele. Havia um grande respeito implícito entre aqueles homens para com Francisco.

Alguns minutos se passaram e sua filha apareceu com vários pedaços de papéis e iniciou uma chamada, onde entregava o papel para a pessoa que chamava. Era algum tipo de controle de presença. Alguns homens receberam o papel e saíram, enquanto outros voltaram a se sentar. Segundo Francisco, eles estavam esperando para fazer a entrevista. Então, pedi a ele um local reservado para que pudesse conversar à vontade com o entrevistado e então, me acomodou em um sofá no fundo de sua residência. Fui até o local em que os migrantes estavam sentados, me apresentei e falei sobre meu trabalho. Perguntei quem teria interesse em participar e então, poucos homens se manifestaram. Iniciei então, a primeira entrevista do dia. Neste dia, pude entrevistar cinco migrantes, todos homens, alagoanos, cortadores de cana, com exceção de Francisco que atua como líder dos trabalhadores.

Já era cerca de 18h30min e eu acabara de finalizar meu primeiro dia de campo. Comigo levava o sentimento de missão cumprida e ao mesmo tempo, a sensação de que faltava mais coisas a serem desveladas. Percebi que por não me conhecerem, ficaram com um pouco de receio em me contar mais de suas vidas, mas, ao mesmo tempo sabia que era preciso ter calma e paciência, pois eles nunca haviam me visto antes. Entretanto, era apenas o primeiro dia de campo. Ao sair de lá, agradei e já deixei pré-agendada uma segunda visita.

6.2 SÁBADO, 29 DE OUTUBRO DE 2016 – SOL, TRABALHO E EVIDÊNCIAS DE UM TRABALHO PRECÁRIO

Sábado à tarde e o sol estava “estralando”. Liguei para Francisco um pouco depois do meio dia, confirmando minha visita aos migrantes. Disse-me que estava tudo certo e que os “meninos” ainda estavam trabalhando naquele momento. Combinei de ir perto das 16h00min, pois assim, já teriam chegado e descansado um pouco antes da entrevista. Pensei em como deve ser sofrido para esses trabalhadores, enfrentar de segunda a sexta o trabalho árduo, e ainda ter que trabalhar aos sábados e o pior, com aquele sol! Estava muito calor, e penso que isso é no mínimo, desumano. Arrumei minhas coisas, me certifiquei de que havia bateria o suficiente em meu aparelho celular para realizar todas as gravações, afinal, não poderia ficar à mercê. Assim, fomos (eu e Fábio) para o segundo dia de campo.

Neste dia, chegando no bairro dos migrantes, senti que a curiosidade dos mesmos já não era tão grande quanto no primeiro dia. Chegamos perto das 16h00min e logo procurei por Francisco. Como sempre, foi receptivo e disse que poderia ficar à vontade em sua casa enquanto chamava os “meninos”. A escolha dos entrevistados se deu pela disponibilidade dos mesmos. Três homens, também alagoanos quiseram participar das entrevistas neste dia, além de Francisco que teve sua segunda entrevista. As entrevistas aconteceram em um lugar reservado, para que os entrevistados se sentissem à vontade de falar sobre suas vidas.

Durante minhas entrevistas, um fato me chamou a atenção. Um rapaz com cerca de 25 anos de idade, alto, magro, negro, chegou sem camiseta na casa de Francisco pedindo por socorro. Estava passando mal em decorrência do trabalho penoso. Era um sinal para confirmar aquilo que eu já sabia: o trabalho com a cana é extremamente precário e prejudicial à vida e à saúde dos trabalhadores. Rapidamente, Francisco o colocou dentro de seu carro e dizia que iria leva-lo ao hospital. Pela reação das pessoas que ali estavam, parecia ser algo comum de

acontecer. Fiquei comovida com a cena e tudo aquilo serviu para comprovar como o trabalho com o corte de cana é precário e reflete em danos para a saúde do trabalhador. Além disso, fiquei surpresa com a reação dos colegas de trabalho, por parecer ser algo normal, não transparecendo no rosto dos colegas preocupação ou manifestação de ajuda. É claro que, a normalidade a que me refiro, está ligada à recorrência deste tipo de situação, e, por este motivo, posso inferir que os trabalhadores acabaram se “acostumando” ver esse tipo de cena, justamente por ser algo que acontece com certa frequência, o que não quer dizer que achem “normal”.

Era próximo das 18h30min e eu finalizara então, mais um dia de entrevistas. Antes de ir embora, resolvi dar uma volta pelo bairro. Percebi que a circulação de pessoas acontecia apenas nas ruas daquele bairro. Enquanto estava lá, não visualizei ninguém entrando ou saindo do bairro. Aparentemente tudo estava tranquilo, algumas pessoas estavam sentadas na calçada, enquanto outras, escoradas no muro conversavam com os vizinhos do lado. Havia também algumas pessoas na janela do mercadinho de Francisco comprando alimentos. Segundo Francisco, é comum se reunirem no período da noite na cantina para prepararem suas refeições. Desta forma, compram no mercadinho de Francisco alguns produtos específicos e típicos do Nordeste, como por exemplo, a farinha para o preparo do cuscuz.

A cantina fica localizada ao lado da casa de Francisco e é o único ambiente do bairro, com exceção da casa de Francisco, que possui fogão. A cantina é equipada com fogão, geladeira e freezer e é onde os migrantes passam a maior parte de seu tempo quando não estão trabalhando. Além de ser o local para o preparo dos alimentos, é onde entregam as marmitas dos trabalhadores nos dias e horários em que não estão trabalhando.

Figura 6 - Cantina do bairro



Fonte: a autora

Como já era próximo do horário de janta dos trabalhadores, a cantina estava aberta, sendo preparada para receber as marmitas. Enquanto eu saía, chegava um carro da empresa contratada para a entrega do alimento. Neste momento, todos os trabalhadores, moradores do bairro saem de seus alojamentos e se organizam para a retirada de sua janta. E assim, finalizei mais um dia de campo.

6.3 SEGUNDA-FEIRA, 05 DE DEZEMBRO DE 2016 – HISTÓRIAS DE VIDA OU VIDAS DE HISTÓRIAS?

Soube por meio de Francisco que os trabalhadores retornariam para suas cidades no início de dezembro, que é quando termina o período de safra no Paraná. Durante o período em que fiquei longe do campo, me preocupei em transcrever as entrevistas, para que quando retornasse ao campo, já buscasse as “respostas” que ainda não havia obtido nas primeiras idas a campo. Neste meio tempo, em conversa com minha orientadora, percebi que havia uma lacuna nos dados obtidos por meio das entrevistas e logo tratei de agendar uma terceira visita, antes do retorno dos migrantes. Nesta terceira visita, meu foco era buscar mais informações

com todos os entrevistados anteriores acerca de algumas perguntas e tentar trazer à tona a infância desses trabalhadores. Sendo assim, agendei com Francisco uma terceira visita, agendada para o dia 05 de dezembro, uma segunda-feira.

Neste dia, era feriado municipal para os moradores daquela cidade, entretanto, os migrantes e demais trabalhadores do corte de cana trabalharam como em um dia normal, afinal, era final de safra e era necessário adiantar a produção para poderem ir embora no dia 10, conforme relato de Francisco. Agendei a visita para o mesmo horário dos outros dias, as 16h00min e assim o fiz. Francisco havia me falado que todos os sete entrevistados ainda estavam no alojamento (oito com Francisco), ou seja, não haviam retornado para suas casas. Desta forma, pedi para que deixasse agendado com os mesmos a entrevista, para que não os “pegasse de surpresa”.

Cheguei na casa de Francisco próximo do horário combinado e fui informada por ele de que os trabalhadores ainda não haviam chegado do trabalho. Então, aproveitei para realizar a entrevista com Francisco. Enquanto o entrevistava, vi que chegavam os ônibus com os trabalhadores. Todos estavam com a aparência muito cansada, sujos, suados, carregando seus EPI's e um galão de água. Enquanto saíam do ônibus, passavam na frente da casa de Francisco e olhavam atentamente para nós. Como o muro era baixo, consegui ver todos chegando do trabalho. Francisco perguntou se eu poderia esperar até que tomassem banho. Disse que sim e que não havia problema algum esperar pelos trabalhadores. Ao finalizarmos a entrevista, Francisco me deixou sozinha aguardando e enquanto isso, ele resolvia problemas ao telefone.

Enquanto esperava os trabalhadores, resolvi registrar o pé de fruta que estava crescendo em seu quintal e que me chamou a atenção.

Figura 7 - Pé de manga do quintal de Francisco



Fonte: a autora

Me chamou a atenção, pois em meio à pedras, ao sol e a paisagem sem verde, crescia em seu quintal um lindo pé de manga, que de certa forma, tornava sua casa diferente das outras. Nas ruas do bairro não existe nenhuma árvore, nenhum verde sequer, mas enquanto passava próximo aos alojamentos, pude observar que os trabalhadores se preocupavam com isso. Na verdade, em quase todos os alojamentos que observei havia algum tipo de cultivo, mas dentre eles, o pé de fruta é o mais comum e isso faz com que cada alojamento, mesmo sendo igual aos outros, tenha sua singularidade. Além do que, demonstra a intenção de criação de “raízes” no novo ambiente, tornando-o do de certa forma, diferenciado e do seu gosto.

Um a um, foram chegando os entrevistados e com isso, realizei neste dia cinco entrevistas, de um total que seria de oito. Segundo Francisco, três dos entrevistados não puderam comparecer, pois tiveram compromissos na cidade. Finalizei as entrevistas próximo das 19h00min, e os trabalhadores já se preparavam para o jantar. Percebi que neste terceiro dia de campo, os trabalhadores já estavam à vontade e sentiam necessidade de falar de si mesmos. Além disso, alguns me faziam perguntas, demonstrando interesse de saber um pouco mais sobre mim.

Era aparente. Todos estavam ansiosos pelo retorno à Alagoas e com muita saudade da família. No final das entrevistas, agradei a cada entrevistado, assim como o fiz em todos os

dias de campo e me coloquei à disposição para o que pudesse ajudar. Com um forte aperto de mão, desejei a eles que os seus objetivos de vida pudessem ser realizados e disse que deveriam ir em busca de seus sonhos! Naquele momento, o sentimento de gratidão tomou conta de mim e de alguma forma, tive de passar isso à eles, mesmo que de forma singela.

E assim, terminava o meu último dia de campo. Descobri com esses homens, um mundo de possibilidades, de sonhos, de vontades, de histórias. Todas as histórias possuem semelhanças, mas são únicas, na medida em que compartilham sonhos, desejos, sentimentos, desafios, dor, sofrimentos, histórias que são especiais e específicas de cada um e todos esses elementos, juntos, formam a história de vida desses trabalhadores, assim como as histórias, constroem suas vidas. E são essas histórias de vida que revelarei no próximo capítulo.

7. AS VIDAS, EM MEIO À PRECARIIDADE

Aqui, apresentarei as histórias de vida de alguns trabalhadores migrantes do corte de cana. Todos os entrevistados são oriundos do Nordeste do País, e de certa forma, como poderão ver, possuem histórias parecidas, onde o sofrimento é semelhança que todos carregam em suas vidas, entretanto, são únicas, cada qual possui sua singularidade. Para resguardar aos trabalhadores entrevistados, os nomes utilizados são fictícios, ou seja, não condiz com o verdadeiro nome dos migrantes, uma vez, que suas histórias é que são o foco de análise. Realizei no total entrevistas com oito trabalhadores, no entanto, utilizei nesta dissertação apenas as entrevistas de sete deles. A não utilização de uma se dá em virtude de não ter conseguido captar dados relevantes em apenas uma entrevista e não tive a oportunidade de entrevistá-lo pela segunda vez, por motivo de não disponibilidade do trabalhador.

7.1 NELSON

Nelson é um homem novo, de 34 anos. Tinha a aparência sofrida e demonstrava muita apreensão em fazer a entrevista. Quando disse que gravaria a entrevista e perguntei se poderia gravar, ele se recusou. Fiquei desapontada, afinal, era a minha primeira entrevista e já não começara bem. Com calma expliquei novamente sobre meu trabalho e pedi para que ficasse despreocupado, pois isso não iria afeta-lo em nenhum momento em seu trabalho, pois acredito que esse era seu maior medo. Após meu esclarecimento e depois de conversar com Francisco, Nelson aceitou que eu fizesse a gravação:

Meu nome é Nelson. Eu nasci e me criei em Tanque D'arca, uma cidade do Estado do Alagoas. Tanque D'arca é uma cidadezinha assim, com quase 6 mil habitantes, não tem muito desenvolvimento não e por isso nós saímos pra fora e temos que trabalhar fora. Eu nasci no sítio e depois fui pra cidade.

De família muito humilde, Nelson, por conta da necessidade, aprendeu a profissão com os pais e desde criança mora em Tanque D'arca, uma pequena cidade do interior de Alagoas, que não possui muita estrutura educacional e oferece poucas oportunidades de trabalho, o que faz com que os moradores migrem para outras regiões em busca de oportunidade. Sua infância também foi sofrida e com poucas oportunidades:

Quando era criança, eu gostava de jogar bola, de fazer uma “farrinha” uma coisa e outra né? Assim, a pessoa quando está novo e está começando, né? Novo assim, e os colegas [diziam] vamos jogar bola? Aí a gente acertava o time contra os outros da cidade e nós íamos jogar e era assim, sabe? Nos divertimos. Aí depois vai, começa a trabalhar, aí quer um negócio sério, arruma uma namorada e pensa em casar, aí já para disso, né?

Nelson divide sua infância em duas etapas, em que a primeira consiste na fase em que se divertia e brincava com os amigos, ou seja, vivia realmente uma infância e a segunda, que diz respeito à fase em que começa a trabalhar e a levar a vida mais a sério em decorrência das responsabilidades, mesmo sendo ainda uma criança. Em função do trabalho, Nelson teve de abdicar não apenas à sua infância, mas também aos estudos:

Quando eu era novo, eu gostava mais de jogar bola [do que trabalhar], aí estudei até a 5ª série. Depois, eu parei de estudar, comecei a trabalhar, estava precisando e [com o trabalho] a pessoa tem salário. Estudei até a 5ª série só, foi em 2012 ou em 2013 que eu parei de estudar. Parei porque precisei trabalhar e comecei a viajar, aí, comecei a trabalhar nas usinas, aí não deu mais pra estudar, o problema foi esse, a noite, sempre tem, lá tem aula de noite, mas chegava tarde, de noite. Lá [Tanque D’arca] chega mais tarde que aqui, aqui é bom porque nós chegamos cedo. Mas lá, nós chegamos seis horas, sete horas, aí já é enfadado [cansado] pra no outro dia acordar 4 horas da manhã pra pegar o ônibus pra ir de novo trabalhar, aí não dava. O horário daqui é diferente do de lá [Tanque D’arca], lá a essas [cerca de 18:00] horas nós ainda estamos na roça, porque lá sai mais tarde um pouco. Lá é mais longe de onde nós moramos para o trabalho, é 3 horas, 1 hora e meia, e aqui não, aqui é perto, mas lá, sempre é mais longe, aí chega mais tarde, aí parei os estudos (...).

Nelson teve sua infância e seus sonhos interrompidos em razão do trabalho. Como toda criança, preferia brincar a trabalhar, mas a necessidade falou mais alto. E seu primeiro emprego também foi com o corte de cana:

Meu primeiro emprego foi com a cana e de lá pra cá eu não arrumei outro não. Porque serviço lá [Tanque D’arca], pra nós mesmo lá, se a pessoa tiver estudo, hoje o estudo vale mais alto em todo canto, se não tiver aí só encontra serviço pesado no campo e o que tá tendo mais é só de cana lá, serviço pesado, porque pra você não ficar parado tem que enfrentar, se não enfrentar, né? E aquilo você enfrentando, você vai arrumando dinheiro e dá pra ir sobrevivendo, porque hoje o cabra só arruma conta de sobreviver, se for enricar não enrica não, só arruma de sobreviver, é assim, a pessoa arruma o que dá pra se manter, só quem está arrumando mais é deputado, é presidente, essas coisas (risos) você vê né? Como são as coisas lá (risos).

Nelson fala duas palavras que marcam sua narrativa: enfrentar e sobrevivência. O enfrentamento diz respeito às dificuldades que a vida e o próprio trabalho impõe e a sobrevivência é o resultado de seu enfrentamento. Por acordar muito cedo e chegar tarde do trabalho não conseguia vencer o cansaço e ir à escola:

Não dava para estudar porque ficava muito cansativo, muito enfadado, chegava muito cansado, agora aqui não, se aqui tivesse [oportunidade de estudar] dava pra estudar, porque a pessoa chega cedo aqui. O custo de vida é alto e assim, precisa comprar roupa, sapato, final de ano tem que né [comprar] o que a pessoa precisa, aí eu tinha acabado meus estudos [a 5ª série], e estudar? Não tinha dinheiro, aí tinha

que trabalhar pra arrumar dinheiro, aí abandonei os estudos e deixei de lado, aí é assim a vida. Sempre gostei de jogar bola final de semana, um “bucado” de coisa, aí vai ficando mais velho e depois que eu casei aí parei, comecei a trabalhar e deixei de estudar, de jogar bola, parei, agora é só trabalhando e tomando conta da casa.

Segundo Nelson, “é assim a vida”, feita de escolhas. Para ele, a vida deu poucas opções e restou-lhe optar pelo trabalho e deixar de lado a possibilidade de um futuro melhor. Com o trabalho, vem as responsabilidades acerca da família e da casa, mas ainda assim, Nelson tem vontade de retomar os estudos:

Tenho vontade de voltar, quando eu der uma parada de viajar eu tenho vontade de estudar. De noite lá tem um colégio lá, tem o grupo do Estado, a noite tem aula, parece que tem 1º ano, 2º, acho que é. Ler eu sei um pouco, porque eu parei um pouco, agora, eu tenho mais dificuldade pra escrever, é, porque às vezes fica faltando umas letras, uma coisa e outra, e aí fica minha dificuldade mais pra escrever, pra ler eu sei um pouco. Assino meu nome, agora pra ler, eu parei, quando estava começando eu parei, aí não aprendi, porque, por causa disso, uma palavra vai botando acento, uma coisa e outra e aí fica mais complicado, por causa disso.

Como resultado, Nelson possui dificuldades para ler e escrever e com isso é um semianalfabeto. Quando criança, seu sonho sempre foi de conquistar mais coisas. A dificuldade que enfrentava junto com sua família, fez com que motivasse desejos dentro de si:

Meu sonho quando eu era mais novo era trabalhar pra comprar uma moto, comprar uma casa, mas isso eu já tenho graças a Deus, consegui já! O sonho era mais trabalhar pra quando crescesse comprar moto, porque meus irmãos sempre trabalharam e tinham moto, né? E eu não tinha ainda e aí eu digo quando eu começar a trabalhar vou comprar uma moto e aí depois vou ajeitando e compro uma casa e isso já consegui com fé em Deus. Só eu trabalho por enquanto.

Nelson sempre se espelhou em seus irmãos e como tinham conquistado bens materiais, queria seguir pelo mesmo caminho. Quando perguntei sobre o que sentia falta de sua infância, se manteve em silêncio e olhava para o horizonte, parecia estar relembando algo ou algum momento especial:

(Silêncio) Assim, sempre festava, eu às vezes ia em muitas festas eu e meus colegas éramos todos novos. Tem uns colegas que chamavam nós para a festa, mas depois de casado não pode mais, quando o cara quer ir, a mulher quer ir, mas talvez eu não quero ir pra aquele canto aí não dá certo, aí as vezes, ia para alguma festa, quando jogava bola (...) assim, novo é bom, a pessoa quando é nova não se lembra muita coisa (...) eu jogava bola, aí ia pra festa, tinha festa direto, sempre tenho! Mas a pessoa casa e não pode mais, né? Sempre vai de vez em quando um ali ou outro: [dizem] ah vamos para aquela festa? Mas não pode, não está livre mais, né? Não está livre, desimpedido, aí nos cantos que a pessoa andava, nos cantos que eu andava quando era solteiro não posso andar mais, porque sou casado e não pode ir para toda festa, né? Se não a mulher quer ir, aí não dá certo, né? Só vai quando dá certo, né? Sempre tem festa, aí quando dá certo nós vamos pra festa, de vez em quando a gente vai, mas não perdia uma quando era solteiro, mas não posso mais não (risos)

Nelson sente falta de sua vida de solteiro, das festas, dos amigos. Relata que quando era mais novo sempre ia em festas e que hoje não pode ir mais, em virtude de sua esposa, vai apenas junto com ela. Hoje com 34 anos, já construiu uma família e fala da esposa:

Eu tenho 34 anos, sou casado há três anos e minha esposa ainda mora lá [Tanque D'arca]. Minha esposa não trabalha não, está parada. [Conheceu ela onde?] Assim, eu morava num sítio assim e ela morava no outro, assim, diferença de 7 km um para o outro, num sítio porque sempre na cidade tem um sítio aí. Eu sou de Tanque D'arca, ela de Belém, aí Município, e no sítio, tinha um campo de futebol lá e nós jogávamos bola, aí no sítio (...) sempre eu ia pra lá, aí depois um irmão meu casou com uma irmã dela também. Já mais “mode” família, porque um irmão meu casou com uma irmã dela mais velha, e aí, eu andando pra lá, eu ia pra casa de minha cunhada e ela estava lá e fomos se conhecendo e passamos foi uns três anos e pouco namorando, aí depois casamos. Já faz quatro anos agora em setembro [2016], casamos dia 20 de setembro, vai fazer quatro anos em setembro que vem. Ela fez lá uns concursos, ela é formada, ela fez um concurso lá do Estado, mas, ela terminou os estudos, né? Não tem faculdade, mas terminou o ensino médio parece, terminou os estudos. E ela já fez um “bucado” de concursos lá, terminou, ficou por longe, mas está tentando, quando tem concurso ela faz sempre, [vou] pedir pra Deus ajudar ela a passar, né? Porque serviço lá agora pra mulher tá complicado, aqui é bom, aqui tem. Os abatedouros agora fecharam também, aí fica difícil, mas, lá é mais complicado pra trabalho pra mulher. Lá em Alagoas é mais complicado, porque não tem negócio de abatedouro, não tem fábrica de roupa, não tem nada e aqui tem.

Conforme seu relato, as mulheres naquela região possuem poucas oportunidades de trabalho em indústrias e grande parte opta por trabalhar com serviços domésticos ou por ficar desempregada, cuidando dos filhos e casa, como é o caso de sua esposa que até não passar no concurso, prefere não trabalhar:

A maioria das mulheres quando arrumam é serviço doméstico, trabalhando na casa de família assim, né? Mas eu não quis não, que a minha fosse não. A maioria lá trabalha, né? Mas não é todo mundo não, e quando aparece, e quando não aparece o pessoal bem de vida lá, chama empregada, né? Aí quando precisa arruma alguma assim. Se fosse para ela arrumar eu não queria não, não presta não, trabalhar na casa de gente. Umas já foram lá trabalhar, aí voltam, não dá certo não! Teve um caso lá, que uma colega minha estava trabalhando na casa de uma advogada, aí a advogada, tinha o maior zelo com o menino, aí quando a empregada pegava no menino, com o maior zelo cuidando do menino, um dia, ela descuidou e um abelhão mordeu assim o menino, quando deu o carço, botou pra brigar mais a empregada, e ainda se rolaram ainda, se rolaram nos cabelos, foi, eu sei que apartaram aí a mulher foi-se embora, aí, foi mais gente trabalhar, porque [o abelhão] mordeu o menino e ainda foi brigar com a empregada. Pegaram nos cabelos de uma lá e da outra, aí não quis mais não, trabalhar mais nunca, diz que presta não trabalhar em casa de família não.

Casado há quase quatro anos e sem filhos, Nelson pensa em ter estabilidade primeiro para depois aumentar a família. Ele reconhece que sua situação financeira não está propícia para ter um filho, além do que, sua esposa pretende passar em um concurso primeiro para poder ajudar nas despesas com a família. Enquanto isso, Nelson relata que a situação está difícil e tem esperanças de que as “coisas” melhorem:

Não tenho filhos. Por enquanto não. É agora, no futuro mais pra frente, porque agora nós vamos fazer quatro anos [de casados], né? Faz quatro anos em setembro que eu me casei e aí por enquanto, aí eu dei uma viajada e por enquanto eu passo sete meses lá, aí venho, aí por enquanto não, né? Porque, minha mulher também está pensando aí, mais pra frente se Deus quiser ela está pensando em arrumar uns concursos pra estudar, aí se passar aí as coisas melhoram, porque menino é bom aparecer no tempo certo. Que as coisas não estão muito boas, né? Você sabe as coisas não estão muito boas hoje. Está complicado.

Seu pai faleceu quando ele ainda era uma criança e teve de assumir responsabilidades muito cedo. Em virtude de sua simplicidade, não soube explicar sobre o motivo que levou seu pai à morte, dizendo que foi de “doença”:

Desde criança, eu trabalho no campo, meus pais trabalhavam com agricultura, no campo também. Meu pai já faleceu e só tenho mãe viva. Meu pai faleceu quando eu tinha 12 anos de idade, acho que tá com uma base de uns vinte anos, pra uns vinte e poucos anos que ele faleceu. Foi de doença, assim, adoeceu aí (...). [Fale sobre seu pai, era bravo?] Não. Até quando eu conheci, mas faleceu e eu era novo. Só que de primeiro era assim, não é que nem hoje não, os pais de primeiro quando pegava os meninos batiam mesmo, com força. Mas os de hoje não, os de hoje não bate porque tem essa lei de conselho tutelar, não pode mais triscar na criança, né? Mas de primeiro não, de primeiro não existia isso e meu pai, sempre o menino quando era pequeno sempre fazia coisa errada, aí quando fazia alguma coisa errada, que ele não gostava, ele dava [batia] mesmo, dava! Mas é difícil, mas batia, porque, não é que nem hoje não. Porque hoje ninguém pode triscar mais em nenhuma criança. É, mas de primeiro não existia isso, essa lei existe parece que tem 10 anos?! Né? De primeiro não tinha, aí de primeiro era complicado.

Nelson aponta para a dificuldade em ter assistência médica, na época em que seu pai adoeceu:

Hoje é bom porque a pessoa sentiu uma dorzinha e vai para o médico, mas, no meu pai e em outras pessoas mais velhas há uns trinta, quarenta anos, sentia uma dorzinha e não ia para o médico aí guardava, aí adoecia de uma vez, daí ia para o hospital e morria, lá.

Nelson compara com os dias de hoje, dizendo que hoje, a medicina está mais acessível a todos. Por conta da morte de seu pai, Nelson viu se viu na necessidade de trabalhar e ajudar na manutenção da família:

Eu tinha 12 anos de idade, ficou eu e outro irmão menor, ficamos só com a mãe. Minha mãe hoje tá viva, graças a Deus, mas tem problema de saúde. Minha mãe quando era mais nova, comeu um camarão, aí desse camarão assim, se criou um carocinho no canto da boca dela e já foi operada. Tem vinte e tantos anos que foi operada e voltou de novo, agora tá fazendo tratamento direto! Passa uma semana internada aí volta pra casa, aí passa uma semana, duas, aí volta de novo, tem que estar no tratamento direto porque o caroço [câncer] voltou, aí ano passado fez o tratamento, mas foi forte demais [quimioterapia], aí não estava aguentando, aí teve que dar uma parada, porque dava reação. Quando chegava em casa, passava quatro dias de cama, aí depois abaixou o caroço, mas aí começou a voltar de novo. Aí voltou de novo aí ficou direto, fazendo tratamento. Ela vai na segunda e volta na sexta.

Nelson revelou que sua mãe sofre de uma doença causada por ter “comido camarão”. Na verdade, a doença a que Nelson se refere trata-se de um câncer de boca, que surgiu em sua mãe logo após o falecimento de seu pai. Em decorrência disso, Nelson cresceu com mais responsabilidades ainda, afinal, além de trabalhar para ajudar a sustentar os irmãos, também precisava cuidar de sua mãe, que ainda tinha sob sua responsabilidade dois filhos menores de 12 anos. Hoje, Nelson conta com um pouco mais de ajuda para cuidar de sua mãe, que ainda encontra-se em tratamento contra o câncer:

Tem meus irmãos, a minha mulher de vez em quando passa um dia lá com a minha mãe, é assim, todo dia tem que ir um, de segunda a sexta. Tem meu irmãos, a maioria tem menina, 2 ou 3 meninas, aí quando elas não podem ir aí meus irmãos vão, tomar de conta, aí vai meio dia e vem no outro dia de manhã, aí vai outro, aí vira a noite, assim, de segunda a sexta. Aí mando minha mulher ir, porque não tem criança por enquanto, aí as outras vem, as cunhadas, quando não dá pra ir meus irmãos vão, quando as crianças estão meio adoentadas, aí meus irmãos vão e quando não tá é assim, passa de segunda a sexta. Só que ela vai, passa uma semana lá, de segunda a sexta, aí vem, passa 2 semanas em casa, aí volta de novo é assim, tratamento direto agora, não vai parar mais não, o médico disse.

É possível perceber que as mulheres de sua família possuem papel central na manutenção da família, no que tange à atividades domésticas ou de “cuidar” de pessoas, uma vez que os homens da família, que são os irmãos de Nelson, só ficam com a mãe, quando suas esposas não podem ir por ter que cuidar dos filhos doentes ou da casa, fazendo com que o ato de “cuidar” seja praticado preferencialmente pelas mulheres da família. Nelson possui uma família grande, assim como grande parte dos migrantes:

Eu tenho uma família grande, tenho mais sete irmãos! São duas famílias, né? Eu sei que são quatorze irmãos no total. Eu tenho contato com todos eles. Da minha mãe com meu pai são seis irmãos homens com uma irmã mulher, são sete no total. Agora, meu pai foi casado duas vezes, aí tem outra filha também, mais velha. Só do meu pai, com outra mulher são mais seis irmãos. São três homens e três mulheres, aí em tudo somos quatorze irmãos, são duas famílias, né? Porque meu pai foi casado duas vezes. Ele casou e a primeira mulher dele morreu, aí ficaram três homens e três mulheres, aí ele casou com a segunda mulher, que é a minha mãe. Aí vai dar quatorze! Vai dar quatro mulheres e dez homens nas duas famílias. Estão todos vivos, graças a Deus!

Em decorrência da falta de orientação e a própria cultura familiar, grande parte das famílias nordestinas são numerosas, além do que, a mortalidade devido à falta de assistência médica e violência, faz com que a morte seja algo não incomum, para não dizer comum. No caso de Nelson, até se confundiu ao me contar quantos irmãos possuía no total e celebrou por estarem todos “vivos”, o que me chamou a atenção, ao passo em que a sobrevivência deveria ser vista como um processo natural e habitual de todo ser humano, e não ao contrário. Com relação aos seus irmãos, Nelson parece conviver bem com todos, mesmo não tendo muito contato:

É tudo bem graças a Deus! Tem um que mora longe um pouco, em Arapiraca, de uma cidade pra outra dá 50 km, aí as vezes ele aparece e nos vemos, ou às vezes quando vou ou meu irmão vai pra feira lá em Arapicaca, aí nós vemos eles. Meus irmãos, tem um que trabalha (...) ele tá em São Paulo, de pedreiro e os outros são tudo da agricultura, eles estão trabalhando no campo também, mas lá é outro serviço [vendas na feira]. Lá é vendendo banana, negócio de mandioca, um “bucado” de coisa lá. Um bucado lá dos meus irmãos vivem assim vendendo fruta na feira, tem um que mora “no” Arapicaca que tem mercado, um minimercado de vender fruta, verdura e tudo! Meus irmãos trabalham com isso, a maioria, vendendo fruta, banana, melancia, a maioria são assim, vendendo nas feiras, aí eles têm carro, a maioria deles tem carro. Tem um em São Paulo, o de São Paulo trabalha em “firma” [empresa], tem um só em São Paulo, mas trabalha em firma, aliás tinha dois! Um, ele saiu da firma, agora tá vendendo na feira também, aí, trabalhou anos daí saiu da firma, aí agora tá lá vendendo fruta e verdura na feira. Minhas irmãs, é porque são tudo mais velhas do que eu, tudo casadas, aí é o marido quem trabalha, na agricultura né? Eles tem terra, aí trabalha no campo, planta macaxeira, planta o inhame, aí vende na feira também assim, cria um gado, e tudo. Só quem tá viajando sou eu, mas daqui “mode” uns três anos eu vou parar de viajar, vou, vou ficar por lá mesmo [Tanque D’arca].

Embora Nelson não tenha mencionado todos os irmãos, a profissão que predomina em sua família é o trabalho com a agricultura, porém, também atuam na área de vendas, como feirantes ou empresários em Arapiraca-AL. Arapiraca é uma das cidades vizinhas de Tanque D’arca, um pouco mais desenvolvida, conta com aproximadamente 200.000 habitantes. Além disso, Nelson possui dois irmãos que também migraram em busca de algo melhor, porém, foram para São Paulo trabalhar em uma empresa de construção, como pedreiros. Já as suas irmãs, as mulheres da família, não trabalham fora, e sim, seus maridos, dedicando seu tempo aos afazeres domésticos e aos filhos. Nelson relata que pensa em parar de “viajar”, ou seja, não pretende mais migrar daqui a três anos e com isso pretende dedicar-se mais a família, até porque, já passou muito tempo fora de casa:

Olha eu já passei, assim, em safra de cana de nove meses, em 2007, 2008, 2009, já passei em Minas Gerais, uma cidadezinha com o nome “Nanuque”, Minas Gerais. Assim, vinha, passava nove meses e ia-se embora, e aí aqui já vim em 2011, aí ficamos lá [cidade vizinha] alojados, aí fomos pra Alagoas e quando foi em 2012 voltei de novo, aí não vim [em 2013]. Me casei em 2013. Fiquei 2013 lá e quando foi em 2014 eu vim, e vim agora de novo e já vim outra vez pra aqui [2015], mas voltei pra minha cidade, fiquei só um mês e pouco. Já passei um mês e pouco lá em “Esperancinha”, depois de Umuarama, passa por Tapira, lá pra de longe (...) já passei um “bucado” de meses lá. Parece que é sete viagens com essa. Tinha vez que a gente ia [embora] e passava dois meses, dois meses e pouquinho e vinha. É rápido, aí eu não estava pensando em vir não, porque passa muito rápido, mas parece que os meninos estão falando que vai passar os quatro meses lá, aí dá pra passar mais um tempo em casa. Se for pra passar os quatro meses, quatro meses e pouco aí nós voltamos, agora se for pra nós vir (...) porque dois meses nós ficamos sem passar quase nada, olha, chega o carnaval, chega uma festa, a gente pensa que não, mas logo passa e tem que vir. Mas se for pra pegar [começar] final de abril, dá quatro meses, aí dá.

O trabalho fora da cidade exige que Nelson viaje demasiadamente e que passe muito tempo fora de casa, longe da família e amigos. Como o trabalho com a cana é sazonal e

intenso, os migrantes não conseguem sequer realizar visitas às famílias ao longo do ano, por terem apenas uma folga na semana (geralmente é o domingo) e desta forma, acabam por passar longos períodos longe de casa. Ao longo dos seus 34 anos, já fez sete viagens, ou seja, se considerarmos o período de nove meses de safra, são aproximadamente cinco anos fora de casa. É possível perceber que a precarização neste caso se estende à vida de Nelson, que reclama o pouco tempo que tem para ficar com a família na entressafra. E é por esse motivo e por considerar o trabalho muito cansativo, que Nelson pensa em “dar uma fuga”:

Tô pensando em dar uma “fuguinha” [descansar] em casa, passar uns três, quatro anos em casa [risos] Porque isso aqui é um serviço que cansa muito, é um serviço cansativo (...).

Neste momento, percebi em seus olhos uma tristeza com relação à sua realidade. Ao mesmo tempo em que riu ao dizer que passaria algum tempo em casa, ficou triste por saber que precisa trabalhar. Nelson tem uma longa trajetória com o trabalho de corte de cana e não teve oportunidade de escolha:

É porque, o serviço lá, assim, no nosso lugar mesmo pra serviço, emprego assim, bom, não tem, né? Lá é corte de cana também, tem umas usinas lá, mas é corte de cana, daí é o que o pessoa “faz ficha” (registro), emprego hoje é assim, não tem muito estudo, eu não tenho muito estudo, meu estudo é pouco. Pra pegar emprego bom tem que ter estudo, mas eu não tenho. Tenho que, pegar no pesado, né? [Tem muita usina lá?] Tem. Tem um “bucado” lá, é porque lá vai começar a moer agora, começou, acaba em março, aí o “cabra” vem. [Você intercala?] Não, dá sempre não. Só se a pessoa não quiser vir, porque nós chega lá no mês de dezembro, aí, o pessoal começa em outubro, aí não tem como não [...] só se a pessoa não vier, porque em março nós vem de novo pra cá.

Em Alagoas a atividade com a cana de açúcar é alta, entretanto o período de safra difere do período do Paraná, o que faz com que optem pelo melhor salário. Alguns trabalhadores ainda conseguem intercalar as duas safras, enquanto outros, preferem receber o seguro desemprego até a próxima safra. Nelson iniciou seu trabalho regularizado com carteira assinada em 2004 e desde então, já trabalhou em 12 safras, sem intervalo, como ele diz:

Já tem um tempo já, parece que em 2004, já tenho de 11 a 12 safras já, direto. Já trabalhei lá (Tanque D’arca), em Minas Gerais, um “bucado” de canto, já mudei em um bucado de canto, já. [Começou novo, né?] Foi, tenho 34 anos, mas comecei parece que com 23, 24 anos por aí, foi 22... Já passei em Minas Gerais também, já, trabalhei lá em Minas Gerais, em Alagoas e aqui. Já tenho uma carteira cheia, já, parece que tem três, cinco [registros] em outra [carteira].

Com várias viagens, Nelson diz já ter a carteira “cheia”. Já trabalhou em dois estados diferentes e me explica sobre o processo de migração para o Paraná:

Comecei a trabalhar e precisei, lá é ruim pra serviço e aqui é melhor, né? É aqui é melhor, porque a pessoa trabalha nove meses e pouco aí vai com as contas, o seguro desemprego e aí o “cabra” vai arrumando um dinheirinho, melhor que lá. [Processo

com a empresa, já conhecia?] Não. O [encarregado] veio mais cedo aqui “mais” os outros aí, foi em 2011 pra cá que eu vim, mas eles vieram primeiro. Aí, os “cabras” começaram vir e nós se comunicamos com eles e viemos. Desde 2011 que eu venho, só não vim em 2014, mas eu venho direto.

Os olhos de Nelson denunciaram o sofrimento e dificuldades que o trabalho com o corte de cana proporciona. Perguntei a ele sobre o seu trabalho:

É produção aqui, começa 07:00 horas e sai 15:00 horas da roça lá, daí sai daqui 6:20. Nós saímos de lá 15:00 horas, mas tem vez que não chega nem isso [sai antes]. [Almoço?] Nós almoçamos lá mesmo, é... 11:00 horas. Tem um carro que fornece a “quentinha” [refeição] pra nós.

O trabalho na cana começa logo cedo, as 6:20 quando Nelson sai de sua casa. O ônibus deixa o grupo de trabalhadores nos canaviais próximos a cidade. No almoço, a empresa fornece marmitas, que Nelson chama de “quentinha” e fazem 1 hora de intervalo para a refeição e descanso. Embora a comida seja servida todos os dias e não falte, há descontentamento:

Não é que nem em casa não, que em casa é outra coisa, né? Quando a pessoa tá em casa, a comida é melhor. Porque aqui, é só arroz e feijão direto, mas aqui a gente tem que se acostumar com tudo, não tá em casa, né? Tem que se acostumar, porque aqui (...) aqui tem um fogão se os “cabra” quiser cozinhar aqui, alguma coisa cozinha. Tem um fogão aqui, se quiser cozinhar alguma coisa, um cuscuz, um arroz tem um jeito aí, né? Às vezes tem uma carne. [Vocês cozinham aqui?] Quem quer cozinha, a gente é mais de domingo, uma carne aqui (...) a gente às vezes faz um cuscuz aqui, faz uma comidinha de lá, a gente às vezes faz um cuscuz assim que é mais rápido, uma comida mais rápida. Nós sai de lá as 15:00, chega 16:00 horas (...) Chego, tomo um banho, lavo uma roupa aqui do trabalho e pronto, mas amanhã é folga [domingo].

Como o fluxo de refeições é alto, a empresa opta por refeições mais simples, que diminuem o custo. Sendo assim, não possui muita variedade e a comida é de baixa qualidade. Existe uma empresa terceirizada que leva as refeições aos trabalhadores tanto no horário de almoço, quanto no horário de janta. Porém, existe a opção de cozinhar no alojamento, pois a usina montou uma pequena cozinha equipada com fogão e geladeira no bairro para que os migrantes pudessem cozinhar, pois nos alojamentos não possui fogões. Nelson sente falta do famoso cuscuz. Durante a semana ele e seus colegas se reúnem e fazem uma comida diferenciada como o cuscuz e carnes, mas ressalta que fazem comidas rápidas. Justifica-se pelo fato de que é uma cozinha apenas, para quase 200 pessoas, além do que, o tempo que possui livre após o retorno do trabalho é pouco, pois chega e ainda precisa lavar suas roupas e fazer sua higiene pessoal. Ainda assim, sente falta da comida de Alagoas por outros motivos:

Rapaz, lá é bom em Alagoas, porque lá a pessoa, olha (...) aqui é só arroz e feijão direto. Lá é bom que tem o cuscuz, se a pessoa quiser tem a macaxeira, tem o

inham, tem a batata (...) um “bucado” de coisa diferente, né? Um “bucado” de comida! Em casa a comida que a pessoa quer é diferente e aqui, só se a pessoa quiser cozinhar, mas é muita gente aqui aí fica difícil!

Além do descontentamento com a comida, Nelson sente saudades da família:

Minha maior dificuldade é distância, é muito longe, não é muito bom não, né? Porque a pessoa sente saudade daí vai, é assim mesmo, né? Daí, logo passa. Eu venho no mês de março. É, [a família] não acham muito bom não, porque a família fica “só” lá e o “cabra” aqui, mas se a pessoa precisa tem que vim mesmo, sempre que tá precisando a gente vem. De quando eu tô aqui, né, estou sempre (...) estou me comunicando direto, ligando direto pra lá. Eles estão lá e eu estou aqui, eu estou aqui e eles estão lá, mas direto eu ligo pra lá, sempre estou ligando direto. Eles estão lá e eu estou aqui mas sempre estou ligando direto.

A distância da família é considerada a maior dificuldade para Nelson, que desde março não a vê. Desta forma, é necessário se acostumar com a saudade e utilizar de outros meios para amenizar a falta da família, como o uso do celular. O celular é usado para aproxima-lo da família e mantê-lo interagido de tudo que ocorre em Alagoas e vice-versa. Mesmo longe, Nelson diz estar se comunicando com muita frequência com a família. Além disso, tenta se entreter nas horas vagas:

Rapaz, nós vamos ligar, vamos mexer no celular, ou sai na rua, [arruma] algum negócio pra fazer, algum compromisso. Tem um barzinho aí por perto aí, tem aí nós tudo vamos tomar uma cerveja, vou com os amigos aí, tem um “bucado” que vai por aí, mas não é direto não é de vez em quando. Às vezes dia de sábado, porque de domingo eu gosto de não ir porque no outro dia a pessoa vai trabalhar e aí eu gosto de dia de sábado. (E nos finais de semana, o que gosta de fazer?) Eu gosto de tomar uma cervejinha, tem vez, mas não é direto não, é as vezes, né? Não é direto não, é às vezes.

Os migrantes costumam sair sempre em grupos. Nelson fez questão de reforçar que não é sempre que vai ao bar ou que bebe, mas apenas “de vez em quando”. Nelson faz questão de dizer que não pertence a esse grupo de pessoas, talvez por não considerar um comportamento correto ou “bem visto”. Além disso, coloca seu compromisso com o trabalho em primeiro lugar, dizendo que não gosta de beber no domingo por conta do trabalho e por esse motivo gosta de “beber” aos sábados. O relacionamento com seus colegas de trabalho também não parece ser ruim:

É bom, é só conhecido, quando a pessoa vai ficar na casa com seis amigos da mesma cidade, porque aqui tem um “bucado” que são de outra cidade, são duas cidades, outro de outra, outro de outra, mas a pessoa da mesma cidade arruma seis [amigos] já conhecidos, vem todo ano e aí acostuma. [Moradia] Achei bom, a morada aqui não é ruim não, achei bom aqui. Aqui é 7 pessoas em cada casa, eu e mais 6. É tudo conhecido né? Não tem pessoa estranha, é tudo conhecido do mesmo lugar, a pessoa já conhece “tudinho”, já é acostumado direto.

O fato de morar com pessoas conhecidas, ajuda no processo de adaptação à nova moradia. Além disso, a frequência que migra, faz com que conheça mais pessoas e que se

sinta mais confortável em migrar outras vezes. Cada moradia possui de cinco a sete trabalhadores que são alocados em “beliches” nos quartos e segundo Nelson, gostou da moradia e o que conta a favor é o fato de morar com conhecidos. Ele sente dificuldades com relação a nova cidade:

[Relacionamento com as pessoas da cidade] É que assim, a pessoa sabendo andar, né? É em todo canto. A pessoa sabendo andar, aí todo mundo respeita. Agora se a pessoa for bagunçar não dá certo não. [Os moradores da cidade] Recebem bem, não tem preconceito não, se a pessoa fala da gente, né? Você fica na sua e pronto. [Dificuldade na cidade] é porque, um pouco assim, é um pouco diferente de lá, né? “mode” a família. A pessoa em casa é outra coisa, né? Tá longe e aqui não é que nem em casa, né? É diferente (...) é um pessoal mais estranho, o pessoal não é que nem de lá.

Nelson reconhece que se fizer algo que é considerado errado pelos moradores da cidade, sofrerá rejeição ou não será respeitado e por esse motivo respeita as regras implícitas em seu novo território, agindo por conveniência, como ele mesmo disse “se a pessoa fala da gente, né? Você fica na sua e pronto”. Para ele, ser cauteloso é melhor que ser imprudente. Além disso, Nelson relata que vê diferença entre as pessoas de Alagoas e da cidade o qual está alojado, enfatizando que são pessoas mais “estranhas”. Mesmo com as dificuldades de adaptações e a saudade da família, Nelson me diz que gosta de trabalhar:

Gosto de trabalhar, né? Enquanto eu puder trabalhar (...) a pessoa trabalhando é bom, a pessoa que trabalha tem saúde. Eu gosto de trabalhar direto! Comecei cedo. A pessoa quando trabalha é bom, é saúde, se você ficar em casa fica vendo o dia passar e se você trabalha, espairose ali. [O que menos gosta do seu trabalho?] É porque o serviço é pesado, né? O mais difícil é que é pesado, mas se a pessoa não tem um estudo [ou se] o estudo é pouco pra ela ter um emprego melhor aí tem que enfrentar o que aparece. Não é muito “bonzão” não mais, não tem outro tem que enfrentar tudo!

Nesta narrativa, o trabalho é sinônimo de saúde e dignidade. Para Nelson, a pessoa que trabalha tem saúde e ajuda a “espairecer”. Entretanto, enfatiza o lado negativo do trabalho com o corte de cana, que é o trabalho pesado, mas se conforma por não ter estudo e parece aceitar (mesmo que não queira) essa realidade social. Nelson “enfrenta” o trabalho e reconhece que se tivesse estudado estaria em uma condição mais favorável, até porque, não possui outra opção de renda neste momento de sua vida. E mesmo o trabalho sendo difícil e sofrido, fez com que Nelson obtivesse conquistas:

Ah, minha conquista é que graças a Deus tenho um “bucado” de coisas, né? Tenho um “bucado” de coisa, eu consegui minha casa, consegui minha esposa, consegui minha moto, aí uma conquista boa, né? Porque antes eu não tinha (...) não tinha conseguido isso, quando era mais novo não tinha conseguido, mas comecei a trabalhar aí consegui. Aí uma conquista grande, né? A pessoa conseguir comprar as coisas que a pessoa consegue. E por enquanto está dando certo, né? Com fé em Deus (...) e agora com fé em Deus está tudo bem.

Deus é mencionado em vários trechos e embora não frequente igreja aqui no Paraná, parece ser um homem religioso:

Quando eu estou lá [em Tanque D'arca] eu vou quase toda a semana, mas não vou aqui não. Quando eu estou lá eu tenho vontade de ir, mas não vou aqui não, porque às vezes dia de domingo eu acordo tarde, meio “enfadado” aí não tem como ir não, porque o serviço é muito pesado aqui, é muito pesado o serviço aqui. Nós chegamos hoje (sábado), nós estamos enfadados, aí amanhã é um dia de descanso. Eu tenho vontade de ir, mas eu vou direto quando estou (em Tanque D'arca), então direto eu vou. Eu fico mais em casa, “tomando uma fuga” porque a gente chega tarde e aí, fica “tomando uma fuga” pra trabalhar no outro dia de novo. Nós chega já e fica “tomando uma fuga”, descansando o corpo pra trabalhar no outro dia.

Por conta do cansaço físico provocado pelo trabalho precário, Nelson se diz sem disposição para frequentar a igreja, mas afirma que vai com frequência quando está em sua cidade e confessa que possui um sonho:

Eu ainda tenho um sonho, por enquanto, ajeitar minha habilitação, porque eu ainda não tenho habilitação por enquanto, mas eu estou pensando quando eu chegar lá [Tanque D'arca], se Deus me ajudar, estou preparado já pra ver se eu tiro [carteira de habilitação] para moto e carro já, com fé em Deus! E eu tenho vontade de comprar um carrinho pra passear mais pra frente e eu quero sair desse serviço porque é pesado. O serviço de cana (...) serviço muito pesado, a pessoa chega meio “enfadada” [cansada]. E outra, [o serviço] é meio quente. Sábado deu uma “chuvadinha”, foi bom, mas hoje foi quente. Aqui é assim, a pessoa está boa hoje, mas se o tempo mudar (...) aí o tempo muda de vez em quando e eu já adoço. Sábado o cabra está bom, agora se der uma variaçãozinha o cabra gripa, aí quando esquenta melhora, é assim. O tempo muda você está bom agora e daqui a pouco está doente (...). O tempo muda aí gripa, eu vivo gripado, direto! Lá [em Alagoas] é assim, se for verão, lá é verão direto, é difícil dar uma “chuvadinha”, mas aqui muda, né? Faz quinze dias que não chove, mas quando chove, chove dois ou três dias, aí esquenta o tempo, aí esfria, é assim. Aí o clima muda e a pessoa adoce e é muito pesado esse serviço e eu tenho vontade de sair. Eu vejo meus irmãos assim, tudo negociando fruta e eu quero negociar também. É, daqui mais uns 3 ou 4 anos, com fé em Deus eu quero ver se eu dou uma saída, quero tomar uma fuga, né? Eu tenho 34 anos mas eu já trabalhei muito já, já trabalhei, já.

Seus dois sonhos foram falados com brilho nos olhos. Nelson quer tirar sua habilitação para poder dirigir e ao mesmo tempo, tem o sonho de deixar o trabalho com o corte de cana por ser muito pesado. O clima da cidade, diferente do de Alagoas que quase não chove ou faz frio, aliado ao esforço físico, fez com que ele adocesse. Os trabalhadores ficam à mercê do tempo, trabalham no sol e na chuva e em condições precárias, o que prejudica seu estado imunológico e sua saúde. Nelson revela que tem vontade de trabalhar junto com os irmãos, na feira e aos trinta e quatro anos, diz querer descansar, por já ter trabalhado muito. Embora hoje seu sonho seja abandonar o trabalho com o corte de cana, Nelson revelou que a falta de oportunidade no início foi uma das maiores dificuldades de sua vida:

Minha dificuldade foi fichar com a carteira branca, eu tinha 22 anos com a carteira branca, nunca tinha trabalhado fichado, aí o cara, na primeira firma que eu trabalhei, não queria fichar eu, porque eu tinha carteira branca, hoje mesmo não estão

querendo pegar, o cabra com 18 anos, carteira branca, azulzinha não estão querendo pegar mais, não estão querendo não. Pra cá mesmo, pode mandar 100 carteiras brancas e pode mandar 10 que tenham ficha, pegam os 10 que tem a ficha. Os que não têm ficha não estão querendo pegar! É uma dificuldade, porque foi a maior dificuldade pra pegar, porque a minha carteira é branca e eu nunca tinha trabalhado e os cabras tudo já tinham ficha na carteira e não queriam, aí os cabras falaram: eu vou botar o menino aqui, pode confiar nele! Aí “botaram”, aí graças a Deus eu continuei trabalhando, mas não queriam não se não fosse, se o cabra não tivesse dado uma força eu não tinha pegado, porque não estão querendo pegar carteira branca mais, aqui mesmo, quem tem carteira branca é a maior dificuldade, de 10 eles ajeitam 1 só ou 2. Não querem mais pegar carteira branca, firma nenhuma pega, porque não tem experiência. Com experiência assim eles botam logo, a experiência conta muito. Mas de lá pra cá, graças a Deus, foi a primeira dificuldade, não deu mais. Hoje mesmo, pode mandar pra abatedouro, lá tem umas 13 ou 14 firmas que eu tenho confiança que é aprovado, porque eu já tenho um monte de ficha e não sou de primeira viagem assim, já sou conhecido, né? Tem muita ficha, não sou mais carteira branca.

Nelson fala da falta de oportunidades para quem não possui experiência. Conseguiu sua inserção no mercado de trabalho por indicação de conhecidos que legitimaram seu trabalho. Para ele, ter “fichas” é uma forma de mostrar o quanto é de confiança e trabalhador. Se diz confiante em conseguir emprego em qualquer empresa de agora pra frente. Seu sofrimento e cansaço ao longos anos de trabalho no corte de cana, lhe rendeu experiência e amizades que levará para a vida.

7.2 LUIZ

Luiz é um homem de 45 anos. Estava sem camisa e possuía uma tatuagem “caseira” de cruz, no braço esquerdo. Um senhor simpático e bem receptivo, sorria a todo o momento e tratava com bom humor as minhas perguntas:

Meu nome é Luiz, tenho 45 anos. Vim de Alagoas, da cidade de Junqueiro. Lá tem em média 25 mil [habitantes], é uma cidade pequena. Mas eu nasci em Palmeiras dos Índios, outra cidade, dá mais ou menos uns 100 km [de Junqueiro]. Lá é bom, cidadezinha pacata, a cidade é pequena, mas é legal sim, viver lá também. [Há quanto tempo mora lá] Tem um “bucado” de tempo, tem mais ou menos uns 20 anos.

De família humilde, Luiz teve uma infância marcada pelo trabalho e sofrimento:

A minha infância? eu não tenho assim umas lembranças muito boas, assim, né? Na minha infância a gente era um pouco, meio (...) não é só a gente, não, as coisas andavam meio devagar para todo mundo, né? E por conta disso, eu não tive uma infância boa assim. Foi boa porque eu tinha meus pais, os dois vivos, sempre cuidando de mim, e a gente quando é adolescente a gente se diverte um pouco também, mas pelo outro lado, não foi muito boa por conta de que a condição financeira da gente era muito mais diferente das de hoje, né? Hoje graças a Deus as

coisas estão um pouco mais melhor. As lembranças que eu tenho (...) eu não tenho assim, especial assim, né?

A pobreza e a necessidade do trabalho, presente em sua história, não permitiu que tivesse uma infância feliz:

Mas o que eu lembro mais assim é só das brincadeiras, né? Com uns amigos, com os meninos. A gente brincava de tudo naquele tempo! Hoje ninguém fala mais, mas eu morei muito em lugares assim que não tinha energia, água também, tinha água assim, mas era em poço que a gente tinha que buscar, a minha mãe tinha que ir buscar naqueles potes de barro, não sei se você conhece, né? Então, e não tinha energia, colocava lá nessas latas de leite e fazia um (...) enrolava e fazia mais ou menos um fogareiro para ficar queimando no lugar, né? (risos). E era muito difícil, ninguém tinha televisão, mas isso era geral, né? E é isso que a gente (...) é uma lembrança, mas a gente não tá sempre lembrando, porque não foi uma coisa muito boa. E hoje, graças a Deus a gente tá um pouco mais avançado sobre isso aí.

Segundo ele seu sonho era de estudar:

Meu sonho? Meu sonho era estudar, me formar, mas eu não (...) estudar eu estudei, mas não consegui me formar não, mas, não tenho do que reclamar não.

Em virtude do trabalho, Luiz não conseguir realizar seu sonho. O estudo também foi deixado de lado pelo trabalho:

Estudei até a 7^a série, por conta de ter que parar para trabalhar, meus pais não tinham condição de manter, né? O estudo (...) e eu tinha que escolher uma das duas opções, porque não dava para manter as duas, porque lá é diferente daqui. Aqui tem o horário, lá também tem agora, mas lá era diferente daqui, lá você saía para trabalhar de manhã, e você não tinha hora para chegar, acontecia de chegar, 19:30 da noite, 8:00 horas, até! E aí, não tem como misturar os dois, porque a escola tem o horário certo, né? E aí não deu para continuar não (...) é aí eu parei, eu falei, eu já sei ler e escrever um pouco, vou ajudar um pouco meus pais (...)

Na verdade Luiz não teve muita escolha. É semianalfabeto, sabe ler e escrever pouco. O trabalho tomava muito o seu tempo e chegava em casa apenas à noite, o que o impediu de continuar os estudos, optando por ajudar seus pais, que não tinham boas condições. Com um olhar triste, Luiz revela que já passou fome junto à sua família:

Já passei dificuldades (...) a gente já passou, a gente morava numa cidade lá em Alagoas e só o meu pai tomava de conta da gente, ele vendia sorvete, e ele tomava de conta da gente e depois saiu uma oportunidade pra gente tomar de conta de uma fazenda e a gente foi, mas só que chegou lá e não deu certo. Daí como lá “caiu” [não deu certo] não tava dando certo e só ele sustentando a gente, a gente voltou para lá. Daí foi trabalhar meu pai, eu e mais dois irmãos e mesmo assim a gente não consegui mais fazer aquilo que ele fazia sozinho e a gente teve muita dificuldade, a gente teve dia de trocar o almoço pela janta (...) é, para não ter que passar a noite inteira sem comer nada e mesmo assim, a gente passou por cima desses obstáculos, e estamos aqui. Deus mudou o quadro, melhorou um pouco.

Hoje, seu pai é falecido e sua mãe passa por problemas de saúde:

Meus pais trabalhavam com cana também, e o forte lá em Alagoas é cana, na região de Arapiraca que tem outra área que é fumo, mandioca também. Meu pai morreu, minha mãe está viva ainda. Ele faleceu, de infarto, né? Minha mãe está doente. Bem doente, a bichinha. É, ela tem muitos problemas, ela já tem 84 anos e ela tem problema de gastrite, problema no coração, na coluna, incha a perna, muita coisa! Tudo quanto é de negativo está tendo nela. A minha mãe ainda está viva, mas não está muito boa não, também. Tem um monte de doença lá, uns problemas, já gastou tanto e só conseguimos deixar ela viva por enquanto, né? (risos). Mas graças a Deus está viva porque está contando com a sorte ainda, né? Temos ela até hoje. Meus pais sempre foram muito bons comigo e com todos meus irmãos, não teve essa coisa de ser muito bravo não.

Luiz aprendeu a profissão desde criança com os pais, que também trabalhavam com a cana e como muitas pessoas, deu sequência ao trabalho dos pais. Ele fala com emoção de sua mãe, que aos 84 anos está bem doente. Luiz fala com muito carinho de seus pais e relata que sempre foram bons com ele e com seus irmãos:

Nós éramos em quatro, agora a gente está em três. Não, nós éramos em cinco, agora a gente está em três. Homem, né? Aí tem mais três meninas. Todos são oito, cinco homens e três mulheres. Moram tudo lá [Alagoas]. Um vive comigo também nesse mesmo ramo, foi embora semana passada, outro trabalha de caminhoneiro, e as meninas, uma é casada, mexe com esses negócios de Natura, Hermes, Boticário, um monte de coisas (risos) ela se dá bem nos negócios dela. É vendedora, executiva um monte de coisa! Sempre chega caminhão cheio de coisa pra ela entregar. Eu tenho 3 irmãs e 2 homens. Uma é casada, essa toma de conta desse negócio e outra toma de conta de minha mãe. No total seria oito, são três falecidos. Um faleceu de doença mesmo, de apendicite, e o outro de infarto, ele bebia muito e quando começava a beber não queria comer, só queria beber e acabou dele ir dormir e ainda hoje tá dormindo (...) morreu na cama. O outro? Foi de doença também, eu não lembro porque esse foi o mais novo, né? Sei que foi de doença também.

Luiz possui uma família grande com dez pessoas, entre elas seus pais e mais oito irmãos. Quatro pessoas de sua família já são falecidas, restando sua mãe e mais cinco irmãos. Um de seus irmãos é caminhoneiro e o outro também trabalha com o corte de cana. Já suas irmãs, uma é dona de casa, outra vendedora e a outra é responsável por cuidar de sua mãe. Conforme relatado por Luiz, já teve problemas de alcoolismo na família com seu irmão, que inclusive, foi o que o levou à morte. Hoje, Luiz é casado e mantém um bom relacionamento com sua família:

Eu sou casado, tem um tempinho (...). Ah, tem uns doze anos, mais ou menos. [Ela trabalha?] Não. Trabalha não, em nada não. Só na cozinha mesmo. [Conheceu ela onde?] Conheci lá mesmo, lá na mesma cidade, onde a gente mora. Não era amigo dela não, eu era amigo dos pais dela. Era parente do meu irmão. Meu irmão mora com uma tia dela e acho que ficou mais fácil um pouco, para mim (risos), né? Ficou mais ou menos mais fácil (...) a gente namorou acho que um ano e pouco, para depois casar, mas, “bote” depois nisso. A gente casou no civil, e na igreja não foi possível não. A gente não tá muito bem assim, né? Eu me dou bem como todo mundo, mas eu e minha mulher a gente não tá muito bem não, assim, mas (...) a gente já esteve melhor, já. Mas com meu filho, a gente se dá muito bem sim.

Luiz relata não possuir um bom relacionamento com a esposa, ao passo que a distância e constantes viagens dificultam a relação do casal. Mesmo não tendo um bom relacionamento com a esposa, Luiz diz ter um bom relacionamento com a família e com seus filhos:

Eu tenho um [filho] com onze anos, uma com treze, uma com dezoito, outro com vinte e três anos, são quatro! Um está trabalhando e os outros três, só estudam. Um trabalha na usina também, na termologia, lá em Alagoas. É fazendo análise de cana, essas coisas, né? Para ver como que está.

Luiz tem quatro filhos e hoje, investe na educação dos mesmos. Todos seus filhos estão estudando e um trabalha na usina, mas em área distinta da de seu pai, trabalha com análise de cana no laboratório. Ao que tudo indica, terão caminhos diferentes de Luiz, que não teve a oportunidade que seus filhos têm hoje, e acabou iniciando no corte de cana muito cedo:

Nosso pai já trabalhava nisso, até minha mãe também, aí, hoje acaba sendo uma herança, né? O filho acompanhar aquilo que o pai vem fazendo, né? Independente de que seja um trabalho daquele jeito que ele quer ou não, mas a tendência é sempre acompanhar os pais, né? Quando os pais têm uma profissão mais diferente, ele leva para aquele caminho também, né? Mas se for esse o destino vai também do mesmo jeito, aí vai contar com a sorte, para depois passar para uma coisa melhor, né? Eu comecei muito cedo, com 14 anos já trabalhava, já. É que naquele tempo não tinha esse negócio de registro, né? Chegava, ia todo mundo, trabalhava, era de qualquer jeito, você ia lá e trabalhava.

Luiz chama seu destino de “herança”, ao passo em que acredita que os filhos acabam seguindo o caminho de seus pais, independentemente de ser um trabalho bom ou ruim, devendo contar com o “destino” e com a “sorte” para conquistar algo melhor. Como trabalha desde os quatorze anos, considera o trabalho como sendo tudo em sua vida:

É tudo, a importância do trabalho é tudo, porque se você não trabalhar você nunca vai ser nada na sua vida e também nunca vai ter nada. Se você não trabalhar você não vai adquirir nada, você vai passar a depender só dos outros.

Hoje, em decorrência do seu trabalho, ou do trabalho de seus pais, já morou em diversas cidades:

Já morei em Água Bela, Palmeiras dos Índios, Junqueira, Cidade Gaúcha, Rondon, Icaraíma, sabe onde fica, né? Ah, tantas cidades aí. Não foi tudo a trabalho. Algumas eu rodei quando era criança, na infância ainda. Lá [Alagoas], eu nem lembro, eu morei em tanta cidade aí (...)

Luiz já morou em diversos Estados, tais como Pernambuco, Alagoas, Paraná e Rio de Janeiro. Quando criança, tinha de acompanhar seus pais nas mudanças por conta do trabalho. Até hoje, Luiz viaja muito e com muito bom humor, diz se considerar paranaense pelo tanto de viagens e tempo de estadia que tem no Paraná:

O que levou a vir aqui é a questão de entrosamento, porque quando lá termina aqui começa, e quando aqui começa, lá termina, aí como o forte lá é cana e, quando para

a cana, aí para tudo, né? Daí a gente ficava mais vivendo de seguro desemprego, mas depois apareceu isso aqui, aí a gente ficou revezando e as vezes a gente nem trabalha lá mais, só trabalha só aqui mesmo, chega lá fica só recebendo algumas coisas e já volta pra cá. Eu já me sinto paranaense já, eu já tenho acho que uns (...) aqui tenho 3 anos e na cidade vizinha tenho 7 [anos]. Eu sou paranaense sim (risos). Porque eu praticamente vivo aqui, eu vou lá só passear (risos). Antigamente a gente ia lá, ficava quatro meses para voltar, agora não, agora é dois meses só, é só umas férias mesmo, aí volta de novo.

O problema da vida cotidiana de Luiz é que a família acaba ficando de lado, pois possui apenas dois meses por ano para ficar com ela. Mesmo sendo difícil em decorrência da distância, Luiz pensa em voltar no próximo ano:

Eu penso em voltar, eu quero voltar sim! Ah eu sou paranaense, eu vou lá só mais passear mesmo e ver os meninos como que tá o tamanho e se apareceu mais algum [risos].

Luiz encara sua vida com muito bom humor e parece já ter se acostumado a migrar para o Paraná e diz que o processo de vinda já se tornou “normal”.

[Negociação com a empresa] Não, é regular, tá boa, tá normal, até aqui tá. O pessoal vai lá e organiza tudo certinho. Eu já estou sabendo de tudo, isso é mais pra quem nunca veio, né? Eu só participo porque tem que participar mesmo. Mas eu já, já estou por dentro de tudo, já.

Luiz reconhece que o processo de migração é muito difícil para sua família e diz que tiveram que se acostumar:

Olha, a realidade é essa, né? [a família] Não acha muito bom, né? Porque é difícil você ter filho, ter esposa, né? E ficar tanto tempo longe, porque, é que nem eu falei, eu praticamente sou paranaense, então eu não moro lá, eu moro aqui, né? E a família às vezes sente saudade, né? Mas acaba entendendo por causa da situação também, porque, se ficar lá a gente passa, mas não tem emprego, empregos são poucos, né? Na entressafra. E às vezes aquilo que você consegue na safra não dá para suprir a entressafra inteira, aí você saindo pra fora, você se sai melhor, porque já conquista alguma coisa mais.

O que leva o conforto à família é a situação não ser boa em sua região. Segundo Luiz, os empregos são poucos e o trabalho com a cana durante a safra, não consegue suprir as necessidades da família, que precisa se manter sem trabalho na entressafra. Além disso, a remuneração oferecida no Paraná, é melhor e ajuda a conquistar mais coisas, como ele mesmo diz. Luiz me contou sobre como é a viagem até o Paraná:

A gente vem de ônibus e é tranquilo, já estou acostumado, né? Quando você já é acostumado com uma coisa já fica mais fácil, agora quando você está primário ainda, você vai achando meio ruim, é meio difícil, complicado, né? [A viagem] dura em média de três dias, né? Mas daí, vai depender da sorte também, porque as vezes os “carros” [ônibus] começam a quebrar, daí acaba atrasando um pouco. Mas é difícil, é raro acontecer isso.

O transporte e alimentação durante, são de responsabilidade da usina. Luiz conta que os migrantes iniciantes, os quais chama de “primários”, acabam achando ruim a viagem, por ser longa e cansativa. Já no que tange a estadia na cidade, diz ser muito boa:

Tem sido boa, boa, muito boa. Até aqui não tenho nada a reclamar de nada.

Luiz é direto e prefere não entrar em detalhes quanto à sua estadia no Paraná. Diz ser muito boa e que não tem motivos para reclamação. Seu contato com a família é por meio de redes sociais, ligações de voz e chamada de vídeo e se mostra interagido no que diz respeito aos meios de comunicação da atualidade:

Mantenho contato com eles pelo telefone, pela internet, porque hoje ninguém vive sem a internet, né? “Whatsapp”, Face [Facebook], mensagem, tudo, tudo que tem direito a gente faz [risos]. Todo dia não, eu converso dois, três dias na semana, sempre é no final de semana é que eu converso bem, é bom, eu também (...) eu vejo todo mundo, você faz ligação, chamada de vídeo.

Dessa forma, Luiz consegue amenizar a saudade, conversar e ver a família em chamadas de vídeo que faz pelo celular. Embora não tenha contato todos os dias, procura ligar de duas a três vezes por semana, sendo mais frequente aos finais de semana, que é quando tem mais tempo livre:

A gente sai daqui 06h20min, trabalha até 11h00min e paramos para o almoço. Às 12h00min pega [volta], 03h20min paramos e vamos embora. É uma hora de almoço, a gente chega aqui à tarde.

O horário de trabalho é padrão e todos saem e retornam no mesmo horário. Luiz conta que não trabalha apenas com corte da cana, na verdade possui outra responsabilidade:

Eu cuido da área de vivência, né? Eu armo a barraca, coloco as mesas, eu tomo de conta assim do setor de onde vai ficar o pessoal pra almoçar, água essas coisas, mas eu ainda corto um pouco também, quando termino eu ainda vou lá e (...).

A área de vivência é o espaço reservado para o horário de lazer dos trabalhadores, que é das 11h00min até as 12h00min. Horário em que os trabalhadores almoçam e descansam um pouco antes da segunda jornada do dia. Além de ser responsável por distribuir as marmitas, Luiz também é responsável pela água. Suas atividades se estendem até para depois do expediente:

Eu agora mesmo, vou cuidar ainda do “carro”, vou limpar o “carro”, trocar água, por água pra gelar. Nesse caso, hoje não [sábado], porque amanhã nós não vamos, né? Mas geralmente é assim, quando eu chego tenho que fazer esse procedimento, repor a água no reservatório lá, colocar a geladeira pra gelar e limpar o ônibus para no outro dia, de manhã já esteja tudo certinho. Agora, nesse caso que amanhã ninguém vai, aí eu vou só limpar mesmo, água eu só coloco amanhã. Depois eu vou tomar um banho e descansar um pouco, né? Ficar nas teclas lá, [risos] vendo alguma coisa, para o tempo passar.

Em virtude de seu trabalho, Luiz tem pouco tempo para descansar, uma vez, que suas responsabilidades vão além do seu horário de trabalho. Além da organização e entrega das marmitas e água, a limpeza do ônibus também faz parte de suas tarefas. Mesmo tendo uma vida voltada para um trabalho precário, Luiz aponta para a necessidade do “salário”:

O que eu mais gosto é o dia de receber [risos]. Não, o que eu gosto mais é a amizade que eu faço, porque graças a Deus até hoje eu tenho bastante amizade no trabalho e isso acaba sendo uma coisa a mais, né? É muito importante você sair para o meio do mundo, igual a gente está aqui, à 3.000 km para Alagoas, que não é perto não, é longe, e você tirar um ano com dez meses de um trabalho e fazer amizade com todo mundo, isso é uma coisa que eu preservo muito e que eu levo comigo como um ato de conquista.

O relacionamento dos trabalhadores migrantes é como o de uma grande família, segundo ele. Diante de tantas dificuldades, sofrimento e saudade, a amizade é valorizada por eles. Segundo Luiz, gosta de morar e trabalhar no Paraná, porém, destaca um dos pontos negativos do trabalho:

Não tem assim, muita coisa, né? Mas um ponto negativo é a alimentação, porque não é assim do jeito que a gente quer, do jeito que a gente gosta, né? E como você está num trabalho que a comida vem distribuída por cantina, você sabe que se você montar uma cantina, você não vai querer estar mandando só coisa boa, né? Coisa de primeira qualidade para a alimentação. Você vai ter que conservar as coisas pra você, então, a comida as vezes não é do gosto da gente. Eu como porque tenho que comer mesmo. É arroz, feijão e carne, né? [O que você gostaria?] Arroz feijão e carne (risos), então aí é o tempero, né? O que vai mudar é o tempero e a qualidade. [Sinto falta do] tempero e da qualidade da comida, porque quando você tá comendo de cantina, você não come comida de primeira, você só come de segunda e de terceira, né?

A alimentação é algo muito valorizada por Luiz, que reclama da qualidade e do tempero da comida, que não é igual ao que está acostumado a comer em Alagoas. Além da comida, o café também é algo que faz falta:

A diferença é que eles não mandam o café. Você não toma café, não, a noite? [eu disse que não, e perguntei se era um costume deles] É isso mesmo. É um padrão, né? É um costume de lá. [O senhor faz café aqui a noite?] A gente faz sim. Mas, a alimentação é a mesma da roça. Só porque a noite eles tinham que fornecer o café e não fornecem.

Mesmo fazendo falta, Luiz diz entender o lado da empresa. Segundo ele, cada pessoa tem um gosto diferente e torna-se difícil agradar a todos:

O pessoal gosta muito desse negócio de cuscuz, mandioca, mas é uma coisa que se você fizer um dia assim, um vai gostar, mas o outro já não vai gostar, né, e o feijão com arroz é um padrão já, que todo mundo tem que comer mesmo, mas se for por “mode” o outro falar assim, hoje vai ter mandioca, hoje vai ter cuscuz, né? Aí não tem como, nesse caso aí eu entendo, é complicado você mexer com cantina, porque nunca você vai agradar todo mundo.

Compreensivo, Luiz tenta levar a vida de maneira leve, entendendo que todos possuem diferenças. Agindo desta forma, evita conflitos no seu dia a dia e mantém um clima harmonioso com os demais colegas. Com relação à casa, Luiz também faz alguns apontamentos:

A casa é muito boa, tem tudo que se precisa, eu já fiquei em outros lugares piores, mas aqui é muito bom, aqui não tem como reclamar das casas não. Tudo limpinho. [Do que mais sente falta?] A falta que eu sinto é da família, né? Mas do resto, eu vou fazer o que a noite, se for uma televisão, tem pra assistir também, geladeira a gente tem, acaba não sentindo falta de nada não.

Conforme relatos, parecem ser organizados com seus afazeres e buscam manter a casa limpa. Luiz diz que a única coisa que sente falta é da família e reclama de ter que fazer atividades domésticas, que segundo ele, não era pra ser “serviço” seu e pontua que tem sido uma dificuldade durante suas estadias no Paraná:

A dificuldade mais é só cuidar das coisas porque você tem que limpar roupa, né? Essas coisas, que tem que ser você mesmo e a dificuldade acaba sendo isso. Essa acaba sendo a dificuldade porque você tem que fazer um serviço que não é o seu.

Luiz vem de uma cultura machista, onde os homens devem trabalhar fora e as mulheres cuidar da casa, dos filhos e marido. Por esse motivo, possui o pensamento de que os afazeres domésticos não são de responsabilidade sua e demonstra que isso tem sido uma dificuldade até então. Hoje, mora com mais cinco homens em seu alojamento e para ele, respeito e amizade são fundamentais:

A gente está em seis, eu e mais cinco. É uma família, né? Nunca teve diferença com nenhum, todo mundo sempre se respeita, o que chega em casa é de todo mundo, não tem esse negócio de ficar dividindo nada, isso é muito bom, eu me sinto como sendo uma família também. Até esse tempo todinho que eu viajei eu nunca tive problema com esse tipo de coisa, de parceiro, porque eu sempre procuro respeitar e conquistar a amizade, até aqui, não teve problema pra mim não, ainda.

A amizade e o respeito com os colegas ajudam a manter um clima saudável em seu alojamento:

Melhor possível, eu no meu caso, que às vezes até eu converso, dou conselho, né? Passo algum recado que o menino [gerente administrativo] pede, o pessoal da usina, mas até aqui é a melhor possível, procuro sempre manter a amizade com todo mundo, nunca querer ser melhor do que ninguém, não ser diferente do que ninguém em nada, porque todos nós que está é porque tem um objetivo só de trabalhar e arrumar alguma coisa pra mandar para a família, então, nenhum momento eu penso de ser melhor do que ninguém.

Ao passo em que possuem o mesmo objetivo, os migrantes buscam manter a união e se ajudam no que é preciso. Segundo Luiz, construir amizades faz parte de sua rotina, mas não só com os colegas de trabalho:

[Rotina] Boa, melhor possível, aqui [na cidade] também eu estou construindo amizades também e ando todo canto aí, não tenho o que reclamar de nada, igual eu falei, eu me sinto paranaense também [risos]. [Como constrói amizades aqui?] Olha, a amizade você constrói da maneira que você se comporta, né? Vai depender do seu comportamento. Se você não tiver um bom comportamento não vai conseguir amizade com ninguém, então, você tem que procurar respeitar as pessoas, né, os mais velhos, os mais novos também, não querer ser diferente de ninguém, ser igual a todo mundo e isso aí acaba sendo o ponto forte para você conseguir uma amizade, é a humildade que você tem.

Para Luiz, o comportamento determina muitas coisas. Segundo ele, se não existir um bom comportamento, respeito e humildade, a construção de amizades não acontecerá. Como ele mesmo diz, tais valores e atitudes é o “ponto forte” para conseguir amizades. Luiz se diz ser uma pessoa caseira e conhece as pessoas no comércio da cidade:

Eu não sou muito de sair, mas eu conheço na cidade mesmo, é em loja, eu acabo conhecendo, é em mercado, em lanchonete, às vezes eu vou, também e acabo conhecendo e até que tá dando tudo certo. Não sou de sair em balada igual muitos fazem, não. Eu nunca quis não, nunca foi o meu (...) no momento ainda não fiz não, isso não, sou mais caseiro.

Revela que muitos dos seus companheiros frequentam festas na cidade e se diz diferente. É um homem pacato e que gosta de construir amizades e diz nunca ter sofrido preconceito na cidade e embora não tenha dito, parece já ter presenciado algum tipo de preconceito com seus colegas:

Não, comigo ainda não foi o meu caso, mas, já deve ter acontecido com algumas pessoas né? Mas não é todas essas coisas de você colocar na cabeça não, mas é muito pouco. Comigo até aqui não foi meu problema não, eu não. É porque eu já sou paranaense.

Segundo Luiz, já deve ter acontecido com alguém, mas não é coisa de se “colocar na cabeça”, e diz ser muito pouco. Ele reforça já se sentir paranaense, ao mesmo tempo em que utiliza tal afirmativa para justificar o motivo pelo qual nunca sofreu preconceito. Assim, acredita já ter se adaptado às pessoas e a cultura do Paraná:

Uma situação difícil que eu tive, foi quando meu irmão morreu porque eu estava no Rio de Janeiro e eu não pude ir lá, ainda eu fiquei desesperado, mas não podia fazer nada, e não teve como eu ir lá, e eu cheguei (...) eu gastei muito dinheiro com telefone, pra ligar, né? Eu acho que esse foi o momento mais (...) que eu fiquei num “mato sem cachorro”, querendo fazer as coisas sem poder fazer, não foi fácil não. Ele morreu de infarto (...).

Com os olhos cheios de lágrimas, Luiz contou que não ter ido ver o irmão falecido foi uma das situações mais difíceis de sua vida. Quando aconteceu, ele estava trabalhando no Rio de Janeiro e se viu impossibilitado de fazer algo. Sua dor foi enorme e segundo ele, gostaria que tivesse sido diferente. Parece que leva consigo há muito tempo essa “ferida” que foi

causada por conta do trabalho e das suas viagens. Para Luiz, bens materiais não são tudo, e fala de uma de suas maiores conquistas até hoje:

A minha maior conquista? Ah eu acho que eu não tenho nenhuma assim (...) mas um momento muito feliz na minha vida foi o nascimento do meu primeiro menino, do meu filho. É uma conquista e até hoje ainda é, porque meus meninos nenhum me dá trabalho assim, são meninos caseiros, não tem vício de nada, e isso me dá muito orgulho.

Hoje, seu sonho é poder crescer e de poder deixar o trabalho com a cana:

De crescer mais, de mudar a categoria de trabalho, de poder ficar só em casa com a família, parar de ficar pelo meio do mundo, porque, é bom, você faz muitas amizades, igual eu te falei da primeira vez (...) é porque, é meio cansativo pra gente, tanto pra gente daqui como eles que ficam lá, mas eu vou conseguir sim (...).

Seu maior sonho hoje é de crescer profissionalmente e te poder ter uma vida normal, ou seja, acompanhar o crescimento dos filhos, poder ficar com a família, ter contato com os amigos de infância, que é algo natural para todo ser humano. Muitas vezes, a migração e o trabalho precário faz com que Luiz abdique de muitas coisas de sua vida, por um lado, simples, mas de grande valor. Luiz relata que as amizades construídas aqui, também deixam saudade, mas nada se compara com a saudade que sente da família. Tem convicção de que conseguirá realizar seu maior sonho, que é ter uma vida simples, apenas junto com a família.

7.3 JOÃO

João é um homem de 36 anos. Um homem religioso e determinado, demonstrou ser sonhador e ir atrás de seus objetivos:

Meu nome é João, eu tenho 36 anos. Nasci em Maceió, Alagoas. Me criei no sítio lá, numa cidade vizinha, Taquarana. Lá é bom também, né? Bom e tudo, mas na área de emprego, é mais é ruim pra emprego, né? Aí o cara tem que lutar vida afora, porque lá não é fácil.

Sobre sua infância:

Minha infância foi boa, né? Sempre foi boa, sempre brincava bastante. Tive mais oportunidade de brincar porque eu fui o mais novo da família. Eu tive mais oportunidade do que meus irmãos, né? Sempre eu tive mais oportunidade, porque meu irmão era mais velho e o trabalho, ele trabalhava mais. Eu vivia mais em casa, e principalmente o filho caçula ele tem mais oportunidade na família. Aí, sempre desse jeito. Porque a mãe dá mais carinho à pessoa né? Eu não sei, assim porque (...) é que ela dá mais carinho aos filhos mais novos do que os mais velhos. Até hoje mesmo assim, nessa idade, minha mãe dá mais amor a mim do que aos outros mais velhos.

Mesmo criança, seus irmãos tinham que trabalhar para ajudar nas despesas de casa, enquanto isso, João brincava e aproveitava sua melhor fase:

Quando eu era criança, eu sempre brincava, né? Inventava um negócio de pegar passarinho, que lá é diferente daqui. Ficava brincando mais os meninos, principalmente nordestinos, assim, ficavam brincando com negócio de casinha. As meninas faziam a casinha assim e as meninas ficavam brincando, nós ficávamos brincando demais de mulher assim, fazendo as casinhas, fazia as paneladzinhas, as coisas, era legal também, porque hoje em dia as pessoas não brincam desse jeito não, só tem violência.

Além de ter “oportunidade” de uma infância normal, João também teve a oportunidade de estudar, mas não concluiu:

Tive a oportunidade, mas eu que não desenvolvi na escola, mas eu tive muita oportunidade, meus irmãos não tiveram, mas eu tive todas as chances, mas assim, a minha mente mesmo não se desenvolveu nos estudos, mas eu tive oportunidade, isso aí eu não tenho o que reclamar não.

Segundo ele, não pode reclamar, pois teve oportunidades e reconhece que seus irmãos não tiveram. A dificuldade com as disciplinas, aliada à falta de estrutura e apoio, fez com que João abandonasse a escola:

É porque assim, eu ia pra escola, fui convidado pelo colega meu, “ah, vamos pra escola?” e eu disse assim “vamos”, aí eu continuei indo, já tinha uns 10 anos, 11 anos nessa idade assim ou mais, aí eu continuei, mas eu era assim, quando eu começava a escrever uma coisa ou outra, vinha aquele negócio na minha mente e minha mente não conseguia abrir, ficava logo agoniado com a professora, com as coisas, porque eu não conseguia responder aquilo ali que era pra responder, aí eu ficava muito “aperriado” [impaciente]. Não aprendi nada, leitura assim mesmo, não aprendi, sei escrever nome e tudo mais, mas leitura assim não aprendi não. Ler, não sei não.

Quase analfabeto, sabe escrever muito pouco e não sabe ler, mas diz ter vontade de aprender:

Ah, tenho muita vontade [de aprender]! É uma coisa que diz, como a história do povo, né? É uma coisa que eu tenho um pouco assim de ansiedade, dizia como uma inveja, é isso aí, porque eu não sei ler, e quando eu vejo a oportunidade no dia, que nem eu falo para os meninos, porque eu sou uma pessoa desenrolada e tudo, mas você tem que ter o estudo para ajudar em uma parte, se o “cabra” não tem é difícil, por isso que eu invisto em meu filho hoje, pra ele não ser nem o que eu sou, tem que ser mais do que eu, porque tem que estudar pra ser alguma coisa lá a frente.

Mesmo sem estudar e passando uma infância difícil, João diz não ter arrependimentos e sente falta de apenas uma coisa:

Do que eu fiz, de criança não tem como se arrepender não, não tenho motivo de se arrepender, é porque, pra mim sempre foi bom, nunca vivi aprontando nada, aí eu não tenho como reclamar não. Eu sinto falta de ficar brincando, né? Mais os meninos, porque você tem uma oportunidade, você pode brincar onde for, ali você brinca o dia todo e é muito gostoso demais! Hoje, até hoje você sente falta, você vê assim, é só a correria do trabalho e você olha um pouco pra trás e diz: meu Deus, ó,

tudo já passou! Então é por isso que eu digo, quem tiver a oportunidade de aproveitar sua infância, de brincar, pular o que for, aproveite, porque depois fica difícil, fica difícil (...).

João sente falta de sua infância, das brincadeiras, de não ter responsabilidades, de não ter que se preocupar com o trabalho e com a vida. Hoje, o trabalho pesado e precário impede que João tenha uma vida mais leve e se diz surpreso em ver o tempo passar tão rápido. Quando criança, João tinha sonhos de “gente grande”:

Eu não sei nem explicar essa parte, né? Porque tem muito sonho na vida, né? Se alguma coisa (...) meu sonho era de trabalhar, ter minhas coisinhas assim, e quando criança assim, eu conversava mais meu primo e dizia bem assim: eu tenho que, vamos batalhar que quando eu ficar de maior vou ajudar meu pai, e quero batalhar mais ele, ah, [conquistar] as suas coisinhas, né? Por isso que tudo tem um sonho de criança pra sonhar (...).

Desde criança, João já pensava em ajudar seus pais. Presenciava a realidade difícil de uma família pobre e com poucas condições econômicas e sociais. A única coisa em que pensava era em ajudar seu pai, “batalhar” junto e assim, obter conquistas. Era um menino obediente e se relacionava muito bem com a família:

Era bem, né? Nunca me envolvi com nada errado, com droga, nem com nada, então eu tive muito carinho pelos meus pais, como tenho hoje, ainda são vivos (...) sempre fui assim, sempre o mais amoroso com a família em casa foi eu, de eu mandar meu pai comprar alguma coisa de alimento pra mim, ele fazia de tudo e ia comprar! Então eu, não tenho nada contra a falar dessa parte. Nunca passei dificuldades (...).

Mesmo com a pobreza, João relata que nunca passou necessidades e possui uma grande admiração pelos pais, que ainda são vivos:

São vivos, não trabalham não. Ele [meu pai] trabalhava na parte de roça e também de cana também, né? No tempo que ele trabalhava de roça assim também, de lavoura, e também a parte de cana, sempre trabalhou nessa área. Meu pai tem setenta e poucos anos já. Já foi operado algumas vezes já (...) adoeceu bastante, mas graças a Deus estão bem. Ele atacou um derrame, né? Esse tipo de coisa aí, ficou aleijado a perna, os braços e ele sempre falou pra mim, falou: meu filho, pra mim não tem jeito. Mas eu disse: meu pai para o Deus que eu sirvo o senhor tem jeito, porque eu tenho muita fé em Deus e o senhor tem jeito sim, aí ele disse: ai meu filho, tá certo! Aí ele passou 21 dias no hospital, lá em coma lá, e graças a Deus ele está bem agora, andando, move os braços (...) as pernas. A gente tem que agradecer a Deus por todas as coisas. Ele chegou assim em casa e passou, não sei, um vento, não sei como foi e ali já mudou o rosto dele, a feição dele, e já deu isso aí com a doença e passou esses monte de dias internado, tá com pouco tempo.

Seus pais sempre trabalharam no campo, com lavoura e cana e ensinaram seus passos ao filho, que mais tarde também iniciou no trabalho com a cana. João é um homem de fé e menciona Deus em vários trechos de sua entrevista. Segundo ele, a melhora de seu pai, vítima de um derrame cerebral, ocorreu por conta de um milagre de Deus. Com relação à sua mãe, João fala com muito carinho:

Minha mãe está bem, está bem. Sempre ela dá recaída também assim e ela sente alguma coisa e depois fica bem também, negócio de gastrite assim, mas depois fica bem, depois melhora mais, mas numa parte está bem, né? De vez em quando bate uma dor nela (...) esses dias eu estava lá, bateu uma dor nela e ela ficou agoniada! Sempre corremos atrás e a gente faz assim, por isso que a gente tem que aproveitar nossos pais, porque eles criaram a gente, e a gente tem que criar eles. Todos nós temos que colocar no nosso coração desse jeito, porque por nossos pais criaram nós, chega um momento que nós que temos que criar eles porque eles se tornam uma criança de novo, por isso que jamais, não pode ficar fazendo coisa errada, é tudo negativo, não pode fazer isso aí, né?

João é o filho mais novo de mais quatro irmãos:

Tenho cinco [irmãos] com eu. São três homens e duas mulheres. São mais velhos. Tem um que trabalha lá mesmo [Alagoas], está trabalhando lá agora e tem outro mais velho que está em São Paulo, trabalhando em São Paulo, lá. É, está com 12, 13 anos que está em São Paulo. Ele trabalha num negócio de fibra numa metalúrgica, num negócio de coisa química lá. O outro trabalha no negócio de cana também lá em Alagoas. Tem um que tem 40, outro tem 41 por aí já, essa idade já. Os irmãos homens, né? [e as mulheres?] Quantas tem? Tenho duas irmãs mulheres e homens são três comigo.

Quando questionado sobre seus irmãos, mencionou primeiro os homens e na sequência as mulheres. Com relação às irmãs, João não entra em detalhes. João é casado há 15 anos e fala de sua esposa:

Faz 15 anos. Casei com 22 anos. [O que ela faz?] De vez em quando ela trabalha assim, né? Em casa assim, fazendo faxina, em algum “empregozinho” que tem, que aparece, né? Ela estava trabalhando mais na casa de família lá, né? Uma “lanchonetezinha” lá, trabalha mais final de semana, final de semana ela trabalha e no resto da semana ela cuida da casa. Aí agora, totalmente, agora ela tá parada, cuidando da casa, da família, né? [Como se conheceram?] Eu conheci, que eu trabalhava num serviço lá, mais a mãe dela e o irmão dela, na roça lá, de roça, aí eu conheci a família dela. Aí eles diziam assim: vai lá em casa! Aí eu descí na casa deles lá, fiquei lá conversando e através daí eu conheci ela e começamos a namorar, e passou um “bucado” de tempo e ela viu a minha companhia e depois que nós casamos também, tivemos o filho e pronto. Namoramos pouco tempo, foram seis meses para casar. Casamos no cartório e depois apresentamos na igreja, né? Eu e ela, apresentamos aqui em São Paulo, já. Já vivia junto, né? Tinha o filho e já vivia junto, pra depois, fui pra São Paulo quando estava meu irmão aí, e a gente se casou em São Paulo.

As mulheres em Alagoas possuem poucas oportunidades de trabalho e desta forma grande parte trabalha informalmente, como é o caso da esposa de João, que trabalha de diarista ou como atendente em lanchonete. Entretanto, hoje, está desempregada e atualmente cuida do filho e da casa:

Ele tem 12 anos, e está estudando. Tenho só um menino só, um rapazinho. [quer ter mais filhos?] Ah, você pode ter, né? Mas pode não dar, né? Porque as coisas não são fáceis. Porque meu irmão mesmo tem quatro filhas mulher e pra ele não é fácil e aí eu fico olhando, vejo que a vida não é fácil. Pode ter outro eu não sei, não tenho previsão, quem sabe é Deus, mas pode acontecer, né? Mas eu não tenho previsão não.

João fala orgulhoso de seu filho, que hoje, tem a oportunidade de estudar, diferentemente do pai, que não teve apoio e acompanhava os pais desde muito pequeno no trabalho. João seguiu os passos de seus pais e seu primeiro emprego também foi na lavoura:

[Iniciei] Com meu pai, ele andava naqueles tempos, pra lavoura e eu também andava mais ela [mãe], uma criança, mas sempre acompanhava eles, e ali eu aprendi cortar cana, porque sempre andava mais eles e eu sempre tive um sonho e dizia assim, quando eu ser de maior vou trabalhar, vou ajudar meu pai, vou entrar na companhia. Então eu continuei assim, aí, foi. Aí comecei ter a idade de fichar nas empresas, aí fichei e continuei trabalhando. Comecei eu tinha a base de uns 18 anos. Eu estava de maior, né? Com 18 anos eu comecei a trabalhar na empresa. Comecei lá em Alagoas.

Para João, o trabalho:

É bom que a pessoa conquista algo na vida, né? Trabalhar honestamente, pra você conseguir suas coisas, realizar os sonhos que é dar o melhor pra família que você consegue, porque sem trabalhar a pessoa não é ninguém, tem que pegar pulso firme pra conseguir as coisas. Não pegar fácil de ninguém, porque isso aí não convém a nada. Você arruma fácil aqui, ali você perde tudo fácil! Aí o que você ganha no seu suor da sua força do seu braço aí tudo dá certo.

Em virtude da falta de oportunidade em Alagoas e da necessidade do trabalho, João já morou em diversas cidades:

Morei em bastante lugar, né? Sempre morei em São Paulo, lá no São Bernardo do Campo, fui trabalhar lá, né? Trabalhei num colégio lá, tomando conta de umas crianças lá, passei um “bucado” de tempo e eu fui embora de novo. Morei ali na região de Santo André também (...) com meu irmão lá, depois voltei, vim pra aqui também, e morei umas três ou quatro vezes em Maceió. Eu nasci em Maceió, em Recife, Maceió. Fui gerado realmente lá, né? Na cidade vizinha de Maceió e nasci em um hospital de Maceió.

Sobre os motivos que o fizeram vir para o Paraná, João conta:

Assim, a gente estava batalhando lá sempre, aí um cunhado meu falou assim: oh vamos lá para o Paraná? Se você quer conquistar alguma coisa assim, você consegue lá, no tempo da moagem você consegue. Eu falei: beleza! Aí eu estava no sonho de resolver uma casa, lá, de fazer uma casa, e cada um, principalmente mulher tem o sonho de ter a sua casa e eu fiquei (...) disse, é eu vou batalhar! Vim, batalhei, graças a Deus esses três anos que eu vim, consegui minha casa. Tenho uma casa, tenho minha moto de andar lá, meu transporte e tudo consegui no corte. Ela (empresa) foi lá, mandou a pessoa pra me fichar lá e a gente fichou e trouxe a gente pra cá, pra trabalhar na lavoura né? Vim em setembro.

Há três anos, João trabalha nesta mesma empresa, no período de safra, mesmo sabendo que a família é contrária a sua decisão:

Ah, ficou difícil, né? Nem a família realmente não queria que a pessoa tivesse vindo, mas a precisão é mais, numa parte é mais do que tudo, né? Então a pessoa tem que ser, a pessoa que é honesta mesmo tem que fazer isso aí. Deixar tudo que você tem de bens, pra lutar mais, né? Porque não é fácil.

Sua escolha também acarretou em consequências nada fáceis:

Você sente saudade da família, principalmente dos filhos, porque o meu filho não foi fácil pra nascer, [foi] muita luta. Aí nasceu, aí até, minha mulher o sonho dela era de ter uma menina mulher, mas ela diz bem assim: não, deixa quieto, não vou querer não. Que seja um homem para pelo menos ser seu companheiro! Aí teve um filho, aí quando eu completava ano, o menino foi e nasceu. Aí, coisa muito importante, né? Muito importante mesmo e o menino sempre dá força a gente, demais. Passamos por muitas lutas no casamento, “mode” [em decorrência de] situações, viajando pra cá mesmo, pra longe e o “cabra” tem que enfrentar tudo para conseguir as coisas da vida. Tem que deixar tudo pra trás e ter pulso forte, correr atrás e conseguir! E principalmente, eu também, sou diferente, confio muito em Deus, sou evangélico também, busco muito força em Deus e o resto a pessoa conquista. Tenho o sonho de conquistar mais alguma coisa, né? Mais uns sonhos, né?

Ele fala com os olhos cheios de lágrimas de seu filho, pois teve complicações no parto. Para amenizar as saudades, mantém contato com a família por meio de telefone e aplicativos, como o “Whatsapp”:

É assim, a gente sempre tem contato e também liga pra lá, né? Liga ou então (...) raramente, são eles que ligam mais, a gente precisa, uns parentes também, nossos pais também ou a família de casa, o casal né? Precisando eles ligam pra gente. Eles entram em contato e o que puder resolver a gente resolve.

Com relação à cidade que está alojado, João fala que está satisfeito e até se sente mais seguro:

É bom na amizade com as pessoas, mas aqui a pessoa se sente melhor, numa parte porque todo mundo vive no seu cantinho quieto, respeita todo mundo, é difícil você ver um cara matando o outro, realmente lá você vê. Mas aqui é diferente, é muito diferente demais de lá, mais sossegado. Você vê, aqui a pessoa passa e vê a chave na ignição da moto, lá, não pode deixar. A porta do carro aqui é com o vidro baixado, lá não pode deixar. Se deixar você fica sem ele, então aqui se torna muito mais diferente, que nem mesmo, porque eu já vim três anos pra [Cidade] Gaúcha, trabalhei em Gaúcha, vim ano passado pra aqui e vim agora, na segunda viagem [vim] pra cá de novo, então, eu achei muito bom numa parte, né? Mas com as famílias das pessoas lá, fica muito diferente, né? Então não é fácil não. Sempre morei lá.

Entretanto, mesmo com a segurança, a moradia no Paraná se torna difícil pela falta que faz a família. João relata que não sai muito de casa e frequenta apenas o trabalho e a igreja:

A gente sai às 06h00min e começa a trabalhar as 07h00min da manhã e larga meio dia na hora do almoço, 11h00min e continua até 15h00min, 15h20min nós saímos da roça e vamos embora pra casa. Assim, eu tenho conhecimento com poucas pessoas, porque eu não ando muito assim. Só ando daqui para o trabalho, na roça, eu vou pra igreja, então eu conheço as pessoas, situações “mode” isso aí, que eu ando assim, daqui da casa pra igreja, então eu não tenho conhecimento das pessoas, mas, é muito bom demais. Muito bom mesmo.

João é um homem muito religioso e faz parte de sua rotina, ir à igreja aos finais de semana para agradecer a Deus. Desta forma, suas amizades são com as pessoas da igreja e do comércio, que são os lugares que mais frequenta. O fato de não sair muito do alojamento, faz com que João tenha poucas amizades na cidade:

Bom, na cidade assim não tenho muita amizade não, com ninguém não. Assim, pessoa que é da igreja lá eu vou, converso com eles ali, ou então tem um menino que tem a farmácia na rua ali (...) tenho conhecimento também um pouco, já muito ali (...) lá de Gaúcha e converso com ele um pouco, mas amizade com o povo não tenho não. Tenho muito pouco contato.

Para João, o fato de não ser da cidade, faz com que as pessoas tenham receio em fazer amizades e faz algumas revelações:

Porque assim, eu acho que as pessoas tem uma diferença, né? Vê a pessoa de fora tem vez que não conhece, a gente vê que nunca viu e fala: ó aquela pessoa ali é má pessoa, mas a pessoa se engana, porque tem pessoa que vê a pessoa assim, mas se engana (...) eu digo a pessoa que eu tenho um coração tão bom que ele nem espera, porque que nem eu digo, minha parte mesmo, que eu (...) entendeu? Fui pra Gaúcha lá, andar, até os povos lá falou pra mim assim: oh, quando anda dois ou três alagoanos assim as pessoas ficam com medo, mas digo: oh, nem todo mundo é igual não. Todo mundo não é igual, então, é nisso aí que tem pessoa que se engana desse jeito, porque como tem pessoa ruim no lugar da gente [Alagoas] é como tem pessoa ruim aqui também, que tudo, a nação inteira, cada um é desse jeito. É, mas existe isso aí. Mas também tem pessoas que dá muito a parte de acontecer isso também! Tem pessoas que dá às vezes cabimento de acontecer isso, dá mal visto para as pessoas nessa parte também. Porque hoje em dia você confia na pessoa dentro de casa e termina sendo traído, sendo que é uma pessoa que você nunca viu! É difícil “mode” isso também, né? Por isso que a pessoa, que nem eu falei pra você se sente mais diferente assim, “mode” isso aí, porque no canto da pessoa é diferente e aqui se torna mais (...). Se a pessoa daqui for pra lá no nosso lugar, ela vai se sentir diferente do mesmo jeito, é mas, em noutra parte eu não tenho nada contra não.

Por ser de uma outra cidade, João acredita que as pessoas os veem com diferença, uma vez que não o conhecem. Relatou que as pessoas têm preconceito quando os alagoanos andam juntos, pois têm medo, associando à violência, roubo, etc. Além dessa situação, João explica suas maiores dificuldades na cidade:

Ah é porque as pessoas são todas diferente, né? Que nem no seu lugar, porque, às vezes chega o final de semana e você vai no seu lugar, lá num sítio assim, num canto no sítio depois, é tudo diferente! Lá são cinco pessoas, lá. São duas pessoas num quarto, né? É desse jeito lá. Sente falta de bastante coisa, né? Suas amizades (...) é tudo diferente e até as comidas aqui é tudo diferente das de lá. Porque assim, aqui (...) lá você tem um cuscuz de manhã ou à tarde e aqui não, você está no quarto direto (...) ou então verdura, aqui é assim, aqui é diferente de mais de lá, é ruim “mode” disso. Não, aí tem que sobreviver desse jeito mesmo, tem que dar né, não tem como não dar.

João se sente incomodado com as pessoas da cidade. Não se sente confortável e parece não encontrar o “seu lugar”, além de falta a privacidade, por morar com mais quatro homens. Na verdade, João sente falta de ter seu espaço. Desta forma, João precisa se adaptar a sua nova rotina, e também com a alimentação no Paraná:

[Cozinham?] Tem pessoas que faz, mas eu raramente, eu mesmo não faço não, compro um lanche pra inteirar alguma coisa e tudo, mas, fazer isso aí, não faço não.

E assim, João “sobrevive” como ele mesmo diz, “tem que sobreviver desse jeito mesmo”. O fato de morar com pessoas desconhecidas também é algo que o incomoda:

Ah, é difícil demais! A pessoa está acostumada com pessoas da família e é difícil. Não é fácil porque você dá uma voz de ativo e você diz: não faça isso, e as pessoas não atendem. Tem vez que as pessoas são até mais velhas do que você, você se sente assim meio diferente, ter que falar com um senhor mais velho do que eu, e a pessoa não tem (...) fica sem saída. A pessoa vê que está errada e tudo e tudo mais, fica difícil. A pessoa vê as coisas erradas, mas a pessoa tem que se recorrer e ficar num canto quieto porque a vida é desse jeito. Nós temos que tropeçar em alguma coisa, mas tem saber fazer as coisas porque se não a pessoa se acaba antes de chegar o dia certo. Se torna diferente desse jeito, porque nem todo mundo, é igual, é amigo ali (...) é amigo entre aspas mas, é complicado demais.

João demonstra descontentamento com seus companheiros de alojamento e relata ter que corrigir pessoas mais velhas que ele, situação esta, que João não considera normal, ao passo que as pessoas mais velhas deveriam dar o exemplo e fazer as coisas corretas. Além disso, o silêncio é um aliado de João para não entrar em conflitos no seu alojamento:

Chego e converso o que der pra conversar, e eu chego e converso com eles tudo e aí faz amizade e tudo, e o que der pra conversar a gente conversa, se não der assim, fica no seu cantinho quieto e pronto, mas é muito bom. O cabra tem que ser amigo de todo mundo pra poder conseguir alguma coisa na vida, respeitar o próximo que é (...) principalmente.

Ele relata que a vida é desse jeito, caso contrário “a pessoa se acaba antes de chegar o dia certo”. Para João é necessário ser político e fazer amizade com todos, além do que, respeito ao próximo é fundamental. João fala sobre seu alojamento:

Tem geladeira, tem, quem não tem, não tem. Então, tem uns que tem uma televisão, ou então tem pessoas que não tem a televisão, mas não gosta daquilo ali, não quer assistir de um jeito, quer assistir de outro, então se torna diferente, então, nosso companheiro numa parte é o celular que a gente fica mexendo numa coisa na internet, numa coisa e outra e vai ali (...) mas, televisão, é meio complicado demais (...) é (...).

Dia a dia, João convive e releva as diferenças e conflitos. Conta que nem todos têm todos os eletrodomésticos, além do que, alguns itens causam divergência entre eles, como é o caso da televisão, pois nem todos conseguem chegar a um consenso. Desta forma, João recorre ao seu aparelho celular, onde fala com a família e navega na internet. Entretanto, mesmo com diferenças e conflitos, os colegas de alojamento lhe fazem companhia e João diz também se divertir quando estão reunidos, como por exemplo, na cozinha:

O pessoal gosta numa parte porque você se diverte também no meio do povo, fica ali conversando se distraíndo, então é uma parte muito boa, porque você, hoje em dia principalmente, se você ficar trancado num quarto, numa situação que seja, você vai ficar doente, então quanto mais você num canto num espaço, sua mente vai ficar trabalhando mais ainda e quanto mais vida, mais melhor a pessoa também, né? Fica sempre conversando e está muito melhor, então, pra mim é desse jeito.

O coletivo faz com que João se sinta melhor, mais acolhido, uma vez que consegue se distrair e amenizar a saudade da família e os problemas do dia a dia. Segundo ele, a solidão faz com que a pessoa adoça. Diante disto e por motivos pessoais, João diz não ter planos de voltar para o Paraná:

Agora não tenho vontade não, mas outro dia posso voltar, né? Porque eu quero agora passar mais tempo com a família, né? Cuidar mais da família e ter mais contato com eles, porque eu fico pensando (...) que nem meu pai e minha mãe que já estão muito velhos então, eu quero tirar um tempo, porque o que ele cuidou de mim eu quero cuidar dele. Quero aproveitar essa oportunidade, porque amor de pai e de mãe você não arruma em todo o lugar, então tem que ser assim, do jeito que ele me criou eu quero, eu tenho o sonho de eu criar eles, porque não é fácil. Eles são bem de idade já, né?

João não pensa em voltar para o Paraná no próximo ano. Ele sente falta da família e tem planos de cuidar dos seus pais, que já são de idade. Neste caso, além das más condições nos alojamentos, a família possui um peso grande, sem contar, o próprio trabalho, que é muito sofrido:

Não sei como falar não. Não tem como explicar essa parte não. É pesado. Uma parte é muito pesado (...) [silêncio]

Não há como negar. O trabalho com o corte de cana é sofrido, penoso e precário. João silencia aquilo que é evidente, seu sofrimento com o trabalho, quando questionado sobre o que menos gostava. João fez um silêncio, que disse mais que muitas palavras. Neste momento, abaixou a cabeça e respirou profundamente. A parte boa, é que João conseguiu conquistar muitas coisas, que quando criança, sonhava em conquistar:

Minha conquista é que eu batalhei e conquistei a minha casa, graças a Deus, e também conquistei um transporte, eu tenho uma moto também lá (...) então tenho que só agradecer a Deus o que eu conquistei e eu só conquistei e vou conquistar mais, porque Deus sempre vai me ajudar.

Depois de alguns anos, o sonho de João não é mais o mesmo. Hoje, dá importância a momentos com a esposa, filho e com os pais:

Meu sonho é, de eu batalhar e ter meu próprio negócio e ter mais oportunidade com a minha família. Não sei, né? Assim, nunca cheguei a assim, chegar e entender eu digo, meu Deus, eu quero ter o meu próprio negócio, mas eu não sei o que! Aí você fica (...) até eu fico com dificuldade na mente do que é! Mas peço a Deus que na hora certa, dê algo certo, né? Eu faço de tudo, né? O que precisa eu faço na vida, eu só não faço o mal, mas o bem, faço tudo! Um mercadinho, uma lojinha (...) o sonho da minha mulher mesmo é abrir uma loja, né? Sempre ela teve um sonho de abrir uma loja e ter o próprio negócio dela e ela sabe, é uma pessoa desenrolada, ela sabe mexer com vendas também, ela é muito interesseira com esse negócio de vendas, ela

já vendeu assim, por conta própria, já trabalhou com vendas e ela manja muito nessa parte aí.

Hoje o sonho de João é poder se libertar dessa vida precária, desse trabalho que o impede de viver com a família. Depois de alguns anos, João percebeu que não precisa de muito para ser feliz, além disso, percebeu que a vida passa muito rápido e que precisa aproveitar a cada minuto ao lado das pessoas que ama e que lhe querem o bem. E assim, João colocou seus sonhos nas mãos de Deus e espera fielmente que deem certo.

7.4 FRANCISCO

Francisco é o líder dos migrantes. É um homem de estatura baixa, magro e de aparência “sofrida”. Desde o início, fiquei curiosa em conhecer sua história, e assim, o convidei para participar de meu trabalho. Francisco aceitou e me comoveu com toda sua história:

Meu nome é Francisco, tenho 42 anos e nasci em Taquarana em Alagoas, cidade vizinha dos meninos [Tanque D’arca]. Nasci e me criei lá [em Taquarana].

Francisco é um homem moreno, de estatura média, de quarenta e dois anos. Sua história é semelhante a de muitos migrantes e ao mesmo tempo é única. Nasceu e cresceu em uma pequena cidade no interior de Alagoas e relata que sempre gostou de trabalhar. Seu pai era um homem bravo, exigente e muito correto. Não o deixava brincar como as outras crianças do bairro:

Eu sempre gostei de trabalhar, mas jogava bola, mas bola o meu pai não deixava eu jogar, né? Ele tinha medo de quebrar braço, perna e não deixava a gente jogar. Aí tinha que trabalhar, trabalhar, viver mais em casa. Meu pai não deixava a gente sair para o mundo assim. Ele era bravo! Nossa Senhora! Era bravo, rapaz, não gostava de coisa errada não. Ixe, meu Deus do céu! Não gostava de coisa errada não! As coisas tinham que ser tudo certinho. Fazendo as coisas certas pra ele estava bom, mas se fizesse errado, já era!

Francisco tinha que trabalhar junto com os pais para ajudar no sustento da família e desta forma, desde muito cedo o trabalho faz parte de sua vida. O trabalho privou Francisco de muitas coisas que tinha direito, como por exemplo, dos estudos:

Eu estudei nada! Até hoje nada! Porque não tive oportunidade, no tempo de estudar eu não tive oportunidade. Naquele tempo eu tinha que trabalhar. Tinha que trabalhar. Hoje não, os filhos (...) a gente dá estudo para os filhos, agora eu não tive estudos não. Não pude, meu pai não pôde colocar, né? E eu não tive a oportunidade. E hoje, já estou com 42 anos e não quero mais estudar não, não quero mais não. No tempo de novo não consegui, agora (...). Nunca fui à escola não. Conheço “mode” a família, levo minhas filhas, pego minhas filhas lá. Minhas filhas estudam tudinho!

Na sua infância, a situação já não era fácil e depois que seu pai faleceu, as coisas pioraram. E assim, Francisco resume sua infância em trabalho:

Minha infância foi (...) meu pai faleceu com 36 anos e eu fiquei (...) com dez anos de idade. E aí comecei a trabalhar. De primeiro, a gente trabalhava clandestino, né? Não tinha esse negócio de fichar de menor, de menor não podia trabalhar. Hoje não pode trabalhar, mas de primeiro podia, né? Agora não, agora a gente trabalha fichado, né? Aí eu comecei a trabalhar de pequeno para criar os 6 filhos, né? Duas mulheres e quatro homens. Aí os quatro homens, tem eu e o mais velho, aí fomos trabalhar para sustentar a família, né? Sustentar os outros quatro e a mãe. Ah, minha infância foi assim, entendeu, eu nunca gostei de festa né? Meu negócio é só trabalhar e (...) entendeu?

Seguiu o caminho de seus pais, que trabalhavam na roça e fala deles com muito carinho:

[Seus pais são vivos?] Só mãe, meu pai morreu com trinta e seis anos. Minha mãe está viva, minha mãe tem sessenta e seis anos, ela é aposentada. [Trabalhavam com que?] Trabalham de agricultor, na roça lá, trabalhava na cana, trabalhava na roça com alimento, e minha mãe sempre trabalhou na roça com ele, né? Hoje a mãe aposentou e está lá, né? Minha mãe não trabalha, né? Mora sozinha. Morava com um cara lá, mas não deu certo, né? O cara queria maltratar ela e queria só o dinheiro dela, né? Aí ela largou e está sozinha. É que ela tem quase setenta anos também, já está de idade. Quem cuida dela é a minha irmã mais velha que mora lá, né? Tenho três irmãos lá ainda, tenho dois homens e duas mulheres, e tem três aqui, comigo, né? [(Seu pai faleceu de que?) É, operou de vesícula e de úlcera, né? Acho que não guardou a dieta, foi trabalhar antes da dieta e aí faleceu. Tinha que manter o repouso e ele não manteve não, foi trabalhar, né?

A união na família foi o que deu forças para ele e seu irmão continuar na difícil jornada, e embora Francisco sofra até hoje com a perda do pai afirma ter superado e estar conformado:

Rapaz, o sentimento de perder um pai é complicado, né? Mas aí a gente vai (...) o tempo vai (...) a gente vai vivendo, né? E aí vai (...) com o tempo vai dando para a gente se conformar, né? Foi difícil, né? Mas a gente supera, né? Aí comecei a trabalhar para cuidar e criar meus irmãos né? Meus irmãos mais novos, né? Comecei trabalhar mais outro, né? O mais velho e aí tomei conta da casa, da família, para (...) aí fomos crescendo tudinho e trabalhando. Aí fomos trabalhando e aí, conseguimos chegar lá, né? Não tem o que fazer mais, mas logo no começo é difícil, né? É que nem você perder um filho, né? Eu perdi a minha de 14 anos, né? A gente só sabe a dor que é de perder um filho ou um pai quando a gente perde, né? Aí eu sei o que é. Quando eu vejo um pai chorando ou uma mãe chorando “mode” o filho, por perder um filho, hoje eu sei a dor, porque eu perdi um filho e hoje eu sei, né? Você perder um pai não é nem que nem você perder um filho. Você perder um pai, é pai, mas um filho é mais diferente. Perder o pai eu perdi, foi difícil, agora, perder o filho foi mais difícil ainda.

Francisco passou por um momento muito difícil junto à sua família e naquele momento, buscou forças na família e no trabalho, pois não podia deixar sua família à mercê do destino, então, teve a iniciativa de tomar frente e assumiu grandes responsabilidades. Francisco revela que esse período foi o mais difícil de sua vida:

Foi quando meu pai morreu. Porque tive de cuidar da família né? Tive de cuidar dos meus irmãos. Mas a gente, graças a Deus, estamos bem, hoje, eu me considero como diz a história, não rico né? Que a gente é tudo normal, né? Mas hoje, por aquele tempo que vivi, hoje eu me considero uma pessoa rica, né? Porque tudo que eu quis eu consegui.

Além da filha que faleceu aos 14 anos, Francisco tem mais três meninas, de quem se orgulha:

Tenho três filhos, era quatro, mas morreu uma com quatorze anos (...) morreu com quatorze de câncer (Pega a foto dela lá pra ver). Foi um tumor na cabeça, vai fazer dois anos, morava aqui junto. Tenho uma com dez, uma com treze, indo pra quatorze e tenho uma com oito. O nome dela era Taise (trouxe a foto), faleceu com quatorze anos, faleceu aqui já. Faltavam três dias para fazer quatorze anos, minha filha mais velha, né? Foi câncer, um tumor na cabeça, apareceu o tumor, né? E aí fez três cirurgias, retirou, mas não teve jeito. Fez aqui em Londrina, fez uma aqui em Cianorte e duas em Londrina.

Francisco perdeu uma filha em virtude de um câncer cerebral. Quando descobriu, ele e sua família já estavam morando no Paraná. O tumor já estava em estágio avançado e por isso, as opções de tratamento eram escassas ou quase nulas. Taise, era a filha mais velha do casal e passou por três cirurgias para a retirada do tumor, mas não resistiu à doença e acabou falecendo. Francisco fez questão de me mostrar a foto de sua filha. Há dezessete anos que Francisco:

Sou casado, há dezessete anos, é aquela que estava aqui na porta, ela trabalha aqui nas casinhas da usina, zelando as casinhas. Vai “entrar” para cinco anos que nós moramos aqui. Veio junto comigo. [Como conheceu a sua esposa?] A minha esposa eu conheci pequena, a gente vivia junto lá, vivia vizinho lá, não somos parente. Morava assim pertinho e conhecia, né? No mesmo sítio e aí eu comecei a crescer, né? Aí ela começou a crescer e aí começamos a conversar e deu certo, né? Até hoje, casamos e estamos vivendo. Namoramos cinco meses. Eu casei com ela tinha uns vinte e três anos por aí e ela tinha dezessete. Casamos simples assim, casamento no civil. Ela mesma casou nova, agora eu casei na data certa, né? Eu sou mais velho que ela oito anos!

A esposa de Francisco é uma mulher nova, de trinta e quatro anos. Atualmente trabalha como zeladora, limpando os alojamentos dos trabalhadores juntamente com mais duas zeladoras. Ele diz estar realizando um sonho de criança:

Meu sonho era casar, construir minha família e ter minhas coisas, né? Ter um lar para morar, ter um (...) conseguir umas coisinhas pra viver melhor, com a família, né? E graças a Deus eu estou conseguindo.

Com relação aos seus irmãos, Francisco possui cinco, sendo três homens e duas mulheres e conta que alguns também moram no Paraná e trabalham com a cana, enquanto outros, continuam morando em Alagoas:

Irmãos eu tenho cinco, três homens e duas mulheres. São quatro homens comigo, né? E duas mulheres. Tenho três mais novos e tenho dois mais velhos (que eu). Um

trabalha aqui, né? Um irmão e uma irmã mora aqui, né? E eu três, né? Os outros três moram no Alagoas. A minha irmã não trabalha não, quem trabalha é o marido dela, né? Quem trabalha é eu e outro por aqui, trabalha nesse mesmo serviço meu. Uma irmã e a outra estão em Alagoas, os outros trabalham lá no mesmo serviço, e o outro, é em Maceió, né? Mora lá em Maceió, trabalha nesse negócio de vestido de noiva, né? Entregando vestido de noiva, carregando esse negócio, entendeu? Aí o mais novo trabalha que nem a gente em negócio assim de cana. Todos são vivos. Os que morreram a gente nem fala, porque morreram.

Dos seus irmãos homens, todos seguiram o mesmo caminho dos pais e hoje, trabalham na agricultura com o corte de cana. Já suas irmãs, já são casadas e moram em Alagoas com suas famílias, e não trabalham fora. Francisco conta que tinha mais irmãos, entretanto, já faleceram:

[Faleceram do que?] Rapaz, de doença, né? Naquela época (...) eu nem sei, porque naquela época, quem morreu foram os mais velhos, foram os mais velhos que morreram, tudo de doença! Naquela época era difícil para cuidar, não tem que nem hoje os recursos que tem, né? É difícil. Naquela época era difícil, hoje não, hoje tem doutor, você sentiu uma dor de dente já vai e procura o doutor e de primeiro não, aí era difícil aí faleceu de doença né?

Francisco não soube especificar a doença que matou seus irmãos, e relata a dificuldade com relação à assistência médica na época de criança, afirmando que hoje, existe mais acesso à saúde. Em sua vida, é possível perceber diversos momentos difíceis, e além da morte de seu pai e da perda de seus irmãos, Francisco conta que já passou necessidades, mas superou com a ajuda da família:

Já passei necessidade, foi difícil hein! Já passei muita necessidade, naquela época (...) passei muito, mas dava pra ir levando, né? Não passava bem não, mas hoje não, hoje, graças a Deus as coisas estão mudando. Eu era criança na época, né? E rapaz, a gente vivia daquele jeito, né? Não vivia mal e bem não, mas dava pra passar, a família ajudava, né? As avós, né? Entendeu? Tinha aquela história de dar um uma coisinha e outro dava outra, mas é difícil, né? Viver assim (...) mas graças a Deus, depois que nós começamos a trabalhar tudinho as coisas melhoraram, melhorou graças a Deus. Mas eu sempre dei valor as minhas coisas, né? Sempre trabalhei em casa, sempre batalhei para ter minhas coisas, né?

Ainda sobre o trabalho:

O trabalho é importante, né? Porque sem o trabalho a gente não consegue nada, sem trabalho a gente não consegue nada. Tem que ter o trabalho. O trabalho é bom. É que com o trabalho a gente tira tudo, né? Com trabalho a gente consegue tudo, né? E sem o trabalho a gente não consegue nada, né? Se tiver sem trabalhar não ganha, né?

Francisco conta como começou o trabalho com o corte da cana:

Rapaz, está com muito tempo, eu comecei a trabalhar com dez anos de idade. Eu precisei trabalhar, né? Porque meu pai faleceu aí tive que criar meus irmãos que ficaram, [eram] mais pequenos que eu, oito irmãos né? Aí fomos trabalhar. Trabalhava clandestino naquela época, não existia fichário, nós éramos clandestinos e para manter a vida, (...) aí quando começamos a ficar de idade aí fichamos, né? A partir de dezoito anos fichei, né? Aí de lá pra cá trabalhei direto fichado. Meu primeiro emprego foi trabalhando assim, sempre foi assim, com cana e a gente não

tinha (...) porque o cabra que não sabe ler, não tem oportunidade. Quem tem oportunidade é quem sabe ler.

E continua explicando como é o sistema em Alagoas e no Paraná:

Lá [em Alagoas] é agricultura. Quem tem roça é só à base de roça, né? Quem não tem roça, trabalha para os outros, né? Lá é cana, assim, tudo a mesma coisa daqui, cana, a roça, né? Mandioca, né? Assim, feijão, sendo que lá só não tem soja, né? Que nem aqui, milho (...). Aqui cuida de gado, né? Lá é diferente daqui. É qualquer coisinha que tiver já é diferente da gente. Roubo é mais, a violência é mais.

Em Alagoas grande parte dos moradores trabalha na agricultura. Trabalham com o cultivo de cana, mandioca, algodão, entre outras variedades, entretanto, falta emprego para todos. Para Francisco, Alagoas possui muitas diferenças com relação ao Paraná. Além das diferenças com relação ao que é cultivado, Francisco garante que a violência em Alagoas é maior, com mais roubos e mortes. Sendo assim, o desemprego e a violência foram alguns dos fatores que levaram Francisco à migrar para o Paraná:

Rapaz eu (...) tem um rapaz que trazia gente para trabalhar, aí eu (...) me deu vontade de eu vir, aí vim, aí e fiquei. Gostei da cidade e fiquei fazendo obra. [Cidade natal] A cidade, se você quiser, para serviço é grande, né? Para serviço não tem, né? Se você quiser, para serviço passa quatro, cinco dias lá, mas fica o mês parado, né? É por isso que a gente sai de lá pra cá, para morar aqui, porque lá a cidade é ruim para serviço, mas pra desemprego é ruim e aqui é bom para gente, lá pra desemprego é ruim. Se tem as coisas lá, fica com medo de ter, se tem um carrinho bom, alguém leva, é difícil lá!

Francisco conhecia uma pessoa que era responsável por contratar os trabalhadores para o corte de cana e foi assim que com os seus motivos, começou a migrar. Mas, antes de vir para o Paraná, Francisco conta que já migrou para outros lugares:

Eu já morei aqui no Paraná, em duas cidades. Alagoas eu nasci e me criei lá mesmo. Só fiquei por lá mesmo e aqui pelo Paraná, mesmo (...) sim, Espírito Santo também, fui trabalhar assim cortando cana, na safra, Minas Gerais, fui mais um monte de gente assim que nem nós estamos aqui, um monte de gente. Só lá e aqui mesmo.

A necessidade do trabalho, fez com que Francisco deixasse sua família em Alagoas fosse em busca de oportunidades. Portanto, decidiu migrar. Francisco conta como foi seu transporte até o Paraná:

[Viagem até o Paraná] Tranquilo. Graças a Deus tranquilo. Eu vim de ônibus, três dias de viagem. A viagem, a gente pega lá, compra a passagem e vem. Chega aqui, três dias para nós chegarmos aqui. Para comer, a gente come na rodagem mesmo, nos restaurantes, compra as marmitas come, né? Como quando a gente viaja, é a mesma coisa.

Em 2007, estive no Paraná pela primeira vez a trabalho. Francisco veio com várias pessoas para trabalhar com trabalho manual no corte de cana:

Eu morava na cidade vizinha, aí, a usina (...) eu tive que cuidar do povo, aí a usina deu uma casa e eu vim pra cá. Primeiro eu trabalhava sozinho aqui, né? Me alojei com os meninos cortando cana, aí depois fiquei tomando conta da turma aí. Aí eu vim depois e trouxe ela. Pedi para trazer e trouxe (...). Eu comecei a vir para aqui em 2007. De 2007 pra lá eu vim cortar cana. Vim cortar cana e fui trabalhar, né? Daí fui conseguindo meu espaço aqui, né? Fazendo as coisas para usina, né? Aí, desde 2014 que aí eu fiquei tomando conta do povo, né? 2014 não, 2013. Fiquei cuidando do povo e aí, a gente trabalha a safra todinha cuidando aqui, e aqui nós trabalhamos nove meses e aí em dezembro a gente volta pra Alagoas. Quando é no mês de março a gente volta. Sei que para mim, graças a Deus aqui pra mim é bom, né? Achei bom aqui. A minha negociação com a empresa foi pegar o povo e trazer para trabalhar, e ficar cuidando do povo e me ficharam, né?

Francisco aceitou a proposta da empresa, entretanto, pediu para que deixassem trazer a família, pois não é permitido que tragam esposa, nem filhos. A usina autorizou que trouxesse e lhe concedeu um alojamento para sua família, onde moram até hoje:

Trouxe a mulher porque eu vim antes, viajava sozinho, né? Aí eu conversei com a mulher e trouxe a mulher. Mas eu andei uns dez anos pra cá sozinho aí achei melhor para estar indo e voltando pra trás, aí consegui trazer a mulher, trouxe a mulher, estou aqui, trouxe as meninas para estudar e buscando a vitória aqui, né? Porque lá é ruim para serviço, né? Lá é bom, lugar bom de viver, agora não tem serviço né? É bom para quem tem custo de vida, né? Porque quem (...) a gente não tem aí tem que cair no mundo para trabalhar, né? Mas aqui, tranquilo aqui, para mim, para as crianças, tranquilo aqui. Eu ganho meu salário, né? Eu ganho mil e poucos reais aqui, minha mulher ganha mais mil e pouco. Dá para ganhar uns dois mil e quatrocentos, já ajuda nós dois, e aí dá para ir levando a vida.

Para Francisco, a cidade é “tranquila” e um bom lugar para que suas filhas cresçam em segurança e estudem e garante que sua família já se acostumou com a nova cidade:

Acostumou, logo no começo queria ir embora e aí eu falei assim, se você quiser ir, vá, só que eu vou ficar. Só que se acostumou, arrumei serviço para ela e ela está trabalhando também. Tá zelando as casas aí, três mulheres, né? Que zelam.

No início, sua esposa quis ir embora, pois não havia se acostumado com o novo ambiente, além do que, sentiu falta de sua família. Mas Francisco conta que foi firme e que deu a opção da esposa ir sozinha, e então, ela decidiu ficar. Hoje, sua esposa trabalha como zeladora para a mesma usina, e cuida dos alojamentos junto com outras duas funcionárias. Francisco é um homem que preza por um bom relacionamento com sua família:

Graças a Deus com a minha família é bom, graças a Deus, não tem o que falar não! Sossegado graças a Deus! A de lá [Alagoas] é a mesma coisa, só que lá eu vou só final de ano visitar o povo, né? Vou e venho no mês de março. Passo um mês lá, quarenta (dias) aqui. Mantenho [contato] por telefone, a gente liga para lá, direto, de dois em dois dias, três em três dias, quatro em quatro dias, [converso] por internet, por whatsapp, pelo “face”.

Uma vez ao ano, geralmente no início, Francisco vai com a família para Alagoas realizar uma visita aos familiares. Além disso, mantém com frequência, contato por telefone e internet. Porém, salienta que não gostaram da notícia de sua vinda para o Paraná:

Ah, não acharam muito bom não porque sente muita falta, né? Mas a gente (...) fazer o que, né? Preciso, né? E eles não vão me dar o que eu preciso.

A necessidade fez com que Francisco fosse racional neste momento de decisão e relata sentir saudades da família, ao mesmo tempo em que precisa do emprego. Francisco está satisfeito com sua nova moradia e já se estabilizou na cidade, inclusive, montou um pequeno mercado em sua residência, com produtos diversos que ajuda a complementar sua renda:

Para mim foi bom, né? Graças a Deus depois que eu vim morar aqui, eu consegui muita coisa na minha vida, né? Consegui comprar um terreninho aí, consegui comprar minhas coisas né, meu carrinho, consegui fazer umas coisinhas aqui, consegui. Isso aqui quem fez foi eu, essa parte aqui (mercadinho) murei aí, esse muro que era bem pequenininho, fiz tudo aí. Era da usina, ela me deu, né? Mais teve algumas coisas aí que eu fiz, isso aqui mesmo foi eu quem fiz ó (apontando para o mercadinho) isso aqui eu fiz tudo. Aumentei mais um pouco para traz ainda, aumentei pra frente, mas graças a Deus eu estou tranquilo aqui. Estou tranquilo.

Com o trabalho no Paraná, Francisco conseguiu adquirir bens, como um carro e um terreno. Além disso, em seu alojamento, construiu um pequeno cômodo, onde montou um pequeno mercado e comercializa produtos alimentícios diversos para os trabalhadores migrantes do bairro. É interessante ressaltar, que grande parte dos produtos comercializados são trazidos de Alagoas, como a farinha de milho e de mandioca para o preparo do cuscuz:

Tenho umas coisinhas. Eu vendo uns negocinhos, umas bolachas, refrigerante, e sempre de vez em quando eu mando trazer a farinha quando vem gente de Alagoas. Farinha de mandioca, farinha de milho também, para fazer as coisinhas para o povo aí, para fazer cuscuz. As vezes a batata, o inhame, de vez em quando a gente traz. É eu vou esse final de ano e vou ver se trago alguma coisinha de lá, os inhames de lá é grande, né?

Quando Francisco não traz, pede para conhecidos trazerem mercadoria para revender em seu mercado. Durante o dia, é comum os trabalhadores realizarem compras em sua venda. Quem atende é a própria esposa ou suas filhas e sua esposa. O mercado fica no local em que seria a garagem do alojamento, dentro do próprio quintal, com apenas uma janela voltada para a rua, onde acontece a solicitação e o atendimento. Segundo Francisco, os produtos alimentícios de Alagoas são diferentes dos produtos do Paraná, considera que são melhores. Assim, é possível que os trabalhadores migrantes se alimentem de pratos típicos de sua região. Francisco é responsável pela administração dos trabalhadores migrantes, e por este motivo, fica

disponível o dia todo em sua residência, e caso surja algum problema relacionado aos trabalhadores, Francisco é responsável por intervir e solucionar:

Meu trabalho é cuidar do povo, né? Me levanto bem cedo de manhã e entrego o café ao povo, 3h30min da manhã, aí de domingo a domingo, que nem daqui a pouco a janta vai chegar, aí eu vou entregar, todo dia tem o café da manhã e a janta, e o almoço vai para roça. [Como é o café?] Dois pães com café, né? De meio dia a dez e pouco o almoço vai para roça e a janta de noite entrega. Entrega aqui, aqui é o QG, aqui é o canto de apoio, aqui na minha casa aqui é o canto de apoio.

Francisco não possui dia de descanso e tem que estar disponível o tempo todo, para o caso de surgirem eventualidades com os trabalhadores. Sua casa é considerada o QG (Quartel General), que chama de canto de apoio. Desta forma, é responsável por administrar trabalhadores doentes, levando-os ao médico, brigas, conflitos, demissões e contratações desses trabalhadores e é por esse motivo, que é visto como um “pai” pelos migrantes. Com relação às contratações, ocorrem no início do ano e Francisco conta como é o processo:

Vou para lá [Alagoas], fico quarenta dias lá, arrumo o povo, aí nós ficamos lá, aí quando faz uns trinta dias que a gente vai, às vezes volta de novo, né? Volta, às vezes fica de seguro e às vezes traz outros, né? Aí vai lá, eu contrato o povo, vai lá, faz a palestra, a entrevista, aí contrata, o povo faz os exames, traz para cá, aí chega aqui, aí coloca aqui nas casinhas e ficam trabalhando até uns nove meses. No fim da safra vão embora, a gente manda ir embora. Conheço tudo, conheço de lá mesmo, tudo conhecido. Às vezes a gente traz sem conhecer, né?

Com relação à sua rotina de trabalho, Francisco diz estar achando “bom”:

Eu acho bom, tenho uma amizade legal na cidade aí, tenho amizade com o povo, né? Levanto de manhã, cuido das minhas coisas aqui e eu fico aqui direto, não vou pra usina, vou pra usina buscar alguma coisa quando deu problema, fico aqui em casa direto aqui. Durante o dia é só aqui, às vezes chega um povo doente, [tem que] olhar as coisas e examinar as causas para ver se tem alguma coisa de errado, meu trabalho é aqui mesmo, é difícil eu sair daqui de dentro. Só quando tem precisão, né? Eu não gosto de festa, de farra, entendeu? Eu gosto sempre de estar mais minha família em casa, igreja eu não vou não, porque também não tem muito tempo, né? Agora quem vai sempre é minhas filhas, minha mulher.

É uma pessoa caseira e gosta de ficar em casa com a família, além do que, não possui muito tempo para sair:

Meus horários aqui, não tem hora pra mim não, aqui é direto, a hora que precisar de mim eu estou aqui dentro, todos os problemas vêm para mim, doença, negócio de problema de saúde, problemas lá no serviço, vem tudo pra mim aqui. Sempre dá [problema], vai se embora gente, às vezes fica com problema na família, aí a usina tem que dispensar para ir embora, para voltar, faz acerto do povo, né? Para ir embora. Eu passo para empresa né? Para a usina, eu passo para o diretor (supervisor administrativo) e aí ele resolve, né?

Em virtude do seu trabalho que consome boa parte de seu tempo, Francisco não possui muitos momentos de lazer fora de sua residência. Francisco conta os problemas de saúde que os trabalhadores podem ter por causa do trabalho ⁹:

Levei um cara pro hospital, febre, dor de cabeça, enxaqueca, né? É as quenturas, né? Chega da roça e não consegue aguentar tem que levar, né? [Ficam muito doente?] Ficam né? Tem vez que fica, dá cãibra, né? Da aquela quentura, né? As vezes puxa demais né?

O trabalho com o corte de cana é extremamente precário e prejudicial à saúde dos trabalhadores. Francisco relata que frequentemente trabalhadores adoecem em decorrência da exposição solar por um longo período de horas, sofrendo de desidratação, febre, enxaquecas e cãibras pelo esforço corporal. Ainda assim, não deixam seus empregos pela necessidade do trabalho. Mesmo com diversos problemas cotidianos, Francisco diz gostar de seu trabalho e não vê nenhum ponto negativo:

Rapaz eu gosto de tudo, né? Eu sempre gostei de trabalhar, a gente precisa, né? Só que eu não corto cana mais, entendeu? Eu fico só cuidando daqui. [O que menos gosta?] Não tem como não gostar. Quando a gente não faz uma coisa, tem que fazer outra, né? Eu gosto de tudo para te falar a verdade, porque hoje eu estou aqui, mas amanhã eu posso estar em outro canto, né? A gente, você sabe, a vida da gente é complicada.

Francisco parece estar conformado com sua situação, por acreditar que não teriam outras opções de trabalho em condições melhores que a sua está atualmente e reforça que possui uma vida “complicada”, transparecendo certo descontentamento com sua realidade. É desta forma, que segue sua vida e seu cotidiano. No que tange à alimentação, está satisfeito:

Normal, tranquilo, porque a minha comida, a que eu como aqui, é minha mulher quem faz. É a mesma coisa lá de Alagoas, não muda nada. Nossa comida é mais pão de milho, a gente come pão de milho, é arroz, macarrão, entendeu? Lá em Alagoas, nós comemos a batata, a mandioca, que é a macaxeira, tem o arroz, inhame, entendeu? Aí é diferente daqui. Aqui é mais só, cuscuz, essas coisas.

Nas horas poucas horas que sobram para o lazer, Francisco aproveita para ficar com a família e ir a um “barzinho” da cidade:

Eu tomo um banho, quando acaba o serviço, às vezes vou ali no Chuisco (dono de um barzinho na cidade) ali, né? Demoro um pouco lá, tomo um refrigerante, às vezes quando não quero fazer isso, fico em casa assistindo (...). Eu gosto de ir à rua assim de vez em quando, mas a mulher e as meninas, né? Tomar um sorvete, mas eu gosto mais de ficar em casa, gosto de ficar em casa. Esse negócio de ficar farreando, bebendo, como muitos fazem aí (...) meu negócio é mais em casa. Final de semana é ficar em casa, né? Eu não posso sair mesmo, né? Daqui (...) e final de semana, dia de

⁹ Enquanto fazia as entrevistas, um rapaz de aproximadamente uns vinte e seis anos chegou na residência de Francisco, passando mal. Logo, Francisco pegou a chave do seu carro e saiu com o rapaz para leva-lo ao hospital. Como presenciei a situação, questionei Francisco sobre o que havia acontecido com o trabalhador.

domingo é o povo tudo parado, não pode deixar um monte de gente sem ter o que fazer sozinha, às vezes bebe, às vezes tem problemas, por isso tem que estar aqui, quando vai terminar o ano que eles vão “simbora” eu gosto de passear mais minha família.

Francisco acompanha e monitora os finais de semana dos trabalhadores, pois segundo ele, os “meninos” são tranquilos, entretanto, nem todos são assim:

Os meninos são bem sossegados (...) tudo tranquilo, tudo tranquilo. Gosta de ir para rua, fazer compra no mercado, né? Gostam de um baile, né? As vezes gostam de tomar uma (...) assim, tudo não é igual, uns não gostam, outros gostam, todos juntos, às vezes só. Eles saem, tem deles que não gostam de sair, né? Tem uns que gostam de ir para o bar, mas tem vez que vai para o bar e sai confusão, entendeu? Difícil! [Já deu confusão?] Ah, muito! Sempre dá! Quando vai [ao bar], sempre dá “zueira”, né? Não porque bebe, às vezes está dançando mais as mulheres lá e ninguém sabe se a mulher tem dono, não tem, né? A mulher que é mal, é meio (...) diz que não tem cabra e vai para o baile e a mulher às vezes está dançando mais o cabra e o namorado vai e aí vira aquele rolo! Às vezes apanha, as vezes dá, né? Eu não posso fazer nada! As vezes chega quebrado eu levo para o hospital, mas às vezes dá nos outros pra lá se os meninos estão junto ajudam ou às vezes deixam o “pau torar” né? É assim, tem deles que ajudam, né? [Tem muito problema por conta da bebida?] Se deixar e não tiver aí para cuidar, dá, né? Tem que estar em cima para não acontecer alguma coisa, porque se acontecer alguma coisa os homens da usina chegam no meu pé, né? Eu que respondo.

Quando os problemas são recorrentes, Francisco conta que demite o trabalhador para não causar maiores transtornos. Com relação às pessoas da cidade, relata que não vê preconceito:

Rapaz, para mim, graças a Deus é bom, não tem nada de ruim não. Pra mim tá sendo melhor do que lá! Pra mim é tranquilo, a maioria do povo daqui é melhor que o povo de Alagoas. Sempre todo mundo fala pra mim coisa boa, né? E os meninos também, tudo tranquilo, ninguém fala nada não. Já mandei embora algumas pessoas, porque estavam com problema, né? Às vezes tem problema com a família, às vezes não quer trabalhar, às vezes fica querendo ir embora mais a família, e aí a gente manda, né? Não pode amarrar ninguém aqui. Manda para lá, para o lugar dele. Compra a passagem, a empresa manda. A empresa compra a passagem e dá tudo né? Desde a alimentação, a passagem e aí vai embora. As vezes dá algum rolo, dá um delito alguma coisa, entendeu? Libera as coisas, e [vão embora] (...).

Quando algum trabalhador apresenta problemas recorrentes, Francisco solicita a demissão do mesmo e preza pela harmonia do bairro. Francisco afirma que nem ele e nem os colegas de trabalho possuem tratamento diferente por não ser da cidade, na verdade, elogia e relata que a relação com as pessoas no Paraná é melhor que Alagoas:

Mas eu graças a Deus não tenho o que falar daqui não, do Paraná não. Só tenho para falar coisa boa. Esse povo é bom e vive tudo tranquilo é melhor do que em Alagoas, para fazer amizade aqui é melhor. Porque os povos daqui respeitam mais as pessoas, né? E também, cada um é cada um, tem as pessoas também, né? Tem as pessoas que não se enturmam com ninguém, né? Mas eu graças a Deus, eu mesmo tenho muita amizade aqui. Tenho muito mais amizade que Alagoas. Lá em Alagoas os cabras são

covardes demais, é uns cabras tudo cheio (...) não é que nem as coisas daqui não, as coisas daqui (...) é bom.

Com relação aos colegas de trabalho, também possui um bom relacionamento:

Tudo bom, os meninos gostam de mim, me respeitam e eu respeito eles, porque não pode faltar isso, né?

Para Francisco, respeito é algo que não pode faltar para um bom relacionamento e construção de amizade e relata também respeitar os trabalhadores. Para ele, a amizade é importante e ressalta que conquista seu espaço com amizade, respeito e consideração:

O espaço a gente constrói primeiro com amizade, né? Amizade, respeito, consideração pelos outros, né? E a gente vai construindo com as pessoas e vai se habitando com as pessoas, entendeu? Mas pra mim, graças a Deus aqui pra mim é (...) eu construí uma amizade aqui melhor do que onde eu morava. Porque aqui é melhor, o povo daqui é melhor do que o povo de Alagoas. O jeito de tratar as pessoas, o jeito de conversar, entendeu? E lá, os povos porque tem uma coisinha a mais, você sabe como que é. Aí não dá valor a ninguém, acha que é rico, não precisa dos pobres, entendeu? É diferente dos povos daqui, o povo daqui é melhor de lidar. O povo daqui é mais humilde do que o povo de lá, né? É mais humilde do que o povo de lá, pra mim, né? O povo de lá se tiver uma coisinha a mais do que você, aí fica querendo pisar nos outros, né? E não é assim.

Francisco não pensa em voltar para Alagoas, e pretende continuar morando no Paraná. Com isso, ele revela seu sonho:

O maior sonho meu é aqui no Paraná, fazer uma casa pra mim com fé em Deus e, minha mesmo, que eu já tenho o terreno, né? Comprei aqui, na segunda quadra. Eu não tenho vontade de ir pra Alagoas não, para morar lá. Eu tenho duas casas lá em Alagoas, tenho uns terrenos lá em Alagoas, dois terrenos, mas eu não tenho vontade de ir não, para morar lá não. Passear, né? Mas morar lá mesmo eu não tenho vontade de ir não, mais não. O custo de vida lá é alto e não tem emprego, né? Rapaz, você sabe, né? A maioria vive do jeito que (...) entendeu? Tanto faz viver e tem gente que não gosta de trabalhar mesmo, entendeu? Tem deles que gosta de trabalhar, tem deles que a família ajuda, né? Às vezes tem uma bolsinha escola, tem um “aposentinho”, entendeu? E aí leva, entendeu? Não vive bem, mas também dá para viver, entendeu? Só que eu sempre gostei de barriga cheia, de ser sossegado, né? Mas tem gente que não liga com isso, né? De ter o trabalho, de conseguir alguma coisa na vida, né? Pra ser alguém na vida.

Francisco pensa em continuar trabalhando:

Minha maior conquista foi conseguir um monte de coisa. Foi conseguir primeiramente ter minha família, né? Que é importante e depois fui trabalhando e graças a Deus consegui fazer uma casa boa pra mim e depois consegui comprar outra, consegui comprar um terreno e depois consegui comprar um carrinho (...) está bom pra mim. Tudo que eu triei eu consegui, graças a Deus eu consegui.

Francisco possui diversas conquistas, dentre elas um carro, uma casa, terrenos e a família. Como ele mesmo diz: “está bom pra mim”.

7.5 RAIMUNDO

Iniciando a entrevista, expliquei sobre meu trabalho e Raimundo não hesitou e me disse que também tinha um filho que faz faculdade. Sua vida se resume em trabalho:

Morava em Tanque D'arca lá, Alagoas. Eu nasci em Tanque D'arca. Comecei a trabalhar com 13 anos de idade na roça. Meu pai morreu, eu tinha 1 ano e 8 meses só, de nascido, aí fiquei sem pai já. Morreu de batida de carro, acidente de carro.

Falando sobre o início da sua vida no trabalho:

Aí com 13 anos comecei a trabalhar na roça para ajudar, mais 2 irmãos pequenos. Comecei cedo com 13 anos de idade, na enxada. Aí quando foi, depois que casei, aí caí no mundo.

O fato de não ter mais o pai, fez com que tivesse de abdicar de muitas coisas, como a infância e seus estudos. Como tinha apenas a mãe e mais dois irmãos pequenos, se viu na obrigação de ajudar. Raimundo fala com emoção de seus pais, que já são falecidos:

Meus pais nem posso falar, né? Que quando ele [meu pai] morreu eu tinha 1 ano e 8 meses de nascido, né? Minha mãe quando morreu já tinha cinquenta e dois anos também. Aí já (...) Deus levou, né? Ela deu derrame, deu derrame e morreu de repente. Estava assim conversando e deu derrame, passou meia hora e morreu. Foi para roça e quando chegou, tinha ido pra roça e quando chegou botou o caldo assim, para dar um feijão lá, fez um café, aí quando tomou o café, deu derrame aí ela morreu, negócio de derrame, fiquei triste demais! É o jeito (...) A gente tem que agora cuidar da família, né? Da mulher, dos filhos, tocar pra frente, se o cabra for pensar é pior, tem que começar, e se Deus quiser ajudar e, tocar pra frente tem que tocar pra frente e ir trabalhando e arrumando (...) o que serve é agora a gente arrumar o pão, né?

Raimundo é casado há trinta e dois anos e possui três filhas, de quem se orgulha muito e por quem luta pelo progresso:

Eu sou casado há trinta e dois anos. Casei faz tempo. Ela está com quarenta e seis anos. [Esposa faz o que?] Ela toma conta da mãe dela, lá a mãe dela tá com 96 anos, aí ela toma conta da mãe dela lá, tá velhinha já. Mas se não fosse, já tinha vindo já.

Já suas filhas, as todas estão estudando:

Tenho três meninas. Tenho uma com vinte e oito anos, outra com vinte e três e outra com dezoito. Tudo estudando! Todas fazem faculdade. A mais velha já passou, já terminou a dela, agora as outras duas estão fazendo. Está com dois anos que estudam já as duas. Se Deus quiser, daqui a dois anos elas terminam. Estou trabalhando já assim que é para arrumar dinheiro pra elas estudarem, para pagar o estudo delas. Eu não sei nem assinar o nome mas eu quero que elas estudem. Nem o nome eu sei assinar, mas eu quero que elas aprendam pra não dizer que depois não teve condição, né? De estudar, quero que elas terminem.

Por ser muito simples, Raimundo não soube me falar o curso que as filhas estão estudando, apenas disse que estavam “estudando faculdade”:

Minha vida é assim, eu tenho cinco anos de Paraná já aqui. Já tem cinco anos que eu venho pra cá já, para o Paraná. E eu, pra mim aqui eu acho bom, mas é ruim porque fica longe da família, né? Mas tem que acostumar mesmo, quem precisa (...) a gente precisa, tem que sair mesmo de casa (...) é assim minha vida, é assim a vida da gente. Porque lá a gente não tem emprego certo, né? Tem as usinas, mas é tudo fechando, né? Tá tudo fechando. Só mói cinco meses, aí mais cinco meses fecha e aí nós temos que andar, vim para fora mesmo, que sempre o cara tá aqui e ganha um dinheirinho meio melhor, né? Salário melhor aqui né?

Grande parte das indústrias de sua cidade está em processo de falência ou de fechamento e faz com que os moradores recorram a outros estados. Além disso, o salário oferecido no Paraná é um pouco mais vantajoso. Raimundo conta como funciona o trabalho em sua cidade:

Lá (em Alagoas) começa cedo. Lá quando é doze anos, treze anos, está na enxada já. É plantando feijão, milho, mandioca, inhame, batata, essas coisas, né? Vivem mais disso. Lá não tem emprego assim. Emprego lá não existe não.

A agricultura é o que move a economia local e possibilita aos moradores consumo próprio destes alimentos. Não existe idade para o início no trabalho, ao passo que crianças de doze anos já estão indo para o campo com seus pais, em virtude da necessidade, não possuindo escolhas. Além disso, o período de safra em Alagoas, possibilita que os trabalhadores busquem trabalho em outros períodos:

Lá começa em setembro, aí setembro, outubro, novembro, dezembro e janeiro, aí para. Aí quem está lá fica seis, sete meses parado, né? Aí a gente vem pra cá, porque a gente chega aqui no começo de março. Mas passa muito ligeiro! Nós passamos aqui nove meses, né? Passa muito ligeiro demais! Se tivesse mais cinco meses aqui eu achava melhor ainda, mas em dezembro nós vamos embora já.

Segundo Raimundo, sua família já está até acostumada com suas viagens, que já somam um total de 13, entre Minas Gerais e Paraná, todas devido ao trabalho na safra, com o corte de cana:

[Reação da família quando veio] Ah, ela já está acostumada já, acostumou. Eu tenho oito viagens já pra Minas Gerais, tenho já cinco aqui no Paraná. É eu sou Paraná, se Deus quiser daqui uns dias eu vou morar no Paraná! [Fala com a família?] Converso, todo dia eu ligo, telefone (...) toda tarde eu ligo para saber como tá o pessoal.

Ele me confia seu maior sonho, que é um dia morar no Paraná, junto com a família. Para Raimundo, motivos não faltam para querer mudar de Alagoas. Além da diferença com relação à violência e roubos, o relacionamento com as pessoas é melhor e a oferta de empregos é maior:

Aqui é um lugar bom de morar, lugar bom demais! Aqui tem emprego, tem serviço, onde a gente procura tem serviço aqui, tem emprego. Gosto de tudo aqui (...) tudo é bom. O povo, o pessoal. Acostumei já aqui, estou acostumado. Vou vim morar aqui daqui uns dias se Deus quiser, meu sonho é vim morar aqui no Paraná. A cidade é

muito boa aqui, a cidade é boa demais. A cidade, é, achei bom demais a cidade, um pessoal muito (...) arrumei muito amigo aqui nessa cidade, aqui. Eu passo aqui e o povo me chama na cidade, onde eu passo estão chamando pra mim foi bom demais!

Raimundo justifica sua vontade de morar no Paraná e garante que a criminalidade está intolerável:

O pessoal é bom, o povo tudo é bom, o lugar é bom, aqui ainda eu acho bom. Porque é tudo legal o pessoal, o pessoal é tudo gente boa, aqui ninguém vê briga em meio de rua, aqui ninguém vê roubo em meio de rua, aqui não vê nada. Lá onde a gente mora lá, você está conversando aqui ó, se você sair e deixar a porta aberta quando você chega, não tem mais nada em casa, o pessoal leva! Aqui é outra coisa, aqui dorme com a porta aberta, fica tudo aberto. Lá é pesado, lá é muita coisa, é difícil, difícil (...) difícil pra tudo lá! Se não fosse difícil a gente não saia de lá pra cá, né?

Raimundo trabalha na produção, com o corte da cana, serviço pesado e cansativo. Quando chega do trabalho, sempre arruma uma forma de sair pela cidade para conversar com os amigos:

Sempre eu saio, mas só, eu gosto de sair, mas só. Eu saio mais sozinho. Fico caminhando na cidade, chego 20h00min, 19h00min, 21h00min, é assim! E quando o pessoal começa a chamar o povo, passa tudo, faz amizade em todo canto, faz caminhada com o pessoal aqui tudo, é bom demais o pessoal, o pessoal aqui é muito bom.

Raimundo confessa que prefere sair sozinho de casa, pois assim, possui mais liberdade e pode conversar com quem quiser, além disso, não tem horário para voltar para o alojamento. Quando questionado sobre o que menos gosta, relatou que não existe nada:

Até agora, não achei nada ruim na cidade não, comigo nunca aconteceu nada não, comigo não. Não sempre eu passo assim, aí o cabra chama, ô fulano, ô fulano, daí conversa com um, conversa com outro, passa a hora e está na hora de vir embora dormir! [Como faz amizade?] Ah, há cinco anos aqui eu meio que estou em casa já. Há cinco anos aqui, passando, me chamam, ô fulano, fulano pra cá, fulano pra aqui, aí me chamam, um ou outro, num canto ou noutro canto, tomo um golinho mais outro, tomo uma cervejinha mais outro e pronto, aí já passou o tempo. É bom demais assim. É, nos conhecemos no bar, no mercado, mercearia, na praça ali. Tem a pracinha aí, tem aquela pista de caminhada lá embaixo, às vezes eu desço na rodoviária, lá embaixo, na pista de caminhada, lá embaixo na rodoviária. Eu gosto de ir mais na pista de caminhada à tarde, à noite, vou lá e volto, vou lá no comércio. Só caminhar, para não dormir cedo. A gente trabalha o dia todinho na roça, quando chega à tarde tem que dá uma voltinha pra “modi”, sair pra “modi” melhorar o (...).

Raimundo mora com mais quatro homens, com quem também possui um bom relacionamento:

Mora eu e mais quatro, são cinco pessoas na casa. Ah, é tudo irmão, tudo irmão, tudo irmão! Às vezes à noite você levanta (...) é tudo irmão, tudo irmão, graças a Deus que é tudo irmão.

Raimundo é um dos homens mais velhos da casa e gosta de dar conselhos aos seus companheiros, a quem chama de “irmãos”. Com relação ao seu alojamento, conta que está satisfeito:

É boa, a casa aqui é boa demais! A casa que a gente mora aqui nem toda gente tem uma casa igual a que a gente mora aqui (...) a casa é boa!

O alojamento é extremamente simples e com poucos cômodos e móveis, mas Raimundo se diz satisfeito. Segundo relata, nem todos têm uma casa igual a que eles moram, o que o faz valorizar sua simples moradia. Além de fazer amizade, Raimundo revela uma outra atividade que gosta bastante: cozinhar:

Bom a gente faz mais comida, a gente faz uma comida mais diferente, né? A gente faz um arroz, faz um cuscuz, a gente faz uma carinha, faz um macarrão, faz diferente, né? Num domingo assim, quando dá, mas às vezes nós faz. No meio dia a gente pega um “guaranzinho”¹⁰ assim para tomar no meio do dia mais os cabras lá, depois vai dormir. Um “cuscuzinho”, faz uma carne, um macarrão, faz um feijão.

Os migrantes sentem falta da alimentação de sua terra natal e por isso, cozinham periodicamente na cantina do bairro. Nem todos os condimentos estão à venda nos mercados da sua cidade, mas compram na venda que existe no próprio bairro, do encarregado. A farinha de milho, por exemplo, é um produto que o encarregado traz de Alagoas, e mantém em estoque para fornecer em sua venda durante o ano. Mas, Raimundo conta que o cuscuz é o prato principal e que não deixam de fazer sequer um dia:

Ah, toda noite nós fazemos, daqui a pouco nós fazemos um para comer a noite. O tempero também é diferente de lá, daqui o pessoal come mais é arroz e feijão todo dia, né? Arroz e feijão mais. A gente não, a gente mistura, a gente faz uma batata, a gente tem o inhame, a gente tem uma mandioca, aqui chama mandioca, lá é a macaxeira. Inhame aqui não tem não, é uma raiz que nem mandioca, só que ele é mais gostoso. É o que mais tem lá! Lá tem muita coisa diferente daqui, muita coisa mesmo diferente.

Raimundo sente falta da comida e do tempero de sua cidade e comenta que existem muitas coisas diferentes, lá. Na verdade, Raimundo sente falta de tudo um pouco. Da sua casa, do seu lugar, da sua esposa, das filhas, dos amigos e da família e não apenas da comida. Como ele mesmo disse, viaja porque precisa e dia após dia, tenta ser forte para superar a distância e a vontade de estar com quem ama.

7.6 JOSÉ

¹⁰ O termo “guaranzinho” se refere à bebida alcoólica.

José é um homem sorridente, de 36 anos, magro, alto, negro e com um sorriso contagiante. José estava empolgado em responder as perguntas e parecia gostar de contar sua história, que como ele mesmo diz, “é um romance”:

Meu nome é José. Eu nasci em Tanque D’arca, nós somos em 10 irmãos espalhados. Fui criado na roça também, criado na roça desde os 12 anos (...). Minha vida se eu for contar é um romance, sério mesmo, ela foi muito sofrida, demais! Comecei a trabalhar novo, até estou com 36 anos, e até os meus 36 anos foi trabalhando.

Sua infância não foi nada fácil, pois exigiu de José uma maturidade que ele ainda não tinha. Aos 11 anos, já trabalhava no campo com seus pais:

Meus pais trabalham na roça, minha mãe é só cuidando da casa e na roça também. Lá sempre tem mulher que fica em casa, tem mulher que vai pra roça mais o marido, né? Rapaz, eu comecei a trabalhar com 11 anos por aí, comecei criança. A minha infância foi desde pequeno no trabalho com meu pai, né? Eu comecei a trabalhar cedo porque meu pai não tem condições de manter a família sozinho, né? Aí colocou para trabalhar mais ele na roça e em tudo que arrumava nós trabalhávamos para sobreviver e manter a família, né? Aí, nós sempre fomos da roça e não tive a oportunidade assim de, assim no caso, de estudar, né? Já era um pouco meio fraco, eu e minha família, e sempre fui da roça, aí eu me criei na roça e não aprendi, no caso ler, né? Sou um pouco analfabeto, aí, mas sempre (...) sei respeitar o povo, é o que vale, né?

Quando não estava trabalhando, José aproveitava para brincar com seus amigos:

Eu fazia carro de madeira, aí, eu fazia meus carros e eu mesmo brincava mais os meninos e foi assim, a minha infância foi essa. Eram primos, irmãos, amigos também. Joguei muita bola, aí quebrei um dedo e aí parei de jogar bola.

A falta de recursos fez com que José fizesse seus próprios brinquedos. Desde criança era engenhoso e curioso. José fala de seu pai e revela que ele bebia e que era um homem bravo:

Meu pai era meio bruto hein! Já hoje, o velho é mansinho, depois que as filhas casaram, arrumaram família, aí, os netos de casa deixaram ele mansinho, mansinho (risos). Acho assim, os netos dentro de casa, né? Aí começou a mexer com ele e ele ficou quieto dentro de casa, né? Não ia bater, né? Agora, quando nós éramos pequenos, ele batia em nós, o velho era bruto! Ele bebia, mas parou. Ave Maria! O velho era bêbado (...), ele brigava com ela [mãe] assim, mas de vez em quando um pouco, né? Aí depois, parou de brigar e foi vida normal. Rapaz, eu, em casa já sofri um bucado, já.

Além do trabalho, a violência também fez parte da vida e infância de José. Seu pai era alcoólatra e vivia criando conflitos em sua família. José garante, que hoje seu pai é outro homem em decorrência do tempo e dos netos. Com relação aos estudos, José teve pouco contato com a escola:

Eu estudei muito pouco assim, um negócio de uns seis meses por aí, só. Aprendi a assinar o nome, né? Não sei ler. Eu sabia um pouquinho, aí deixei de estudar assim e aí esqueci. Não pude ir para a escola porque meu pai no caso era fraco e não tinha

condição de manter a família sozinho, né? Era um pouco dos mais velhos e ia ajudar ele na roça, aí abandonei.

José assumiu grandes responsabilidades desde cedo e pagou um preço alto por ser pobre e um dos filhos mais velhos. Abdicou dos estudos para ajudar a manter a família. Mas, hoje sofre as consequências e sente falta dos estudos:

Sinto falta. Rapaz eu sinto falta porque eu já perdi muito emprego assim bom, “mode” não ter estudo, mas se eu tivesse ia estar lá em cima, né? Eu sei mexer com um “bucado” de coisa, de energia (...) é, sou pedreiro, mas se eu soubesse ler a minha profissão já era mais alta, né? Mas como não sei, aí está lá embaixo. Eu já fui pra Goiás, já fui pra Mato Grosso, Espírito Santo, vim pra aqui pro Paraná, em 2010, e vim pra aqui agora. Mas sempre por conta do estudo eu sofro um pouco, se eu soubesse ler eu subia mais, né?

Hoje em dia, as empresas estão seletivas quando o assunto é escolaridade, independente do cargo e o que resta para aqueles que não tiveram a oportunidade, são os trabalhos precários.

Minha maior dificuldade foi que eu trabalhei numa associação, é, e vi um rapaz de São Paulo que foi pra lá, né? Um rapaz chamado Marcos, e aí ele mandou eu fazer um curso para trabalhar com coisa de agrônomo, né? Só que eu não sabia ler e aí, fui para um lugar chamado, era (...) Pernambuco, lá em Pernambuco. Ele foi mais eu e eu fui assim, fui sem saber ler! Lá explicou na televisão como que fazia e eu passei nesse curso. Mas como eu não sabia ler daí fui pra São Paulo e eu ia ganhar três mil reais naquele tempo! Mas foi depois que não deu certo e aí eu abandonei. Era com flor (...) trabalhar com flor, era rosa, crisântemo. Eu conheço muita coisa, de adubação, de proliferação, eu sei um bucado de coisa! Eu sei como que muda uma laranjeira pra ser três tipos de laranja, pode ser a poncã, a tangerina. Aprendi com o agrônomo. Ele me ensinava e eu (...) se eu soubesse ler, eu tinha ido, né? Mas como eu não sabia aí (...) parei.

As flores são a paixão de José que aprendeu tudo em um emprego numa floricultura. Ele sabe realizar diversas funções desta profissão e garante que já perdeu oportunidades nesta área por não saber ler e escrever. Mesmo com dificuldade, José conta que tem vontade de voltar a estudar:

Tenho vontade. Ah, mas eu chegando em casa [Alagoas] agora eu vou ver se ajeito uma sala de aula para aprender alguma coisa.

José vai tentar recuperar o tempo perdido e afirma que quando voltar para sua terra natal vai voltar a estudar e conta que esse é o seu principal arrependimento:

Só porque eu não estudei. Se eu tivesse estudado acho que eu era outra pessoa, viu?

Quando criança, José passou duros momentos com o trabalho e por isso, acredita que se tivesse estudado, teria tido mais oportunidades na vida. Hoje, traz consigo o arrependimento de não ter estudado. Na verdade, não teve opção de escolhas. Quando

perguntado sobre seu sonho, revelou um acontecimento de violência ocorrido na infância, onde demonstrou desejo de libertação:

Rapaz, o meu sonho, eu trabalhava mais meu pai na roça, né? E aí quando foi uma vez, aí sol quente, numa ladeira, aí eu levei uma “pisa” [apanhou] no mato, olha, roçando mato, levei uma pisa, aí meu pai me deu uma pisa e aí eu me ajoelhei num pé de um mato lá e pedi a Nossa Senhora pra me ajudar. Aí, rapaz esse sonho foi um sonho realizado que eu consegui comprar pra mim um bucado de coisa, consegui comprar três casas, já. Tenho já, três chãos de casa, construí, né? Aí vim pra aqui trabalhar e o dinheiro que eu arrumo levo pra lá e aí compro material e eu mesmo faço. E aí eu vou alugando, aí meu sonho é esse, é conseguir umas 6 casas e eu vou conseguir, com fé em Deus! É um sonho desde criança e eu vou conseguir! Tenho a minha [casa] onde eu moro e mais três alugadas já.

Sofria muito no trabalho ao lado do pai, que era violento, e isso fez com que José desejasse profundamente a sua independência. Entretanto, a única saída naquele momento, vinha da religião. Atualmente, todo dinheiro que consegue com o corte de cana no Paraná, é guardado para investimentos futuros. Além do seu sofrimento em virtude do trabalho, José revela que já sentiu angústia por conta do pai:

Eu tinha assim, porque eu fui maltratado naquele tempo por meu pai e eu tinha assim, muita raiva, né? Mas depois que passou aquele tempo ali eu esqueci tudo!

Além do sentimento de angústia que carregou consigo por muito tempo, José também já sentiu raiva e já se sentiu injustiçado por ser um dos irmãos mais velhos:

Dos homens eu sou o mais velho, e no meu ponto de vista eu tive essa injustiça assim, só que hoje eu sou uma pessoa (...) me sinto bem (...) porque eu trabalhei pra minha mãe, meu pai e ajudar meus irmãos, né? Aí hoje eu me sinto bem, porque se fosse pra outra pessoa que eu nunca vi, acho que hoje eu ia me sentir mal, mas como foi pra ele eu me sinto bem. Meus irmãos, um bucado aprenderam, assim, ler bem, aprenderam né? Só foi mais eu e o outro que tá em casa, o outro também. Mas sempre eu tive um pouco assim de raiva, mas depois acabou.

Desta forma, José abdicou dos estudos e da infância pela família e pelos irmãos mais novos. Assumiu para si, responsabilidades de um adulto e deixou de viver aquilo que é natural de qualquer ser humano: a infância.

Meus irmãos eram em dez, mas um faleceu. Foi morto, né? Morreu assassinado. Rapaz, meu irmão ele bebia muito! Aí surgiu uma tal de eleição lá e eu acho que ele conversando alguma coisa lá, maldaram¹¹ ele e quando foi uma noite que ele estava em casa deitado, um rapaz chegou na porta chamando, uma porta de vidro assim, e aí, ele passou pelo quarto e quando foi saindo pelo lado de fora, aí o cara atirou pelo vidro! Deu dois tiros nele, foi fatal e varou a bala nele e ele acabou morrendo. E ainda ninguém descobriu quem foi que matou. É assim, eu digo assim, eu não sei se foi coisa de política, né? Só que a suspeita era essa. A gente fala assim tem dez, mas nove estão vivos, né? Tem três mulheres e o resto homem. [Os outros?] Tinha dois aqui [Paraná] e São Paulo, e agora estão em Alagoas e o resto estão tudo lá. Lá é carroceiro, que trabalha com burro né? É carroceiro, trabalha com patrimônio próprio, o outro trabalha na roça. Um trabalha com prefeitura, o outro trabalha no

¹¹ O termo “maldar” é sinônimo de mau juízo, julgamento precipitado ou injusto, etc.

campo, o outro tira leite, fazendeiro tirando leite, minhas irmãs, uma é professora, uma trabalha com negócio de (...) cortando cabelo (...) é, fazendo unha, né?

Percebi em seu olhar uma tristeza quando falou do seu irmão assassinado. Até hoje, a família não tem notícias sobre o que realmente aconteceu e quem é o culpado. Dos seus irmãos, quatro seguiram o caminho dos pais e hoje, também trabalham no campo, com o corte de cana. As irmãs de José trabalham fora diferente da grande maioria de mulheres alagoanas dos outros entrevistados. José silencia e não entra em detalhes sobre seus irmãos, deixando perceber que ainda possui algum tipo de mágoa com relação ao passado. Há aproximadamente dez anos, José se casou:

Sou casado há uns dez anos, casei novo! Estou com 36 anos, casei com 26. Ela fica só em casa, já trabalhou em casa de família, cozinha. Mas eu fui e tirei, e aí ela fica em casa. Minha esposa também não estuda não, é igual a mim, também não sabe ler também não. [Conheceu onde?] Rapaz, minha esposa eu conheci lá mesmo, eu trabalhando, trabalhava mexendo com flor, né? Aí foi um dia, foi pra lá ela, aí eu conheci ela e de repente fomos morar junto. Namoramos, aí depois fomos morar juntos, aí digo, naquele tempo foi que a empresa começou a abrir falência, né? Aí eu digo, ó, tu vai ficar no meu lugar e eu vou trabalhar nas usinas, aí fui umas três vezes trabalhar nas usinas, aí peguei minha carteira branca, não tinha ficha, não tinha nada! Aí, eu fui até a usina (...) ela chama Triunfo, aí encheram minha carteira, fui trabalhar, aí trabalhei lá. O primeiro ano que eu trabalhei lá, eu comprei uma casa, no primeiro ano! Aí, graças a Deus de lá pra cá é sempre assim, trabalhando nas usinas, é usina e roça, quando o cabra não quer ir pra usina trabalha em roça e quando não quero ir pra roça, trabalho em usina. Aí sempre minha vida é essa e tem sido bom. Já consegui comprar moto, já vendi, já, arrumei outro emprego já de novo, graças a Deus, e é assim.

Hoje, José é casado e possui uma filha de 11 anos, que atualmente está estudando e pensa em ter um filho homem. Sua esposa não trabalha por decisão do próprio José, que resolveu tirá-la do seu emprego para que cuidasse da casa e da filha. Sua esposa também é analfabeta e não teve a oportunidade de estudar.

José fala do seu trabalho:

Aí, sempre trabalhei nas usinas de lá, trabalhei construindo casa, é, serviço de pedreiro, né? Aí de lá eu vim pra cá para esse trabalho aqui, pra ver se eu consigo alguma coisa. E eu vou ver se venço essa batalha aqui e conquistar o que eu quero, né? Eu penso que, conquistar (...) eu tinha uma moto lá, aí vendi pra comprar outra, é um sonho realizado né? Então, me casei aí tenho uma menininha e aí agora eu vim pra aqui (...) é, realizar esse sonho que eu falei pra você agora, e vim pra refrescar o tempo né (risos).

Meu primeiro emprego foi com flor em floricultura. Trabalhei lá uma base de uns seis anos, lá. Lá eu plantava, eu pulverizava, colocava energia na plantação, colhia e vendia em Maceió. Maceió é longe de lá [Tanque D'arca], e eu morava em Tanque D'arca, e de lá, nós tirávamos a planta e vendia em Maceió (...) Maceió, Arapiraca, Aracajú (...) é distante a cidade, né? Aí vendia no centro, naquele tempo o cento das

plantas daquele tempo era as vinte e seis, vinte e sete reais, aí quando era assim (...) à noite, trabalhava de vigia, à noite, ganhava dois salários. Aí foi o tempo que o prefeito perdeu o mandato, aí, foi, o filho teve um abalo com um lá e terminou falindo. Aí cá aí no mundo, Aí vim do Paraná aqui, passei 10 anos sem vir pra aqui e aí vim pra cá de novo.

Antes da floricultura, José já havia trabalhado com o pai na roça. O trabalho na floricultura é considerado por José o primeiro por ter sido efetivamente o primeiro emprego de onde tirou renda para ele próprio. Ele conta mais sobre o trabalho:

Lá [Alagoas] tinha bastante usinas, só que as usinas que tem lá a maioria tá falindo, né? Aí só tá funcionando umas duas usinas só, aí o povo que tem lá não dá pra manter as usinas, né? Aí é assim, vim aqui pro Paraná, pra Ribeirão, São Paulo, todo canto. Lá a construção não tá muito bem, o cara ganha cento e vinte reais, no trabalho, sabe? Só que não é fácil também, né? Porque lá a maioria do povo a situação é fraca, aí trabalha oito meses, aí, o cabra para, e tem que buscar outro meio de sobreviver. Por isso que um bucado vem pra cá. Eu faço de tudo, eu trabalho de pedreiro, eu puxo energia, eu trabalho com corte de cana, arranco tôco, faço de tudo! O que precisar fazer eu tô fazendo, faço o que der.

Sendo assim, resolveu migrar e a algum tempo a família teve de se acostumar com a ideia:

Quando eu falei que vinha, meu pai disse: rapaz não vá não, fique por aqui mesmo e eu disse: vou-me embora, daí peguei minhas coisas e fiz exame e parti no mundo, vim embora. Aí sempre, eu gosto de viajar pelo mundo, Maceió essas coisas assim, eu gosto de vir pra aqui e gosto de conquistar o que eu quero e um dia eu vou chegar lá! É a primeira vez que eu venho pra cá [nessa cidade]. [Onde já morou?] Sempre na minha terra, lá em Alagoas nesse lugar chamado Tanque D'arca. Nasci e me criei lá, até hoje. Já morei em Goiás, fui para o Espírito Santo, aqui também e é sempre assim, vou pra casa e está com dez anos que venho pra aqui [Paraná]. Eu estou com 36 anos, vim com 26.

Seu pai não queria que migrasse, mas José insistiu e decidiu levar a ideia adiante. Como ele mesmo diz, já está acostumado a viajar. Já faz dez anos que viaja para o Paraná e deixa para trás a família e amigos para reencontra-los apenas na entressafra, no final e no início do ano. José afirma que gostou daqui, entretanto, estranhou o clima do lugar:

Eu gostei do lugar, lugar calmo, assim no caso eu só achei ruim o clima do lugar. É porque é diferente de lá, lá é mais sol e chuva, né? E aqui quando vem a chuva, aí depois vem o frio. Frio lá é muito calmo demais, é bem pouco o frio lá, não é que nem aqui não. A gente pega o inverno daqui, é um frio danado aqui! É frio pesado. Lá até no inverno lá é um pouco meio quente. O cabra chegou aqui e com dois meses e pouco foi embora, e diz “ah tá um frio danado!”. É, eu me enrolava com dois lençóis e um frio, eu digo “vixe Maria” vou me embora. Eu trouxe uns casacos meus grossos, e aí eu aguentei, se não fosse eu tinha me ferrado viu? (risos).

O clima do Paraná é muito diferente do de Alagoas, pois aqui a temperatura é mais amena, com chuvas e realmente faz frio no inverno. Já em Alagoas, a temperatura é alta e com quase nada de chuvas, sendo que no inverno, a temperatura continua alta. Tal fator, fez com que José estranhasse o clima do Paraná, e garante que teve um amigo que voltou para

Alagoas por não se acostumar com o clima daqui. Com relação ao trabalho, José relata que é um trabalho pesado:

Aquí na usina eu trabalho bastante, faço muita amizade com meus amigos e tiro meu dinheiro, né? É um trabalho pesado, eu saio daqui às 06h00min, pega lá às 07h00min, 08h00min, depende a lonjura, né? A gente pega o ônibus no ponto e vamos para nossa batalha (risos). Lá os líderes têm suas bases de pegada, né? Aí cada líder pega 10 eitos de cana, 15, aí divide com o povo. Aí, cada líder daquele tem sua parte e a função de dividir com o povo. Aí quem cortar mais, pega 300 metros, 400 metros, 500 metros e é por dia. O líder é o cabo, o povo chama de cabo, né? Rapaz, o nosso cabo eu acho que é uma base de 120 pessoas por aí, só que são dois, né? Aí ele divide a turma e se for 100 ele fica com 50 e o outro com 50. Aí ali vai para o outro e o outro vai dividir o povo pra trabalhar. Aí quem cortar mais, pega daquela primeira pegada, aí quem corta pouco depois pega na segunda, e aí vai até no final. Aí no caso é a produção, eu corto até mais, corto 400, 500, tem vez que é “canelinha”, corto só 200, 300 e é assim, e se eu não consigo cortar, o outro tem que ajudar, só que ele vai ganhar no meu lugar. Lá não tem briga não, é sempre amizade é sempre brincando, fazendo “resenha”¹² um com o outro, mas quando tem alguma briguinha assim o cabo vem e resolve e pronto! Daí a gente sai de lá umas 03h0min, 03h30min, a gente almoça lá. Vem a marmita, o carro foi entregue de manhã. A noite e de dia, é arroz feijão e a carne.

Sua rotina começa ainda na madrugada, quando pega o ônibus para ir para a roça. José costuma dizer a palavra “batalha” e realmente é isso que acontece em seu cotidiano, uma batalha, uma vez o trabalho é desumano e precário. Cada trabalhador corta de 200 a 500 metros de cana de açúcar por dia, considerando o contexto do trabalho, com sol, calor, roupa fechada, peso do facão nas mãos, calo nas mãos, riscos de animais peçonhentos, etc.; vivem em um campo de batalhas. Batalha pela vida, pela sobrevivência, pelo pão de cada dia e no caso de José, também pelos sonhos. Quando chega do trabalho, é hora do descanso:

Aí chego em casa assim, vou lavar minha roupa, vou tomar um banho, vou por lá, aí fico ali mais os amigos e quando dá 19h00min, 20h00min, eu estou dormindo, vou dormir cedo, aí eu acordo 04h00min e o ônibus passa e nós temos que trabalhar de novo e aí pronto.

Como não possui muito tempo de descanso, o pouco tempo que José possui é para dormir e por este motivo, prefere dormir cedo, às oito da noite. E assim, recuperar energias para mais um dia de trabalho. Além disso, José é um homem caseiro:

Eu sou uma pessoa caseira, eu trabalho, tomo banho, fico lá, fico com os amigos conversando e então eu só vou mais a rua assim, quando é pagamento ou pra resolver algum negócio, mas é só em casa e aí quem quiser me procurar é só em casa. Sempre até em casa mesmo onde que eu moro sempre eu sou caseiro demais, eu não gosto de estar assim, no meio de rua não, gosto de estar no meu lugarzinho assim, quietinho assim, só se for um negócio pra resolver, vou e resolvo, é assim.

Mesmo não saindo muito do alojamento, José mantém suas amizades:

¹² O termo “resenha” é utilizado como sinônimo de farra, brincadeira, diversão, bagunça, etc.

São legais, são igual irmãos, são legais mesmo, pra mim são de primeira, não tem o que dizer deles. É porque muita gente assim, é, eu convivi aqui na [cidade vizinha], aí lá eram 60 pessoas em cada salão daquele, né? É, a noite era rojão por causa de gente bêbada! Chegava gente bêbada, se rolavam nos tapas, os cabras apartavam e depois era aquela resenha.

A cidade vizinha a que José se refere é uma cidade que fica a aproximadamente 30 km de distância de onde está alojado e lá também tem usina e alojamentos, onde José já se hospedou. Revela que já dormiu com 60 pessoas dentro de um salão, situação esta totalmente precária para um ser humano, além do que, pessoas saíam e chegavam a hora que queriam e inclusive, algumas chegavam embriagadas e incomodavam os colegas que já descansavam. Tal situação causava brigas entre os colegas. Em seu alojamento, José mora com mais seis pessoas:

Mas aqui é bom, porque aqui é dividido o povo, são seis pessoas, sete, é bom. A casinha é boa de morar. Sempre nós zelamos a casa, é tudo limpinho. Os piás mesmo que limpa, a gente chega lá e a casa está tudo limpa, mas sempre nós zelamos lá. Nunca teve nenhuma briga com os meninos. Pra tomar banho é um de cada vez, quem chegou primeiro já vai primeiro tomar banho, depois vai lavando a roupa o outro vai e faz o café, outro vai fazer o cuscuz, é assim, é assim. Fulano vai lá, cozinhar? Não, vai você hoje? Daí eu vou e parto pra cozinha cozinhar, é assim. A gente vai revezando, tem um mais preguiçoso que vai se encostando e eu digo vai você hoje, você vai (risos) É sempre assim. Os meninos que moram comigo, dois saem bastante, mas o resto é só em casa. O pessoal que mora aqui sai bastante, eles vão pra rua beber, andar assim, passear na rua também, fazendo amizade, né? Mas amizade eu faço em casa (risos).

José e os colegas moram em uma casa com quatro cômodos e se organizam entre si para manter a ordem no alojamento, sendo que todos colaboram e se respeitam. A alimentação também é comparada por José, que sente falta da comida de sua cidade. Quando sentem necessidade, se reúnem e fazem pratos típicos para matar a vontade:

A comida pra mim tá bom, lá é inhame, a batata, tem a mandioca, tem um par de coisas gostosas lá (risos). A tapioca lá assim, lá tem a casa de farinha, o povo pega vai para prensa, tirar a goma todinha e daí fazer a tapioca, fica gostosa, hein?! Aqui não fica igual, lá é bom mesmo, é gostosa, bem fininha, fica bem levinha, muito bom! A gente cozinha aqui, é por parceiro. Tem dia que eu vou, o parceiro vai e aí nós vamos. Enquanto um faz um cuscuz, o outro assa um peixe, frita um ovo e assim nós sempre nos viramos. O cuscuz é uma massa, aí pega a massa, bota na vasilha, molha ela, mexe tudinho com a colher, e com a colher vai pra cuscuzera, a cuscuzera bota ela no fogo e aí cozinha. Você nunca comeu não? É bom [risos]. É bom e é forte! Você come com leite, com o que quiser, com peixe, com uma carne, é uma massa de milho. Aqui o menino [encarregado] vende os ingredientes, quando não tem, procuro na rua, ele traz de Alagoas, ele traz logo um monte, daí, vende! Aqui sempre tem aqui, na venda dele aqui e a gente compra as coisas daqui mesmo, né? Só que de lá pra trazer as coisas é muito longe demais, tem muita coisa boa, só que é longe. A farinha ele traz de lá, e tem uma outra farinha que é feita de mandioca, né? Não é que nem a daqui não, é diferente também. Gostosa também hein! Ela é feita no manual, mexendo com o rodo, fica gostosa que só. Lá também tem um doce que chama biju, é feito com uma massa também! Coloca no forno uma massa com a farinha, aí pega uma vara, tipo uma tábua, né? Aí fica mexendo ali a farinha, mexendo, mexendo (...) a farinha vai passando em cima daquele biju, vai passando

em cima e aí quando ele assa, aí tira e põe pra esfriar, quando esfriar pode comer, é gostoso hein? Aí o povo come com leite, come assim com café. A gente tem costume de tomar café a noite, sempre aqui o povo toma café direto, é cedo, é a noite, é (...) a gente sempre faz aqui, na cantina aqui, nós pegamos lá e fazemos aí [cantina do lado] é uma cozinha.

A cantina é um ambiente compartilhado pelos migrantes e geralmente, sempre está lotada. José me ensina com paciência algumas receitas de sua região e fica surpreso quando descobre que nunca havia comido, pois para ele, é algo tão bom, que devo experimentar. Já os ingredientes, o encarregado (Francisco) vende em sua venda localizada em sua residência, no próprio bairro. Os trabalhadores frequentam regularmente a venda, adquirindo especiarias típicas. Além das comidas típicas, o café é uma tradição e deve ser tomado toda noite. Como não possuem fogões nos alojamentos, os migrantes se organizam e fazem o café na cantina, todo dia. Revela que de um modo geral, os migrantes gostam de sair e beber bastante:

O povo bebe, assim, a maioria, tudo não, só a maioria. [Baile] De vez em quando eles vão, só que assim, eu não bebo muito, eu bebo pouco. Bebo umas três ou quatro cervejas. Já dá pra mim já, e eu gosto de andar só. Não gosto de andar com ninguém. Chego no bar assim e fico lá conversando, chega um amigo de fora mais eu, nós conversamos, faz amizade e assim nós leva a vida.

José conta que prefere sair sozinho a andar com os colegas de trabalho. Revela que a maioria dos colegas bebe bastante, ao contrário dele. E no que tange às pessoas da cidade, José compara com sua cidade:

O povo daqui são pessoas de primeira, porque eu observo até pra comprar alguma coisa seja onde for, quando você termina de comprar, ela diz assim “Deus abençoe”, já no meu lugar não tem isso não. Aqui eu achei interessante o povo, viu? Você compra uma coisa e quando você termina, diz logo na frente, Deus abençoe! É que ali já agradece, né? E lá não, lá não fala isso. O povo pega o dinheiro, bota no bolso e pronto! [risos] O povo aqui é um povo mais legal, mais simpático, né?

[Amizade na cidade] Eu não fiz amigo aqui, até agora não. Eu vim em março e tenho só os amigos daqui no caso, do alojamento no caso, né? Mas da cidade mesmo, não. Eu não mudaria nada aqui, aqui pra mim tá de primeira.

José afirma que as pessoas daqui são mais simpáticas e agradecidas do que as de Alagoas, mas até agora os únicos amigos dele são os do trabalho e os do seu alojamento. Apesar disso, garante que gostou da cidade:

Rapaz, eu gostei daqui, gostei do lugar, gostei das pessoas, porque lá mesmo é assim, se você sair da sua casa na cidade lá, se você sair de noite, umas 21h00min é o caso de você ir e não voltar, porque os cabras tomam o que você tem e aqui não, você pode andar aí ó. Um dia mesmo eu estava em casa, aí eu abusei e disse vou sair por aí agora, vesti a roupa e parti, sozinho aqui, aí eu fui lá para o “Titanic” [bar], lá e voltei, aí eu fui lá por baixo, cheguei aqui na base de umas 03h00min da manhã e ninguém mexeu comigo, de jeito nenhum. Aqui é assim se você for beber cachaça, se der briga com o povo, você apanha mesmo, o povo aqui respeita e se não respeitar apanha mesmo.

A comparação com Alagoas é inevitável e José relata que em sua cidade natal é perigoso sair à noite, ao contrário do Paraná, onde disse que “abusou” e chegou em casa de madrugada sem nada ter acontecido. Entretanto, contou sobre algumas situações com colegas, onde aconteceram brigas:

Teve gente aqui que já levou um sarrudo aí na rua, né? Saiu pra beber e aconteceu assim, briga e levou lá, uns tapas lá (...) mas besteira, resolveram e ficou tudo bem. Quando acontece briga assim, com um dos nossos alagoanos, né? Aí sempre nós aconselhamos “rapaz você vê que não dá certo, né? Por que foi pra ali? Por que não vieram mais os meninos aqui na praça? Aí tem cara que vai beber e vai querer arrumar confusão, aí, dança, né? A gente dá conselhos, porque se não der, aí complica as coisas (...). Eu conquisto meu espaço no bem, quando eu quero sair eu saio, ninguém mexe com eu, pra mim é de primeira.

Os alagoanos na maioria das vezes andam em conjunto. O fato de estarem em mais pessoas, transmite a ideia de poder aos moradores da cidade e dá segurança para eles. José enfatiza que quando ocorre alguma situação como essa, procura aconselhar para que não aconteça novamente. Grande parte das brigas acontece por estarem alcoolizados ou por cobiçarem mulheres comprometidas. José adota a política do bom comportamento, para que nada aconteça com ele. A temporada de José está chegando ao fim e conta que não pensa em retornar:

Não sei (risos), agora só Deus que sabe, né? Mas tipo assim, se chegar lá e der na doida o cabra volta de novo né? Às vezes você chegando lá, vê que não dá certo e aí volta de novo e se der certo fica, sempre assim. Eu gostei daqui, só que esse ano mesmo que vem, não venho não. Não venho porque tenho que passar um tempo lá em casa... tem que ser um pouco lá, um pouco cá e assim (...) sempre trocando de ano, né? Quem sabe lá no próximo ano, esse ano que vem no outro, quem sabe. Esse ano que vem estou pensando em construir uma casa lá e colocar roça. [O que é?] Roça é assim no caso, fazendeiro lá, sempre dá roça para os outros trabalhar, né? Você chega assim, aqui chama hectare, lá chama tarefa. Um vem, pega meia tarefa, um vem pega duas tarefas, aí você planta, planta feijão, planta o milho, planta a mandioca, planta o inhame, a batata, o milho, a fava, o feijão e tudo e aí com o tempo você colhe e arrenda e com 2 anos você planta capim. Ele dá cimento a pessoa, a pessoa vai e planta capim e entrega a terra pra ele, depois de 2 anos. Porque eles são fazendeiros né, e fazendeiros lá eles são meio mão de vaca, eles não querem gastar, né? Aí dá a terra pra você trabalhar dois anos e depois de dois anos é capim. Pra dar ração ao gado. Trabalha dois anos e depois de dois anos planta capim e entrega pra ele. Aí já vai em outro canto e assim vai.

A falta da família conta muito na hora de decisão de voltar ou não, pois o tempo que passa com a família é muito curto, apenas dois meses. José comenta da opção de “colocar” roça, que é como um arrendamento de terras, onde o usuário usufrui da terra do proprietário por um período de tempo em troca de algumas coisas. E mesmo com todas as dificuldades, José batalha por uma vida melhor, é agradecido por tudo que lhe aconteceu e revela que tem um sonho:

Primeiramente Deus que me dá sempre minha saúde pra mim e pra minha família, e ter conquistado o que tenho hoje, né? Meu sonho hoje é crescer um pouco mais, né? Crescer pra mim é primeiramente respeitar o amigo, e conquistar mais algumas coisas melhores pra mim, e o que eu já tenho, conquistar mais né?

7.7 ANTÔNIO

Antônio é um homem moreno, de cabelos lisos e de estatura baixa. Em seus relatos, demonstrou o descontentamento com relação à sua cidade, uma vez, que não existe emprego para todos:

Meu nome é Antônio, eu tenho 36 anos e a minha história de vida aqui está sendo legal, sabe? Porque lá onde eu moro, lá o trabalho é difícil, aí tem que vim de lá pra cá. É um pouco puxado, né? É três dias de viagem, aí fica um pouco puxado, a gente incha os pés, mas isso é normal e aqui pra mim tá sendo legal, eu trabalho sossegado.

Antônio nasceu em Sergipe e sempre ajudou os pais no campo:

Meu pai era tratorista, aí depois ele foi (...) ele era tratorista em Sergipe, aí passamos lá vinte e cinco anos, aí de lá foi quando a gente veio “simbora” pra Alagoas. Quando chegou em Alagoas ele foi trabalhar numa fazenda de um rapaz, aí foi lavar o rosto com a água da lagoa e aí cegou de uma visão. Tinha um micróbio e aí cegou de uma visão. Aí se aposentou, aí ele é aposentado e a minha mãe também é aposentada. É do que eles dois estão vivendo agora, do aposento dos dois. E a gente que somos os filhos, ajuda no que pode e corre para a batalha.

Mesmo com os pais aposentados, Antônio os ajuda quando pode. Casou quando era ainda adolescente, aos quinze anos de idade e está no segundo casamento:

Eu sou casado, casei com quinze anos, e casei duas vezes, casei com a primeira e a primeira não deu certo e agora eu estou casado com a segunda. Já vai fazer dez anos que estou com essa agora. Tenho três meninos, um homem e duas mulheres. A mais velha tem sete anos, e o outro tem cinco e o outro tem três. Ficam com a minha esposa lá.

Antônio vem de uma família grande de mais oito irmãos, sendo quatro homens e quatro mulheres:

A minha família é (...) somos cinco irmãos [homens], agora todos os cinco, todos unidos, e o que dá pra um dá para outro, não tem nada de divisão. O problema de divisão é que ninguém se entende, né? A gente não, nós somos todos unidos mesmo. O que dá pra um dá para outro, cada qual em sua casa, cada qual mora em sua casa sossegado, cada qual tem sua esposa, seus filhos e de lá mesmo, lá de Alagoas quem tocou vir só fui eu. Os outros lá, trabalham, tem um que é tratorista, o outro dirige ônibus e o outro trabalha pra ele mesmo, é pedreiro e de lá só quem veio fui eu mesmo. Todos meus irmãos estão trabalhando, tem quatro mulheres casadas, são todas casadas, elas só tomam conta da casa mesmo. Eu tenho nove irmãos, no total.

A família de Antônio é grande e unida, de modo que todos ajudam uns aos outros. Todos seus irmãos estão empregados e possuem suas famílias, já as irmãs, não trabalham fora, mas todas são casadas e também possuem suas famílias. Existe um acontecimento muito triste em sua história, que é a morte de um dos seus irmãos, que foi assassinado:

[Todos são vivos?] Não, um morreu. Mataram. É, tem dois meses. Ele trabalhava de segurança, para o pessoal (...) que ele trabalhava lá, era pra um policial. Aí você sabe, né? Policial de lá é muito ruim, aí muita gente já tentaram matá-lo, aí não conseguiram e como ele trabalhava de segurança, mataram ele para poder pegar a polícia, mas até agora não foi descoberto quem matou ele, e aí está tudo em branco ainda, por enquanto tá.

Foi um momento extremamente difícil em sua vida, à medida que era muito apegado ao irmão. Até hoje, Antônio não se conforma com a perda e pelo fato do caso ainda não ter sido desvelado, pois, não se sabe ao certo o que aconteceu. Ele carrega uma tristeza consigo, por não ter conseguido ir no velório do irmão, em consequência de estar no Paraná quando tudo aconteceu:

Quando mataram eu estava aqui, né? Aí fiquei meio chateado, nem pude ir para acompanhar o velório porque não tinha como, né? A minha mãe sentiu muito, minha mãe já é um pouco de idade, mas fazer o que, né? Tem que ir se conformando aos poucos.

Antônio é um homem que valoriza muito o trabalho e considera como sendo “quase tudo”:

O trabalho é quase tudo, né? Porque sem o trabalho a gente não consegue nada. Sem o trabalho (...) é (...) a gente não consegue nada, não compra o que a gente quer, né? Aí, para mim trabalho é quase tudo, né? Agora quase tudo para mim também é quase tudo, né? Mas veio o trabalho também, né? Que tem que ter na vida da gente. Principalmente a gente que somos homens. Porque assim, como a gente somos homens, a gente tem que arrumar o trabalho que é para sustentar a nossa família, nossos filhos. Dar o que precisa, né? Para não deixar faltar. É por isso que pra gente, o trabalho é tudo.

Antônio possui internalizada uma cultura de que é o homem quem tem que trabalhar e sustentar a família, sendo que o papel da mulher é apenas cuidar da casa, dos filhos e servir ao marido. Desta forma, se responsabiliza por todas as questões financeiras da família e se sente na obrigação de executar tal papel com êxito. Sendo assim, Antônio se esforça para nunca deixar faltar nada aos seus filhos e esposa e desta forma, justifica sua vinda para o Paraná:

Quando eu disse que vinha pra cá, ela não gostou muito não, mas (...) é (...) a gente lá parado não presta, né? Porque aí vai acumulando dívida, essas coisas assim, aí eu digo: eu vou e se eu gostar do clima aqui, quando for o próximo ano eu vou e trago ela, sabe?

Antônio justifica sua vinda com a falta de empregos em Alagoas, além do que, segundo ele diz ficar “parado”, não traz nenhuma vantagem a ele. Sua intenção para o próximo ano é de trazer a esposa e justifica:

Porque assim, se a gente for ficar lá, é bom porque tem mais a família, né? Mas em compensação é ruim porque lá não tem trabalho, porque lá em Alagoas lá, está uma negação para trabalho. E aqui é, a gente está longe, mas estamos trabalhando e quase de dois em dois dias a gente liga e pergunta como que está, e aí vai rolando o tempo. Estou com oito meses que estou aqui, vai completar oito meses, deixa eu ver, segunda-feira. Aí fica faltando só um mês e vinte dias, pra eu ir embora pra Alagoas. Já estou contanto os dias, já (risos).

Antônio conta que faz contatos semanais com a família, a cada dois dias e desta forma, o tempo vai passando. Antônio já se acostumou com o processo de migração e para ele, já é algo “normal”:

É, já tem, tem quinze moagens de lá para cá, vindo direto. Aí ele [encarregado] me contou tudo como foi e estou legal agora, mas é (...) contando os dias para voltar para Alagoas de novo.

Sua vinda para o Paraná já é frequente e em toda safra Antônio é contratado pela usina. Por durante quinze safras, já trabalhou e morou no Paraná, sinal de que é considerado um bom funcionário pela empresa. É aparente sua ansiedade pelo retorno à Alagoas. Enquanto isso, Antônio cumpre com suas responsabilidades para com o trabalho e aproveita para fazer amizades:

Meu trabalho lá é normal, sabe? É, a gente pega umas 06h00min ou 6h20min quando chega, aí quando é 11h00min a gente larga, e vem tudo para o ônibus que tem a palhoça que fizeram, né? No ônibus mesmo, a gente almoça e quando almoça a gente descansa uma hora de relógio e é quando volta para trabalhar de novo, até (...) agora que aumentou o horário novo a gente trabalha até as 14h20min. A gente entra mais cedo e sai mais cedo também, porque quando estava o horário velho a gente saía daqui era 06h20min e agora estamos saindo é 15h20min. Mudou o horário, foi.

O horário de trabalho é padrão e Antônio trabalha cerca de seis horas por dia, com o corte da cana. O retorno se dá por volta das 16h00min, que é quando consegue descansar para o próximo dia de trabalho. Nas suas horas vagas, comenta que gosta de ficar em casa:

Eu só fico só em casa, deitado, acessando, fico só em casa, né? Acessando internet e pronto. Não gosto não, de sair não, eu. Os meninos só saem um. Só um que gosta de tomar uma pinga de vez em quando, ele sai, mas eu não saio não. Fico mais em casa. As portas aqui todas elas têm “quarta”.

Por ser um homem caseiro, prefere ficar no alojamento descansando ou conversando com a família pelo telefone ou em redes sociais. Antônio mora com mais cinco homens e conta que um dos seus colegas possui problemas com bebida, chegando muitas vezes tarde da

noite e alcoolizado, acordando a todos do alojamento. Desta forma, ao mesmo tempo em que é bom morar com mais pessoas, por ter companheiros de conversa, se torna algo ruim, pois proporciona a perda de privacidade dos trabalhadores. Além do que, são todos pessoas desconhecidas:

É difícil, é. Logo é, porque logo quando o cabra chega, não conhece, né, aquela pessoa, e aí fica difícil (...) [Penso] será que essa pessoa é legal? Será que não é? Aí eu falei para os meninos, eu quero ficar no quarto mais um cabra que não beba, porque, ele me perguntou, eu não bebo. Aí quando chega uma pessoa que é (...) a partir de meia noite ele chega bêbado, aí o cabra pode estar dormindo, aí não presta esse negócio, né? Aí fica ruim, e pra gente que trabalha não presta estar só bebendo não. Aí fica, em cada quarto dois homens e mais nada. No quarto que eu estou o menino é sossegado, quando não estamos na internet ele está é tocando teclado e vai passando a vida.

Antônio preza pelo sossego e tranquilidade. Não gosta de “coisas erradas” e por isso deixou bem claro que gostaria de um colega de quarto que não bebesse. Com isso, conseguiu um companheiro “tranquilo” que compartilha dos mesmos princípios. Antônio parece não viver os momentos no Paraná e demonstra estar esperando o tempo e a vida passar, entretanto, afirma que agora está se sentindo bem e justifica:

Agora mesmo eu estou me sentindo normal, sabe? Agora logo no começo eu passei (...) é porque como é (...) um homem assim que a gente não conhece aí fica meio estranho dormir, né? Nem que não é numa cama só, né? Mas acaba sendo. Não porque assim, é (...) quase uma semana ou duas dormindo e eu me acordava rápido assim, meio sei lá, né? Aí depois que aconteceu com o irmão, aí eu fique mais (...) mas agora eu estou mais normal já, e o cabra que eu estou, ele é muito legal mesmo.

Revela que no início ficou um pouco assustado e desconfortável em dormir com mais pessoas em seu quarto, pelo fato de ser um homem. Ele internalizou uma cultura que prega o machismo, onde homens não podem ser muito próximos, caso contrário torna-se motivo de chacota. Hoje se sente “normal” e já está acostumado com o colega de quarto. Além de ter que se acostumar com a falta de privacidade, Antônio sente diferenças com relação ao clima e relacionamentos:

Estranhei um pouco aqui, né? Ah! Assim, o clima do lugar, né? Porque umas horas é calor demais, outras horas já é frio, aí eu estranhei mais um pouco, mas pra mim está tudo bom ainda. Quando eu cheguei, eu senti assim, que é uma cidade boa, né? Calma, a vista de lá de onde eu moro, aqui é calmo. Lá é mais agitado, lá. E aqui não, aqui é calmo, nunca vi aqui confusão, e nem briga também, aqui eu achei bom também. O que eu estranhei aqui foi só o negócio do (...) como eu falei, do tempo, né? Porque é muito (...) uma hora é calor, outra hora é frio, mas do resto, tudo legal pra mim.

Para Antônio é comum sair na rua e presenciar brigas e assaltos em sua cidade e isso é algo que favorece sua vontade de querer morar no Paraná, dado que é um local menos

violento que Alagoas, segundo ele mesmo afirma. O clima também fez com que Antônio sentisse diferença com relação à sua terra natal, pois as temperaturas costumam ser mais baixas no Paraná. E não há como falar de diferenças sem falar da alimentação, que também fez com que Antônio estranhasse o novo ambiente:

Aqui eu estranhei um pouco aqui, porque a comida, quando vem já é da conta da usina, né? Aí nunca é como a de casa, da gente que a esposa da gente faz, né? Sempre aqui é mais (...) mais devagar um pouco. Não, a gente passa, mas (...) a gente compra um lanche, é, quando quer comer come, quando não quer comer lancha e vai passando. Até chegar o dia da gente ir embora.

Ele sente falta da comida da sua esposa e do tempero de alagoano, mas não muito o que fazer, pois também não gosta de cozinhar:

Bom, o que a gente cozinha aqui na minha parte é (...) tem gente que cozinha, né? Mas eu não, tem vezes que eu faço só um cafezinho, porque eu gosto de um cafezinho e pronto. Agora assim, comida mesmo, não é comigo não. Lá não pode fazer não [na casa], é aqui na cantina. É que lá nas casas não pode não, fazer comida não porque não pode ajuntar fogo não, lá, né? Nem ajuntar, fogo nenhum não pode, é porque é por causa do negócio de incêndio, né? [não possuem fogão?] Não, lá não, aqui [cantina] tem. Na cantina a gente pode cozinhar, pode fazer o que quiser. Cada (...) é porque é um fogão com seis bocas, aí vem um e faz, vai se embora, vem outro e faz, e aí (...) [como combinam?] Assim, porque assim, quando a gente (...) é quem chega primeiro, né? Quem chegar primeiro bota a (...) aí tiver seis bocas ocupadas a gente espera, aí quando ele sair, quem chegou primeiro, foi eu e pronto, vai até chegar a vez da gente, né? Pra não rolar confusão esses negócios assim, né? Aí todo mundo tem que ter paciência e vai até fazer. Aqui a gente compra assim, carne, sabe? Carne, porque a carne aqui é meio (...) gosto muito de fazer miojo também, aí eu como, faz fácil! Mas é difícil, porque eu não gosto muito não, de fazer comida aqui não. [Cuscuz?] Aqui eu não gosto não, da massa daqui não. Aqui eu não como cuscuz porque a massa daqui é meio devagar (risos).

Por não gostar de cozinhar, seu prato preferido é macarrão instantâneo. Desta forma, não está satisfeito com a alimentação e não vê a hora de voltar para sua cidade. A usina não permite fogão nos alojamentos, que segundo Antônio é para evitar incêndios e com isso, fornece uma cantina toda equipada para que cozinhem quando quiserem. Sua insatisfação com a alimentação é tamanha, que quando questionado sobre a estadia na cidade, disse que se pudesse, mudaria a alimentação:

Aqui eu acho que não dava para mudar quase nada, bom se fosse para mudar aqui eu ia mandar mudar só a comida. Trazer uma comida melhor para gente, porque não (...) come porque tem que comer, né? Mas não é muito boa não, a verdade é essa. Agora o resto pra mim está legal e na cidade também não dá para mudar nada não, a verdade é essa. Tá tudo legal na cidade (...) Aí, já estou aí olhando aí, para o próximo ano eu vim para outra usina, porque diz que lá dá a casa e a gente não precisa pagar aluguel, né? Porque para gente vir de lá para pagar aluguel aqui não presta. Fica muito puxado. Aqui não pago nada. É tudo pela conta da usina. Bom, diz que não paga assim, né? Mas paga porque vem o desconto, né? Mas é um descontinho pouquinho, que não dá nem para (...) Até porque aqui, não permite mulher aqui, sabe? Aqui assim, não permite assim, só permite se for uma pessoa que seja assim, a muito tempo como tratorista, é cabra que dirige caminhão, mas a gente

que vem e todo ano volta aí a usina não quer a esposa da gente aqui, tem que ficar lá mesmo.

Sua vontade é de voltar para o Paraná no próximo ano, mas agora, junto com a esposa. Entretanto, a usina pelo qual está contratado atualmente, não permite a vinda de esposas, com exceção para alguns cargos específicos, como de encarregado, tratorista, etc. Mas, por conta da falta de mão de obra, algumas empresas da região, acabam permitindo a vinda da família, o que deixa Antônio motivado. Tirando a alimentação, que de fato incomoda Antônio, as pessoas da cidade, ou melhor, o relacionamento com as pessoas faz com que a experiência com a migração seja positiva:

São legais as pessoas daqui, assim eu acho que aqui, esse lugar aqui é muito diferente de Alagoas assim, eu acho aqui melhor, sabe? Porque aqui, o pessoal daqui é muito educado, as vistas do que é lá. Aqui é mais pequeno do que lá onde eu moro, o pessoal daqui é mais educado, a verdade é essa. Porque aqui a pessoa passa por um, passa por outro: “opa”! Passa por outro, é (...) é assim, até no trânsito, sabe? Na estrada também, porque aqui você vai, se você vai atravessar, pode ser o que for, mulher ou homem eles param naquela faixa e você passa, e em Alagoas é diferente. Se você fazer isso é caso de você morrer! Porque eles não param não. Não param não, lá não. Lá vocês têm que esperar até, não ir passando mais o carro e aqui não, aqui você foi ele já para você passa sossegado. É por isso que eu digo, aqui o lugar aqui é bom e o pessoal daqui também!

Mesmo não conhecendo ou frequentando muitos lugares, Antônio faz amizades com os colegas de trabalho e isso tornou-se algo que levará para o resto de sua vida:

A amizade que peguei com todo mundo aqui foi uma amizade bem legal mesmo, conheci muitas pessoas que eu não conhecia, né? Como é a primeira vez que vim para aqui, aqui no Paraná, eu (...) aí eu conheci muitos amigos, aí isso eu vou levar pra lá, né? Tem no meu “face” [Facebook], um “bucado” de amigos, todos conversando, é uma história legal isso aí, né? Tem muita gente que procura uma amizade que não é uma amizade legal sabe e eu gosto de procurar assim uma pessoa que eu vejo que não (...) não é aquela pessoa que gosta de coisa errada, porque esse negócio de coisa errada assim não cola muito bem comigo não. A amizade se for uma amizade sadia, porque tem muita gente que é quer uma amizade com você mas é querendo outra coisa a mais. Por exemplo querer amizade com você e depois querer colocar você para baixo, querer falar mal de você, isso aí não presta, para mim amizade é (...) não gosto muito de amizade demais sabe? Meu negócio é (...) sou mais sossegado, fico mais tranquilo eu. [Tem amigos da cidade?] Não daqui da cidade não. Tem uns dois de lá de onde eu vim e tem uns dois de lá das casinhas. Da cidade não converso com ninguém.

Suas amizades são restritas ao trabalho e bairro em que mora. Antônio é adepto às redes sociais como Whatsapp e Facebook e ali, cultiva alguns de seus relacionamentos com amigos. De certa forma, as amizades ajudam Antônio a superar a distância e a saudade que sente da família. Enquanto não chega o dia de ir para casa, ele apenas espera os dias passarem e pensa em seus sonhos que logo serão realizados:

Agora mesmo eu tenho só um que é de comprar uma moto pra mim. Já tenho a minha casa, agora eu vou comprar uma moto, mas não estou pensando de comprar esse ano ainda, só o próximo.

Por fim, chegamos ao final das histórias de vida dos trabalhadores migrantes do corte de cana entrevistados. Desta forma, passarei para a próxima etapa que é realizar uma análise das histórias de vida, utilizando os dados e a teoria em busca de compreender como ocorrem as práticas cotidianas de territorialização desses trabalhadores.

8. PRÁTICAS COTIDIANAS: RESSIGNIFICAÇÃO E PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO

Após a apresentação das histórias de vida desses sete trabalhadores migrantes do corte de cana, iniciarei uma discussão com o objetivo de responder ao meu problema de pesquisa, no intuito de compreender como ocorrem as práticas cotidianas de territorialização de trabalhadores migrantes, inseridos no contexto do trabalho precário de corte de cana.

8.1 DO TERRITÓRIO DE ORIGEM À MIGRAÇÃO: MIGRAÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA?

No início de minha trajetória nessa pesquisa, confesso que me fazia alguns questionamentos. Dentre eles me perguntava os motivos pelo qual fizeram esses trabalhadores “deixarem” seus territórios de origem, para adentrarem em um território novo, com incertezas, com cultura diferente, entre outros aspectos. Foi aí que durante as entrevistas, compreendi os motivos, entendendo que o cerne da questão é a origem e contexto em que vivem e foram “criados” e principalmente a precarização, a qual fez parte de suas vidas desde sempre. Sendo assim, antes de falar sobre as práticas cotidianas de territorialização, acredito ser importante uma análise sobre a história desses trabalhadores considerando sua infância, o contexto social e familiar para assim, compreender os motivos de sua migração e posteriormente as práticas cotidianas de territorialização.

De um modo geral, os migrantes possuem uma história muito parecida, quero me referir à questão do sofrimento, da necessidade primária do trabalho, entre outros fatores. Em suas histórias de vida, é possível constatar que o sofrimento se inicia já na infância, quando praticamente perdem a infância para o trabalho. Desta forma, foram privados de uma infância “normal”, ou seja, com possibilidades de uma boa formação, construída pelo o convívio social, educação, proteção à saúde física e mental, perdendo o direito à liberdade, em troca de recursos oriundos do trabalho.

Além de servir como meio de sobrevivência, o trabalho representa muito além, pois fez e faz parte de sua territorialidade na cidade de origem, além da construção desses trabalhadores enquanto sujeitos, conforme salientam Campos e Saraiva (2014) quando enfatizam que trabalhar vai muito além da capacidade de entrega e produção de determinado

bem, de forma que os sentimentos e representações que os sujeitos empregam no seu cotidiano de trabalho, acarretam tanto na produção do produto como fruto do esforço e empenho do trabalhador, quanto na própria construção do sujeito. É nesse sentido que o trabalho faz parte da vida e formação pessoal desses sujeitos, onde, alguns fatores como idade e condição física, não foram consideradas, de modo que sua força de trabalho é vista apenas como uma mera “mercadoria”.

Conforme relatos, o trabalho fez parte da formação pessoal e social desses trabalhadores, ao passo que seguiram o caminho de seus pais, também agricultores, desde muito cedo, quando eram ainda crianças. É desta forma que, para eles, diante do consumo do trabalho como necessidade para a sobrevivência, o trabalho na infância tornou-se algo natural e necessário e se viam na obrigação de assumir responsabilidades quando da ausência do pai, como foi o caso de Francisco e Nelson, que perderam o pai aos 10 e 12 anos respectivamente, assumindo para si, a responsabilidade do trabalho e conseqüentemente manutenção da família.

Durante as entrevistas, algo me chamou a atenção na narrativa de alguns entrevistados. É possível constatar, de acordo com alguns relatos, que existe um tipo de “regra implícita” ou “naturalização” do trabalho infantil nas famílias, onde os filhos mais velhos, possuem mais responsabilidades com relação ao trabalho, ao passo que os filhos mais novos, muitas vezes usufruem mais a infância, conforme relato de João e José:

João: Minha infância foi boa, né? Sempre foi boa, sempre brincava bastante. Tive mais oportunidade de brincar porque eu fui o mais novo da família. Eu tive mais oportunidade do que meus irmãos, né? Sempre eu tive mais oportunidade, porque meu irmão era mais velho e o trabalho, ele trabalhava mais. Eu vivia mais em casa, e principalmente o filho caçula ele tem mais oportunidade na família.

José: Dos homens eu sou o mais velho, e no meu ponto de vista eu tive essa injustiça assim, só que hoje eu sou uma pessoa (...) me sinto bem (...) porque eu trabalhei pra minha mãe, meu pai e ajudar meus irmãos, né? Aí hoje eu me sinto bem, porque se fosse pra outra pessoa que eu nunca vi, acho que hoje eu ia me sentir mal, mas como foi pra ele eu me sinto bem. Meus irmãos, um bucado aprenderam, assim, ler bem, aprenderam né? Só foi mais eu e o outro que tá em casa, o outro também. Mas sempre eu tive um pouco assim de raiva, mas depois acabou.

A essa questão, existe uma construção social, onde se acredita que pessoas mais velhas possuem mais responsabilidades que as mais novas. Ao que parece, os filhos mais velhos são predestinados a uma vida de sacrifícios, ou seja, são mais prejudicados pelo simples fato de ter mais idade que os irmãos, mesmo ainda sendo uma criança, pois ao passo em que vão crescendo, conseguem ofertar sua força de trabalho para ajudar aos pais, se sacrificando pelos irmãos mais novos e pela família. Isso se justifica pela necessidade de aumento da renda familiar, ao passo que apenas o salário dos pais (quando empregados), não é suficiente. Tal

circunstância, além de razões regionais, ocorre, segundo Castel (2001), devido a dois fatores: flexibilização nas formas de trabalho e a precariedade.

José relata que se sentiu injustiçado diante de seus irmãos, demonstrando claramente uma prática de resistência diante da imposição do trabalho, por ter que sacrificar sua infância em benefício da família, entretanto, ao mesmo tempo em que sente “raiva”, reconhece que foi necessário pela manutenção de sua família e por este motivo, se “conforma” com as consequências do trabalho precário em sua vida. O trabalho tornou-se tão presente na vida jovem desses sujeitos que nenhum dos entrevistados conseguiu sequer terminar o ensino médio, sofrendo danos de curto e longo prazo em suas vidas:

Nelson: Estudei até a 5ª série só, foi em 2012 ou em 2013 que eu parei de estudar. Parei porque precisei trabalhar e comecei a viajar, aí, comecei a trabalhar nas usinas, aí não deu mais pra estudar, o problema foi esse (...).

Luiz: Estudei até a 7ª série, por conta de ter que parar para trabalhar, meus pais não tinham condição de manter, né? O estudo (...) e eu tinha que escolher uma das duas opções, porque não dava para manter as duas (...).

Francisco: Eu estudei nada! Até hoje nada! Porque não tive oportunidade, no tempo de estudar eu não tive oportunidade. Naquele tempo eu tinha que trabalhar.

José: Eu estudei muito pouco assim, um negócio de uns seis meses por aí, só. Aprendi a assinar o nome, né? Não sei ler. Eu sabia um pouquinho, aí deixei de estudar assim e aí esqueci. Não pude ir para a escola porque meu pai no caso era fraco e não tinha condição de manter a família sozinho, né? Era um pouco dos mais velhos e ia ajudar ele na roça, aí abandonei.

O trecho da fala de Luiz, representa muito bem o que os entrevistados passaram em sua infância, pois tiveram que “escolher” uma das duas opções, entre trabalhar e estudar. Tal decisão torna-se difícil para uma criança com cerca de 10 anos, que vê a família passando por necessidades, e opção de “escolha” é quase que improvável neste cenário. E assim, o consumo do trabalho precário foi inevitável.

O trabalho a que eram submetidos – no corte de cana - é desumano e precário, e colaborou para uma infância cruel, com a perda dos direitos de uma criança, que entre tantos, é possível destacar o direito à vida, liberdade e educação, como direitos essenciais. Entendo que o trabalho e em especial o trabalho precário, sendo inserido na vida dessas pessoas desde a infância, acarreta em precariedade na própria formação pessoal e social desses sujeitos. Kalleberg (2009) entende que o trabalho precário de fato, possui consequências de longo alcance, de modo que, além da precariedade proporcionar más condições no ambiente de trabalho, pode se estender à vida das pessoas, acarretando em prejuízos sociais, que é o caso desses trabalhadores.

Os motivos pelos quais praticaram e praticam até hoje o trabalho precário, pode ser explicado pela falta de condições econômicas e sociais de sua região e de suas famílias. De acordo com Bernardes (2007) existe uma heterogeneidade econômica e social na região nordestina, de modo que grande parte da população, ainda depende da pequena produção agrícola para sobreviver, além do que, a cana de açúcar continua sendo uma das principais culturas da região. Desta forma, o trabalho com a cana de açúcar tem sido uma forma complementar de sobrevivência de famílias pobres (NOVAES, 2009). Sendo assim, para a manutenção da família, o trabalho com a agricultura e principalmente com a cana de açúcar é uma das poucas opções de trabalho existente na região e tornou-se uma prática de sobrevivência para esses trabalhadores. Esses migrantes sofrem desde muito cedo as consequências do sistema (capitalista), de modo que para eles o trabalho é visto como uma necessidade primária para a sobrevivência. Segundo Antunes (2006) a lógica do sistema capitalista vem se transformando num processo destrutivo que tem acarretado em uma sociedade dos excluídos e dos precarizados.

Posso dizer que esses trabalhadores vivem e fazem parte de um ciclo de precarização, fomentado pelo trabalho precário e desemprego. Para Castel (2001, p. 526) tal situação é consequência dos novos modos de estruturação do emprego, derivada das reestruturações industriais e pela flexibilização, e para o autor, é uma “nova questão social” que está ligada ao enfraquecimento da condição salarial. Ainda hoje, mesmo tentando uma vida melhor, os trabalhadores migrantes não fogem da realidade do trabalho precário, uma vez que possuem trabalhos temporários e más condições de trabalho e vida, tais como baixo salário, jornada intensa de trabalho, distanciamento da família, entre outros.

É possível afirmar que os trabalhadores migrantes estão envolvidos com pelo menos dois pontos salientados por Castel (2001) no que diz respeito à nova questão social, sendo eles *a instalação da precariedade* e *o déficit de lugares*. Sobre a instalação da precariedade, não é necessário dizer que os trabalhadores migrantes encontram-se no cerne desta questão, ao passo que, desde sempre possuem contato com a precarização, tanto no trabalho, quanto na vida. Já o déficit de lugares, é uma questão presente na vida desses sujeitos desde muito cedo, ao passo que existe a necessidade de utilidade social e ao mesmo tempo, a falta de pertencimento por não conseguirem atender às exigências impostas no mercado de trabalho, como por exemplo, ter o ensino médio completo ou ensino superior.

A falta de recursos e estrutura econômica e social, fez com que esses sujeitos se submetessem ao trabalho ainda crianças, e com isso, não tiveram a oportunidade de estudar, entrando num ciclo destrutivo de precarização da vida, e hoje, pode-se dizer que são os chamados excluídos e precarizados a quem Antunes (2006) se refere. A estes sujeitos, Certeau (1998) dá o nome de homem ordinário, ou seja, diante do que presenciamos num primeiro momento em suas histórias, o homem ordinário possui um estatuto de dominado, todavia, para o autor, este homem se esconde sob o nome de consumidor, desconstruindo sua passividade. Assim, por mais que esses sujeitos estejam propensos à dominação do trabalho, da pobreza, da precariedade, não quer dizer que sejam passivos ou dóceis, pelo contrário, podem escolher quais os “usos” desse consumo, e possuindo suas “maneiras fazer”, podem se sobressair diante das imposições (CERTEAU, 1998).

De um modo geral, os trabalhadores se assemelham em suas histórias e práticas. Todos vêm de famílias muito pobres e com baixíssimas condições econômicas e sociais. Além disso, grande parte já passou dificuldades no decorrer da vida, seja com o desemprego ou com o salário baixo que o trabalho lhes proporcionava para o sustento da família grande, uma vez que, todos possuem família com mais de cinco pessoas. Suas famílias moram em regiões pobres e dependem basicamente do trabalho na agricultura para sobrevivência e manutenção da família.

Com base nas narrativas, posso afirmar que tais trabalhadores “estão” migrantes com um único objetivo: vender sua força de trabalho em troca de uma vida melhor. Vida melhor esta, que não é possível na região de origem ao passo que falta oportunidade de trabalho. Não é minha intenção unificar as histórias, até porque, cada uma possui sua singularidade. Entretanto, é preciso reconhecer que são semelhantes em muitos pontos, principalmente no que tange à estrutura social e familiar desses trabalhadores, e principalmente ao contexto precário de trabalho e vida.

Com base na análise anterior, é possível compreender os motivos e os “porquês” que levaram estes sujeitos à migração. Oriundos de um território com poucas oportunidades, considerando o território como local de ação, movimentos e apropriação (RAFFESTIN, 1993), os trabalhadores construíram sua territorialidade, ou seja, existe um conjunto de relações originadas no sistema tridimensional: sociedade-espço-tempo (RAFFESTIN, 1993). Desta forma, é possível visualizar essas relações em diversas ações e movimentos desses trabalhadores, como por exemplo, em sua relação com o trabalho, com a família, amigos,

além das práticas cotidianas, a vivência e a própria prática de sobrevivência, que permitiram que construíssem sua territorialidade assim como a territorialização no território de origem.

Na busca por compreender os motivos pela migração, levando em conta a teoria, me deparei com a seguinte questão: a migração não seria uma prática de resistência desses trabalhadores, em virtude do consumo da precariedade? Bom, após complexa reflexão, cheguei a uma conclusão. Tendo em vista a análise realizada na história de vida dos migrantes nordestinos, com foco em alguns aspectos de sua origem, como a infância, estrutura familiar, contexto social, condição econômica, formação pessoal, construção social dos sujeitos e tendo como contexto o trabalho precário e a precarização da vida desses sujeitos, acredito que a migração não deixa de ser uma forma de resistência desses trabalhadores, considerando Certeau (1998) na questão do “consumo e uso”. Portanto, acredito que os trabalhadores migrantes, diante do consumo da precariedade no território de origem, buscam um novo uso a este consumo em um novo território, e com isso, produzem novas práticas de territorialidade. Desta forma, os trabalhadores realizam uma bricolagem com aquilo que lhes são impostos, como por exemplo, a falta de emprego ou baixos salários, e utilizam de artimanhas e práticas de acordo com seus interesses e regras e assim realizam movimentos (CERTEAU, 1998). É nesse sentido, que o ato de migrar é uma prática que vai ao encontro dos interesses dos trabalhadores, pois oferece a possibilidade de uma realidade talvez “diferente” daquela que vivenciaram no território de origem, com oportunidade de trabalho e salários um pouco melhores. Com propostas de melhoria de vida, os trabalhadores decidem migrar e ir em busca de uma vida melhor.

Vale destacar, que mesmo por buscarem um novo território não quer dizer que deixam a precariedade e a territorialidade conquistada no território de origem de lado, visto que a territorialidade é permeada por relações, além dos movimentos e tudo aquilo que é vivido (RAFFESTIN, 1993). Ou seja, mesmo em um território novo, os trabalhadores migrantes mantêm relações e laços com o território de origem, por meio da ligação com a família e amigos, mantendo relações e vivenciando o território de origem, mesmo que distantes, fazendo com que sua antiga territorialidade ainda exista. A precariedade continua presente em seu cotidiano no novo território, pois o próprio trabalho com o corte de cana comporta tal continuidade. Entretanto, a migração permite que esses trabalhadores tenham pelo menos o salário para a manutenção da família, o que muitas vezes, não é possível no território de origem. As mudanças são “micro”, porém, acontecem.

Depois de compreender os motivos e entender os “porquês” da migração, analisarei agora as práticas cotidianas dos entrevistados no novo território, seja no trabalho, no bairro ou na cidade, no intuito de compreender posteriormente, como essas práticas constroem a territorialidade, assim como o processo de territorialização desses sujeitos.

8.2 ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA? RELAÇÃO ENTRE OS MIGRANTES E O TRABALHO

Antes de falar sobre o trabalho, preciso falar sobre o responsável de todo esse processo e que possui papel importante nas práticas de territorialização dos migrantes. Estou falando de Francisco. Desde o início, nos primeiros contatos com a empresa, soube que Francisco seria a pessoa responsável pela minha inserção no campo e já imaginava o seu “papel” para com a empresa, quando o supervisor pediu para que entrasse em contato com Francisco, pois era ele quem “tomava conta” dos alagoanos. Sinceramente, num primeiro momento pensei que Francisco era algum tipo de encarregado, mas no ambiente de trabalho, apenas. Mas, percebi algo diferente quando fui pela primeira vez no bairro e vi o número do telefone celular de Francisco, pintado, em tamanho grande, na cor azul, na fachada de sua casa. Pensei: ele deve ser uma pessoa importante aqui neste bairro, pois para que um trabalhador comum (os cortadores, por exemplo) pintaria o número de seu telefone na fachada de sua casa? Por mais que seja um alojamento, não faria sentido.

Tudo passou a fazer sentido quando Francisco me revelou sua real função ali. Bem, o contexto em que estão inseridos e a estrutura hierárquica me permite a comparação que farei agora. É como se os trabalhadores vivessem uma escravidão contemporânea, onde os alojamentos representam as senzalas, Francisco o “capataz”, e a usina é representada pelos “donos dos engenhos”. E a relação entre eles é muito parecida a do período colonial, de modo que, os trabalhadores são extremamente cobrados, punidos e literalmente “escravizados”, mas de uma maneira diferente, agora, de forma regulamentada.

Francisco representa a empresa no bairro, com práticas punitivas, dissipando as regras e leis naquele território. Ao mesmo tempo, também é um alagoano e representa os migrantes frente a empresa, fazendo com que se intensifique a obrigação do cumprimento de normas, afinal, Francisco responde por eles e também pode ser punido. É nesse contexto que ocorrem as relações de poder (RAFFESTIN, 1993), entre Francisco, os migrantes e a própria usina.

De todos os entrevistados, Francisco é o único que mora com a família no alojamento e é um dos que possuem mais experiência e vivência no bairro, elemento importante para a construção da territorialidade (RAFFESTIN, 1993). Além disso, o tempo permitiu a conquista do lugar “próprio” (CERTEAU, 1998).

Francisco: Tenho três filhos, era quatro, mas morreu uma com quatorze anos (...) morreu com... Sou casado, há dezessete anos, é aquela que estava aqui na porta, ela trabalha aqui nas casinhas da usina, zelando as casinhas. Vai “entrar” para cinco anos que nós moramos aqui. (...) [Irmãos] Um irmão e uma irmã mora aqui, né? (...) Eu morava na cidade vizinha, aí, a usina (...) eu tive que cuidar do povo, aí a usina deu uma casa e eu vim pra cá. Primeiro eu trabalhava sozinho aqui, né? Me alojei com os meninos cortando cana, aí depois fiquei tomando conta da turma aí. Aí eu vim depois e trouxe ela. Pedi para trazer e trouxe (...). Eu comecei a vir para aqui em 2007. De 2007 pra lá eu vim cortar cana. Vim cortar cana e fui trabalhar, né? Daí fui conseguindo meu espaço aqui, né? Fazendo as coisas para usina, né? (...) Mas eu andei uns dez anos pra cá sozinho aí achei melhor para estar indo e voltando pra trás, aí consegui trazer a mulher, trouxe a mulher, estou aqui, trouxe as meninas para estudar e buscando a vitória aqui, né? Porque lá é ruim para serviço, né? Lá é bom, lugar bom de viver, agora não tem serviço né? (...) Só que se acostumou, arrumei serviço para ela e ela está trabalhando também. (...) Graças a Deus depois que eu vim morar aqui, eu consegui muita coisa na minha vida, né? Consegui comprar um terreninho aí, consegui comprar minhas coisas né, meu carrinho, consegui fazer umas coisinhas aqui, consegui. (...) Aqui é o QG, aqui é o canto de apoio, aqui na minha casa aqui é o canto de apoio. Isso aqui quem fez foi eu, essa parte aqui (mercadinho) murei aí, esse muro que era bem pequenininho, fiz tudo aí. Era da usina, ela me deu, né? Mais teve algumas coisas aí que eu fiz, isso aqui mesmo foi eu quem fiz ó (apontando para o mercadinho) isso aqui eu fiz tudo. Aumentei mais um pouco para traz ainda, aumentei pra frente, mas graças a Deus eu estou tranquilo aqui. (...) [Tem uma vendinha?] Tenho umas coisinhas. Eu vendo uns negocinhos, umas bolachas, refrigerante, e sempre de vez em quando eu mando trazer a farinha quando vem gente de Alagoas. Farinha de mandioca, farinha de milho também, para fazer as coisinhas para o povo aí, para fazer cuscuz. Às vezes a batata, o inhame, de vez em quando a gente traz. É eu vou esse final de ano e vou ver se trago alguma coisinha de lá, os inhames de lá é grande, né?

A narrativa de Francisco é reveladora, pois mostra várias práticas em seu cotidiano que construíram sua territorialização naquele lugar. Inicialmente no trecho “de 2007 pra lá eu vim cortar cana. Vim cortar cana e fui trabalhar, né? Daí fui conseguindo meu espaço aqui, né? Fazendo as coisas para usina, né?” é possível visualizar a prática do bom comportamento, ou seja, a prática da conveniência, que é responsável por produzir comportamentos que possibilitem o reconhecimento do outro, por meio do respeito às “regras” implícitas (MAYOL, 2011). Francisco não tinha recursos e a única coisa que lhe permitia se sobressair era o “jogo do cotidiano” (CERTEAU, 1998). E foi esse “jogo do cotidiano” que lhe permitiu se tornar o “líder” daqueles trabalhadores.

Partindo do princípio de que a conveniência é permeada pelas “regras sociais”, as regras de um bom funcionário foram utilizadas por Francisco para a conquista do seu lugar. Enquanto era um cortador de cana, como todos os outros companheiros de trabalho, Francisco

se destacou por ser um “bom funcionário” como ele mesmo diz “fazendo as coisas para a usina”, e junto a isso, conquistou “tempo” de empresa, de modo que o tempo possibilita empregar o conceito de próprio de Certeau (1998).

Outra prática significativa é ter trazido sua esposa e filhos para o seu território, reforçando sua relação familiar e fortalecendo laços sociais. Diante da narrativa de Francisco, é possível afirmar que a relação com a família, o trabalho, ou melhor, a posição que ocupa, ali, no seu novo território, reforça e alimenta constantemente sua territorialidade, além do que, o fato de contar com um próprio lhe assegura legitimidade perante os demais.

Depois de ter trazido a família, Francisco realizou mais uma prática para apropriação do espaço. A prática (CERTEAU, 1998) de apropriação do espaço foi a instalação da sua “venda” no território físico do bairro. Tanto por ser o único comércio do bairro, quanto por vender produtos típicos do nordeste, fazendo com que os colegas de alojamento comprem em sua venda, seja por conveniência (MAYOL, 2011) ou para (re)viver de maneira simbólica sua territorialidade de origem, isso contribui com sua territorialização no bairro. Além disso, a casa de Francisco é o “QG” (quartel general), ou como Francisco diz, “canto de apoio”, onde a própria figura do “QG” revela relações de poder e influência entre Francisco e os demais moradores do bairro, além da clara hierarquização. É nesse sentido, que por meio de relações originadas no tripé sociedade-espaço-tempo (RAFFESTIN, 1993) e de práticas cotidianas, Francisco se apropriou do espaço organizado além de estabelecer relações de pertencimento, territorializando-o.

A “vigilância” no bairro ocorre a todo tempo e aqueles que não se adaptam às leis daquele território são excluídos do “jogo”. Em conversa, Francisco revelou-me que por diversos motivos, algumas pessoas são dispensadas e encaminhadas às suas cidades. Na narrativa abaixo, isso pode ser evidenciado:

Francisco: Já mandei embora algumas pessoas, porque estavam com problema, né? Às vezes tem problema com a família, às vezes não quer trabalhar, às vezes fica querendo ir embora, mais a família e aí a gente manda, né? Não pode amarrar ninguém aqui. Manda para lá, para o lugar dele. Compra a passagem, a empresa manda.

Sabendo que o território é um lugar permeado por relações de poder (RAFFESTIN, 1998), Francisco exerceu o seu, quando da não adaptação as “regras” do novo território. Por vezes, pessoas negam a nova territorialidade e não se adaptam às tessituras, nós e redes (RAFFESTIN, 1993) presentes. Na verdade, a todo tempo Francisco exerce seu poder no

plano simbólico, ao passo que exerce o papel de “líder”, sendo responsável pelos migrantes no bairro, e no trabalho. É como se fosse um “vigiar e punir”¹³ da vida real, vivenciado a todo o momento pelos trabalhadores.

Outro ponto que é importante destacar, diz respeito ao comportamento e costumes dos trabalhadores, que por vezes, fazem com que Francisco exerça seu poder no bairro. A bebida alcoólica, “saídas noturnas”, brigas, a farra, são motivos de preocupação a Francisco. É claro que não dá para generalizar e dizer que todos agem desta forma, porém, é motivo de preocupação de Francisco:

Francisco: Os meninos são bem sossegados (...) tudo tranquilo, tudo tranquilo. Gosta de ir para rua, fazer compra no mercado, né? Gostam de um baile, né? Às vezes gostam de tomar uma (...) assim, tudo não é igual, uns não gostam, outros gostam, todos juntos, as vezes só. Eles saem, tem deles que não gostam de sair, né? Tem uns que gostam de ir para o bar, mas tem vez que vai para o bar e sai confusão, entendeu? Difícil! [Já deu confusão?] Ah, muito! Sempre dá! Quando vai [ao bar], sempre dá “zueira”, né? Não porque bebe, às vezes está dançando mais as mulheres lá e ninguém sabe se a mulher tem dono, não tem né? A mulher que é mal, é meio (...) diz que não tem cabra e vai para o baile e a mulher às vezes está dançando mais o cabra e o namorado vai e aí vira aquele rolo! Às vezes apanha, às vezes dá, né? Eu não posso fazer nada! Às vezes chega quebrado eu levo para o hospital, mas as vezes dá nos outros pra lá se os meninos estão junto ajudam ou as vezes deixam o “pau torar” né? É assim, tem deles que ajudam, né? [Tem muito problema por conta da bebida?] Se deixar e não tiver aí para cuidar, dá, né? Tem que estar em cima para não acontecer alguma coisa, porque se acontecer alguma coisa os homens da usina chegam no meu pé, né? Eu que respondo.

Mais uma vez, as relações de poder entre a usina, Francisco e os migrantes se tornam visíveis. Como ele mesmo diz, “se deixar e não tiver aí para cuidar”, dá problema, ou seja, exagero com bebidas, brigas, confusão entre os migrantes e com pessoas da cidade, etc. Sendo assim, exerce seu poder sobre os trabalhadores, e relata que, caso não exerça seu papel, “os homens da usina chegam no meu pé”, isto é, a usina exercerá seu poder sobre Francisco. Além disso, tal comportamento dificulta a criação de “redes” (RAFFESTIN, 1993) na cidade, conforme abordarei adiante. Sendo assim, existe uma constante atividade de monitoramento, de ambas as partes.

No que tange ao trabalho, o dia dos trabalhadores começa bem cedo, ainda de madrugada, quando Francisco realiza a entrega o café:

Francisco: Me levanto bem cedo de manhã e entrego o café ao povo, 3h30 min da manhã, aí de domingo a domingo, que nem daqui a pouco a janta vai chegar, aí eu

¹³ Analogia às relações de poder demonstradas no livro de Michel Foucault, “Vigiar e Punir”. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987

vou entregar, todo dia tem o café da manhã e a janta, e o almoço vai para roça. [Como é o café?] Dois pães com café, né? De meio dia a dez e pouco o almoço vai para roça e a janta de noite entrega. Entrega aqui (...).

Após o café, os trabalhadores aguardam o horário de saída para “pegar” o ônibus. Saem do bairro ainda de madrugada, próximo às 6h00min. Enquanto fazia as entrevistas, algo me chamou a atenção. Percebi que quando perguntava sobre o trabalho, muitos trabalhadores não respondiam, na verdade, silenciavam. Neste momento, o “não dito” falava mais que qualquer frase. O olhar triste e a cabeça baixa denunciavam o quão difícil e penoso é o cotidiano no trabalho. Sem encontrar falas para falar sobre o trabalho, a palavra “pesado” é utilizada e representa a precariedade vivida por eles:

João: Não sei como falar não. Não tem como explicar essa parte não. É pesado. Uma parte é muito pesado (...) [silêncio]

Esse trabalho pesado, isto é, a precariedade enfrentada pelos trabalhadores diz respeito à intensificação do trabalho em razão da necessidade de aumento da produtividade.

José fala sobre o cotidiano no trabalho:

José: Aqui na usina eu trabalho bastante, faço muita amizade com meus amigos e tiro meu dinheiro, né? É um trabalho pesado, eu saio daqui as 06h00min, pego lá as 07h00min, 08h00min, depende a lonjura, né? A gente pega o ônibus no ponto e vamos para nossa batalha (risos). Lá os líderes têm suas bases de pegada, né? Aí cada líder pega 10 eitos de cana, 15, aí divide com o povo. Aí, cada líder daquele tem sua parte e a função de dividir com o povo. Aí quem cortar mais, pega 300 metros, 400 metros, 500 metros e é por dia. O líder é o cabo, o povo chama de cabo, né? Rapaz, o nosso cabo eu acho que é uma base de 120 pessoas por aí, só que são dois, né? Aí ele divide a turma e se for 100 ele fica com 50 e o outro com 50. Aí ali vai para o outro e o outro vai dividir o povo pra trabalhar. Aí quem cortar mais, pega daquela primeira pegada, aí quem corta pouco depois pega na segunda, e aí vai até no final. Aí no caso é a produção, eu corto até mais, corto 400, 500, tem vez que é “canelinha”, corto só 200, 300 e é assim, e se eu não consigo cortar, o outro tem que ajudar, só que ele vai ganhar no meu lugar. Lá não tem briga não, é sempre amizade é sempre brincando, fazendo resenha um com o outro, mas quando tem alguma briguinha assim o cabo vem e resolve e pronto! Daí a gente sai de lá umas 03h0min, 03h30min, a gente almoça lá. Vem a marmita, o carro foi entregue de manhã.

É interessante notar que até mesmo no cotidiano do trabalho existem as relações de poder e as práticas cotidianas. A própria divisão do trabalho realizada pelo líder, implica na ideia daquilo que Raffestin (1993) chama de tessitura, onde existe a distinção e separação dos trabalhadores por meio de grupos, de modo que cada grupo é representado por um líder ou “cabo” como é chamado pelo trabalhadores. A nomenclatura atribuída ao líder, chamando-o de “cabo” é sugestiva, pois é uma função atribuída na vida militar. Além de indicar a hierarquização existente ali, a comparação não deixa de fazer sentido, uma vez que o trabalho no corte de cana é tratado como uma “batalha”, assim como José relatou.

A conveniência (MAYOL, 2011) é visualizada na narrativa de José, pois ajudar o colega, lhe proporciona vantagens simbólicas no trabalho, além da possibilidade de aumentar sua renda. Ser conveniente naquele território, corresponde a “ser amigo”, “não brigar”, ou seja, fazer com que se cumpram as leis que são a todo tempo mediadas e controladas pelo “cabo”.

A precarização, mesmo sendo inerente a este tipo de trabalho também pode ser observada na narrativa de José. Ele relata que os trabalhadores cortam de 200 a 500 metros de cana por dia. Segundo Alves (2006), 200 metros de cana corresponde a aproximadamente 6 toneladas de cana, então, já é possível imaginar o quanto o trabalhador despende sua capacidade física, energia, etc.; sem contar o contexto no qual acontece o trabalho, sob sol forte, chuva, vento, animais peçonhentos, roupas pesadas, além de todos os riscos existentes de acidente de trabalho.

As refeições (almoço), ocorrem no próprio ambiente de trabalho, próximo ao ônibus, entre a cana, o sol, chuva, poeira, calor, sob condições precárias:

Antônio: (...) aí quando é 11h00min a gente larga, e vem tudo para o ônibus que tem a palhoça que fizeram, né? No ônibus mesmo a gente almoça e quando almoça a gente descansa uma hora de relógio e é quando volta para trabalhar de novo, até (...)

Luiz: Eu cuido da área de vivência, né? Eu armo a barraca, coloco as mesas, eu tomo de conta assim do setor de onde vai ficar o pessoal pra almoçar, água essas coisas, mas eu ainda corto um pouco também, quando termino eu ainda vou lá e (...).

A “palhoça” a que Antônio se refere, diz respeito a uma cobertura, como se fosse uma tenda, que a empresa disponibilizou aos trabalhadores e que fica próxima ao ônibus. Luiz chama de área de vivência, pela qual inclusive, é responsável. Desta forma, os trabalhadores almoçam e “descansam” dentro do ônibus. O descanso, neste caso, é praticamente improvável à medida que não possuem condições para isso. Afinal, como pode o trabalhador descansar com praticamente uma “armadura” junto a seu corpo? Perdendo líquido por conta do calor?

Nelson aponta para o esgotamento ocasionado pelo trabalho:

Nelson: O serviço de cana (...) serviço muito pesado, a pessoa chega meio “enfadada” [cansada]. (...) Nós chegamos hoje (sábado), nós estamos enfadados, aí amanhã é um dia de descanso. (...) E outra, [o serviço] é meio quente. Sábado deu uma “chuvadinha”, foi bom, mas hoje foi quente. Aqui é assim, a pessoa está boa hoje, mas se o tempo mudar (...) aí o tempo muda de vez em quando e eu já adoço. Sábado o cabra está bom, agora se der uma variaçõzinha o cabra gripa, aí quando esquenta melhora, é assim. O tempo muda você está bom agora e daqui a pouco está doente (...). O tempo muda aí gripa, eu vivo gripado, direto!

O termo “enfadado” utilizado por Nelson, diz respeito ao esgotamento oriundo do trabalho penoso com o corte de cana. Sua narrativa denuncia como as más condições de trabalho acarretam em prejuízos na saúde do trabalhador, ocasionando em problemas de saúde, indo ao encontro da afirmativa de Verçosa (2016), quando afirma que o trabalho com o corte de cana compromete a saúde do trabalhador. Pude constatar isso pessoalmente, quando, durante minhas entrevistas presenciei a chegada de um trabalhador passando mal. Questionado por mim, Francisco confirmou que o problema daquele trabalhador era oriundo do trabalho:

Francisco: Levei um cara pro hospital, febre, dor de cabeça, enxaqueca, né? É as quenturas, né? Chega da roça e não consegue aguentar tem que levar, né? [Ficam muito doente?] Ficam né? Tem vez que fica, dá câibra, né? Da aquela quentura, né? Às vezes puxa demais né?

Diante deste cenário, posso afirmar que os trabalhadores arriscam sua saúde e sua própria vida em troca do salário, fazendo com que a precariedade, assim como lembrou Kalleberg (2009), possua consequências de longo alcance, uma vez que afetará a saúde dos trabalhadores, além de todas as outras consequências sociais. E sim, vivem uma escravidão contemporânea. Mesmo assim, muitos deles assumem os riscos e vivem uma batalha diária, na busca constante por uma vida melhor. No caso dos migrantes, a batalha vai além do cotidiano no trabalho, onde diariamente buscam a conquista de seu espaço. E são dessas batalhas que falarei na próxima seção.

8.3 PRÁTICAS COTIDIANAS E OS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO: ENTRE RELAÇÕES SOCIAIS, CONFLITOS E O “JOGO DA EXCLUSÃO”

Penso que esta foi uma das experiências mais ricas durante minha vida acadêmica. Lembro-me como se fosse hoje, quando ainda tentando definir um tema de pesquisa, minha orientadora me disse que deveria observar o cotidiano e seus movimentos, com sensibilidade. Voltei para casa refletindo, mas ainda tentando entender e buscando respostas, mas ainda com mania de objetivação. Durante minhas entrevistas e com a observação em campo consegui compreender exatamente o que ela havia me dito, pois o cotidiano me oferecia as respostas e os movimentos são sutis, mas existem. Hoje eu digo que nada fez tanto sentido, como a minha experiência em campo, pois consegui compreender Certeau (1998) quando diz que o cotidiano é um lugar de possibilidades e é incrível conseguir captar esses sinais.

Durante minhas idas a campo, várias situações e práticas me chamaram a atenção, seja com a observação ou com as narrativas dos entrevistados. Aqui, trarei as práticas identificadas e utilizadas em suas “maneiras de fazer” que são utilizadas para a ressignificação do espaço cotidiano e territorialização. Não há como falar das práticas sem antes falar do lugar onde ocorrem essas práticas. A cidade onde estão alojados é uma cidade pequena, localizada no interior do Paraná, com cerca de 15.000 habitantes. É necessário dizer que é uma realidade diferente da que vivenciavam no território de origem, com diferenças que vão desde o clima à cultura das pessoas.

Pensando no bairro do alojamento ainda enquanto espaço, antes da atribuição de significados, ou seja, antes da apropriação dos migrantes, visualizo pequenas construções, praticamente idênticas, em um local afastado da cidade, sem estrutura e nenhum tipo de vegetação, diferindo claramente do restante da cidade. Aos poucos, com as práticas, os migrantes foram se apropriando daquele espaço, construindo sua territorialidade e territorializando.

Uma das primeiras práticas de apropriação a que me deparei, foi de pequenas plantações realizadas nos quintais. É simbólico, mas diz respeito a uma ação, cujo interesse é tornar aquele espaço o mais familiar possível, digamos, ao “seu gosto”. Ao passo que as construções eram praticamente iguais, uma das coisas que diferenciavam os alojamentos eram o cultivo de plantas e hortaliças, como por exemplo, o pé de manga que Francisco plantou no quintal de sua casa e as plantações e hortas presentes nos quintais dos alojamentos vizinhos. Além disso, essa prática pode ser visualizada como uma resistência à estrutura carente oferecida. Outra prática de apropriação que pode ser visualizada pensando pelo lado da observação é a utilização de televisão a cabo e instalação de internet. Chegando no bairro, é possível ver que em alguns alojamentos existe televisão a cabo e internet, benefício que a empresa não fornece, e na intenção de apropriação e resistência à estrutura oferecida, os trabalhadores utilizam-se da tática, na busca por uma melhor estrutura e conforto.

Trazendo um pouco mais das narrativas para a análise, reafirmo a questão da territorialidade no território de origem. Durante as entrevistas, percebi que os entrevistados eram todos casados e que grande parte casou cedo e possui filhos, além do que, mantinham contato constante com suas famílias e amigos por meio de telefone e redes sociais. O que quero dizer com isso? Bem, a migração como prática fez com que os migrantes deixassem suas “vidas” no território de origem, entretanto, os laços e as relações que todos mantêm com

a família, permite que a territorialidade de origem permaneça existindo e seja (re)vivida, pois conforme Raffestin (1993) a territorialidade está associada a uma relação com o tempo e outros sujeitos e é mantida pelos sistemas sêmicos (RAFFESTIN, 1993). Ou seja, antes de serem migrantes, já tinham uma família e uma territorialidade construída e hoje, constroem uma nova territorialidade e territorialização na cidade atual, e assim, possuem multiterritorialidade (HAESBAERT, 2004). Isso fica claro nas narrativas abaixo:

Nelson: Eu tenho 34 anos, sou casado há três anos e minha esposa ainda mora lá [Tanque D'arca]. Minha esposa não trabalha não, está parada. (...) A maioria das mulheres quando arrumam é serviço doméstico, trabalhando na casa de família assim, né? Mas eu não quis não, que a minha fosse não. (...) Não tenho filhos. Por enquanto não. É agora, no futuro mais pra frente porque agora nós vamos fazer quatro anos [de casados], né?

Luiz: Eu sou casado, tem um tempinho (...). Ah, tem uns doze anos, mais ou menos. Não. Trabalha não, em nada não. Só na cozinha mesmo. (...) Eu tenho um [filho] com onze anos, uma com treze, uma com dezoito, outro com vinte e três anos, são quatro!

José: Sou casado há uns dez anos, casei novo! Estou com 36 anos, casei com 26. Ela fica só em casa, já trabalhou em casa de família, cozinha. Mas eu fui e tirei, e aí ela fica em casa. Minha esposa também não estuda não, é igual a mim, também não sabe ler também não.

Como podem perceber, os entrevistados são os únicos responsáveis pela manutenção financeira da família, uma vez que a maioria das esposas não trabalha. Isso faz que a relação com o território de origem sempre exista, fazendo com que os sujeitos inter cruzem os diferentes territórios (HAESBAERT, 2004), e (re)vivam a territorialidade por meio das relações sociais. Ficou claro nas narrativas que os migrantes nordestinos propagam a ideologia de que o homem que é responsável por manter a casa financeiramente e de que a mulher deve ficar em casa, à disposição dos filhos e marido, realizando afazeres domésticos e sendo submissa ao marido. Na fala de José, isso fica evidente no trecho “Ela fica só em casa, já trabalhou em casa de família, cozinha. Mas eu fui e tirei, e aí ela fica em casa”. Ou seja, a partir do momento em que assumiu compromisso com o casamento, José se “apropriou” da esposa e “retirou” ela do seu trabalho. Com a família instalada em Alagoas, a maioria dos entrevistados demonstra de maneira implícita ou explícita o interesse de retorno ao território de origem, talvez para continuar reproduzindo com mais legitimidade as práticas sociais já internalizadas por eles.

Realmente, a distância da família é motivo de reclamação por parte dos migrantes, e permite o agravamento da precariedade que os assolam. Por outro lado, propicia o estabelecimento de relações entre eles, migrantes. Um dos fatores que me chamou a atenção

durante minhas idas a campo e com as narrativas, foi o espírito de coletividade nos migrantes. Raffestin (1993) possui uma visão relacional do território segundo o autor, o território é repleto de relações sociais e jogos de poder, isso fica claro nas relações entre os migrantes, que entre distanciamentos e aproximações, conflitos e resistências, participam do “jogo do cotidiano” (CERTEAU, 1993). Grande parte dos entrevistados pratica a coletividade em boa parte do tempo, seja nas refeições, saídas na cidade, ou nos momentos de lazer no próprio bairro. Isso demonstra a necessidade que os migrantes possuem em conviver em grupo. Tal necessidade justifica-se por alguns motivos. Começemos com algumas justificativas.

Em prol de um mesmo objetivo, os trabalhadores realizam a prática da sobrevivência. Em busca de novas práticas em um novo território, em virtude da precariedade, migram em busca de algo melhor, de possibilidade de renda para a manutenção da família, e assim, compartilham de uma realidade próxima, de um trabalho precário e penoso, além de uma vida precária e com baixas condições estruturais. Por tais semelhanças e proximidade devido às próprias circunstâncias da migração, tornam-se companheiros e como eles mesmos dizem, consideram-se “irmãos”, passando boa parte do tempo de lazer, juntos. Assim, é possível identificar em algumas falas o senso de “irmandade” que possuem uns com os outros:

Raimundo: Mora eu e mais quatro, são cinco pessoas na casa. Ah, é tudo irmão, tudo irmão, tudo irmão! Às vezes à noite você levanta (...) é tudo irmão, tudo irmão, graças a Deus que é tudo irmão.

José: São legais, são igual irmãos, são legais mesmo, pra mim são de primeira, não tem o que dizer deles.

O termo “irmãos” é utilizado por eles como demonstração de parceria e passa a impressão de uma relação harmoniosa, entretanto, vale dizer que a parceria entre eles existe, assim como os conflitos também. No entanto, existe um senso de coletividade forte entre os trabalhadores migrantes e isso é revelado em alguns relatos, como no de Raimundo e José, que consideram os seus companheiros de alojamento como sendo seus “irmãos”. Desta forma, compartilham de dificuldades muito parecidas, o que faz com que se identifiquem e realizem novas práticas em um novo território, compartilhando relações, significados e realizando a “produção territorial” (RAFFESTIN, 1993). Além disso, estar com alguém que possui a mesma cultura, passa a ideia de familiaridade com o novo território.

É possível evidenciar essa produção territorial em outras situações. Grande parte das atividades, no qual realizam, as fazem em grupo, seja para ir ao comércio, ao bar, ao banco,

ou na cantina do bairro, que é quando estão preparando ou realizando as refeições, ou até mesmo nos momentos de lazer, quando se reúnem nas calçadas e muros do bairro.

Nelson: a gente, às vezes faz um cuscuz aqui, faz uma comidinha de lá (...) Tem um barzinho aí por perto aí, tem aí nós tudo vamos tomar uma cerveja, vou com os amigos aí, tem um “bucado” que vai por aí, mas não é direto não é de vez em quando. (...) Aqui é 7 pessoas em cada casa, eu e mais 6. É tudo conhecido, né? Não tem pessoa estranha, é tudo conhecido do mesmo lugar, a pessoa já conhece “tudinho”.

Luiz: A gente está em seis, eu e mais cinco. É uma família, né? Nunca teve diferença com nenhum, todo mundo sempre se respeita, o que chega em casa é de todo mundo, não tem esse negócio de ficar dividindo nada, isso é muito bom, eu me sinto como sendo uma família também. (...) Procuo sempre manter a amizade com todo mundo, nunca querer ser melhor do que ninguém, não ser diferente do que ninguém em nada, porque todos nós que está (aqui) é porque tem um objetivo só de trabalhar e arrumar alguma coisa pra mandar para a família.

João: Chego e converso o que der pra conversar, e eu chego e converso com eles tudo e aí faz amizade e tudo, e o que der pra conversar a gente conversa, se não der assim, fica no seu cantinho quieto e pronto, mas é muito bom. O cabra tem que ser amigo de todo mundo pra poder conseguir alguma coisa na vida, respeitar o próximo que é (...) principalmente. (...) [Cozinhar] o pessoal gosta numa parte porque você se diverte também no meio do povo, fica ali conversando se distraindo (...).

Francisco: [Relação com os colegas de trabalho] Tudo bom, os meninos gostam de mim, me respeitam e eu respeito eles, porque não pode faltar isso, né?

Raimundo: No meio dia a gente pega um “guaranazinho” assim para tomar no meio do dia mais os cabras lá, depois vai dormir.

José: Aí chego em casa assim, vou lavar minha roupa, vou tomar um banho, vou por lá, aí fico ali mais os amigos e quando dá 19h00min, 20h00min, eu estou dormindo, vou dormir cedo. (...) A gente cozinha aqui, é por parceiro. Tem dia que eu vou, o parceiro vai e aí nós vamos. Enquanto um faz um cuscuz, o outro assa um peixe, frita um ovo e assim nós sempre nos viramos. (...) Quando acontece briga assim, com um dos nossos alagoanos, né? Aí sempre nós aconselhamos “rapaz você vê que não dá certo, né? Por que foi pra ali? Por que não vieram mais os meninos aqui na praça? Aí tem cara que vai beber e vai querer arrumar confusão, aí, dança, né? A gente dá conselhos, porque se não der, aí complica as coisas.

Diante deste cenário, é possível visualizar aquilo que Raffestin (1993) denominou de tessituras, nós e redes. Conforme o autor, o sistema territorial é composto de alguns elementos, tais como tessituras, nós e redes, além de sistemas de objetivos e de ações, conhecimentos e práticas e assim, compreendo que toda ação realizada em determinado espaço, acarreta em um sistema de ações ou comportamentos que levam a uma “produção territorial” (RAFFESTIN, 1993). É neste contexto que ocorrem as práticas cotidianas e a produção territorial, mediada pelas tessituras, nós e redes.

Neste ínterim, os trabalhadores migrantes seriam os nós, ou a nodosidade naquele território, que agem nas tessituras, no intuito de manter suas relações, assegurar funções, se influenciar, se controlar, se aproximar ou distanciar e assim criar redes (RAFFESTIN, 1993).

As nodosidades são os agrupamentos de indivíduos ou grupos e representam a expressão do ego individual ou coletivo do ator ou atores que os compõem, além de que, simbolizam a posição dos atores (RAFFESTIN, 1993). Portanto, considerando que o território é permeado por relações de poder, e que as “malhas” presentes nas “tessituras” não são homogêneas, é possível visualizar o jogo do qual esses migrantes fazem parte, o qual é constituído das “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998). Sendo assim, é na prática e nas relações que os migrantes compartilham ações que contemplam códigos e símbolos, onde comunicam suas intenções e realidades materiais e territorializam.

Utilizando a teoria para clarificar os movimentos cotidianos dos trabalhadores migrantes, é possível perceber que em grupo realizam práticas cotidianas que fortalecem a união do grupo. Isso fica claro em algumas situações, como por exemplo, cozinhar, ao passo que a prática de cozinhar revela uma forma de reforçar a relação entre os migrantes e o lugar. A prática da coletividade aponta para outros detalhes. Fica claro com as narrativas de que a territorialidade dos migrantes é construída com a relação entre os próprios migrantes, além disso, a necessidade da relação social com outras pessoas do mesmo lugar de origem é determinante para a territorialização. A prática de “conversar”, ficar no “meio do povo” enquanto cozinham na cantina, sair com outros migrantes para ir ao bar, e até mesmo dar conselhos a outros migrantes, permite que tais relações desenvolvam a nova territorialidade.

Entretanto, é necessário dizer que as relações entre os migrantes não são sempre tão “harmoniosas” e possuem conflitos, indo ao encontro de Raffestin (1993) quando fala da aproximação e distanciamento no território. Esse distanciamento é visível em algumas narrativas, como por exemplo, no caso de José e Raimundo, que preferem sair sozinhos a andar com os amigos de alojamento na cidade. José aponta para o excesso da bebida, como fator de distanciamento:

José: Eu convivi aqui na [cidade vizinha], aí lá eram 60 pessoas em cada salão daquele, né? É, a noite era rojão por causa de gente bêbada! Chegava gente bêbada, se rolavam nos tapas, os cabras apartavam e depois era aquela resenha. (...) O povo bebe, assim, a maioria, tudo não, só a maioria. [Baile] De vez em quando eles vão, só que assim, eu não bebo muito, eu bebo pouco. Bebo umas três ou quatro cervejas. Já dá pra mim já, e eu gosto de andar só. Não gosto de andar com ninguém.

Conforme relatos, a maioria dos migrantes ingere bebida alcoólica de maneira exagerada e José não possui esse costume e conta que já presenciou brigas em virtude do mau comportamento por parte de alguns, ou melhor, por não estarem em conformidade com a “política” daquele território. De fato, existem conflitos no relacionamento entre os migrantes.

Desta forma, sair sozinho torna-se conveniente a José, ao passo que pretende seguir as “regras” da nova territorialidade. Além disso, morar com pessoas desconhecidas propicia este cenário de lutas, pois como João diz, está “acostumado com as pessoas da família” e assim, a adaptação torna-se um processo lento. Vale dizer que a própria estrutura de alocação dos trabalhadores, ou seja, os alojamentos propicia a diminuição dos conflitos entre os migrantes, pois as pessoas são divididas entre os alojamentos:

José: Mas aqui é bom, porque aqui é dividido o povo, são seis pessoas, sete, é bom. A casinha é boa de morar. Sempre nós zelamos a casa, é tudo limpinho.

Com isso é perceptível algumas contradições com algumas narrativas que trazem relações “harmoniosas”, pois os conflitos também existem em suas relações, fazendo com que ocorra no território um movimento constante de aproximação e distanciamento entre os migrantes, e assim, a territorialidade vai sendo construída por meio dessas relações que existem e são importantes neste processo, mas que às vezes também se esbarram.

Percebo as relações entre os migrantes como se fosse um “elástico”, com um “vai e volta”, onde se distanciam e se aproximam, existindo os conflitos, mas também a conveniência para “trata-los”. O movimento de aproximação dos migrantes pode ser constatado na prática da conveniência. A prática da conveniência é visualizada em algumas narrativas, como por exemplo, quando João e Francisco respectivamente no trecho “o cabra tem que ser amigo de todo mundo pra poder conseguir alguma coisa na vida” e “os meninos gostam de mim, me respeitam e eu respeito eles”. Desta forma, “ser amigo de todo mundo” demonstra a conveniência praticada no cotidiano coletivo, onde existe interesse em receber alguma facilidade ou benefício por meio de suas relações no coletivo (MAYOL, 2011). Já com o trecho narrado por Francisco, é possível identificar a conveniência praticada em comum entre eles e os migrantes, quando diz que é respeitado e também respeita, seguindo assim, as “regras” que permeiam o bairro.

Não há como negar que a coletividade, além do que já foi falado, também proporciona um *status* de poder aos migrantes enquanto nodosidade no sistema territorial, de modo que sair em grupo, é uma forma de demonstração de poder no novo território. Tal afirmação fica evidente na narrativa de João:

João: Fui pra [cidade vizinha] lá, andar, até o povo lá falou pra mim assim: oh, quando anda dois ou três alagoanos assim as pessoas ficam com medo, mas digo: oh, nem todo mundo é igual não.

Sua narrativa revela que existe um consumo por parte da sociedade, de uma representação social da imagem violenta dos migrantes, na figura de alagoanos, quando em grupo. Entretanto, é uma tática praticada pelos migrantes para a apropriação do território, na busca pela conquista de seu espaço. Entretanto, João nega este consumo, relatando que não é igual a todos, tentando se mostrar diferente dos demais colegas. Tal representação social é fruto de uma construção social desses sujeitos, onde até mesmo os próprios migrantes de origem alagoana reproduzem tal construção em suas narrativas:

Raimundo: O pessoal é bom, o povo tudo é bom, o lugar é bom, aqui ainda eu acho bom. Porque é tudo legal o pessoal, o pessoal é tudo gente boa, aqui ninguém vê briga em meio de rua, aqui ninguém vê roubo em meio de rua, aqui não vê nada. Lá onde a gente mora lá, você está conversando aqui ó, se você sair e deixar a porta aberta quando você chega, não tem mais nada em casa, o pessoal leva! Aqui é outra coisa, aqui dorme com a porta aberta, fica tudo aberto. Lá é pesado, lá é muita coisa, é difícil, difícil (...) difícil pra tudo lá! Se não fosse difícil a gente não saia de lá pra cá, né?

José: O povo daqui são pessoas de primeira, porque eu observo até pra comprar alguma coisa seja onde for, quando você termina de comprar, ela diz assim “Deus abençoe”, já no meu lugar não tem isso não. (...) lá mesmo é assim, se você sair da sua casa na cidade lá, se você sair de noite, umas 21h00min é o caso de você ir e não voltar, porque os cabras tomam o que você tem e aqui não, você pode andar aí ó (...).

É interessante notar, que por vezes, alguns dos entrevistados realizam comparação com o sistema territorial de origem e o atual, que pode ser visto tanto como prática de apropriação quanto de resistência em ambos os territórios. Relatar que as pessoas em sua cidade de origem são realmente violentas, onde se vê roubo, brigas, comportamentos “covardes” e mortes e afirmar que no território atual não existe este tipo de prática, onde a cidade é “boa”, as pessoas são educadas, não existe violência e roubos, é de certa forma uma prática de negação de sua territorialidade de origem e ao mesmo tempo desenvolvimento e aceitação da territorialidade atual.

Essa reprodução negativa da imagem dos seus pares, além da representação social já existente acerca dos “alagoanos”, faz com que a criação de “redes” (RAFFESTIN, 1993), torne-se dificultosa para além do bairro, ao passo que pode transmitir insegurança e medo aos demais moradores. Porém, a situação é um pouco mais complexa. É possível observar na narrativa de João, um preconceito com relação aos migrantes, onde a comunidade aponta para eles como pessoas violentas, fazendo instigar um sentimento de medo.

Na verdade, existe uma divisão entre os migrantes e a cidade que é revelada pela própria estrutura e localização do bairro, afinal, por que os alojamentos ficam tão afastados da cidade? Por que não possuem estrutura alguma no bairro? Isso evidencia o movimento de

exclusão que a sociedade realiza para com os trabalhadores, onde a própria estrutura da cidade indica uma divisão de territórios. É como se as pessoas daquele bairro, os alagoanos, não morassem naquela cidade. E aí, se inicia o “jogo”, onde fica visível as lutas no território e suas leis. A narrativa de João confirma esta ideia:

João: Por isso que a pessoa, que nem eu falei pra você, se sente mais diferente assim, “mode” isso aí, porque no canto da pessoa é diferente e aqui se torna mais (...). Se a pessoa daqui for pra lá no nosso lugar, ela vai se sentir diferente do mesmo jeito, é mas, em noutra parte eu não tenho nada contra não.

A diferença que João se refere, diz respeito à nova territorialidade, já que possui tessituras nós, redes e sistemas sêmicos diferentes, além do distanciamento que dificulta a criação de redes. Diante disso, não há como dizer que a territorialização dos migrantes é um processo harmonioso, pelo contrário, possui muitos encontros e desencontros, marcados pelas relações de poder.

Por conseguinte, é possível afirmar que quase não existe relação entre a cidade e os migrantes. Neste ponto, fica claro o “distanciamento” a que Raffestin (1993) se refere, o que impede que exista essa relação. Desta forma, o território possui harmonia, entretanto sob condição de que os migrantes não ultrapassem certos limites, como por exemplo, não beber, não brigar, etc., ou seja, devem respeitar as regras e as leis daquele território para serem aceitos. Isso fica claro na narrativa de Luiz, quando perguntado se percebe algum preconceito:

Luiz: Não, comigo ainda não foi o meu caso, mas, já deve ter acontecido com algumas pessoas né? Mas não é todas essas coisas de você colocar na cabeça não, mas é muito pouco. Comigo até aqui não foi meu problema não, eu não. É porque eu já sou paranaense.

Quando diz que “já deve ter acontecido com algumas pessoas”, reconhece e afirma o distanciamento existente entre eles e a cidade. O que chama a atenção, é a afirmação repetitiva de já ser “paranaense”, em outras palavras, é como se dissesse que não existe o conflito entre ele e a cidade por já ter se adaptado e seguir as regras e as leis daquele território.

Frente ao distanciamento, os migrantes possuem práticas heterogêneas, que de certa forma, contribuem para o desenvolvimento da territorialidade. Por vezes, alguns migrantes mantêm o distanciamento do restante da cidade, preferindo cultivar relações apenas com seus pares, como é o caso de José e Antônio, que ainda não fizeram amigos na cidade:

Antônio: Não, daqui da cidade não. Tem uns dois de lá de onde eu vim e tem uns dois de lá das casinhas. Da cidade não converso com ninguém.

José: Eu não fiz amigo aqui, até agora não. Eu vim em março e tenho só os amigos daqui no caso, do alojamento no caso, né? (...) Mas amizade eu faço em casa (risos).

Desta forma, “ficar sozinho” ou não se relacionar com as pessoas da cidade é uma prática de resistência à nova territorialidade, o que não é uma prática única de José. É neste contexto que a construção de redes na cidade passa a ser dificultosa.

Conforme evidenciado, existe essa dificuldade de desenvolvimento de redes com as pessoas da cidade, entretanto, existe um elemento capaz de agir como fomento para tal questão: a identificação, no sentido de ter algo em comum. Um exemplo disso seria a bebida alcoólica. Em algumas narrativas é possível perceber como a bebida alcoólica é consumida pelos migrantes, seja no bairro junto de seus pares, ou na cidade, nos bares, nos bailes, etc. Muitas vezes de maneira exagerada, mas muitas vezes como forma de mediação entre os migrantes e a cidade. Nesse sentido, assim como a bebida (o excesso) é responsável por gerar conflitos e distanciamento nos alojamentos, ela é capaz de aproximar pessoas da cidade aos migrantes:

Raimundo: Há cinco anos aqui, passando, me chamam, ô fulano, fulano pra cá, fulano pra aqui, aí me chamam, um ou outro, num canto ou noutro canto, tomo um golinho mais outro, tomo uma cervejinha mais outro e pronto, aí já passou o tempo.

José: Chego no bar assim e fico lá conversando, chega um amigo de fora mais eu, nós conversamos, faz amizade e assim nós leva a vida (...).

À vista disso, posso dizer que as redes na cidade ocorrem por mediação, como por exemplo, dessa atitude de “beber”, que faz com que tenha alguma identificação, uns para com os outros. Desta forma, a bebida passa a ser o elemento que promove essa identificação entre os migrantes e pessoas da cidade, pois, assim como Raimundo relata “tomo um golinho mais outro, tomo uma cervejinha mais outro e pronto” fazendo com que assim, diante das dificuldades em estabelecer relações, as redes sejam possíveis.

É interessante dizer que, mesmo com as divisões no território, os migrantes relatam ter feito “amizades” na cidade. Entretanto, suas narrativas deixam claro que mantêm relações sociais apenas com seus pares, enquanto que com outras pessoas da cidade possuem uma relação limitada, mediada principalmente pela bebida, mas também pela conveniência, que falarei adiante, que é o que permite a “aproximação” (RAFFESTIN, 1993).

Luiz: é bom, você faz muitas amizades, igual eu te falei da primeira vez, onde eu cheguei eu só deixei os caminhos abertos, faço amizade com todo mundo, onde eu passo o pessoal me cumprimenta e isso é um lado positivo da coisa né? Isso que às vezes você chega lá [Alagoas], e você sente saudade disso aí, das amizades que você faz (...). É muito importante você sair para o meio do mundo, igual a gente está aqui, à 3.000 km para Alagoas, que não é perto não, é longe, e você tirar um ano com dez

meses de um trabalho e fazer amizade com todo mundo, isso é uma coisa que eu preservo muito e que eu levo comigo como um ato de conquista. (...) Eu estou construindo amizades também e ando todo canto aí, não tenho o que reclamar de nada, igual eu falei, eu me sinto paranaense também.

João: Assim, pessoa que é da igreja lá eu vou, converso com eles ali, ou então tem um menino que tem a farmácia na rua ali (...).

Francisco: [Rotina] Eu acho bom, tenho uma amizade legal na cidade aí, tenho amizade com o povo, né? [Horas vagas] Eu tomo um banho, quando acaba o serviço, às vezes vou ali no Chuvisco (dono de um barzinho na cidade) ali, né? Demoro um pouco lá, tomo um refrigerante. Mas eu graças a Deus, eu mesmo tenho muita amizade aqui. Tenho muito mais amizade que Alagoas (...).

Raimundo: Faz amizade em todo canto, faz caminhada com o pessoal aqui tudo, é bom demais o pessoal, o pessoal aqui é muito bom. (...) Há cinco anos aqui, passando, me chamam, ô fulano, fulano pra cá, fulano pra aqui, aí me chamam, um ou outro, num canto ou noutro canto, tomo um golinho mais outro, tomo uma cervejinha mais outro e pronto, aí já passou o tempo. É bom demais assim. É, nos conhecemos no bar, no mercado, mercearia, na praça ali.

José: Chego no bar assim e fico lá conversando, chega um amigo de fora mais eu, nós conversamos, faz amizade e assim nós leva a vida. (...) Aqui na usina eu trabalho bastante, faço muita amizade com meus amigos e tiro meu dinheiro, né? Lá [local de trabalho] não tem briga não, é sempre amizade é sempre brincando, fazendo resenha um com o outro (...). Rapaz, eu gostei daqui, gostei do lugar, gostei das pessoas (...).

Antônio: A amizade que peguei com todo mundo aqui foi uma amizade bem legal mesmo, conheci muitas pessoas que eu não conhecia, né? Como é a primeira vez que vim para aqui, aqui no Paraná, eu (...) aí eu conheci muitos amigos, aí isso eu vou levar pra lá, né? Tem no meu “face”, um “bucado” de amigos, todos conversando, é uma história legal isso aí (...)

Ao passo em que os migrantes se adequam às “regras do jogo” (CERTEAU, 1993), as redes estabelecidas naquele novo território, contribuem para o desenvolvimento da territorialidade, fazendo com que tessituras, nós e redes criem bairros, vizinhanças, convergências e divergências (RAFFESTIN, 1993). Como Luiz mesmo disse “você faz muitas amizades” o que repercute em “caminhos abertos”, além do que, o ajuda a superar a distância de casa, facilitando o processo de territorialização. Fica evidente com as narrativas que a figura do comércio, igreja e bares é fundamental, ao passo que, é lugar que permite a criação de redes. Tal afirmação pode ser percebida na fala de João que relata frequentar a “igreja” e “farmácia”, Francisco o “bar”, além do próprio ambiente de trabalho, que também não deixa de ser lugar de cultivo das relações sociais e desenvolvimento de territorialidade.

De outro ponto de vista, sabendo que existe essa dificuldade em criar e manter relações em novo território, alguns migrantes, em busca da territorialização, realizam a prática da “conveniência” fazendo o jogo do “perde e ganha” (MAYOL, 2011). A prática da conveniência é utilizada pelos migrantes como uma forma de dar um novo uso ao consumo da representação social negativa do alagoano, além de permitir maior aceitação pelas pessoas da

cidade, fazendo com que por meio da conveniência, a sociedade lhes veja com “outros olhos”, para que desta forma, sejam mais bem aceitos:

Luiz: Até esse tempo todinho que eu viajei eu nunca tive problema com esse tipo de coisa, de parceiro, porque eu sempre procuro respeitar e conquistar a amizade. (...) Olha, a amizade você constrói da maneira que você se comporta, né? Vai depender do seu comportamento. Se você não tiver um bom comportamento não vai conseguir amizade com ninguém, então, você tem que procurar respeitar as pessoas, né, os mais velhos, os mais novos também, não querer ser diferente de ninguém, ser igual a todo mundo e isso aí acaba sendo o ponto forte para você conseguir uma amizade, é a humildade que você tem. A pessoa vê as coisas erradas, mas a pessoa tem que se recorrer e ficar num canto quieto porque a vida é desse jeito. Nós temos que tropeçar em alguma coisa, mas tem saber fazer as coisas porque se não a pessoa se acaba antes de chegar o dia certo. Se torna diferente desse jeito, porque nem todo mundo, é igual, é amigo ali (...) é amigo entre aspas mas, é complicado demais. Chego e converso o que der pra conversar, e eu chego e converso com eles tudo e aí faz amizade e tudo, e o que der pra conversar a gente conversa, se não der assim, fica no seu cantinho quieto e pronto, mas é muito bom. O cabra tem que ser amigo de todo mundo pra poder conseguir alguma coisa na vida, respeitar o próximo (...).

Francisco: O espaço a gente constrói primeiro com amizade, né? Amizade, respeito, consideração pelos outros, né? E a gente vai construindo com as pessoas e vai se habitando com as pessoas, entendeu? Mas pra mim, graças a Deus aqui pra mim é (...) eu construí uma amizade aqui melhor do que onde eu morava. Eu conquisto [meu espaço] com amizade, a palavra é essa, amizade, ser humilde, né?

José: Nunca teve nenhuma briga com os meninos. Pra tomar banho é um de cada vez, quem chegou primeiro já vai primeiro tomar banho, depois vai lavando a roupa o outro vai e faz o café, outro vai fazer o cuscuz, é assim, é assim. Fulano vai lá, cozinhar? Não, vai você hoje? Daí eu vou e parto pra cozinha cozinhar, é assim. A gente vai revezando, tem um mais preguiçoso que vai se encostando e eu digo vai você hoje, você vai (risos). É sempre assim. [Cuscuz] Você come com leite, com o que quiser, com peixe, com uma carne, é uma massa de milho. Aqui o menino [encarregado] vende os ingredientes, quando não tem, procuro na rua, ele traz de Alagoas, ele traz logo um monte, daí, vende! Aqui sempre tem aqui, na venda dele aqui, e a gente compra as coisas daqui mesmo, né? Um dia mesmo eu estava em casa, aí eu abusei e disse vou sair por aí agora, vesti a roupa e parti, sozinho aqui, aí eu fui lá para o “Titanic” [bar], lá e voltei, aí eu fui lá por baixo, cheguei aqui na base de umas 03h00min da manhã e ninguém mexeu comigo, de jeito nenhum. Aqui é assim se você for beber cachaça, se der briga com o povo você apanha mesmo, o povo aqui respeita e se não respeitar apanha mesmo. Teve gente aqui que já levou um sarrudo aí na rua, né? Saiu pra beber e aconteceu assim, briga e levou lá, uns tapas lá (...) mas besteira, resolveram e ficou tudo bem. Quando acontece briga assim, com um dos nossos alagoanos, né? Aí sempre nós aconselhamos “rapaz você vê que não dá certo, né”? Eu conquisto meu espaço no bem, quando eu quero sair eu saio, ninguém mexe com eu, pra mim é de primeira.

Diante das narrativas acima, fica claro o interesse dos migrantes em territorializar, pois se esforçam em cumprir a “convenção coletiva tácita” (MAYOL, 2011) daquele lugar. É o jogo da conveniência, onde para conseguir “sobreviver” no território, os atores devem seguir as “regras”. De acordo com Mayol (2011) isso não ocorre apenas como atribuição ou dever, mas principalmente pela necessidade de fazer laços e estabelecer vínculos naquele ambiente. De acordo com o autor, é algo implícito, mas que os envolvidos conseguem percebê-la por meio de códigos de linguagem e comportamento que são compartilhados nas relações sociais

e desta forma, existem as normas implícitas nas práticas cotidianas, onde os sujeitos estão vulneráveis ao jogo da exclusão. Desta forma, em busca da “não exclusão”, aceitam e praticam as “regras” da nova territorialidade, o que contribui para a territorialização.

Os trabalhadores em sua maioria conhecem, mesmo que de maneira implícita, as regras e sabem, por exemplo, que agir com respeito e humildade é fundamental, como Nelson mesmo colocou “a pessoa sabendo andar, aí todo mundo respeita”. Nesta fala, “saber andar” concerne a diversos fatores, como não brigar, não beber exageradamente, respeitar o próximo, ter humildade, ter cuidado com as palavras, e em alguns casos até “silenciar” determinada situação numa ação de conveniência, pois como ele mesmo disse “se a pessoa fala da gente, né? Você fica na sua e pronto”.

Para Luiz, sucesso nas relações sociais é sinônimo de “bom comportamento”. Em sua narrativa isso é evidente no trecho “se você não tiver um bom comportamento não vai conseguir amizade com ninguém, então, você tem que procurar respeitar as pessoas, né, os mais velhos, os mais novos também, não querer ser diferente de ninguém, ser igual a todo mundo e isso aí acaba sendo o ponto forte para você conseguir uma amizade, é a humildade que você tem”. Além disso, Luiz também pratica a conveniência dentro do próprio alojamento, com a prática do silenciamento, pois quando vê coisas que vão contra seus valores e princípios ou “coisa errada” “tem que se recorrer e ficar num canto quieto”, pois segundo ele “a vida é desse jeito”. Desta forma, Luiz demonstra que a prática do silenciamento faz parte do seu cotidiano, além do que, fica evidente que pratica a conveniência no intuito de “facilidades ou benefícios” e reconhece sua necessidade no seguinte trecho “o cabra tem que ser amigo de todo mundo pra poder conseguir alguma coisa na vida”. Para José, além de construir amizades, deve-se ser ter igualdade e respeitar as “regras” do novo território, pois para ele, ter um bom comportamento e fazer o “bem”, lhe dá respeito, além de abrir caminhos e possibilitar o desenvolvimento de redes: “eu conquisto meu espaço no bem, quando eu quero sair eu saio, ninguém mexe com eu”.

A conveniência tem sido praticada até mesmo no alojamento, e é possível de ser visualizada quando José relata que não ocorrem brigas no alojamento, em virtude das práticas de “parceria” com os demais colegas, deixando evidente com o trecho “pra tomar banho é um de cada vez, quem chegou primeiro já vai primeiro tomar banho, depois vai lavando a roupa o outro vai e faz o café, outro vai fazer o cuscuz, é assim, é assim. Fulano vai lá, cozinhar? Não, vai você hoje? Daí eu vou e parto pra cozinha cozinhar, é assim. A gente vai revezando”.

Além disso, José expõe as consequências, no caso de algum de seus pares não respeitar as “regras”, revelando que já ocorreram brigas com seus colegas, onde levaram um “sarrudo aí na rua”. Segundo José, caso não exista a prática do respeito “se der briga com o povo você apanha mesmo, o povo aqui respeita e se não respeitar apanha mesmo”. Entretanto, o sentido de familiaridade existente entre os migrantes, faz com que compartilhem significados com os demais, por meio da comunicação, com conselhos, como um tipo de “repressão minúscula”: “quando acontece briga assim, com um dos nossos alagoanos, né? Aí sempre nós aconselhamos ‘rapaz você vê que não dá certo, né?’” Desta forma, os migrantes reforçam o laço existente em suas relações sociais e a necessidade de se seguir as “regras” do novo território. Praticar a conveniência, além de servir como uma prática de aproximação (RAFFESTIN, 1993), contribui para o processo de territorialização e faz com que os migrantes empreguem um novo uso ao consumo da imagem violenta do alagoano e com isso, são mais bem aceitos no novo território.

José aponta para uma prática interessante realizada com a figura do líder, Francisco. Francisco possui uma venda no bairro, onde oferece produtos diversos, entre eles, produtos específicos da cultura nordestina. Neste cenário, o ato de compra, ou o consumo é uma forma de acumulação de capital simbólico (MAYOL, 2011). Segundo o autor, comprar é mais que uma simples troca, é um ato de fidelidade. Para Mayol (2011) esse “algo a mais” é algo simbólico, em que fala-se de um consenso entre o freguês e o comerciante, ou seja, um acordo tácito que transparece nos gestos e nas palavras. Além da conveniência, é possível identificar outro aspecto importante na narrativa de José, quando fala do consumo de produtos típicos de sua região, ao passo que, a prática de “comprar” na venda de Francisco, além de ser “conveniente”, torna-se uma forma de (re)viver a territorialidade de origem. A prática acontece por meio do consumo de produtos de seu território de origem, tais como a farinha de mandioca e a farinha de milho para o preparo de alimentos como o cuscuz.

Francisco foi direto e claro em sua resposta, quando perguntei como conquistava seu espaço naquele lugar, revelando também a prática da conveniência no trecho “o espaço a gente constrói primeiro com amizade”, ou seja, as relações sociais, entretanto é necessário “respeito, consideração pelos outros” e com isso “vai construindo com as pessoas e vai se habitando com as pessoas”, desta forma, territorializando. De um modo geral, é possível dizer que todas as narrativas apresentadas acima, contribuem com a afirmativa de Mayol (2011) quando disse que o corpo é uma memória sábia, ao passo que demonstra pelo jogo das

atitudes que possui, a efetividade da inserção no bairro, habilidade de um “saber fazer” que sinaliza a apropriação do espaço.

Bem, não há como falar do processo de territorialização desses sujeitos, sem falar das resistências existentes durante este processo. Sem dúvidas, existem alguns fatores como a distância da família, diferenças climáticas e culturais, que dificultam a adaptação e o desenvolvimento da territorialidade. Algumas narrativas deixam isso bem evidente, ao passo que utilizam de “artimanhas” para (re)viverem a territorialidade de origem ao mesmo tempo em que são táticas que fazem parte do processo de territorialização. Começo falando da alimentação, que visivelmente é um elemento que incomoda muito os entrevistados.

Um dos momentos em que mais vi descontentamento no semblante dos entrevistados durante as entrevistas, foi quando falavam sobre a alimentação. A alimentação, tanto no local de trabalho quanto nos alojamentos, se dá por meio de empresa terceirizada, onde servem marmidas com cardápio simples, com poucas variedades, como arroz, feijão, um tipo de carne e salada. Eles sentem falta do inhame, do cuscuz e dos temperos nordestinos.

Para driblar tal necessidade, os migrantes dão um novo uso ao consumo da alimentação, onde a tática consiste em, em grupo, preparar alimentos típicos de sua terra natal, como Raimundo mesmo disse “a gente faz um arroz, faz um cuscuz, a gente faz uma carinha, faz um macarrão, faz diferente, né?”. Neste ponto, fazer diferente está ligado não apenas à necessidade de (re)viver a territorialidade de origem, mas aponta para movimentos de microrresistência (CERTEAU, 1998) por parte dos migrantes, onde, por meio da prática de cozinhar, contribuem para o processo de territorialização no novo território.

Apenas Francisco não sente falta da comida nordestina, uma vez que sua esposa cozinha para ele. Em sua narrativa, fica evidente a reprodução de um “papel” social da mulher, na sua territorialidade de origem, tal qual, foi construído culturalmente baseado no conceito de uma mulher submissa ao homem e “do lar”, sendo muito forte tal consumo por parte dos entrevistados. Isso faz com que alguns trabalhadores tenham dificuldade de adaptação a nova territorialidade, como é o caso de Luiz:

Luiz: A dificuldade mais é só cuidar das coisas porque você tem que limpar roupa, né? Essas coisas, que tem que ser você mesmo e a dificuldade acaba sendo isso. Essa acaba sendo a dificuldade porque você tem que fazer um serviço que não é o seu.

Luiz é resistente às novas práticas e relata sentir dificuldades em fazer atividades domésticas, como ter que lavar roupa, por ter que “fazer um serviço que não é seu”, além de

reproduzir sistemas sêmicos de sua territorialidade de origem. Entretanto, mesmo com tal dificuldade, Luiz tenta se adaptar às novas “regras”, à medida que compartilha desta dificuldade com seus pares.

O clima, também tem sido motivo para resistência à nova territorialidade e é motivo de descontentamento por parte dos migrantes. No nordeste faz mais calor, com poucas chuvas e pouco frio, já no Paraná, o calor é mais moderado, e o frio e a chuva são mais intensos. Assim, o clima também faz com que as microrresistências (CERTEAU, 1993) estejam presentes nas narrativas dos migrantes, entretanto, também faz parte do processo de territorialização. Mesmo se “estranhando” com o clima, os trabalhadores buscam a adaptação, porém, nem todos conseguem. Desta forma, o elemento “clima” e a não adaptação ao novo território, fez com que alguns desistissem da migração.

Já se aproximando das reflexões finais, deste capítulo, e ciente de que o processo de territorialização é algo complexo, e não linear, ou seja, não há uma ordem de acontecimentos, pois o cotidiano é imprevisível e como Certeau (1993) mesmo coloca, um “lugar de possibilidades”, acredito que todas as práticas cotidianas, demonstradas até então, sejam de aceitação ou resistência ao novo território, as relações sociais, aproximações, distanciamentos, conflitos, entre outros, permitiram que os migrantes ressignificassem o espaço e estabelecessem uma proximidade, propiciando a transformação e a territorialização, assim como o desenvolvimento da territorialidade, ao passo que é possível perceber a existência do tripé, sociedade-espaço-tempo (RAFFESTIN, 1993). Entretanto, é importante destacar que existe uma questão importante ligada à temporalidade, uma vez que existe um tempo pré-determinado para que esses trabalhadores permaneçam naquele território, que no caso, é o período de safra. Quero dizer, que o tempo para territorialização é limitado e pode de certa forma interferir na efetivação ou não deste processo. Porém, mesmo diante do quesito “tempo”, posso dizer que os trabalhadores construíram sua territorialidade e territorializaram naquele lugar.

Cabe ressaltar, que tentei apresentar uma sequência lógica de narrativas, seguindo o desenrolar da história de vida desses sujeitos. Mesmo assim, é complicado dizer que existe uma “lógica” na sequência da análise, pois existe uma simultaneidade de práticas e significados em cada narrativa.

Como parte final deste capítulo, trago aquilo que posso dizer que move e mantêm os migrantes no contexto atual, aquilo que dá forças e também interfere diretamente no processo

de territorialização, aquilo que talvez, seja o “combustível” de uma longa e difícil jornada da vida desses sujeitos: estou falando dos “sonhos”. É interessante como a vivência da infância intervém e reflete nos sonhos e objetivos de vida desses trabalhadores, que ainda crianças, já sonhavam “conquistar”. Não falo apenas de conquistas materiais, claro, essas também existem, mas, além disso, a conquista da liberdade, da vivência com a família, da felicidade. Neste momento, escrevo este parágrafo emocionada com tudo que tive a oportunidade de vivenciar, ouvir, entender, e acima de tudo, compreender. Pude perceber, que tudo aquilo que era vivenciado, construído, desenvolvido dia a dia, tinha como objetivo, para além da territorialização e materialidade, a conquista de uma vida melhor:

Nelson: Eu ainda tenho um sonho, por enquanto, ajeitar minha habilitação, porque eu ainda não tenho habilitação por enquanto, mas eu estou pensando quando eu chegar lá [Tanque D’arca], se Deus me ajudar, estou preparado já para ver se eu tiro [carteira de habilitação] para moto e carro já, com fé em Deus! E eu tenho vontade de comprar um carrinho para passear mais pra frente e eu quero sair desse serviço porque é pesado. Eu vejo meus irmãos assim, tudo negociando fruta e eu quero negociar também. É, daqui mais uns 3 ou 4 anos, com fé em Deus eu quero ver se eu dou uma saída, quero tomar uma fuga, né? Eu tenho 34 anos, mas eu já trabalhei muito já, já trabalhei já.

Luiz: De crescer mais, de mudar a categoria de trabalho, de poder ficar só em casa com a família, parar de ficar pelo meio do mundo

João: Meu sonho é, de eu batalhar e ter meu próprio negócio e ter mais oportunidade com a minha família. Não sei, né? Assim, nunca cheguei a assim, chegar e entender eu digo, meu Deus, eu quero ter o meu próprio negócio, mas eu não sei o que! Aí você fica (...) até eu fico com dificuldade na mente do que é! Mas peço a Deus que na hora certa, dê algo certo, né? Eu faço de tudo, né? O que precisa eu faço na vida, eu só não faço o mal, mas o bem, faço tudo! Um mercadinho, uma lojinha (...).

Francisco: O maior sonho meu é aqui no Paraná, fazer uma casa pra mim com fé em Deus e, minha mesmo, que eu já tenho o terreno, né? (...) Eu não tenho vontade de ir pra Alagoas não, para morar lá. (...) Passear, né? Mas morar lá mesmo eu não tenho vontade de ir não, mais não. O custo de vida lá é alto e não tem emprego, né? Rapaz, você sabe, né? A maioria vive do jeito que (...) entendeu? Tanto faz viver e tem gente que não gosta de trabalhar mesmo, entendeu? Tem deles que gosta de trabalhar, tem deles que a família ajuda, né? As vezes tem uma bolsinha escola, tem um “aposentinho”, entendeu? E aí leva, entendeu? Não vive bem, mas também dá para viver, entendeu? Só que eu sempre gostei de barriga cheia, de ser sossegado, né? Mas tem gente que não liga com isso, né? De ter o trabalho, de conseguir alguma coisa na vida, né? Pra ser alguém na vida.

José: Meu sonho hoje é crescer um pouco mais, né? Crescer pra mim é primeiramente respeitar o amigo, e conquistar mais algumas coisas melhores pra mim, e o que eu já tenho, conquistar mais né?

Antônio: Agora mesmo eu tenho só um que é de comprar uma moto pra mim. Já tenho a minha casa, agora eu vou comprar uma moto, mas não estou pensando de comprar esse ano ainda, só o próximo.

Dentre as narrativas apresentadas acima, fica evidente que o trabalho, assim como os benefícios materiais e simbólicos proporcionados em virtude dele, são fatores que corroboram para a permanência dos migrantes em novo território, assim como influenciam no processo de territorialização dos mesmos. Entretanto, os migrantes relatam a vontade em deixar o trabalho com o corte de cana, por conta das dificuldades e precariedade enfrentadas no contexto deste trabalho, e mostram a vontade de ir embora, ficar com a família em seu local de origem.

Menos Francisco. Ele territorializou com sua família e demonstra desejo em continuar, uma vez que não “pensa em voltar para Alagoas” e no trecho “eu sempre gostei de barriga cheia, de ser sossegado (...) de ter o trabalho, de conseguir alguma coisa na vida, né? Pra ser alguém na vida”, fica claro o laço existente entre o trabalho o território, por possibilitar “conseguir mais coisa na vida”, para “ser alguém na vida”. Nesse contexto, Francisco relaciona o trabalho com sua ascensão pessoal, que vai desde conquistas materiais à qualidade de vida como poder se alimentar melhor, ter mais tempo livre, etc.

De um modo geral, em todas as narrativas, é possível observar a relação que os migrantes possuem com o trabalho, tal qual, possui influência no processo de territorialização, ao passo em que estabelece vínculo entre o migrante e o lugar. Desta forma, o sofrimento no trabalho, a distância da família, a precariedade vivida no âmbito do trabalho e no social, são enfrentados dia a dia em um verdadeiro “campo de força”, como diz Souza (2009). Mesmo assim, esse “homem ordinário” (CERTEAU, 1998) busca suas maneiras de se sobressair, e posso dizer, as mudanças são “micro”, mas existem.

8.4 ME APROXIMANDO DE UM DESFECHO

Já chegando ao fim deste capítulo, é necessário realizar uma reflexão. Acredito que todas as práticas, significados, desejos e sonhos, têm relação direta com a infância vivida por esses trabalhadores. Acredito ainda, que os sonhos, refletem suas “faltas” mais profundas, seja de uma estrutura familiar ou social, de tempo com a família, qualidade de vida, liberdade, entre tantas outras coisas. Isso vai ao encontro com uma busca “incansável” por uma vida melhor, ainda que esta busca culmine em um processo doloroso e tão precário quanto antes, onde o que vale é o “tentar”, é o “resistir”, é o “ir além”, buscando novas histórias, novas práticas, e por que não, novos territórios?

É preciso admitir que a precarização, assim como seus efeitos é uma dura realidade dos migrantes, de modo que os assola desde a infância. O trabalho no corte de cana é penoso e compromete consideravelmente a saúde dos trabalhadores. Posso dizer que na busca por conquistas e sonhos, pagam um preço alto, deixando a família, amigos e uma vida em sua terra natal. Mas, por mais difícil que seja, essa foi a saída encontrada pelos migrantes diante da falta de emprego e vida precária, e hoje, batalham dia a dia em prol da sobrevivência.

Neste cenário, percebo de acordo com a observação em campo e com a análise das narrativas, que as relações sociais praticadas no novo território, principalmente entre os migrantes, é fundamental para o processo de adaptação e territorialização dos mesmos. Adaptação, pois encontram-se em um território novo, com tessituras, nós e redes diferentes (RAFFESTIN, 1993). Já a territorialização é um processo que ocorre com o tempo, mesmo que este seja limitado, - uma vez que retornam às suas casas ao final da safra - e com as práticas cotidianas diversas, mas as relações sociais são de suma importância, por permitir maior vínculo entre os migrantes e o lugar, facilitando este processo. É neste contexto que diante das narrativas é possível dizer que houve um processo de territorialização naquele espaço. Segundo Raffestin (1993), todos combinamos energia e informação, que estruturamos em códigos em função de determinado objetivo, onde também elaboramos diversas relações de poder.

Trazendo a abordagem de “uso de consumo” (CERTEAU, 1993) diante das narrativas apresentadas e contextos vividos por esses trabalhadores, acredito que o ato de migrar é uma forma de resistência desses sujeitos, ao passo que movidos pela resistência ao consumo da precariedade, e com o objetivo de uma “vida melhor”, os migrantes buscaram por novas práticas em um novo território. A resistência diz respeito às más condições que lhes são impostas desde criança, onde, encontram na migração uma tentativa de se sobressaírem ao consumo daquilo que é precário, seja no que tange às condições sociais ou econômicas que por eles eram vivenciadas no território de origem. Desta forma, migrar, além de ser uma forma de aquisição de capital, é uma forma de expressarem que possuem poder de escolha diante das imposições, resistindo à precariedade e realidade pré-estabelecidas.

Vale dizer, que a territorialização dos migrantes consiste em um processo simultâneo e não linear. Neste processo, posso destacar a importância da figura de Francisco, como sendo uma pessoa de poder naquele território. Ao mesmo tempo em que possui “amizade” com os trabalhadores, realiza sua função de “capataz”, sendo o “porta voz” da usina. Nesse sentido,

está num grau acima na hierarquia, se comparado aos demais migrantes, e utilizando de seu poder, faz com que as regras daquele território sejam cumpridas, caso contrário, os que não se enquadram, são enviados de volta a sua terra natal, e assim, não territorializam.

O movimento de “distanciamento e aproximação” (RAFFESTIN, 1993) também contribui para o processo de territorialização e são observados em algumas práticas dos migrantes, como por exemplo, quando se aproximam no coletivo, e quando se distanciam quando reprovando algum comportamento, como beber em excesso. Isso mostra os conflitos existentes no sistema territorial. É importante destacar que a territorialização parte do individual e de acordo com Raffestin (1993), todos os sujeitos ocupam determinado ponto do espaço e são distribuídos por modelos aleatórios, regulares ou concentrados, em virtude da distância e acessibilidade. Sendo assim, as representações existentes entre eles possuem diferenças, e são projetadas pelos sujeitos envolvidos neste processo, de modo que as representações, conforme Raffestin (1993) não sendo homogêneas, depende do objetivo de cada ator. E desta forma, cada um possui determinada representação do espaço e constrói a territorialidade de acordo com seus objetivos, no coletivo, e a vive ou (re)vive realizando movimento constantes de distanciamento e aproximação.

Posso afirmar ainda, que mesmo que de maneira simbólica, mais de um território pode ser vivido ou (re)vivido ao mesmo tempo por determinado sujeito. Nesse sentido, no que tange a territorialidade, os migrantes possuem mais de uma, posso dizer, que existe uma multiterritorialidade (HAESBAERT, 2004), pois já viveram e em alguns momentos (re)vivem vários territórios, como por exemplo o de origem, ou do local de trabalho. Entretanto, existem diferenças no que tange às tessituras, nós e redes e sistemas sêmicos presentes. Desta forma, junto do conformismo e resistências, as “práticas cotidianas” (CERTEAU, 1998) passam a ser observadas no emaranhado da formação de redes, nas relações sociais, seja pela prática da conveniência, tática ou estratégia. De um modo geral, pude observar, sobretudo, a prática da conveniência e da tática entre os migrantes como prática de territorialização, de modo que o único que possui o próprio é Francisco, ou seja, possui um lugar que lhe assegura poder e legitimidade, além da “melhor visão” (CERTEAU, 1993), o que lhe possibilita a prática da estratégia.

A divisão dos territórios também está presente no cotidiano dos migrantes, ao passo que existe uma separação clara entre o bairro dos migrantes e o restante da cidade, configurando um movimento de exclusão para com os trabalhadores, além de fomentar a

necessidade do cumprimento das leis do território para que sejam mais bem aceitos. Vale lembrar que neste processo de luta, existem os mediadores entre os migrantes e a cidade, como por exemplo, a bebida, vindo a possibilitar o desenvolvimento de redes entre as “convergências e divergências” (RAFFESTIN, 1993) existentes ali, contribuindo para a territorialização.

Por fim, é neste novo território, onde ocorreram as “minúcias” deste “homem ordinário” (CERTEAU, 1993), que com práticas cotidianas, como conversar, cozinhar, construir redes, “ser amigo”, a até mesmo pelo ato de “resistência” seja ao clima ou à alimentação, que ocorreu a ressignificação daquele espaço. Ao mesmo tempo, criou-se um vínculo entre os trabalhadores, reforçando a relação entre os migrantes e o lugar, refletindo a “multidimensionalidade do vivido territorial” (RAFFESTIN, 1993, p. 158) por esses sujeitos, além do desenvolvimento de um conjunto de relações, originados no tripé sociedade-espaço-tempo, ampliando assim a territorialidade e culminando na territorialização.

9. PARA FINALIZAR

Posso dizer com propriedade que não foi fácil chegar até aqui. Na verdade, desde o início, quando decidi ingressar no mestrado, sabia que essa caminhada não seria nada simples, em contrapartida, também tinha consciência de que cresceria muito, seja como pessoa ou profissional e era esse o intuito. Posso dizer também, que tive a oportunidade de contar com pessoas muito competentes e que com certeza, foram de extrema importância nessa minha trajetória e fizeram toda a diferença, de modo que, sem os quais, não teriam sido possíveis tantas descobertas e desconstruções, tão importantes neste processo. Estou me referindo aos professores que fizeram parte desta jornada, os das disciplinas que cursei, e especialmente pela minha orientadora, por tantas contribuições até aqui, além de possibilitar que enxergasse o cotidiano com “outros olhos”.

Até aqui, trilhei um caminho novo e com certeza, cheio de descobertas. Descobertas que foram responsáveis pela visão de mundo que tenho hoje, mesmo sabendo que ainda há muito que descobrir e aprender. Acredito que todo este percurso me permitiu crescer, tanto como pesquisadora, quanto (e principalmente) como pessoa, pois não sou a mesma Luana do início do mestrado. Aprendi a enxergar o mundo e as próprias pessoas de outra forma, com mais sutileza e sensibilidade, afinal, os dias, meses, anos e a própria vida passam tão rápido que deixamos de ver aquilo que está à nossa volta e com isso deixamos de ouvir também. Pude compreender o quanto o mundo está cheio de pessoas querendo ser ouvidas, enquanto que muitas vezes fingimos não perceber. Senti na pele aquilo que ouvi no início de tudo, de que o mestrado seria um divisor de águas em nossas vidas, e com certeza, posso afirmar que foi.

Bem, foi no intuito de compreender como ocorrem as práticas cotidianas de territorialização de trabalhadores migrantes, inseridos no contexto do trabalho precário do corte de cana, que todo este trabalho foi desenvolvido, e juntamente com os objetivos específicos, pude construir toda essa pesquisa, a partir das abordagens de Michel de Certeau, que trata de “cotidiano” e “território”, com base em Claude Raffestin, trazendo como contextualização desta pesquisa o trabalho precário. Desta forma, posso dizer que alcancei aos objetivos apresentados no início desta dissertação, e a seguir, apresentarei minhas percepções e conclusões a partir de minha experiência em campo e análise.

Quando fui a campo, em contato com os migrantes, tinha o forte desejo de ouvi-los e compreender suas histórias, e a cada entrevista que realizava, os trabalhadores davam uma lição de superação e força de vontade. Confesso que lidar com histórias de vida desde o início foi um processo difícil, emocionante, rico e singular, pois tive a oportunidade de conhecer detalhes da vida de pessoas que até então, eram desconhecidos. Imagino que para esses trabalhadores, também não foi fácil, num primeiro momento, afinal, eu também era uma pessoa desconhecida e eles poderiam simplesmente se recusar a falar. Entretanto, no decorrer das entrevistas, fui percebendo a vontade que tinham de falar sobre si, revelando muitas vezes suas tristezas e sonhos mais profundos. Preciso confessar que em alguns momentos me vi emocionada com suas histórias.

Os trabalhadores migrantes são oriundos do Nordeste, sendo que todos os entrevistados são homens, alagoanos e moram em regiões muito próximas e migraram juntos. São em sua maioria casados e com famílias estabelecidas no local de origem. Não é preciso dizer que o trabalho com o corte de cana é precário, seja devido às más condições no local de trabalho, às más condições salariais ou às más condições que acarretam a vida dessas pessoas. Esses trabalhadores enfrentam diariamente esta realidade difícil, de sol a sol, com EPI's pesados, riscos de serem atacados por animais peçonhentos, além de toda gama possível de acidentes de trabalho, enfrentando muitas vezes problemas de saúde em decorrência das péssimas condições de trabalho.

A experiência que tive em campo foi muito valiosa, e me possibilitou compreender os movimentos mais sutis que são realizados no cotidiano, seja com a observação em campo ou com as narrativas. As histórias de vida revelaram muitas questões que são singulares, além do não dito, que também foi de suma importância neste processo, afinal, muitas vezes os olhares, o silêncio, a cabeça baixa, também revelaram muita coisa que não necessariamente precisou ser falada. Com suas histórias, pude compreender o quanto o trabalho permeia a vida dessas pessoas, desde sempre, afinal, trabalham desde crianças. Sem falar na precarização, que é inerente ao tipo de trabalho praticado. E aí pergunto, há como se sobressair? Já com a resposta, digo que sim, é possível.

Michel de Certeau mostra em sua abordagem sobre o cotidiano, que este homem ordinário possui movimentos sutis, que lhe permite subverter as regularidades. Assim, pude constatar que os migrantes tentam, mesmo que seja com pequenos movimentos e conseguem de alguma forma se sobressair. O próprio ato de migrar é um passo para isso, entretanto, o

cotidiano em um novo território não é fácil, seja no que tange ao cotidiano do trabalho, do bairro ou da cidade. É necessário dizer que as diferenças existem, e isso é natural, afinal, vêm de uma cultura diferente, também com costumes diferentes. Isso não há como negar. Entretanto, pude constatar que a exclusão com relação a esses trabalhadores no novo território também é uma realidade, é como se fosse um movimento que separa uma sociedade já naturalizada, daqueles que seriam a “marginalidade” daquele território, acentuando ainda mais as lutas naquele território.

Os alagoanos, como são chamados na cidade, vem de contextos distintos, onde cada um possui suas individualidades e suas intenções, entretanto, é no coletivo que a territorialidade se desenvolve e desta forma, ocorrem as lutas, as resistências, em que são com práticas como a tática, a estratégia e principalmente a conveniência, que conseguem estabelecer ou harmonizar relações, ressignificar aquele espaço e construir a territorialidade aos poucos, em um movimento constante de distanciamentos e aproximações, convergências e divergências, de modo que todos esses movimentos ocorrem simultaneamente e de forma não linear, e fazem parte do processo de territorialização desses trabalhadores. Falando em territorialidade, os migrantes possuem mais de uma, indicando uma multiterritorialidade, ao passo que fazem intercruzar a todo tempo outros territórios, de modo que (re)vivem outras territorialidades.

Neste cenário, as relações de poder são evidentes e com isso torna-se claro o conceito de “lutas”. As lutas são vivenciadas por todos e de maneira constante. É realmente como se fosse um “campo de batalhas”. Mas nessa batalha, apenas o tempo e a habilidade de lidar com ele trazem oportunidades para os fortes e por que não, também para os fracos, desde que eles saibam jogar o jogo, uma vez que o cotidiano também é repleto de possibilidades. Pude constatar que essas possibilidades existem e permitiram aos migrantes que conquistassem seu espaço naquele território, mesmo diante de todas as diferenças, dificuldades, divisões territoriais e conflitos existentes ali, seja com a cidade, seus pares ou até mesmo com o próprio Francisco, que também possui papel importante em todo esse processo de territorialização. Desta forma, esta pesquisa contribui, no sentido de mostrar como o homem ordinário constrói a história de um lugar, de uma empresa ou de um país, a partir de suas histórias cotidianas, mesmo que por vezes elas nem sejam ouvidas pela maioria de nós.

É importante dizer que algumas limitações podem estar presentes neste trabalho, como por exemplo, ter realizado as entrevistas na casa de Francisco, mesmo que ele não estivesse

junto ou próximo, pois pode ter censurado, de alguma forma, a fala dos entrevistados. Além disso, alguns trabalhadores falaram pouco sobre o trabalho, o que também pode ser visto como uma falha minha enquanto pesquisadora, pois talvez eu poderia ter insistido mais nesse assunto. Vale dizer que tais situações foram evidenciadas apenas no final do trabalho, quando os trabalhadores já haviam retornado a Alagoas e por isso não foram retomadas. Menciono tais circunstâncias aqui, como um ato de honestidade e reflexividade, que acho imprescindível diante do tipo de escolha metodológica que fiz.

Por fim, já chegando ao final de todo esse trajeto, o que posso dizer é que levarei comigo algumas lições, além de ter a certeza que o cotidiano é feito de possibilidades, apesar de também trazer momentos penosos. Agora, tirando minha lente de pesquisadora e sendo apenas a Luana, quero dizer que desejo que todos esses trabalhadores consigam conquistar seus sonhos e seus objetivos, que foi o que desejei, olhando em seus olhos, no momento em que me despedi deles, e espero de coração que cheguem lá. Agradeço a todos eles por terem me permitido esta oportunidade única de conhecer suas histórias, pois sem elas, nada disso teria sido possível. É com este sentimento de gratidão que finalizo aqui. Sem mais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ana Rosa Camillo; CARRIERI, Alexandre de Pádua; SOUZA, Eloisio Moulin de. The Wonderful, Magnanimous, Spectacular and Possible World of Traveling Circuses in Brazil. **BAR-Brazilian Administration Review**, v. 13, n. 3, 2016.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. FGV Editora, 2005.

ALMEIDA, Roberta Alvarenga; JUNQUILHO, Gelson Silva. Funções administrativas ou práticas? As "artes do fazer" gestão na Escola Mirante. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 35, p. 180, 2013.

ALVES, Francisco. Por que morrem os cortadores de cana. **Saúde e Sociedade**, v. 15, n. 3, p. 90-98, 2006.

ALVES, Giovanni. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. Londrina: Práxis, 2007.

ANDERSON, Bridget. Migration, immigration controls and the fashioning of precarious workers. **Work, employment & society**, v. 24, n. 2, p. 300-317, 2010.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o homem no Nordeste**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1986.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Questão do Território no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? **Ensaio sobre a metamorfose e centralidade do mundo do trabalho**. 11^o ed. São Paulo: Cortez: Campinas, SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

BARROS, Vanessa Andrade de; LOPES, Fernanda Tarabal. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, Eloisio Moulin de. **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Dados Eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2014.

BERNARDES, Denis de Mendonça. Notas sobre a formação social do Nordeste. **Lua Nova**, n. 71, p. 41-79, 2007.

CAMPOS, Marcio; SARAIVA, Luiz Alex Silva. O trabalho, suas representações e sentidos: da demissão recontração de trabalhadores. **Revista Economia & Gestão**, v. 14, n. 36, p. 31-56, 2014.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**, Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

CAVEDON, Neusa Rolita. Método etnográfico: da etnografia clássica às pesquisas contemporâneas. **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Vitória, EDUFES, p. 65-90, 2014.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre **A invenção do cotidiano** (2. Morar, cozinhar). 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** (1. Artes de fazer). 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, p. 15-41, 2006.

DEY, Pascal; TEASDALE, Simon. The tactical mimicry of social enterprise strategies: Acting 'as if' in the everyday life of third sector organizations. **Organization**, v. 1, p. 20, 2015.

DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educ., Curitiba**, v. 7, n. 22, p. 115-128, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. 7ª ed. São Paulo, Global Editora. 2010.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2005.

GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: (1. artes do fazer)**. 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

GOUVEA, Barbosa Josiane; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. Alienação e resistência: um estudo sobre o cotidiano cooperativo em uma feira de pequenos produtores do oeste do Paraná. *Revista Gestão & Conexões*, v. 4, p. 68-90, 2015.

GUANAIS, Juliana Biondi. As implicações da Migração Temporária para as Comunidades de Origem dos Cortadores de Cana". In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo; BRAGA, Antônio Mendes da Costa; BAENINGER, Rosana. **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras**. Oficina Universitária. Marília, p.209-232, 2012.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. Expressão Popular: São Paulo, p. 95 - 120, 2009.

HARVEY, David. **Para entender o capital: livro I**. Boitempo, 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Distribuição Espacial dos Biomas Brasileiros, 2005**. Disponível em < <http://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa979>> Acesso em 18 de agosto de 2016.

ICHIKAWA, Elisa. Y; SANTOS, Lucy. W. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. In: SILVA, Anielson; GODOI, Christiane. K; MELLO, Rodrigo B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, p. 185-209, 2006.

JOAQUIM, Nathalia de Fátima. Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. In: IX Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, 2016. Belo Horizonte. Anais. EneO. 2016. Disponível em:

<www.anpad.org.br/~anpad/eventos.php?cod_evento=4&cod_edicao_subsecao=1287&cod_evento_edicao=82&cod_edicao_trabalho=20728> Acesso em 18 de agosto de 2016.

KALLEBERG, Arne. L. O crescimento do trabalho precário: um desafio global. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 69, p. 21-30, 2009.

KALLEBERG, Arne L. Book review symposium: Guy Standing, *The Precariat: The New Dangerous Class*, reviewed by Arne Kalleberg. **Work, Employment & Society**, v. 26, n. 4, p. 685-686, 2012.

LEITE, Rogério Proença. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Editora Abril, 1984.

MAPA, Ministério da Agricultura e Pecuária – **Cana-de-açúcar**, 2015. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/vegetal/culturas/cana-de-acucar>> Acesso em 18 de agosto de 2016.

MARSH, David; FURLONG, Paul. **A skin, not a sweater: ontology and epistemology in Political Science**. 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

NOVA CANA. **Tudo sobre a safra 2014/2015**. Disponível em: <<https://www.novacana.com/tag/185-safra-2014-2015/>> acesso em 31 de julho de 2016.

NOVAES, José Roberto Pereira. Campeões de produtividade: dores e febres nos canaviais paulistas. **Estudos Avançados**, v. 21, n. 59, p. 167-177, 2007.

NOVAES, José Roberto Pereira. Trabalho nos canaviais os jovens entre a enxada e o facão. **Revista Ruris, Campinas**, v. 3, n. 1, p. 105 – 127, 2009.

PAIVA JUNIOR, Fernando Gomes; LEÃO, André Luiz Maranhão; MELLO, Sergio Carvalho Benício. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em Administração, **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190-209, set/dez 2011.

RAFFESTIN, C. **Por uma ideologia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMÃO, Fernanda Pamplona; SCHNEIDER, Iara Elisa; SHIKIDA, Pery Francisco Assis. Padrão tecnológico no corte de cana-de-açúcar: um estudo de caso no Estado do Paraná. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 109-122, 2007.

RODRIGUES, Fábio da Silva; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. O Cotidiano de um Catador de Material Reciclável: A Cidade sob o Olhar do Homem Ordinário. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 9, n. 1, p. 97, 2015.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Editora Record. **São Paulo**, 2006.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. Expressão Popular: São Paulo, p. 79 - 94, 2009.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; DE PÁDUA CARRIERI, Alexandre; DE SOUZA SOARES, Ari. Territorialidade E Identidade Nas Organizações: O Caso Do Mercado Central De Belo Horizonte. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 2, p. 97, 2014.

SEAB, Secretaria de Energia e Abastecimento do Paraná – **Produção Agropecuária**, 2013. Disponível em: www.agricultura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=137 Acesso em 18 de agosto de 2016.

SHIKIDA, Pery Francisco Assis. A evolução diferenciada da agroindústria canavieira no Brasil de 1975 a 1995. Cascavel: Edunioeste, 1998.

SILVA, Luiz Carlos Santos; SANTOS, Joelma Cristina dos; A expansão da agroindústria canavieira e a precarização do trabalho: os migrantes piauienses na microrregião geográfica de Ituiutaba – MG. *Revista Online Caminhos de Geografia - Uberlândia* v. 15, n. 51 p. 140–153. Set/2014.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Mortes e acidentes nas profundezas do “mar de cana” e dos laranjais paulistas. **InterfaceEHS**. São Paulo, v. 3, n. 2, p. 1-31, 2008.

SOUZA FILHO, Alípio. **Michel de Certeau: fundamentos de uma sociologia do cotidiano**.

Sociabilidades, São Paulo, v.2, p.129 – 134. 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. Expressão Popular: São Paulo, p. 57-72, 2009.

TAYLOR, Steven. J.; BOGDAN, Robert. **Introduction to qualitative research methods**. New York: John Wiley & Sons, Inc. 1998.

ÚNICA, União da Indústria de Cana de Açúcar. **Mapa da Produção**. Disponível em: <http://www.unica.com.br/mapa-da-producao/> Acesso em 01/03/2017.

VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos. **Os saltos do “canguru” nos canaviais alagoanos**: Um estudo sobre trabalho e saúde. 2016. 209 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

APÊNDICE A

ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTA

O **objetivo** deste roteiro é de coletar informações dos migrantes nordestinos, trabalhadores do corte de cana, no intuito de elucidar suas práticas cotidianas, assim como sua utilização para ressignificação da vida cotidiana desses trabalhadores, no intuito de interpretar como tais práticas e ressignificações constroem a territorialização desses trabalhadores. Tais perguntas não constituem um questionário a ser aplicado, e sim, um roteiro que auxiliará ao entrevistador.

1- Raízes/Origem:

- Qual sua idade?
- Onde nasceu?
- Conte-me sobre sua cidade de origem;
- Sempre morou nesta cidade? (se não, de onde veio e por quê?);
- Conte-me sobre seus pais;
- Qual a profissão de seus pais?
- Possui irmãos?
- Quantos irmãos possui e o que fazem?
- Você é casado(a)?
- Qual a profissão de sua esposa/marido?
- Tem filhos?
- Quantos filhos possui? Moram com quem?
- Me fale sobre sua relação com sua família.

2- Processo de Migração

- Quais os motivos que te levou a migrar? Fale-me sobre isso.
- Como foi a negociação com a empresa?
- Qual a atitude da sua família com relação à sua mudança?
- Quais foram as consequências de sua vinda?
- Como foi o trajeto até aqui?
- Fale sobre como tem sido sua estadia nesta nova cidade;
- Mantém contato com os amigos e família de sua cidade natal? Me fale sobre isso.

3- Trabalho

- Como, quando e porque começou o trabalho com o corte de cana?
- Fale-me sobre seu trabalho;

- Qual a importância do trabalho na sua vida? Por quê?
- Quais são seus horários?
- O que mais gosta no trabalho do corte de cana? Por quê?
- O que menos gosta no trabalho do corte de cana? Por quê?
- Qual a sua principal dificuldade com o trabalho nesta cidade?
- Como é sua relação com os colegas de trabalho?

4- Rotina/Lazer

- Como tem sido sua rotina nesta cidade?
- Como tem sido feita suas refeições? (o que come, horário, quem faz ou fornece)
- Pode descrever sua moradia? (quantos cômodos, onde fica, com quem mora, etc.);
- Do que mais sente falta nesta nova moradia?
- O que faz para que seja suprida esta necessidade?
- Como se sente morando com outras pessoas que não são da sua família? Fale-me sobre isso.
- Fale-me sobre suas dificuldades com relação ao novo ambiente;
- Comemora aniversário ou datas importantes? Quais? Como?
- Possui alguma crença ou ritual? Quais? Por quê?
- O que faz nas horas vagas depois que chega do trabalho?
- O que mais gosta de fazer nos finais de semana? Por quê?
- Fale-me sobre suas amizades nesta cidade.
- Quais os lugares que você frequenta? Quando e com quem vai?
- Como tem sido seu relacionamento com as pessoas nesta cidade?
- Como tem sido seu relacionamento com as pessoas que migraram com você?
- Vê alguma diferença (com relação à tratamento e relacionamento) das pessoas desta cidade com as de sua cidade natal? Quais?